



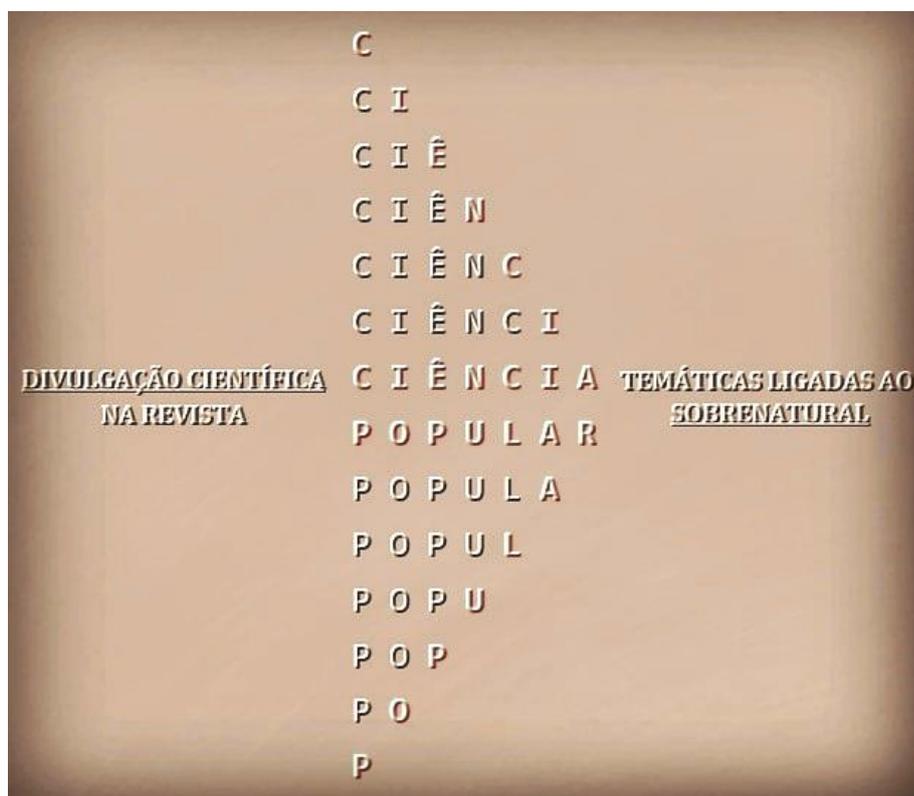
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos de Linguagens

William Ferreira Matos

A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NA REVISTA *CIÊNCIA POPULAR*:
temáticas ligadas ao sobrenatural

Belo Horizonte
2021

William Ferreira Matos



Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos de Linguagens (POSLING) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens.

Área de Concentração: Tecnologias e Processos Discursivos.

Linha de Pesquisa: IV - Edição, Linguagem e Tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. James William Goodwin Jr.

**Belo Horizonte
2021**

Matos, William Ferreira.
M433d A divulgação científica na Revista Ciência Popular : temáticas ligadas ao sobrenatural / William Ferreira Matos. – 2021.

198 f. : il.

Orientador: James William Goodwin Jr.

Dissertação (Mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2021.

Bibliografia.

1. Ciência Popular (Revista). 2. Sobrenatural. 3. Divulgação científica. 4. Discurso. 5. Editoração. I. Goodwin Jr., James William. II. Título.

CDD: 401.41



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE APRESENTAÇÃO E DEFESA DE
DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM ESTUDOS
DE LINGUAGENS

No dia 23 de junho de 2021, às 14h30, em sala virtual da plataforma “Conferência Web” – Rede Nacional de Pesquisa (<https://conferenciaweb.rnp.br/>), reuniu-se a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – CEFET-MG, constituída pelos membros: Prof. Dr. James William Goodwin Júnior (Orientador) – CEFET-MG; Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira – UFMG; Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Rodrigues Tanuri Baptista – CEFET-MG e Prof.^a Dr.^a Lilian Aparecida Arão – CEFET-MG (Suplente), para examinar o trabalho do mestrando **WILLIAM FERREIRA MATOS**, sob o título “A divulgação científica na revista *Ciência Popular*: temáticas ligadas ao sobrenatural”. O Prof. Dr. James William Goodwin Júnior, Presidente da sessão pública de apresentação e defesa de dissertação, declarou aberta a sessão, passando a palavra ao mestrando **WILLIAM FERREIRA MATOS** para que expusesse sua Dissertação. Terminada a exposição, o Presidente passou a palavra aos membros da Banca Examinadora, que iniciaram a arguição. Terminada a arguição, retirou-se a Banca Examinadora para deliberação. De volta ao recinto, o Presidente deu conhecimento ao candidato de que sua Dissertação foi aprovada e, no prazo de 60 dias, deverá incluir as sugestões da Banca. Nada mais havendo a tratar, o Presidente declarou encerrada a sessão. Para constar, foi lavrada esta ata que será assinada pelo Presidente e demais membros da Banca Examinadora.

Prof. Dr. James William Goodwin Júnior (Orientador) – CEFET-MG
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof. Dr. Bernardo Jefferson de Oliveira – UFMG
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof.^ª. Dr.^a. Patrícia Rodrigues Tanuri Baptista – CEFET-MG
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE
MINAS GERAIS
SISTEMA INTEGRADO DE PATRIMÔNIO,
ADMINISTRAÇÃO E CONTRATOS

FOLHA DE ASSINATURAS

Emitido em 23/06/2021

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO N° 4/2021 - POSLING (11.52.09)

(N° do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 29/06/2021 16:10)

JAMES WILLIAM GOODWIN JUNIOR
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DHIST (11.55.07)
Matricula: 1508044

(Assinado digitalmente em 30/06/2021 13:22)

PATRICIA RODRIGUES TANURI BAPTISTA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DELTEC (11.55.08)
Matricula: 2165214

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sig.cefetmg.br/documentos/> informando seu número:
4, ano: 2021, tipo: ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO, data de emissão: 29/06/2021 e o código de verificação:
fc3fd0951e

*Dedico aos meus pais, Cícero Matos (in memoriam) e Maria de Fátima,
e aos meus sobrinhos, os anjos Davi e Gabriel.*

- ✚ Aos professores Ana Maria Nápoles, Lilian Arão, Luiz Henrique Oliveira, Patrícia Tanuri, Renato Caixeta e Rogério Barbosa, por fazerem parte desta caminhada como os responsáveis das disciplinas cursadas no Mestrado;
- ✚ À disposição e auxílio dos funcionários da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, no período do Trabalho de Conclusão da Graduação em Letras;
- ✚ Ao professor Bernardo Jefferson, pelo acesso ao material na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, e ao apoio de sua então orientanda de doutorado, Juliana Prochnow;
- ✚ Aos professores Bernardo Jefferson e Patrícia Tanuri, pelas contribuições à pesquisa nas Bancas de Qualificação e de Defesa de Dissertação;
- ✚ Ao professor José Muniz Jr., pelas orientações no Estágio de Docência na disciplina optativa do Bacharelado em Letras, Prática de Diagramação, e aos graduandos inscritos nela;
- ✚ Aos servidores do CEFET-MG, Érica Barezani (psicóloga) e Dr. Gustavo Coutinho (médico psiquiatra), pelos cuidados com a minha saúde mental;
- ✚ Aos meus amigos, Alessandra, Alícia, André (primo e irmão), Catiane (irmã de coração), Celi, Cleidiciana, Danúbia, Fernanda, Georgia, Iuli, Izabela, Jaqueline, Matheus, Michelle, Nathalie e Vanessa, pelos momentos de descontração;
- ✚ À minha cunhada, Danielle, pelo auxílio no abstract;
- ✚ À minha amiga, Catiane, pela revisão deste trabalho;
- ✚ Aos professores Bernardo Jefferson, Patrícia Tanuri e Lilian Arão (Suplente), por aceitarem o convite para a Banca de Defesa de Dissertação;
- ✚ À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro;
- ✚ A todos os amigos e familiares que torcem pelo meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Muito Obrigado!

RESUMO

O objetivo deste trabalho documental é analisar a revista *Ciência Popular* como um discurso de divulgação científica, tendo como estudo de caso a abordagem de temas sobrenaturais. Esse periódico brasileiro foi publicado no período pós-Segunda Guerra Mundial, entre 1948 e 1960. A pesquisa conta com os acervos da *Ciência Popular* disponíveis na Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais e na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, MG: as edições publicadas entre outubro de 1948 e junho de 1953 (n° 1 a 57). A etapa inicial desta dissertação corresponde ao estudo do conceito de divulgação científica e da contextualização desse campo de ação no período pós-guerra. Além disso, estudam-se as características gerais da *Ciência Popular* e a ligação entre os aspectos gráficos e as maneiras como transmitem o discurso editorial, tendo em vista que os elementos visuais não são considerados isolados em relação ao discurso. Para delinear o periódico, o editorial de lançamento (n. 1, out. 1948) será analisado discursivamente conforme a teoria de Eni Orlandi (2013), a fim de entender a revista como objeto de divulgação científica, de acordo com a proposta exposta pelo diretor-geral Ary Maurell Lobo, ligada à contribuição ao Brasil por meio da popularização do conhecimento em âmbito mundial. Posteriormente, a partir dos conceitos ligados à “situação de comunicação” e aos modos de organização dos discursos “enunciativo” e “argumentativo”, apresentados por Patrick Charaudeau (2010), busca-se estudar quais os efeitos produzidos sobre a abordagem do sobrenatural a partir da análise do discurso, por meio da seleção dos textos da revista *Ciência Popular*.

Palavras-chave: *Ciência Popular*. Sobrenatural. Divulgação científica. Discurso. Aspectos gráficos.

ABSTRACT

This documentary work's goal is to analyze the magazine *Ciência Popular* as a scientific divulgation speech, which has as case study the approach of supernatural themes. This Brazilian periodic was published in the post Second World War period, between 1948 and 1960. The research counts with *Ciência Popular's* collections available at Historical Library of the State Public Library of Minas Gerais and Faculty of Education of the Federal University of Minas Gerais, in Belo Horizonte, MG: the editions published between October 1948 and June 1953 (n° 1 to 57). This dissertation's first step is the study of scientific divulgation's concept and the action field's contextualization in the post War's period. Furthermore, the general features of Popular Science are studied, and also the connection between graphic aspects and how they convey the editorial speech, seeing that visual elements are not considered isolated towards the speech. To delineate the period, the release editorial (n. 1, Oct. 1948) will be discursively analyzed according to Eni Orlandi's theory (2013), in order to understand the magazine as a scientific divulgation object, in accordance with the proposition exposed by general-director Ary Maurell Lobo, linked to the contribution to Brazil by means of popularization of knowledge in worldwide scope. Later, by the concepts related to "communication situation" and the organization ways of "enunciative" and "argumentative" speeches, presented by Patrick Charaudeau (2010), aims to study the produced effects about supernatural approach by speech analysis, through texts selection of Popular Science's magazine.

Keywords: Popular Science. Supernatural. Scientific divulgation. Speech. Graphic aspects.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 26, nov. 1950, p. 59)	50
Figura 02	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 1, out. 1948, capa)	55
Figura 03	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 1, out. 1948, p. 1)	56
Figura 04	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 1, out. 1948, p. 2)	57
Figura 05	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 1, out. 1948, p. 2)	58
Figura 06	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 1, out. 1948, verso da capa)	59
Figura 07	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 13, out. 1949, capa)	60
Figura 08	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 13, out. 1949, p. 15)	61
Figura 09	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 13, out. 1949, p. 16)	62
Figura 10	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 25, out. 1950, p. 23)	63
Figura 11	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 25, out. 1950, p. 24)	64
Figura 12	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 37, out. 1951, p. 28)	65
Figura 13	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 37, out. 1951, p. 29)	66
Figura 14	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 37, out. 1951, p. 30)	67
Figura 15	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 37, out. 1951, p. 31)	68
Figura 16	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 37, out. 1951, p. 35)	69
Figura 17	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 49, out. 1952, p. 43)	70
Figura 18	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 49, out. 1952, p. 44)	71
Figura 19	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 49, out. 1952, p. 46)	72
Figura 20	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 49, out. 1952, p. 47)	73
Figura 21	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 49, out. 1952, p. 48)	74
Figura 22	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 49, out. 1952, p. 50)	75
Figura 23	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 26, nov. 1950, p. 59)	77
Figura 24	- “Representação do dispositivo da encenação da linguagem” (CHARAUDEAU, 2010, p. 77)	92
Figura 25	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 1, out. 1948, p. 3)	125
Figura 26	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 1, out. 1948, p. 4)	126
Figura 27	- Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 53, abr. 1953, p. 9)	140
Figura 28	- <i>Ciência Popular</i> , n. 11, ago. 1949, p. 4	142

Figura 29 - <i>Ciência Popular</i> , n. 13, out. 1949, p. 9	143
Figura 30 - <i>Ciência Popular</i> , n. 13, out. 1949, p. 15	144

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Seções ligadas ao sobrenatural	80
Tabela 02 - Seções gerais / de outros temas que mencionam aspectos sobrenaturais / religiosos	86
Tabela 03 - Dispositivo de comunicação	94
Tabela 04 - Modos de organização do discurso	96
Tabela 05 - Modalidades ligadas aos “procedimentos linguísticos da construção enunciativa”	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1: A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA NO BRASIL PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	21
1.1 Divulgação científica e tecnológica: conceito e relação com o saber popular	21
1.2 Contexto do período e exemplos de periódicos ligados à divulgação científica	28
CAPÍTULO 2: A REVISTA <i>CIÊNCIA POPULAR</i>	35
2.1 Características gerais	35
2.2 Editorial de lançamento da revista <i>Ciência Popular</i> (1948): análise do discurso	40
2.3 Características gráfico-editoriais da revista <i>Ciência Popular</i> : estratégia de apresentação	48
2.3.1 Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 1, out. 1948) - Capa	55
2.3.2 Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 1, out. 1948) - Exemplos de colunas, fontes, imagens e seções	56
2.3.3 Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 13, out. 1949) - Capa	60
2.3.4 Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 13, out. 1949) - Exemplos de colunas, fontes, imagens e seções	61
2.3.5 Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 25, out. 1950, p. 23-24) - Exemplos de colunas, fontes e imagens	63
2.3.6 Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 37, out. 1951, p. 28-37) - Exemplos de colunas, fontes, imagens e seções	65
2.3.7 Revista <i>Ciência Popular</i> (n. 49, out. 1952, p. 43-50) - Exemplos de colunas, fontes, imagens e seções	70
CAPÍTULO 3: O SOBRENATURAL COMO UMA DAS TEMÁTICAS DA REVISTA <i>CIÊNCIA POPULAR</i>	77

3.1 Organização dos textos coletados conforme as análises das edições n. 1 a 57	77
3.1.1 Seções ligadas ao sobrenatural	79
3.1.2 Textos ligados ao sobrenatural sem identificação de seção	83
3.1.3 Seções gerais / de outros temas que mencionam aspectos sobrenaturais / religiosos	86
3.2 Linguagem, situação de comunicação e modos de organização do discurso	89
3.3 Revista <i>Ciência Popular</i> : análise discursiva de temáticas ligadas ao sobrenatural	101
3.3.1 O sobrenatural como tema na revista <i>Ciência Popular</i>	102
3.3.2 Textos isolados com a temática sobrenatural	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150
Fontes documentais	150
Obras de referência	150
ANEXOS	155
Anexo 1: Razão de ser e programa desta revista (<i>Ciência Popular</i> , n. 1, out. 1948, p. 1, 2)	155
Anexo 2: Regulamento - Cidadela (<i>Ciência Popular</i> , n. 43, abr. 1952, p. 39)	158
Anexo 3: Abertura da sessão “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema” (<i>Ciência Popular</i> , n. 6, março 1949, p. 16)	159
Anexo 4: Continuação da sessão “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema” (<i>Ciência Popular</i> , n. 6, março 1949, p. 16, 17) - “Escreve o Sr. João Baptista de Mello”	160
Anexo 5: Continuação da sessão “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema” (<i>Ciência Popular</i> , n. 6, março 1949, p. 17, 18) - “Escreve o Sr. Heraclito Carneiro”	163

Anexo 6: Continuação da sessão “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema” (<i>Ciência Popular</i> , n. 6, março 1949, p. 18) - “Escreve um homem do povo”	165
Anexo 7: “A astrologia é pura ilusão, e os modernos astrólogos não passam de trampolineiros” (<i>Ciência Popular</i> , n. 1, out. 1948, p. 3, 4)	167
Anexo 8: Os sonhos - José Monteiro Lima (<i>Ciência Popular</i> , n. 19, abr. 1950, p. 30) - “Nota da redação”	171
Anexo 9: Os sonhos - José Monteiro Lima (<i>Ciência Popular</i> , n. 19, abr. 1950, p. 30)	172
Anexo 10: Demonologia Brasileira - Hernani de Irajá (<i>Ciência Popular</i> , n. 53, abr. 1953, p. 9, 10)	174
Anexo 11: O mundo em foco (<i>Ciência Popular</i> , n. 11, ago. 1949, p. 4)	177
Anexo 12: O mundo em foco (<i>Ciência Popular</i> , n. 13, out. 1949, p. 9)	177
Anexo 13: O mundo em foco (<i>Ciência Popular</i> , n. 13, out. 1949, p. 15)	177
Anexo 14: Seções ligadas ao sobrenatural - Revista <i>Ciência Popular</i>	178
Anexo 15: Textos ligados ao sobrenatural sem identificação de seção - Revista <i>Ciência Popular</i>	184
Anexo 16: Seções gerais / de outros temas que mencionam aspectos sobrenaturais / religiosos - Revista <i>Ciência Popular</i>	190

INTRODUÇÃO

A divulgação científica é um ato de comunicação com o público em geral, com o objetivo de consolidar a democratização do conhecimento. Essa iniciativa conta com mídias como revistas e jornais, e outras atividades como eventos científicos e visitas a espaços do conhecimento. A revista *Ciência Popular*, o objeto deste trabalho, publicada entre 1948 e 1960, foi um dos periódicos pioneiros de divulgação da ciência e da tecnologia no Brasil. Havia o objetivo de auxiliar e motivar o público brasileiro em relação ao crescimento por meio do conhecimento em âmbito mundial. A primeira edição foi publicada em outubro de 1948, ano também correspondente ao estabelecimento da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Esta pesquisa documental conta com os acervos da *Ciência Popular* disponíveis na Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais e na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte (MG).

Foram fotografadas, de forma integral, as edições publicadas entre outubro de 1948 e fevereiro de 1950 (nº 1 a 17), para o Trabalho de Conclusão do Curso de Letras, e de forma parcial, as edições publicadas entre março de 1950 e junho de 1953 (nº 18 a 57), para a presente pesquisa. No segundo caso, foram registrados apenas os textos em que a temática sobrenatural se fazia presente. Ademais, pelas limitações de trabalho e o tamanho do acervo, não foi possível analisar as publicações a partir do nº 58. Há ainda outros textos a explorar, mas a pandemia de Covid-19 funcionou como razão *ex machina* para definir o corpus como o já mapeado. Os demais textos serão estudados em trabalhos posteriores.

Por meio da organização dos textos, verificou-se que o sobrenatural, como um dos temas da *Ciência Popular*, aparece em praticamente todos os fascículos. Abordar esses temas aparentemente alheios ao mundo científico faz parte, justamente, do esforço por incorporar e abordar todo o mundo, todos os temas, na esfera da ciência, pelo discurso racional. A tabulação (itens 3.1 e Anexos 14, 15 e 16) funciona para mostrar em quais seções estão distribuídos os temas relativos ao sobrenatural, os quais aparecem em seções próprias, bem como em seções mais amplas, e para

ênfatizar o caráter “pulverizado” da diagramação da revista *Ciência Popular*, ou seja, a maneira como os textos e as imagens eram distribuídos nas páginas. Tais questões serão discutidas mais adiante.

O periódico foi objeto de pesquisas de Catarina Capella Silva, em sua dissertação de mestrado em História, defendida em 2009, na Universidade Federal de Minas Gerais; e em sua tese de doutorado em Educação, concluída na mesma Instituição, em 2013. Também escrevi sobre a publicação no Trabalho de Conclusão do Curso de Letras, no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, em 2018, ao compará-la com as características editoriais da revista *Minas Faz Ciência*, publicada desde 1999 pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Além dessas, poucas pesquisas foram realizadas sobre a revista *Ciência Popular*.

Tendo acesso ao acervo completo da *Ciência Popular*, Silva (2009; 2013) pesquisou informações como a marca do periódico; o diretor-geral Ary Maurell Lobo; serviços de vendas e tiragem; cartas dos leitores; exemplos de conteúdo; capas; e publicidade. De acordo com Silva, “a imagem que prevalece na revista é a da ciência como produtora de todo o conhecimento legítimo e promotora do progresso da humanidade” (SILVA, 2009, p. 155).

Em sua tese de doutorado, Silva (2013) dedicou um capítulo aos leitores de quatro revistas de divulgação científica comparadas para o trabalho; duas são brasileiras: *Ciência Popular* e *Ciência Ilustrada*; e duas são argentinas: *Ciencia Popular* (homônima do periódico brasileiro) e *Hobby*. O interesse de leitores da “*Ciência Popular* brasileira” em relação ao “sobrenatural” é mostrado da seguinte forma:

O grande interesse pelo sobrenatural era um tema recorrente entre as missivas e suscitou vários debates. Além de Lobo responder às cartas, outros leitores também se manifestavam quanto às opiniões de outros leitores e também às do diretor geral. Uma dessas questões refere-se à que envolve a religião e sua relação com a ciência. Parte da correspondência versava sobre o assunto e preponderavam questionamentos acerca do espiritismo. A disseminação do Espiritismo, nos anos 1950, acirrou os debates frente à sua condição perante a ciência. A questão do Espiritismo ser ou não uma ciência e em que aspectos se aproximava de uma “ciência espírita” foi uma das discussões importantes na revista (CP, 1954, n. 69, p. 2-7) (SILVA, 2013, p. 190).

Na edição n. 18 (março de 1950), conforme a seção “Cartas ao Diretor Geral”, um leitor colocou-se contrário à publicação de assuntos religiosos na revista *Ciência Popular*.

CIÊNCIA POPULAR não deve ceder espaço para um interessado qualquer na divulgação da sua religião. Os interessados em religião (incluo também os espíritas) que tenham paciência, e divulguem a sua “ciência” em seus jornais, revistas e livros... (*Ciência Popular*, n. 18, março de 1950, p. 32).

A redação respondeu da seguinte maneira:

[...] Sob o título “A ciência invade os domínios do sobrenatural”, estamos mostrando o que os cientistas sabem atualmente acerca dos fenômenos paranormais. Abrimos o debate, para despertar a atenção geral entre os religiosos de todas as seitas, mas vamos concluir em cada parte rigorosamente de acordo com o que está estabelecido dentro da ciência. O evidente, no entanto, é que os debates dessa natureza são assaz instrutivos pelas dialéticas empregadas (*Ciência Popular*, n. 18, março de 1950, p. 33).

Conforme a resposta, há discussão da forma como temas ligados ao sobrenatural são tratados em sua relação com a ciência, na perspectiva de fortalecer o discurso científico, ainda que não em conflito com aquele. O editor encerra a resposta de maneira diplomática:

Todos os leitores que têm tomado parte na discussão vêm demonstrando não só muita elegância, mas também grandes conhecimentos, a par de muita sagacidade, ao chegar àquele ponto em que ninguém sabe mais nada (inclusive os maiores cientistas), em ordem a forçar a conclusão a favor de suas crenças (*Ciência Popular*, n. 18, março de 1950, p. 33).

Sobretudo, é na primeira edição da revista brasileira *Ciência Popular* que Ary Maurell Lobo expôs a pretensão de publicar “a verdade científica” e “a verdade técnica” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 2). A temática sobrenatural pertence ao universo da revista *Ciência Popular* e se tornou recorrente a partir da sexta edição, de março de 1949, devido à manifestação dos leitores em relação à “vida além da morte”. O diretor-geral Ary Maurell Lobo constatou esse interesse após a publicação da notícia do falecimento de seu filho, Arnaldo Lobo, em janeiro de 1949, por meio da quarta edição. Pode-se entender que a relação desse tema com um fato pessoal do editor e com discursos da *Ciência Popular* e de leitores contribui para o significado da busca pela divulgação científica, partindo do pressuposto de que a expansão do conhecimento não é limitada. Assim sendo, esta pesquisa se interessa em analisar a

linguagem desse tipo de divulgação científica, tendo a Análise do Discurso como instrumento, a fim de detectar os sentimentos dos sujeitos por meio de cada trecho selecionado da revista. Com isso, contribuirá para ampliar o estudo da linguagem da popularização do conhecimento.

Ao analisar as dezessete primeiras edições da revista *Ciência Popular* no Trabalho de Conclusão de Curso, identificamos que, além de diversos assuntos relacionados à ciência, à tecnologia e às atualidades, os leitores também tiveram acesso a temas relacionados à teologia e ao sobrenatural (Matos, 2018). De acordo com a leitura e a análise quantitativa das dezessete primeiras edições, construímos dezoito categorias temáticas, e uma delas foi denominada “esoterismo”, devido aos assuntos nela arrolados, tais como as seções “A ciência invade os domínios do sobrenatural”, também citada por Silva (2013, p. 190), e “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema”. A partir de outras leituras e reflexões, adota-se, neste estudo, o termo “sobrenatural”, tanto para evitar confusões de sentido, quanto por ser termo utilizado pela própria revista.

Em relação aos aspectos gráficos, o periódico era diagramado com vários textos distribuídos ao longo de um mesmo fascículo, como artigos, notas fotográficas, curiosidades, jogos e pequenas notas. Essas características da *Ciência Popular* instigaram a presente proposta, que também objetiva analisar a relação entre os elementos textuais e visuais.

O objetivo geral desta dissertação é analisar o discurso de divulgação científica da revista *Ciência Popular* (1948-1960), tendo como estudo de caso a abordagem de temas ligados ao “sobrenatural”. As seguintes perguntas guiarão a realização desta pesquisa: Como o sobrenatural é construído e abordado como tema de divulgação científica? Como é o discurso da revista *Ciência Popular*? Quais são as características gráficas e as suas implicações para o discurso editorial do periódico?

Este trabalho está estruturado em três capítulos. No capítulo 1, busca-se conceituar a divulgação científica e mostrar as estratégias usadas para conseguir “traduzir” ciência para um ambiente não científico, inclusive as questões de autoridade, e como lidar com

questões do saber tradicional-popular, não científico. Ademais, objetiva-se contextualizar a divulgação científica e abordar exemplos de periódicos científicos. Delineia-se, assim, um perfil da demanda social, bem de questões do período pós-Segunda Guerra Mundial, às quais a revista *Ciência Popular* buscou atender.

No capítulo 2, busca-se contextualizar as características gerais do periódico e a relação entre os aspectos gráficos e a finalidade de divulgar a ciência ao público em geral. Tendo como apoio a teoria de Eni Orlandi (2013), analisa-se também o discurso do editorial de lançamento do fascículo n. 1, publicado em outubro de 1948, com o objetivo de entender as motivações e a maneira como a divulgação científica e tecnológica será construída.

O objetivo do capítulo 3 é analisar, a partir da teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau (2010), a linguagem empregada na revista *Ciência Popular* como uma “situação de comunicação”, e, por meio dos textos selecionados, entender os efeitos produzidos em relação ao discurso. É um estudo de caso dos textos relacionados a um dos temas tratados pelo periódico, o sobrenatural. A análise será realizada conforme identificação do seguintes sujeitos: “Comunicante” (EUc), “Destinatário” (TUd), “Interpretante” (TUi) e “Enunciador” (EUe), e a aplicação de conceitos referentes aos modos de organização dos discursos “Enunciativo” e “Argumentativo”.

As considerações finais ressaltarão reflexões acerca da divulgação científica e da revista *Ciência Popular* de acordo com os capítulos 1, 2 e 3.

Os textos integrais do periódico selecionados para esta dissertação e a tabulação estão na seção “Anexos”.

CAPÍTULO 1: A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA NO BRASIL PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

1.1 Divulgação científica e tecnológica: conceito e relação com o saber popular

A divulgação científica e tecnológica é um campo de ação formado pelas diversas maneiras que objetivam mais acessibilidade do público em geral ao conhecimento científico, definido como teorias, práticas e impactos em suas vidas cotidianas. Visa à democratização do conhecimento, ao buscar contribuir para o desenvolvimento das pessoas como cidadãos, estudantes e profissionais. De acordo com Germana Barata e Graça Caldas (2020, p. 211), o preparo crítico e a idealização de “cultura científica cidadã” surgem da valorização da produção da ciência e do desenvolvimento da divulgação e educação científica.

Targino (2007, p. 20) afirma que o termo “divulgação científica” é ligado à abrangência de atividades como “recursos, estratégias, técnicas e quaisquer instrumentos empregados para publicizar informações junto às coletividades em geral”. A comunicação referente à ciência não deve se dar apenas entre cientistas, pois “a produção da ciência não ocorre fora do contexto social. Logo, a ciência deve extrapolar os muros da comunidade científica; caso contrário, torna-se improdutivo, estéril e improfícua” (TARGINO, 2007, p. 26)¹. Roque (2020) indica que, para conquistar o público, é preciso ir além da visão da ciência como autoridade. Por exemplo, quanto à mobilização relativa à ciência do clima:

Naomi Oreskes sugere que a confiança na ciência deve ser reconquistada por seu caráter consensual, mais do que por sua autoridade. O método científico e as evidências empíricas são insuficientes: cientistas se autocriticam e criticam uns aos outros antes de tirar conclusões. Por isso, o grau de diversidade e de abertura de uma comunidade é essencial para garantir a confiabilidade do conhecimento obtido. A capacidade de se autocorrigir depende do trabalho coletivo e da possibilidade de desenvolver experiências e simulações reprodutíveis em culturas e contextos diversos. (ROQUE, 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-negacionismo-no-poder/>> Acesso em 02 de maio 2021).

¹ Em tempos de obscurantismo e ataque ao pensamento racional, a comunicação com o público em geral ganha ainda mais importância, a fim de evitar propagação de desinformação.

A divulgação científica e o seu discurso podem desempenhar várias funções. Entre elas,

A de cunho educacional visa à ampliação do repertório cognitivo dos indivíduos. A função cívica, à consolidação da opinião pública sobre os impactos do desenvolvimento, particularmente diante de temas polêmicos: eutanásia, pena de morte, aborto e outros. A formação de consciência crítica e cidadã, por sua vez, prevê a participação efetiva da população na formulação de políticas públicas, graças à circulação de informações que lhe permitam intervir no processo decisório subjacente ao progresso das nações (TARGINO, 2007, p. 26).

Segundo Reis, compreende-se a razão pela qual os cientistas e as instituições de pesquisa se interessam pela divulgação científica, pois, além do amparo dos governos e do patrocínio de “entidades particulares”, a ciência é dependente do “apoio do público para sua manutenção, e tanto mais quanto mais dependente se torna ela de apurados meios de trabalho e caras instalações” (REIS, 2018a, p. 16). Ao buscar esclarecimento de informações, o divulgador deve ter como público-alvo os cidadãos sem formação, pois, sendo assim, o entendimento valerá para o público em geral (REIS, 2018). Ou seja, o divulgador científico deve visar tanto leigos quanto cientistas:

A ideia é fazer com que os leitores compreendam a totalidade do texto. Para isso, é preciso entender que, na maioria dos casos, o público é heterogêneo, formado por pessoas que quase nunca dominam até mesmo conceitos básicos de ciência. E cientistas não estão excluídos desse público [...] (VIEIRA, 2006, p. 12).

O objetivo da divulgação científica está atrelado a aumentar o destaque da ciência na sociedade, “o que conduz ‘financiadores’ (parlamentares, agências, bancos etc.) a atribuir (ou a tender a) maior prioridade na alocação de recursos” para a ciência (VIEIRA, 2006, p. 9). A popularização da ciência é um meio de prestação de contas ao público, pois mostra o modo e o meio ligados à utilização dos recursos investidos, e, também pode contribuir para o ensino de ciências nos níveis fundamental, médio e superior (VIEIRA, 2006).

De acordo com Reis, a adequada divulgação científica está relacionada à educação do público, à formação de vocações e ao estímulo de “atitude científica”, que possibilitará fortemente conservar a ética profissional, “pois um público bem instruído e informado distinguirá com mais facilidade os maus profissionais dos bons, os

charlatões dos homens sinceros” (REIS, 2018b, p. 37). A revista *Ciência Popular*, objeto de estudo desta dissertação, tratava leitores como amigos e, no trecho a seguir, pediu ajuda quanto à aquisição de edições, com o desejo de instruir os brasileiros:

Você, Amigo Leitor, precisa auxiliar o progresso de tão grande empreendimento, tornando-se no mínimo nosso assinante. Não pode esquecer-se de que CIÊNCIA POPULAR visa à felicidade do Povo Brasileiro através da instrução. (*Ciência Popular*, n. 56, maio 1953, p. 18).

Reis afirma que a informação divulgada deve se adequar ao “panorama geral do conhecimento”. É necessário compreender o “sentido” e o “valor” da informação, de maneira que essa seja situada e relacionada. “A informação pura e simples” é pouco efetiva: “aqui, como na educação em geral, é preciso evitar a condenável técnica do jarro e da bacia, em que o estudante é a bacia e o mestre, ou o divulgador, o jarro que sobre ele despeja a informação” (REIS, 2018b, p. 29). Tal leitor não pode ser visto apenas como receptor do conhecimento.

A ciência e a tecnologia são importantes para a vida e o crescimento do ser humano. Elas estão ligadas ao poder político e econômico das nações que, a fim de garantirem “poder e soberania”, investem em tecnologias ligadas à informação e à comunicação (TARGINO, 2007, p. 20). A ciência é social e dinâmica, e a divulgação da ciência é uma aliada relevante para a democratização do conhecimento:

Na sua essência, [a divulgação científica] é a afirmação social da C&T [ciência e tecnologia] na contemporaneidade e o reconhecimento da sua relevância estratégica nas estruturas política, econômica, social e cultural vigentes das nações, que põem em evidência a inter-relação ciência, poder e sociedade. Como decorrência, a comunidade científica busca legitimar a sua produção junto à sociedade, recorrendo à mídia, especificamente, à prática do JC [jornalismo científico], instância baseada na inter-relação entre organizações formais e comunidades, que se consolida por meio dos *mass media*, fazendo circular informação atualizada e de caráter científico e/ou tecnológico, em consonância com os níveis variados de interesse e expectativa dos públicos (TARGINO, 2007, p. 24).

Pessoas ligadas à produção de novos conhecimentos consideram essenciais os procedimentos da divulgação científica e do jornalismo científico, a fim de tornarem acessíveis informações acerca dos progressos científicos e tecnológicos.

A disseminação científica e a divulgação científica são pertencentes ao campo “difusão científica” (BUENO, 1985, p. 1421). Dessa maneira, entende-se que a disseminação científica se relaciona à comunicação entre pesquisadores, e que a divulgação científica é voltada para a comunicação com o público em geral, tanto de forma midiática, como jornais e revistas, quanto de maneira educativa, como livros didáticos e atividades em museus e outros espaços de conhecimento. Bueno, em 2010, substituiu o termo “disseminação científica” por “comunicação científica” (cf. BARBOSA, 2017, p. 24).

Reis aponta que a participação dos cientistas é crescente na comunicação com o público em geral. Nesse caso, a vantagem é haver “divulgação de primeira mão”, com direito à satisfação da descoberta (REIS, 2018). Em relação aos demais redatores atuantes na divulgação científica, como jornalistas e escritores, uma “sólida cultura básica” é determinante para a constante distinção entre “as afirmações da verdadeira ciência” e “os adeptos da meia-ciência e os charlatões de toda espécie” (REIS, 2018b, p. 34). Sobre a “meia ciência” e a “pseudociência”, o atuante da divulgação científica deve denunciar esse tipo de publicação:

Deve o divulgador assumir atitude agressiva e impenitente para denunciar a meia ciência e a pseudociência. A notícia pseudocientífica há de ser rigorosamente desmascarada. Esta é uma tarefa árdua e desagradável, mas necessária, especialmente em meio como o nosso, onde a falta de cultura ainda permite grande confusão, mesmo em círculos relativamente diferenciados, da ciência com as caricaturas da ciência (REIS, 2018b, p. 31).

Ao evidenciar os avanços e as fronteiras da ciência, a divulgação científica pode “desmistificar” “equivocos” como:

Uma onda de misticismo sem precedentes assola o planeta. Livros esotéricos encabeçam a lista dos mais vendidos (quando não ocupam a maioria de suas posições). Nas livrarias, filosofia e ciência perdem espaço para bioenergética, quiromancia, cristais, duendes, anjos etc. Místicos são comumente promovidos a especialistas na mídia e chamados a opinar sobre os destinos políticos e econômicos do país e até sobre fatos científicos. Novelas de televisão incorporam personagens ‘hipersensitivas’ ou ‘paranormais’. A pesquisa médica dos últimos dois séculos está à mercê das propriedades ‘cientificamente comprovadas’ dos cristais, das pirâmides, do tratamento com lâmpadas coloridas, do poder de cura das mãos etc. (VIEIRA, 2006, p. 9).

No caso da revista *Ciência Popular*, foram publicadas temáticas relativas ao sobrenatural. Como exemplo, na perspectiva de fortalecer o discurso científico, sob a seção “A ciência invade os domínios do sobrenatural”, foram manifestadas “verdades” acerca de temas como: “grafologia” (n. 7, abr. 1949), “quironomia e quiromancia” (n. 7, abr. 1949), “astrologia” (n. 8, maio 1949) e “paragnósia (clarividência, leitura do pensamento, telepatia e visões)” (n. 9, jun. 1949). A escolha do título da seção é estratégica, na medida em que busca enquadrar o sobrenatural dentro do discurso científico. A maneira como a revista aborda esses temas será tratada à frente.

Alguns dos elementos principais a compor uma efetiva comunicação científica com o público são:

Os métodos de trabalho dos cientistas, a atitude destes em face dos problemas, os princípios que eles descobrem, a maneira pela qual esses princípios se articulam com o sistema geral do conhecimento e, é lógico, as consequências de toda ordem que deles decorrem. Pode-se assim espalhar e ensinar o hábito de pensar cientificamente (REIS, 2018a, p. 17).

Para Reis, o trabalho da divulgação científica é complexo, pois a preocupação em mostrar o “verdadeiro fato científico” relacionado com “o sistema geral dos conhecimentos e com suas consequências de toda sorte” deve visar à boa preparação dos autores, como o “senso crítico”, a “boa formação”, o “esforço educativo” e a divulgação “positiva” da forma como são desempenhados os objetivos da ciência e do cientista na sociedade (REIS, 2018a, p. 18).

Valoriza-se a divulgação como ensejo de difundir ao público em geral os atos de cientistas quanto à resolução de questões e pode bem orientar os leitores profissionais, por exemplo, quanto à resolução de problemas complexos. De acordo com Reis (2018), há o intuito de estimular o exercício do pensamento científico.

O trabalho do jornalismo científico é essencial, devido ao trabalho necessário quanto à seleção da divulgação (“o que divulgar”), ao tempo (“quando”) e à maneira (“como”). Reis sugere que, ao conhecer e prezar a ciência, “conheça e ame também o público leitor”. Assim, impossibilita elaboração de “fantasias” ligadas à ciência e padronização inadequada quanto à verificação de cientistas: por exemplo, apenas as realizações dos físicos nucleares fossem notadas num período em que há bombas atômicas

(REIS, 2018a, p. 19). Conforme o pensamento de E. Rabinowitch (1957, *apud* Reis, 2018): além da divulgação realizada conforme a preferência do público, essa mesma atividade deve ser concretizada de acordo com o interesse do divulgador. Não devem ser filtrados apenas fatos impactantes e assim se esquivar de assuntos menos estrondosos. Segundo Reis:

Pode o divulgador estabelecer um justo equilíbrio, e eu mesmo tenho procurado sempre que possível fazê-lo a meu modo. Se não posso negar aos leitores a informação sobre física nuclear quando os seus aplicadores fazem explodir bombas atômicas, posso, ao lado dessa informação, incluir outra, por exemplo, sobre botânica ou psicologia, lançando mão das motivações mais adequadas. (REIS, 2018b, p. 30).

Alerta-se quanto à possibilidade de os leitores confundirem “ciência” com uma “ciência em particular” e, dessa forma, considerarem outras áreas como menos importantes. A recomendação é impossibilitar que isso aconteça (REIS, 2018b, p. 30).

Na maneira como divulga-se, Reis recomenda a possibilidade de priorizar “as palavras comuns da língua”, evitando, desse modo, o uso total do “jargão científico”. Também sugere buscar orientações por meio do jornalismo quanto às formas de estímulo de atenção e expor ao leitor, inicialmente, o desenvolvimento central (REIS, 2018b, p. 32). Ao iniciar um texto pelo fim, evita-se “o desenvolvimento estritamente histórico ou cronológico do assunto, guardando o autor, para o fim, a noção que deseja ensinar”. Assim sendo, objetiva-se aumentar o interesse dos leitores em relação ao assunto exposto (REIS, 2018b, p. 32).

Ao finalizar o editorial do segundo número da *Ciência Popular*, dedicado à física nuclear e à bomba atômica, o diretor-geral Ary Lobo expõe a seguinte recomendação aos leitores quanto à leitura atenta da edição, a fim de instigá-los a avaliar positivamente o periódico:

Muito melhor que as palavras são os fatos. Portanto, o bom amigo leitor que vire esta página, e comece a ler os vários assuntos, mas faça-o em ordem, sem saltar, e também sem pressa. Em chegando à última linha da última página, por favor, efetue consciencioso balanço, para se certificar como CIÊNCIA POPULAR merece realmente todo o seu valioso apoio (*Ciência Popular*, n. 2, nov. 1948, p. 1).

Algumas dicas de Vieira (2006) para um bom texto de divulgação científica são: o início de um texto de divulgação científica pode motivar o leitor para a leitura completa; um início de compreensão difícil pode causar a desistência da leitura; relações entre certos termos e comparações (analogias) e ligação com o cotidiano também são recomendadas; a “clareza” objetiva familiarizar o leitor leigo com determinado assunto; o texto deve respeitar o espaço estipulado para a diagramação e recomenda-se a concisão. A divulgação científica contribui para esclarecer noções aos pesquisadores, além de atualizá-los em qualquer campo do conhecimento. É fato a complexidade da linguagem científica:

Uma descoberta em física do estado sólido, por exemplo, é geralmente ininteligível a físicos de outras áreas. Para outros cientistas, esses resultados não são mais que códigos cifrados. Trabalhos de ciências humanas e sociais não são exceção: jargões técnicos e opacos os tornam indecifráveis mesmo para pesquisadores dessas áreas (VIEIRA, 2006, p. 10).

O trecho da revista *Ciência Popular* a seguir expõe a maneira como é publicado o seu conteúdo:

CIÊNCIA POPULAR dedica-se aos mais importantes aspectos dos vários departamentos do saber humano. Torna fácil o difícil, sem abastardar os assuntos. Muito pelo contrário, o que cuida é de seguir à risca as melhores normas didáticas, não descendo de forma alguma do nível correspondente à disciplina abordada. A clareza e a precisão das matérias que expõe são mera resultância de os respectivos autores conhecerem profundamente aquilo que ensinam (*Ciência Popular*, n. 57, jun. 1953, verso da capa).

Segundo Targino, “independentemente do suporte, a produção científica prima por um padrão léxico, em que as nominalizações e os termos ou jargões técnicos, acessíveis só aos especialistas, prevalecem” (2007, p. 21). Quanto ao jornalismo científico, como forma de divulgação científica, apresenta características informativas, como notas, notícias e reportagens, e opinativas: como exemplo, editoriais, artigos e cartas faziam parte do conteúdo da revista *Ciência Popular*.

As seguintes considerações sobre a *Ciência Popular* constam da quarta capa da edição n. 1 (out. 1948). A diagramação nessa página é uma ótima estratégia de apresentar o programa do periódico de forma laudatória aos transeuntes em bancas de jornais:

A ciência verdadeira e a técnica verdadeira, postas ao alcance dos leitores brasileiros, para sua melhor instrução, e conseqüentemente maior progresso na escala social e maior felicidade na vida com os entes queridos. Autorizadas e recentíssimas informações, vindas dos mais renomados laboratórios e importantes organizações do mundo, nos campos da medicina, farmácia, higiene, engenharia, química, física, agronomia, política, filosofia, etc., em linguagem acessível, mas cem por cento precisa e correta, e em esplêndida composição gráfica, tudo por um preço muitas vezes abaixo do valor real (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, quarta capa).

É importante destacar também aspectos históricos referentes à importância da ciência e da popularização no Brasil, buscando foco em relação ao pós-Segunda Guerra Mundial, período no qual foi publicada a revista *Ciência Popular* (1948 - 1960). O próximo tópico tratará disso.

1.2 Contexto do período e exemplos de periódicos ligados à divulgação científica

A construção de um ambiente científico foi parte da própria formação de um projeto político do país. A abertura dos portos “às nações amigas” e a chamada “missão francesa”, ambas sob o governo joanino, geraram grande interesse da comunidade científica europeia pelo Brasil, cujas expedições de exploração ajudaram a definir a identidade das terras brasileiras (BARREIRO, 2002). Nas negociações, visando ao reconhecimento da independência, Dom Pedro fez questão de comprar a Biblioteca Real, núcleo original do que viria a ser a atual Biblioteca Nacional (SCHWARCZ, 2002). A partir do Segundo Reinado, principalmente, diversas instituições se organizaram para promover o estudo científico do Império do Brasil (HEIZER; VIDEIRA, 2001). Todavia, é justo dizer que tais esforços não conseguiram gerar uma produção científica efetiva em território brasileiro.

Moreira e Massarani (2002) afirmam que ainda não havia consolidação da pesquisa científica no Brasil, no começo do século XX. Nos anos 1920, houve uma maior divulgação da ciência no Rio de Janeiro, iniciativa de um grupo constituído por pessoas com plano de desenvolver a pesquisa científica, “entre as quais Manoel Amoroso Costa, Henrique Morize, os irmãos Osório de Almeida, Juliano Moreira, Edgard Roquette-Pinto e Teodoro Ramos” (MOREIRA; MASSARANI, 2002, p. 52). Eles visavam delinear uma maneira para a pesquisa básica e para o crescimento da propagação científica no Brasil. O estabelecimento da Academia Brasileira de

Ciências (ABC), em 1922, foi uma referência no período. Nessa instituição, em 20 de abril de 1923, foi fundada a primeira rádio do Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que produziu revistas como a *Rádio - Revista de divulgação científica geral especialmente consagrada à radiocultura* e a *Electron*, ambas ligadas à radiocultura e dirigidas por Roquette-Pinto (MOREIRA; MASSARANI, 2002, p. 54).

Na década de 1920, no Brasil, havendo a “criação de condições para o desenvolvimento da pesquisa básica”, a divulgação científica foi relevante quanto à “difusão das ideias de seus protagonistas sobre a ciência e sua importância para o país”:

O objetivo era sensibilizar direta ou indiretamente o poder público, o que propiciaria a criação e a manutenção de instituições ligadas à ciência, além de maior valorização social da atividade de pesquisa. No entanto, o caráter da divulgação realizada era ainda fragmentado e lacunar, reflexo direto da situação ainda muito frágil do meio científico de então (MOREIRA; MASSARANI, 2002, p. 56).

Conforme Moreira e Massarani, a ciência no Brasil progrediu aos poucos entre os anos 1930 e 1970, com o estabelecimento “das primeiras faculdades de ciências” e de instituições como o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (1949); o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq - 1951), a agência pioneira de fomento à pesquisa no Brasil; o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (1952); e o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (1952) (2002, p. 56).

Nas palavras desses autores, a atuação de cientistas e acadêmicos na divulgação da ciência “parece ter sido relativamente menos intensa” em comparação aos anos 1920. Entre as atividades marcantes do período, o Instituto Nacional do Cinema Educativo (INCE), originado em 1937 e sob a direção de Roquette Pinto, deu origem a filmes de pouca duração (normalmente de 3 a 30 minutos) entre os anos 1930 e 1960, “voltados para educação em ciências, para a divulgação de temas científicos e tecnológicos ou para a difusão de informações sobre algumas das principais instituições científicas do país” (MOREIRA; MASSARANI, 2002, p. 56). Livros também se tornaram relevantes em relação à divulgação científica, como a série *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, produzida por Monteiro Lobato, na qual a ciência aparece de maneira “quase sempre” destacada, “com uma perspectiva redentora e como um instrumento para a superação

do subdesenvolvimento nacional” (MOREIRA; MASSARANI, 2002, p. 58). Outro exemplo é *O homem que calculava*, de Júlio César de Mello e Souza, “que escrevia sob o pseudônimo de Malba Tahan”. Ao escrever várias obras, esse professor buscou disseminar a matemática, por meio de “aspectos curiosos e históricos” da área “e que traziam quebra-cabeças e passatempos matemáticos” (MOREIRA; MASSARANI, 2002, p. 58).

De acordo com Ferreira (2020, p. 11), no Brasil, a realização da Ciência “de modo a contemplar diferentes áreas do conhecimento” ganhou força com o surgimento da Universidade de São Paulo (USP) em 1934. Entretanto, a pesquisa foi vinculada ao ensino superior apenas em 1961, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Conforme Ferreira, os governos brasileiros, tanto o federal quanto os estaduais, intensificaram o estabelecimento de institutos de pesquisa e universidades na segunda metade do século XX.

O estabelecimento de sociedades como as ligadas à Biologia, à Botânica, à Entomologia e à Química são exemplos de ações de cientistas “na primeira metade do século XX” (FERREIRA, 2020, p. 37).

As atividades realizadas nos anos 1940, 1950 e 1960, como “criação de institutos” e “organização do trabalho acadêmico”, estão ligadas à “aliança de intelectuais nacionalistas - civis e militares”, que buscava fortalecer a produção da ciência. Esta “deveria trazer autonomia e benefícios econômicos e sociais ao país”. Com a SBPC e os apoios institucionais, houve maior aproximação entre os cientistas (FIORAVANTI, 2020, p. 70).

Na década de 1940, a organização e a importância dada à ciência no Brasil aumentaram conforme “a força do avanço tecnológico demonstrada por países participantes da Segunda Guerra Mundial” (BARBOSA, 2017, p. 20). A disputa entre os países capitalistas centrais e o bloco soviético, chamada de “Guerra Fria”, fez da questão atômica, visível no noticiário e na política mundial, tema recorrente em revistas e jornais voltados para um público não especializado. Os avanços da “corrida espacial” deslumbraram pessoas com as máquinas criadas e as possibilidades

abertas. Tanto a energia atômica quanto as viagens espaciais tornaram-se parte da cultura popular, por meio de programas de rádio, cinema, livros baratos, histórias em quadrinhos. A ciência, ou, ao menos, uma versão espetacularizada dela, passou a ser parte do cotidiano.

Neste contexto, ganharam destaque trabalhos como o de José Reis, “considerado um dos pioneiros do jornalismo científico no Brasil” (MOREIRA; MASSARANI, 2002, p. 58), que iniciou sua trajetória na década de 1940. Reis atuou como escritor da seção dominical “Mundo da Ciência”, da *Folha da Manhã*; entre 1955 e 1962, envolveu-se com a seção da revista *Anhembi*, “Ciência de 30 Dias”; e cuidou de iniciativas como produção de livros para crianças e adolescentes e realização de programas científicos de rádio. Além disso, de acordo com Moreira e Massarani (2002), José Reis também contribuiu para a criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 1948. Para Reis (2018, p. 41), “se quiséssemos definir o objetivo da divulgação científica, poderíamos dizer que ela procura familiarizar o leitor com o espírito da ciência”.

O suplemento dominical “Ciência Para Todos” é um exemplo de divulgação científica publicado no período pós-Segunda Guerra Mundial. A publicação foi realizada no Rio de Janeiro entre 1948 e 1953, como parte do jornal *A Manhã*. Segundo o periódico, a “atividade científica” progrediu e interferiu “na vida cotidiana da humanidade” (*A Manhã*, n. 1, março 1948, p. 1 *apud* ESTEVES, 2006, p. 53). O primeiro editorial do suplemento “Ciência Para Todos”

[...] descrevia a ciência como a base do progresso industrial daquela época e como uma atividade redentora, fundamental para o desenvolvimento do Brasil e para a própria felicidade humana. Naquele contexto, divulgar as realizações dos cientistas era uma missão, um dever cívico que CpT [Ciência para Todos] assumia (ESTEVES, 2006, p. 59).

Assuntos científicos também ganharam destaque em periódicos de perfil mais diversificado:

No início dos anos 50, além das discussões sobre o uso militar e civil da energia nuclear, o fato de o cientista brasileiro Cesar Lattes ter participado na descoberta e identificação do méson pi, nos anos 1947-1948, contribuiu para um interesse público generalizado pelas ciências físicas. Revistas de

circulação geral, como *O Cruzeiro* e *Manchete*, trouxeram muitas matérias sobre essa área, enfatizando as atividades de instituições e pesquisadores brasileiros e os desenvolvimentos recentes no domínio da energia nuclear (MOREIRA; MASSARANI, 2002, p. 57, 58).

O ano de 1951 foi marcado pela fundação das agências brasileiras pioneiras de “financiamento do então nascente sistema de produção científica”, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes (FERREIRA, 2020, p. 12). Essas agências, “em conjunto com as universidades e institutos de pesquisa, formaram a engrenagem que movimentou e fez crescer a ciência brasileira” (FIORAVANTI, 2020, p. 64, 65).

O CNPq iniciou “a oferta institucional de bolsas de pesquisa no Brasil” e, por meio da Capes, “constituíram-se na década de 1960 os primeiros cursos de pós-graduação no país” (FIORAVANTI, 2020, p. 66, 67). A pós-graduação apareceu timidamente no Brasil nos anos 1940 e apenas na segunda metade da década de 1960 foi associada ao desenvolvimento de pesquisadores.

Contribuíram substantivamente para isso o Parecer 977, de dezembro de 1965, do Conselho Federal de Educação, conhecido por Parecer Sucupira (elaborado pelo filósofo Newton Sucupira), e a reforma universitária de 1968. Como resultado, foram ampliados os recursos para financiamento da pós-graduação, o que possibilitou sua expansão (FERREIRA, 2020, p. 12).

Em 1967, também no âmbito federal, foi estabelecida a Financiadora de Estudos e Projetos – Finep. O surgimento das fundações estaduais de amparo à pesquisa já havia ocorrido em 1962, com a Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo – Fapesp, e, posteriormente, em 1964, com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul – Fapergs. Contudo, “foram seguidos pelos demais estados somente duas décadas depois.” (FERREIRA, 2020, p. 12).

O ano de 1948 foi importante para a comunidade científica no Brasil, devido ao mencionado estabelecimento da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC. A entidade foi estabelecida em 8 de julho daquele ano, no período pós-Segunda Guerra Mundial. Nos Estados Unidos da América e países da Europa, eram promovidas iniciativas de progresso da economia por meio do desenvolvimento

científico e tecnológico. No Brasil, o “aparato científico” era menor. Entretanto, ao nascer a SBPC, “se seguiram ações – como a criação de agências de fomento, universidades e institutos de pesquisa – que viriam, em poucos anos, a ampliar o número de atores e alargar o cenário científico brasileiro.” (FIORAVANTI, 2020, p. 51). Outras atividades também foram iniciadas como:

[...] as conferências, que deveriam cobrir “o maior campo possível da ciência”, a “crítica e análise de atos públicos ou privados que interessem à ciência, aos cientistas e aos institutos de pesquisa” e a “publicação de revista adequada aos fins da sociedade”. (2004, HAMBURGER, Amélia I. *apud* FIORAVANTI, 2020, p. 57, 58).

Uma das características da SBPC é acessibilidade a todos os que se interessam pela ciência. Segundo Fioravanti (2020, p. 59), “269 participantes da primeira Assembleia Geral da SBPC”, realizada em 8 de novembro de 1948, constituíam a “diversidade de profissões e instituições na lista de sócios fundadores”.

Em 1949, na SBPC, foram iniciados encontros para apresentações de trabalhos ligados à ciência, além de discussões de várias áreas do conhecimento, e “publicação de revistas, livros e cadernos que abrangem temas não só científicos, mas também educacionais, culturais e ambientais, dentre outros” (FIORAVANTI, 2020, p. 61). As reuniões anuais caracterizam os encontros e a divulgação científica foi iniciada com a revista *Ciência e Cultura* (FIORAVANTI, 2020, p. 61). Germana Barata e Graça Caldas comentam que a apresentação do periódico foi realizada em julho de 1949, na 1ª Reunião Anual da SBPC, em Campinas (SP), sendo a revista brasileira de divulgação científica com maior duração. Segundo as estudiosas:

No momento de sua criação, a C&C foi fundamental para ampliar o acesso ao conhecimento científico produzido no país, amalgamar a comunidade acadêmica, sensibilizar governantes para a importância da área e apresentar a ciência à sociedade. Esse contexto é necessário para entendermos o projeto inicial em que a divulgação científica fazia parte da missão da SBPC e da revista. (BARATA; CALDAS, 2020, p. 189).

A revista *Ciência Popular* também buscou contribuir para a divulgação científica e tecnológica no período pós-Segunda Guerra Mundial, no Brasil. Era vinculada à *Biblioteca Profissional Brasileira* e dirigida por “um engenheiro do exército, Ary Maurell Lobo, cuja iniciativa não se vinculava a editoras, instituições ou órgãos

governamentais” (SILVA, 2013, p. 136). Lobo pretendia expor a “verdade científica” e a “verdade técnica” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 2), visando, em suas palavras, ao “engrandecimento do Brasil” (*Ciência Popular*, n. 10, jul. 1949, p. 2). Por meio da disponibilidade da revista, no período de publicação (1948 - 1960), os brasileiros seriam situados, em âmbito mundial, acerca de diversos assuntos sobre Ciência e Tecnologia.

Nos próximos capítulos desta dissertação, espera-se contribuir para a análise da revista *Ciência Popular* como periódico de divulgação científica, abordando aspectos editoriais, como a diagramação. Ademais, objetiva-se analisar e compreender a maneira como temas ligados ao sobrenatural são abordados pela revista a partir dessa linha editorial.

CAPÍTULO 2: A REVISTA *CIÊNCIA POPULAR*

2.1 Características gerais

Como exemplo de divulgação da ciência e tecnologia ao público em geral, a revista *Ciência Popular*, o objeto deste estudo, contribuiu para essa atividade no Brasil entre 1948 e 1960. Ary Maurell Lobo dirigiu a revista, a fim de propagar, nacionalmente, informações mundiais da Ciência e Tecnologia, por meio de publicações como editoriais, artigos, seções, notas, tópicos de curiosidades e fotografias. Também apresentava entretenimentos aos leitores, como jogos e questionários. A revista *Ciência Popular* expôs o intuito ligado à comunicação com o público mais amplo:

A preocupação de CIÊNCIA POPULAR é a de rumar para a perfeição, variando sempre, em ordem a proporcionar aos seus milhares de leitores, além das lições científicas e técnicas, novos motivos de entretenimento (*Ciência Popular*, n. 29, fev. 1951, p. 45).

Segundo Catarina Silva, *Ciência Popular* foi publicada em duas versões, idealizada por Ary Maurell Lobo. A primeira versão, que circulou entre 1929 e 1930, foi denominada *Scientia Popular*, com “dez números editados com uma tiragem de mil exemplares cada, mas segundo o próprio editor, ela não conseguiu se manter no mercado e teve encalhes mensais de nunca menos de seiscentos exemplares” (SILVA, 2013, p. 136). O jornal *Correio Paulistano* (mar. 1930, p. 6, *apud* SILVA, 2013, p. 136) divulgou o título como preenchimento de “lacuna” na área da divulgação científica e tecnológica no Brasil:

Poder-se-ia dizer que esta revista, publicada no Rio de Janeiro, vem preencher uma lacuna. Mas isso ainda, seria pouco para significar o quanto representa de útil e valioso o novel mensário carioca, que sob o título “Scientia Popular”, o distinto engenheiro capitão Ary Maurell Lobo lançou à publicidade em novembro do ano último. “Scientia Popular” como o seu nome indica, é um folheto destinado à divulgação científica, sendo escrito em linguagem fácil e atraente, ilustrado com profusão e muito variado, apresentando um texto magnífico de artigos técnicos ou digressivos sobre radiotelegrafia, aviação, eletricidade, física e química, construções em geral automobilismo, engenharia mecânica, telefotografia, televisão, pontes, etc.

Neste comentário sobre o periódico, nota-se a predominância de menções aos temas tecnológicos, como radiotelegrafia, aviação e televisão, entre outros. Caracterizada por abordar temas diversos, a *Scientia Popular* foi publicada “em média” com “50 páginas”

no formato “21 cm X 28 cm”, com variedade de “ilustrações, diagramas e fotografias” (SILVA, 2013, p. 136). Ary Maurell Lobo redigiu grande parte dos artigos, e engenheiros ligados ao exército, seus colegas profissionais, colaboraram com textos para publicação. Ademais, também havia “adaptações ou ‘apropriações’ de revistas estrangeiras” (SILVA, 2013, p. 137).

Textos com “linguagem acessível” e “outros mais elaborados” eram publicados independentemente de haver familiaridade de determinados leitores em relação aos temas complexos. Ainda que o título do periódico aponte à popularização, “o público-alvo seria estudantes mais adiantados, técnicos e leitores com formação educacional, tendo em vista os conteúdos veiculados” (SILVA, 2013, p. 138).

Possivelmente, o insucesso quanto a “vendas ou assinaturas”, o valor dispendioso ligado ao serviço “de impressão em gráficas particulares” e a “incompatibilidade da atividade proveniente da ordem política, uma vez que Lobo como militar se viu obrigado a abandonar o empreendimento com a subida de Vargas ao poder” são os fatores apontados para o encerramento da *Sciencia Popular*. A décima e última edição do periódico apresentou a seguinte justificativa para a suspensão do título por dois meses: “a princípio, deu causa o movimento revolucionário de outubro trazendo incertezas de toda ordem (...)” (*Sciencia Popular*, n. 10, out. 1930, *apud* SILVA, 2013, p. 142). Posteriormente, Ary Lobo atuou na área da divulgação científica e tecnológica no decorrer do Estado Novo, contribuindo com textos para seções jornalísticas e, em 1948, iniciou a nova versão do periódico de divulgação científica e tecnológica dirigido por ele, a *Ciência Popular* (SILVA, 2013).

As bancas de jornais e as agências distribuidoras vendiam as novas edições e as Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil se responsabilizavam pela composição e pela impressão da revista (*Ciência Popular*, n. 12, set. 1949, verso da quarta capa). Entretanto, o retorno da venda do periódico não era suficiente para o custo desses serviços gráficos. O periódico buscava atender ao público mais amplo e a publicação de anúncios auxiliava quanto à manutenção de valor de capa:

Cada exemplar de CIÊNCIA POPULAR é vendido ao grande público pela modesta quantia de três cruzeiros, e a Redação recebe, abatidas as

percentagens dos distribuidores, um cruzeiro e oitenta centavos. Isto é: uma quantia inferior ao custo apenas da composição e impressão, ou quase igual ao custo do papel que é estrangeiro e da melhor qualidade. Incluindo todas as outras despesas, o "deficit" torna-se assaz vultoso. A fim de o diminuir (e destarte evitar um preço alto para a bolsa do pobre), aceitamos anúncios, como aliás o fazem todos os periódicos, pelo mundo a fora (*Ciência Popular*, n. 14, nov. 1949, p. 39)².

A “Organização do Sr. Fernando Chinaglia”³ se encarregava pela distribuição da revista *Ciência Popular* “por todo o Brasil” e, a partir de março de 1949, assumiu o serviço de assinaturas, conforme anunciado na edição n. 6. A administração da revista *Ciência Popular* disponibilizava fascículos atrasados por Cr\$ 10,00 e, quanto aos números esgotados, encontravam-se à venda por Cr\$ 20,00, e o informe da edição n. 12 (set. 1949, verso da quarta capa) indicava aumento da demanda em justificativa:

Das edições dos ns. 1 a 8 não há presentemente nenhum exemplar. Mas as Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil estão trabalhando ativamente na composição e impressão de tais números. Como tem sido avisado, as tiragens serão limitadas, atendendo-se tão somente aos leitores que vêm endereçando os seus pedidos diretamente ao seguinte endereço: "CIÊNCIA POPULAR. Rua Marquês do Paraná, n. 10, Flamengo, Distrito Federal". Far-se-á a remessa pelo reembolso postal, à proporção que cada número for sendo reeditado, e pelo preço de Cr\$ 20,00. Muito convem esclarecer que não há o menor intuito de lucro; a reimpressão aumenta terrivelmente o trabalho que pesa sobre nós, e prejudica o lançamento que pretendíamos fazer de alguns livros (como, por exemplo, uma "Física Nuclear", com a matéria de nosso n. 2).

A tiragem da *Ciência Popular* foi crescente. No primeiro aniversário, a quantidade de impressões chegou a 25.000, conforme exposto pela décima terceira edição (out. 1949); a décima sétima edição (fev. 1950) atingiu 30.000 exemplares. De acordo com Silva (2013, p. 145, 146), “das revistas publicadas, nesse mesmo ano, apenas 10% apresentavam tiragem entre 10.000 e 50.000 exemplares (IBGE, 1953) e quanto maior a tiragem, menor a quantidade de publicações”.

² O conversor de valores do site Acervo Estadão (2021) permite realizar a seguinte comparação: Cr\$ 3,00 (preço da *Ciência Popular* em out. 1948) = 3 jornais Estadão (cada exemplar valia Cr\$ 0,80 em out. 1948) = R\$ 18,75 (valor atual). Segundo Silva, no decorrer do tempo, a atualização do valor do periódico aconteceu em decorrência dos “custos de produção” e da “inflação crescente” (2013, p. 143). Como exemplo, localizei que a edição n. 46, de julho de 1952, valia Cr\$ 10,00. Portanto, realizei outra conversão de valores no site Acervo Estadão (2021): Cr\$ 10,00 (preço da *Ciência Popular* em jul. 1952) = 10 jornais Estadão (cada exemplar valia Cr\$ 1,00 em jul. 1952) = R\$ 50,00 (valor atual).

³ A Fernando Chinaglia foi uma das maiores distribuidoras de revistas do país. O Grupo Abril a comprou em 2007. Veja em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/abril_compra_segunda_maior_distribuidora_do_pais/> Acesso em 03 de maio 2021.

Como uma das características da revista *Ciência Popular*, pode-se relacionar o seu modo de divulgar com a “identidade” de abundância de informações:

Com uma proposta de divulgar os saberes científicos produzidos em todos os campos, *Ciência Popular* caracterizou-se por veicular uma variedade de temas, e com uma riqueza de conteúdo que a tornou uma publicação expressiva para o período, sobretudo entre as de divulgação científica. (SILVA, 2013, p. 150)

Vale destacar que uma das temáticas corresponde ao sobrenatural, a ser tratada com profundidade no terceiro capítulo desta dissertação.

Durante a minha pesquisa anterior, ao analisar as 17 primeiras edições da revista *Ciência Popular*, identifiquei diversos assuntos. Com o objetivo de perceber melhor a organização interna, categorizei os textos da seguinte forma: editoriais; artigos e notícias; notas; seções; e variedades (entretenimentos e relatórios bancários). Notei a variação do número de páginas em cada edição. Há certa padronização nos anos de 1948 e 1949, em torno de 32 páginas. No segundo semestre de 1949, o número de páginas aumenta bastante, chegando a 52, diminuindo novamente a partir de dezembro, a cerca de 36 páginas (MATOS, 2018).

Nos primeiros anos, quando o periódico estava construindo e estabelecendo seu estilo editorial e sua proposta de conteúdo, identifiquei que há diversas seções pertencentes a uma mesma classificação, como jogos / questionários e curiosidades, caracterizando, assim, a revista como “pulverizadora”. Exemplos: seções como “Nada além de 10 linhas...” e “Parece mentira, mas é verdade” estão relacionadas a curiosidades; e “Aposte com os seus amigos” e “Nossos quesitos” são relativas a jogos / questionários. Qualifico a pulverização como multiplicidade de assuntos e à maneira como os artigos estão esparramados por diversas páginas. Como exemplos, um mesmo artigo é interrompido, com sequência mais à frente; e vários pequenos artigos são inseridos numa mesma página. Por vezes, havia notas, curiosidades curtas e fotografias com legenda em determinada página.

A revista fazia questão de afirmar não ser “limitada” ao território nacional:

Nenhum periódico científico há de querer ser nacional. Isto é: limitar-se a noticiar o que ocorre em seu país. Nem mesmo quando se trata de um grande centro de pesquisas, como o são os Estados Unidos, a União Soviética, a Alemanha, a Suíça, a França, a Suécia, etc. O alvo em que todos põem a mira é o mundo em seus quatro quadrantes. Neste particular, até parece um milagre o que está ocorrendo com CIÊNCIA POPULAR, que dispõe das melhores fontes e por todos os continentes, apesar de vir a lume num meio de reduzido valor em coisas de cultura (*Ciência Popular*, n. 45, jun. 1952, p. 12).

Com a revista *Ciência Popular*, o diretor-geral Ary Maurell Lobo buscava divulgar os acontecimentos científicos e tecnológicos realizados no mundo. Eram acessíveis aos leitores textos, como artigos, notícias e notas, cujas temáticas estavam ligadas aos campos da Medicina, Química, Física, Engenharia e Atualidade, por exemplo. Também havia conteúdos, como jogos, questionários, concursos, notas fotográficas e extraordinárias, miscelâneas, relatórios bancários, suplementos sobre Higiene e Segurança do Trabalho e artigos sobre aspectos teológicos e sobrenaturais (MATOS, 2018). O formato grande condiz com a ampliação da quantidade de conteúdo em uma edição (MATOS, 2018):

As dimensões de CIÊNCIA POPULAR são as que mais convêm a um periódico com o seu programa. Realmente, por causa disso, as nossas despesas avultam, mas o que nos interessa sobretudo é apresentar o melhor (*Ciência Popular*, n. 24, set. 1950, p. 7).

O próximo tópico deste capítulo será dedicado à análise do discurso do editorial de lançamento da segunda fase da *Ciência Popular*, procurando entender as motivações do periódico e a forma como a divulgação científica será trabalhada, ou seja, a explicação da publicação. Segundo o título do editorial publicado na edição n. 1 (out. 1948) da *Ciência Popular*, Ary Lobo buscou mostrar a “razão de ser” e o “programa” da revista. Para Goodwin Jr., nos editoriais de lançamento, “podem ser encontradas as linhas gerais que o periódico pretendia ter como marcas identificadoras” (2015, p. 108, 109) e, de acordo com Elza Miné (2000, p. 171):

Ao colocar-se diante de seu público, toda publicação periódica procura, através de um texto de apresentação ou editorial de lançamento, manifestar os objetivos a que se propõe: diz a que vem e como pretende ser, preocupando-se ainda, frequentemente, em justificar a sua aparição.

2.2 Editorial de lançamento da revista *Ciência Popular* (1948): análise do discurso

A maneira como a ciência é entendida, os objetivos da revista *Ciência Popular* e a formação do diretor/editor Ary Maurell Lobo podem ser analisados pela relação entre o editorial do fascículo n. 1 (out. 1948)⁴ e a teoria de Eni Orlandi (2013) sobre Análise de Discurso e o trabalho do analista. A contribuição da estudiosa para esta pesquisa está relacionada ao estudo da ligação entre linguagem, história e ideologia, o que permite relacionar esse estudo com as motivações relativas à divulgação científica na revista denominada *Ciência Popular*.

Orlandi (2013) reflete sobre a relação entre a língua, os sujeitos e a situação. A língua relaciona-se à produção do dizer; e tanto os sujeitos quanto a situação estão vinculados à “exterioridade”. Desse modo, há a consideração da análise discursiva, de acordo com “o homem na sua história”, bem como os “processos” e as “condições de produção” (ORLANDI, 2013, p. 16). Busco, pois, aplicar essa reflexão na leitura do discurso do editorial publicado na edição n. 1 da revista *Ciência Popular* (out. 1948), escrito pelo diretor-geral Ary Maurell Lobo. Com essa análise, procuro contribuir com o estudo da linguagem empregada no editorial, identificando nele as motivações de Ary Lobo como divulgador científico.

Segundo Orlandi (2013, p. 25), “na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história”. A análise de discurso reúne três tipos de conhecimento: “a teoria da sintaxe e da enunciação”, “a teoria da ideologia”, e “a teoria do discurso, que é a determinação histórica dos processos de significação”. Pelo uso dos conceitos definidos por Orlandi, como “inteligibilidade”, “interpretação”, “compreensão”, “condições de produção”, “interdiscurso”, “antecipação”, “relações de força”, “formação discursiva” e “ideologia”, analiso a maneira como a ciência é entendida, os objetivos da revista e a formação do diretor/editor.

⁴ O editorial completo está no Anexo 1.

Orlandi (2013, p. 30) discorre sobre “condições de produção”. A reflexão está atrelada aos sujeitos, à situação e à memória, os quais produzem o discurso. É importante o modo como as “condições de produção” são postas em ação pela memória. Pode-se, ainda, diferenciar “as circunstâncias da enunciação”, as quais são o “contexto imediato” e o contexto amplo (“sócio-histórico, ideológico”)

Podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. (ORLANDI,2013, p.30).

No caso do primeiro editorial da revista *Ciência Popular*, o contexto imediato é o texto referente aos objetivos do periódico escrito pelo diretor-geral Ary Maurell Lobo, diagramado nas duas primeiras páginas da edição n. 1 (out. 1948). O contexto amplo está atrelado ao fato de que os textos de apresentação, como o primeiro editorial da revista *Ciência Popular*, buscam situar os leitores em relação ao objetivo da publicação, o qual corresponde à divulgação da ciência e da tecnologia como aliada ao desenvolvimento dos cidadãos. Além disso, as iniciativas seguintes de produção científica no Brasil, no período pós-Segunda Guerra Mundial, ressaltam ainda mais o contexto amplo no qual se insere a revista: SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (1948); CNPq - Conselho Nacional de Pesquisas (1951) e CAPES - Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (1951) (BARBOSA, 2017, p. 20-21). Para Barbosa (2017, p. 21), “a criação desses órgãos voltados para o crescimento da ciência eram indícios da importância que o governo e a sociedade passavam a dar ao campo científico”. A revista *Ciência Popular* surgiu nesse ambiente, buscando contribuir para a popularização científica e tecnológica no período pós-guerra, no Brasil.

Eni Orlandi (2013, p. 26) conceitua a distinção entre “inteligibilidade”, “interpretação” e “compreensão”:

A inteligibilidade refere o sentido à língua: “ele disse isso” é inteligível. Basta se saber português para que esse enunciado seja inteligível; no entanto não é interpretável pois não se sabe quem ele é e o que ele disse. A interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato. [...] Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc.) produz sentidos.

Sobre o 1º termo, uma frase como “Ele pesquisa a revista” é inteligível. Isso corresponde ao entendimento dessa frase escrita em português. No caso do 2º termo, a “interpretação”, diz respeito tanto às “outras frases do texto” quanto ao “contexto imediato”. Para a frase “Ele pesquisa a revista” ser “interpretável”, necessita-se saber quem é “ele” e a identificação da revista. Portanto, pode-se interpretar que “William Matos” pesquisa a revista “*Ciência Popular*”. Em relação à “compreensão”, Orlandi afirma que corresponde ao entendimento do funcionamento da interpretação: “a compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam ‘escutar’ outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem” (ORLANDI, 2013, p. 26). Na oração em análise, pode-se compreender que William Matos pesquisa a revista *Ciência Popular* para Iniciação Científica, Trabalho de Conclusão de Curso, Dissertação de Mestrado ou Tese de Doutorado.

Podem-se aplicar os conceitos de “inteligibilidade”, “interpretação” e “compreensão” no seguinte trecho do já citado primeiro editorial da *Ciência Popular*: “Por contingências fatais, com relação à ciência e à técnica, há, no atual momento da História, apenas três grandes coletividades: os Estados Unidos da América, a União Soviética e a Grã-Bretanha” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 1). A expressão “por contingências fatais” é inteligível, entretanto não é interpretável, pois é necessário que o leitor entenda quais são as “contingências fatais”, e essa frase solta dificulta esse entendimento. Isso pode estar implícito no seguinte trecho: “os homens de hoje podem queixar-se de que a rutura do equilíbrio anterior é, na mór parte, fruto da ciência e da técnica” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 1). Lendo todo o trecho do texto, o leitor interpreta que os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha e a União Soviética formam “as três grandes coletividades” e, dessa maneira, a vinculação entre “grandes coletividades” e desenvolvimento é um ato de interpretação. Além disso, o leitor precisa compreender o contexto do período da publicação, o qual corresponde ao período pós-Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, a “rutura do equilíbrio anterior” corresponde à: “ciência que avançou em profundidade e largura, conseguindo descobrir inúmeros segredos que a natureza guardava avaramente”; e

[...] [à] técnica, cúmplice da ciência, que realizou e aperfeiçoou instrumentos e aparelhagens que dão ao “rei da Criação”, ou melhor: ao “bicho da Terra tão pequeno” o completo domínio da energia em suas várias formas, e lhe permitem prosseguir em pesquisas e indagações (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 1).

Segundo o diretor-geral Ary Maurell Lobo, para amenizar as diferenças entre os “três grandes” e os demais países, é necessário que esses últimos estejam mais atentos à ciência e à técnica. Mesmo a Segunda Guerra Mundial não sendo apontada explicitamente, é possível inferir que ele apresentou elementos relacionados a esta, como a referência à energia nuclear: “o completo domínio da energia em suas várias formas” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 1).

Também é importante analisar a noção de “interdiscurso”, a qual se refere à memória do “dizível”: a “formulação” é estabelecida pela “constituição”, pois o “dizer (formular)” é feito conforme a posição na concepção do “dizível (interdiscurso, memória)”. Os sentidos são tirados do seguinte jogo: “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação)” (ORLANDI, 2013, p. 33). O “interdiscurso”, no editorial de lançamento da *Ciência Popular*, está relacionado à maneira como Lobo mostra a crença de que as informações periódicas ligadas à ciência e à tecnologia contribuirão para o crescimento dos brasileiros. Com o intuito de persuadir os leitores brasileiros quanto aos objetivos da *Ciência Popular*, Ary Lobo aponta que “obra de sadio patriotismo será a de abrir os olhos aos bons brasileiros, que os há, e muitos. Entre as autoridades legalmente constituídas, e entre o Povo. Fardados, e à paisana” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 2). E ainda:

E isto deverá ser feito, mostrando-lhes a ciência verdadeira e a técnica verdadeira, tais como se apresentam nos Estados Unidos da América, União Soviética, e Grã-Bretanha mui principalmente, e na Bélgica, França, Suíça, Itália, Suécia, Argentina, e até no Brasil, onde muitos trabalhos honestos e importantes são realizados cada dia (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 2).

O periódico buscava apresentar a ciência como uma importante aliada do progresso da nação. Conforme Silva (2009), Ary Maurell Lobo estudou em instituições militares, influenciadas pelo Positivismo, o qual dá muita atenção à técnica e à ciência:

Vale salientar que Maurell Lobo teve a sua formação educacional nas diversas instituições em que [o] positivismo se consolidou de maneira mais acentuada. É possível inferir que a influência do positivismo na sua formação foi sendo ampliada a cada instituição em que ele passava. Enquanto esteve na Escola de Realengo, foi subordinado do Marechal Cândido Rondon, positivista convicto. Mais tarde, durante o período de publicação da revista *Ciência Popular*, o Marechal Rondon foi um dos incentivadores e colaboradores da revista (SILVA, 2009, p. 35).

Sobre a “proposta educativa da concepção positivista”, Silva (2009) comenta que:

[...] visava educar através da família, da moral e do civismo. Por meio da educação o homem se libertaria da ignorância e da desordem e, por isso, se dirigiria a todos sem distinção de classe ou qualquer outra diferença social. A aquisição do conhecimento científico com o objetivo de divulgar e educar era de fundamental importância para os positivistas. A educação nas ciências era vista como essencial, independente da atividade profissional exercida (SILVA, 2009, p. 35).

Dessa maneira, como exemplo de “memória (constituição)”, pode-se relacionar essas influências aos pensamentos de Lobo:

Tenho presente aquilo de Antônio Feliciano Castilho, em “Colóquios Aldeões”:

- “Atiro a semente; alguma há-de cair em terra que a desenvolva. E se não cair, paciência. Façamos nós o que devemos, e os outros que façam o que bem lhes parecer.” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 2).

Orlandi (2013) conceitua que o discurso é concebido em sentidos, devido à inscrição do sujeito em determinada formação discursiva, a qual representa as “formações ideológicas” no discurso. “Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem” (ORLANDI, 2013, p. 43). A fim de haver sentido, a ideologia está atrelada à relação do sujeito com a língua e a história. “O efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito. Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade” (ORLANDI, 2013, p. 48). Conforme Silva (2009), ainda como estudante, o desempenho de Ary Maurell Lobo em ciências físicas e a sua atuação em rádio estimularam o seu interesse em ciências e em divulgação científica, respectivamente, interpreta-se isso como exemplo de formação discursiva. Vale evidenciar, como exemplo dessa consideração que, no ano de 1923, enquanto era discente de Engenharia da Escola Politécnica, Ary Lobo esteve presente quando foram iniciadas as transmissões da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a qual tinha

a finalidade de “difusão de assuntos culturais e científicos” (MASSARANI, 1998, p. 81 *apud* SILVA, 2013, p. 141). A Rádio foi estabelecida “por um grupo de cientistas e intelectuais e por Edgard Roquette-Pinto” (SILVA, 2013, p. 141). Lobo também idealizou a Biblioteca Profissional Brasileira:

O empenho e entusiasmo em difundir o conhecimento científico, o levou a criar uma editora denominada *Bibliotheca Professional Brasileira*. Além de publicar as conferências proferidas nas rádios, a editora tinha como propósito editar os mais variados títulos acerca de temas relacionados à ciência (SILVA, 2009, p. 28).

Ary Lobo considerava a divulgação do conhecimento científico como utilidade ao público mais amplo:

CIÊNCIA POPULAR, amiga da verdade científica e da verdade técnica, não tem fins ocultos. Fiel ao Brasil, não será americanófila ou americanófoba, anglófila ou anglófoba, russófila ou russófoba, mas brasileira cento por cento. E por isto divulgará com a máxima justeza as coisas boas que os cidadãos de quaisquer nacionalidades e credos políticos criem ou aperfeiçoem, e cujo conhecimento seja útil aos cidadãos em geral (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 2).

Na análise do editorial de lançamento da *Ciência Popular*, também é importante aplicar o conceito de “antecipação” (ORLANDI, 2013, p. 39), pois é um mecanismo que permite ao sujeito controlar o processo de argumentação segundo a maneira como ele pensa dizer ao interlocutor. A noção de “antecipação” está atrelada à maneira como o locutor pode saber o “lugar em que o seu interlocutor ‘ouve’ suas palavras”. Para exemplificar, “este espectro varia amplamente desde a previsão de um interlocutor que é seu cúmplice até aquele que, no outro extremo, ele prevê como adversário absoluto” (ORLANDI, 2013, p. 39). Assim, pode-se interpretar que Ary Lobo escreveu o editorial de lançamento visando ao público interessado em entender as visões da *Ciência Popular* sobre a divulgação científica e tecnológica. Ou seja, infere-se que o editorial de lançamento buscou atender a curiosidades de leitores acerca das causas da revista, conforme o editor as antecipava.

Orlandi (2013) também apresenta que as “relações de força” valem na comunicação, devido à constituição de hierarquias na sociedade: “Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder [de] diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’” (ORLANDI, 2013, p. 39,

40). Relacionando o conceito de “relações de força”, de Orlandi (2013), e o primeiro editorial da *Ciência Popular*, concluo que Ary Maurell Lobo é o idealizador e diretor-geral da revista, portanto, sua posição permite que ele seja o responsável por trabalhar o conteúdo do periódico, bem como escrever os editoriais e selecionar as contribuições externas. Ele é o autor do texto da primeira edição, no qual se identifica a relação entre ciência e visão de desenvolvimento da sociedade. No primeiro editorial da *Ciência Popular*, Lobo expõe os seus desejos como diretor da revista. Como ele considera que as leituras constantes atualizam as pessoas, percebe-se que ele deseja compartilhar e incentivar os brasileiros quanto à importância da ciência e da tecnologia:

sendo a época atual de especialização, é no entanto indispensável que cada profissional tenha sempre uma vista de conjunto. Pois a delimitação de assuntos não passa de um recurso humano, para permitir o estudo em profundidade (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 2).

Mas como o progresso é cotidiano, avalia-se quão difícil será adquirir cultura sólida e ficar a par de tudo quanto sucede, mesmo dentro de uma especialidade. Um dia que não se lê, constitui prejuízo. Uma semana – grande lacuna. Um mês – um desastre (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 2).

Ler nesta época vertiginosa não é fácil. Porque o livro não basta, por mais recente que seja a edição, sempre em atraso com as novas contribuições que, a todos os instantes, estão surgindo para nosso conforto, adiantamento, fecundidade e perfeição em tempo de paz, ou para nossa destruição, aniquilamento, massacre e morte em tempo de guerra (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 2).

Só a leitura de periódicos pode satisfazer, como única fonte mais ou menos em dia. De periódicos como CIÊNCIA POPULAR, a serviço só e só da verdade científica e da verdade técnica, tendo apenas um único compromisso: o de servir, de todas as formas e com todas as suas forças, ao Brasil (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 2).

Os periódicos contribuem, portanto, para tornar a sociedade informada acerca dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos⁵.

Sobre o recebimento de auxílios de publicações estrangeiras, havia a intenção de universalização, conforme o seguinte destaque na capa da edição n. 1: “contato direto e por intermédio de altas agências governamentais com as maiores organizações

⁵ Ary Maurell Lobo exemplifica a colocação de Ana Luiza Martins, de que as revistas periódicas criavam um espaço intermediário entre os jornais e os livros. (MARTINS, 2008, p. 40).

científicas e técnicas do mundo”. No editorial de lançamento, Lobo reforça essa declaração:

[...] não dispenso o auxílio de quantos queiram comigo colaborar, de quantos possam orientar-me e ensinar-me. (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 2)

Esse auxílio eu já o tenho, em parte, de grandes centros estrangeiros, tanto de autoridades como de organizações. Por enquanto, desejo citar apenas os que já me chegaram e virão sem parar dos Estados Unidos da América e da Grã-Bretanha. Mas o de que preciso sobretudo é o amparo das autoridades e do Povo da minha Terra, sem o qual será inútil a obra que pretendo realizar. (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 2).

Lobo afirma que a *Ciência Popular* não pretende se tornar uma “colcha de retalhos” desses textos, devido à concepção de que o estudo é mais valorizado quando é trabalhado em conjunto e não de maneira estritamente individual, apesar de o diretor geral da revista fazer quase tudo individualmente e de a diagramação da revista passar a impressão, justamente, de uma colcha de retalhos.

Os conceitos estabelecidos por Eni Orlandi como “inteligibilidade”, “interpretação” e “compreensão”; “condições de produção”; “interdiscurso”; “antecipação”; “relações de força”; “formação discursiva” e “ideologia” permitem analisar o que está além da estrutura textual do editorial de lançamento da revista *Ciência Popular* (1948) escrito por Ary Lobo. Desse modo, verifico que ele está inscrito na “formação discursiva” relacionada à educação em ciências e à divulgação científica e tecnológica como meio de contribuição à atualização e ao desenvolvimento intelectual dos cidadãos. Além disso, sua posição como editor permite que o editorial seja escrito e publicado a fim de cumprir com o seu intuito de propagar noções do progresso por meio da ciência e da tecnologia.

Ademais, a construção discursiva conta também com aspectos gráficos para o êxito da divulgação científica e tecnológica. O próximo tópico discute a relação entre esses elementos e os objetivos editoriais e discursivos.

2.3 Características gráfico-editoriais da revista *Ciência Popular*: estratégia de apresentação

Os aspectos gráficos também são uma maneira de a revista *Ciência Popular* se apresentar e criar um ambiente de leitura. A pulverização e o uso de destaques são uma característica de toda a revista. Os elementos gráficos são vistos como uma estratégia de apresentação do periódico, para conduzir o leitor a atingir o resultado esperado, a divulgação científica.

Os aspectos gráficos não são considerados isoladamente, pois contribuem para objetivos editoriais e discursivos. Segundo Marcuschi (2010),

[...] é bom salientar que, embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou linguísticos, e sim por aspectos sociocomunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estamos desprezando a forma. Pois é evidente [...] que em muitos outros casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente (MARCUSCHI, 2010, p. 22).

O autor destaca a importância de considerar o suporte como parte da leitura. Como exemplo, a forma de divulgação científica da *Ciência Popular* está relacionada a uma revista mensal com publicação de diversos gêneros diagramados, como editoriais, artigos, notas e curiosidades.

Elementos gráficos são associados a “formas” como “aparato” que recebe o propósito de um periódico como o jornal, por exemplo, quanto à organização dos fatos, “diferindo das formas como outros veículos se referenciam com o mundo” (PORTO, 2012, p. 29). Mouillaud (2012) identifica as “formas” como “dispositivos”, que, independentemente do tempo presente, “permanecem inalteradas”. O autor reflete sobre a atuação e a identidade do jornal como “instrumento periódico” em um mundo onde há troca de informações em âmbito geral:

Penso, até mesmo, que seja por causa da incessante permuta da informação que um “instrumento periódico” como o jornal tenha necessidade de estruturas estáveis que sirvam para pôr um pouco de ordem no caos do mundo (“barulho e furor”, segundo Shakespeare) e permitam ao leitor reconhecer o mesmo jornal, de um número a outro; “o” jornal e não apenas “seu” jornal, porque essas formas são relativamente autônomas com relação à personalidade de cada um dos jornais (pelo menos, no interior de uma

categoria de imprensa homogênea, dado que é justamente a diversidade dos mesmos que caracteriza a diferença entre o que é chamado de um “grande” jornal daquilo que é tido como imprensa popular [...] (MOUILLAUD, 2012a, p. 41, 42).

Mouillaud considera a diagramação como uma “área espacial” que influencia tanto as “formas” como os “conteúdos”. Por meio dessa área, inicia-se a “produção do sentido”. Há influência entre “todos os elementos visuais” e um *designer* gráfico deve visar coerência e impressão de “sentido a elementos dispersos sobre um dado espaço” (ARAÚJO, 2008, p. 373). Voltando à reflexão sobre um periódico como o jornal, a diagramação foi gradualmente estabelecida “ao longo da história”: “paginação-disposição em colunas – seções – títulos” (MOUILLAUD, 2012b, p. 43). A linguagem visual é importante para tornar a leitura orientada, ágil e agradável. Além do cuidado com o texto, a parte gráfica também deve ser voltada para persuadir leitores. A diagramação é uma atividade tanto técnica quanto criativa, na qual se pode imprimir a emoção e a estética na materialização. O caminho deve ser realizado entre a junção de conteúdo e forma, visando à tradução do trabalho final quanto à “consciência do seu valor informacional e estético” (SILVA, 1985, p. 40). Com a diagramação textual e visual, objetiva-se tornar fácil a percepção do leitor em relação à proposta do autor para o texto. Geralmente, as decisões quanto à diagramação são baseadas nas “ideias que as palavras deverão representar”, “os elementos gráficos a serem usados”, “a importância relativa das ideias e dos elementos gráficos” e “a ordem de apresentação” (SILVA, 1985, p. 43). Os elementos textuais e os aspectos gráficos estão agrupados. Ou seja, um orienta o outro:

[...] pode-se definir a diagramação como sendo a atividade de coordenar corretamente o material gráfico com o material jornalístico, combinar os dois elementos com o objetivo principal de persuadir o leitor. O gráfico orientando o texto e vice-versa (SILVA, 1985, p. 45).

Assim como em outras formas de comunicação, na linguagem artística, há emissor (como um diagramador), um meio de transmissão de informação (como jornal e revista) e um receptor, o qual é o leitor ou o observador. Uma comunicação visual diz respeito a tudo o que é captado por meio da visão (SILVA, 1985). Como exemplo aplicado ao jornalismo,

[...]a arte gráfica começa pela diagramação; desdobra-se na escolha dos tipos; complementa-se na confecção das manchetes. Estabelecem-se as relações do gráfico com o assunto. Segundo ele [Celso Kelly], as ilustrações aquecem o texto; dão visualidade pronta, antes da leitura. Fotos, caricaturas, anúncios, enxertam-se em meio aos textos, quebram-lhe a monotonia, imprimem movimento ao todo. Eis o grande arranjo estético, a orquestração gráfica do jornalismo. As artes gráficas e plásticas se põem a serviço de atração e sugestão, em complemento da arte da palavra (SILVA, 1985, p. 28).

O discurso jornalístico está atrelado ao termo denominado “dispositivo”, que “não é uma simples entidade técnica, estranha ao sentido”. Os dispositivos são “materiais” ou “imateriais” nos quais são inscritos “os textos (despachos de agências, jornal, livro, rádio, televisão etc.)” (MOUILLAUD, 2012c, p. 52). Qualquer maneira de inscrição, como “linguagem”, “icônica”, “sonora” e “gestual”, é considerada texto. Ademais, as formas dos textos são determinadas pelo dispositivo, que é uma “matriz” (MOUILLAUD, 2012c, p. 53). No caso da revista *Ciência Popular*, as páginas, as diagramações dos elementos textuais e visuais, os acabamentos gráficos, as fontes, as imagens, as colunas, o formato: todos esses aspectos formam o produto editorial ligado à divulgação científica popular brasileira. Como exemplo de diagramação, será mostrada a página 59, em que foi publicada a seção “*Ciência Popular* na Esferas do Sobrenatural” na edição n. 26 (nov. 1950):

Figura 01: Revista *Ciência Popular* (n. 26, nov. 1950, p. 59)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Conforme os aspectos a seguir, é possível concluir que a diagramação orienta o leitor quanto as seguintes fases da leitura:

- ✚ Identificação da seção: imagem, marca da revista e nome da seção em caixa alta. A ilustração de uma pessoa de olhos tapados com as mãos é associada ao não observável, o que reforça o título “*Ciência Popular* nas Esferas do Sobrenatural”;
- ✚ Formatação do título do texto “O espiritismo como ciência” e do nome do autor: caixa alta e destaque em negrito;
- ✚ Conteúdo do texto: divisão em quatro colunas com letras minúsculas, menores e serifadas. Há uma linha acima das duas primeiras colunas e outra linha abaixo das duas últimas colunas.
- ✚ Destaque da nota “uma explicação necessária”, escrita por Ary Maurell Lobo: o título está ampliado e em caixa alta. A segunda linha está acima da nota.

Além disso, entende-se também que as fontes menores dos conteúdos dos textos correspondem ao aproveitamento do espaço da página 59, as serifas dos tipos facilitam a leitura. A formatação em itálico do texto de Ary Maurell Lobo evidencia a distinção entre aquilo que foi escrito pelo leitor Octavio Leite (“assim pensa o leitor” está acima do título do artigo) e o que foi redigido pelo diretor geral. O conteúdo do texto de Leite não está formatado em itálico. Ademais, a formatação diferenciada da nota de Lobo corresponde a um esforço deliberado de comunicação com os leitores. Ressalto que uma das características gráficas da *Ciência Popular* era repartir um texto em segmentos diferentes de uma determinada edição. No exemplo citado, percebe-se um esforço para manter todo o texto numa mesma página. Possivelmente, por ser um texto de leitor, o editor entendesse ser melhor manter o texto e o esclarecimento editorial juntos, na mesma página.

Conforme Mouillaud (2012), como o texto concebe o dispositivo e vice-versa, é estabelecido o dinamismo dessa relação. Os textos não são passivos, pois “se o jornal gerou os títulos, como a cidade gerou as vitrines e as tabuletas, os títulos ‘fazem’ o jornal e as tabuletas a cidade, da qual elas são a receita” (MOUILLAUD, 2012c, p. 51). Vale ressaltar que o diretor-geral Ary Maurell Lobo considerou a matriz “revista” como

um meio de periodizar os conteúdos da *Ciência Popular*, ao valorizar sua proposta de popularização da ciência e da tecnologia como apoio ao Brasil.

O “número e a coleção” correspondem à identidade dos “instrumentos periódicos”. Um número é parte da coleção e “deve e pode ser lido como uma unidade que é suficiente a si própria” (MOUILLAUD, 2012d, p. 161). Como exemplo, um leitor da revista *Ciência Popular* pode ter acesso a um exemplar sem se preocupar em ter toda a coleção. A acessibilidade contribui para a identidade do periódico. Mouillaud reflete a respeito da forma de uso de um periódico como o jornal:

No mundo do arquivista, o número perde sua atualidade. O status do número e da coleção depende do modo de leitura. Desta forma, sob suas duas espécies, o jornal só é um jornal junto com seu leitor: são, cada qual, as duas metades que devem ser reunidas. Acreditar que o jornal existe por si só é confundi-lo com sua materialidade de tinta e de papel. Não são apenas os signos (o texto e a imagem) que acenam para o leitor, mas as propriedades que se pode chamar de pragmáticas. O códex, o formato, a área da página, o próprio papel clamam pela manipulação de um leitor (MOUILLAUD, 2012d, p. 161, 162).

Com isso, reflete-se que os elementos textuais atrelados aos aspectos gráficos formam um todo como um jornal. Tais aspectos guiam o olho do leitor em relação à leitura: “o olho do leitor é pressuposto pelo jornal para que nele se realize a dinâmica que potencialmente contém, assim como o olho do leitor pressupõe fragmentos do jornal”. A dinâmica é o “álibi do sentido”, tendo como requisito “o distanciamento do leitor” (MOUILLAUD, 2012d, p. 174). No caso da revista *Ciência Popular*, a diagramação aproximava-se daquela de um jornal, o que permite utilizar essas considerações. Para Roger Chartier (2001, p. 214), a leitura é um ato com descoberta de “significados e conteúdos singulares”, que não se limita aos propósitos daqueles que fazem parte da produção textual. A leitura corresponde a um “trabalho” do leitor e os elementos gráficos são importantes colaboradores para tal ação. O autor reflete que a apreensão de um texto é dependente de “suporte” com “legibilidade”:

[...] é fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade; qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor. Assim, é necessário fazer uma distinção entre dois tipos de aparato: aqueles impostos pela colocação em forma de texto, pelas estratégias da escrita e intenções do ‘autor’, e aqueles que resultam da manufatura do livro ou da publicação,

produzidos por decisão editorial ou através de processos industriais, e dirigidos aos leitores ou a leituras que podem não ter absolutamente nada em comum com as expectativas do autor (CHARTIER, 2001, p. 220).

Dois elementos são considerados: a legibilidade (como clareza de papel, nitidez dos tipos e tamanho da fonte) e a leiturabilidade (capacidade de leitura e compreensão, tanto a que é dada pelo texto, quanto aquela pertencente a quem lê). Ambas remetem à qualidade de conforto visual do texto impresso.

Não deve haver desvinculação entre conteúdo de periódicos e aspectos gráficos, sendo que o primeiro item é importante quanto à consciência de elementos como “formato, tipo de papel, qualidade da impressão, padrão da capa/página inicial, periodicidade, perenidade, lugar ocupado pela publicidade, presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos” (LUCA, 2011, p. 2). A “análise articulada dos objetivos, conteúdo e estruturação interna, relações entre o textual e icônico, bem como suas formas de utilização e sentidos adquiridos no interior do periódico” correspondem à “natureza da publicação”. Ao relacionar determinadas características com o perfil dos produtores é aprendido “o lugar ocupado pela publicação, seja na história da imprensa, seja em relação aos demais veículos contemporâneos” (LUCA, 2011, p. 3).

Sobre o “suporte” relacionado à revista *Ciência Popular*, a diagramação de gêneros, como editoriais, artigos, notas e seções, era feita com variação de aspectos gráficos, como tipos e tamanhos de fontes, colunas, diferentes tamanhos de imagens e enquadramentos. Uma das características gráficas é a forma pulverizada referente à diagramação de textos. Era recorrente a grande quantidade de assuntos tratados em uma edição. Algumas decisões de diagramação são: uso de textos pequenos para abordar assuntos variados, muitas vezes na mesma página, bem como a inserção de notas em meio a textos maiores; decisão de interromper alguns textos mais longos visando ao início de novos textos, com o encerramento em páginas posteriores, exigindo atenção do leitor quanto à indicação da continuação entre parênteses formatada com fonte menor. Pode-se indicar a seguinte hipótese: iniciação de vários textos na primeira metade da revista, de maneira a capturar a curiosidade do leitor imediatamente, evitando que algum texto ficasse “enterrado” na segunda metade, sem

ser “descoberto”. Nota-se, ainda, que o número de artigos podia ser inferior à quantidade de pequenas notas em um fascículo. Como efeito positivo da *Ciência Popular*, pode-se interpretar a caracterização gráfica como uma forma de divulgar diversos assuntos e seções aos brasileiros em formato periódico.

Havia relação entre o formato da revista e a publicação de imagens, conforme a resposta a um leitor, que havia sugerido diminuir o formato da publicação: “demos preferência ao formato BB em 1/8 para poder, entre outras razões, apresentar fotografias e desenhos em grandes dimensões” (*Ciência Popular*, n. 14, nov. 1949, p. 40). Na nota a seguir, o periódico se compara com a publicação *Seleções* e expõe a relação entre o tamanho reduzido da fonte e a quantidade ampla de conteúdos:

Este n.º de CIÊNCIA POPULAR tem ao todo 48 páginas, o que equivale a 192 no formato de “Seleções”. E como utilizamos o minúsculo corpo 6 sem entrelinhas (os outros periódicos empregam acima de corpo 7 com entrelinhas), um n.º dos nossos contém sempre mais do dobro de matéria que a referida publicação (*Ciência Popular*, n. 20, maio 1950, p. 39).

Com isso, interpreto que os aspectos gráficos não eram apenas técnicos, pois contribuía para o discurso editorial do periódico.

A análise dos elementos visuais da revista *Ciência Popular* permite avaliar a relação entre o suporte e o discurso nele apresentado. Para a metodologia de amostragem, serão selecionados elementos gráficos das seguintes edições: n. 1 (out. 1948), n. 13 (out. 1949), n. 25 (out. 1950), n. 37 (out. 1951) e n. 49 (out. 1952). Assim sendo, buscase analisar elementos de fascículos publicados em cinco anos diferentes ao longo da existência da *Ciência Popular*, o que permite uma comparação dos aspectos editoriais e de diagramação desse período.

2.3.1 Revista *Ciência Popular* (n. 1, out. 1948) - Capa

Figura 02: Revista *Ciência Popular* (n. 1, out. 1948, capa)

Por meio dos elementos da capa do fascículo 1 da revista *Ciência Popular*, o leitor se depara com a identidade do periódico por meio da marca, as informações destacadas como o valor (Cr\$ 3,00), o período correspondente (mês e ano), a identificação da diretoria geral (Ary Maurell Lobo) e a lista dos temas da edição.

A marca *Ciência Popular* está diagramada em quadro vermelho. De acordo com Eva Heller (2013), a cor vermelha está ligada à paixão. É possível interpretar dois perfis: conforme a cor vermelha, a produção do periódico é dedicada à paixão pela ciência e tecnologia e, como indica a ilustração, o público masculino é destacado, o que reflete uma concepção masculinizada dos ambientes técnico-científicos.



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Mais realçada ainda é a ilustração de homens operadores da ciência e da tecnologia, posicionados abaixo da marca do periódico. Áreas como química e mecânica são destacadas nessa imagem. Como compreensão da revista sobre ciência e tecnologia, interpreto que há relação entre trabalho manual em busca de desenvolvimentos científicos e tecnológicos.

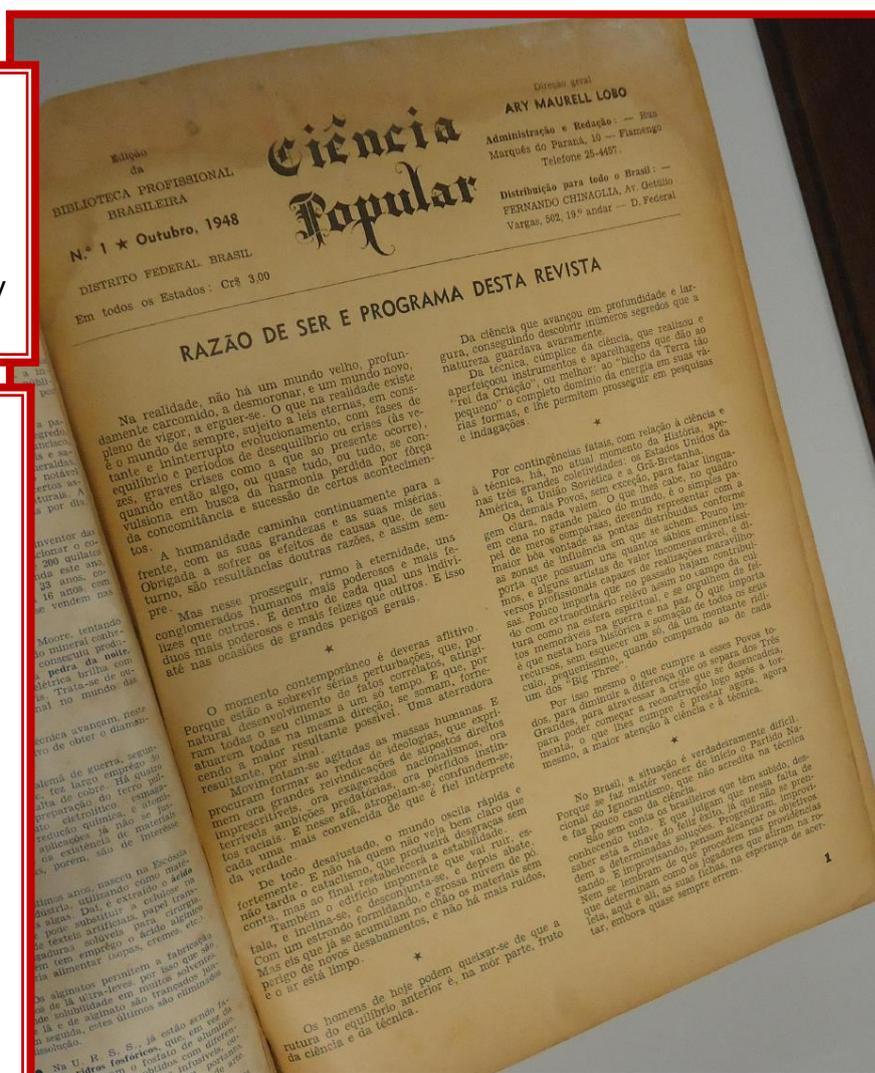
2.3.2 Revista *Ciência Popular* (n. 1, out. 1948) - Exemplos de colunas, fontes, imagens e seções

Figura 03: Revista *Ciência Popular* (n. 1, out. 1948, p. 1)

A página é constituída pelos seguintes elementos: cabeçalho identificador do periódico e primeira parte do editorial de lançamento escrito pelo diretor geral Ary Maurell Lobo.

Por meio do cabeçalho, o leitor conhece a identificação da editora Biblioteca Profissional Brasileira, o valor do periódico em âmbito nacional e os endereços ligados à administração, à redação e à distribuição. O leitor se depara com fontes que destacam informações (negrito e caixa-alta) e fontes menos destacadas (regular e caixa-baixa). Há uma linha separando o cabeçalho e o editorial de lançamento e percebe-se que isso contribui para a organização dos elementos.

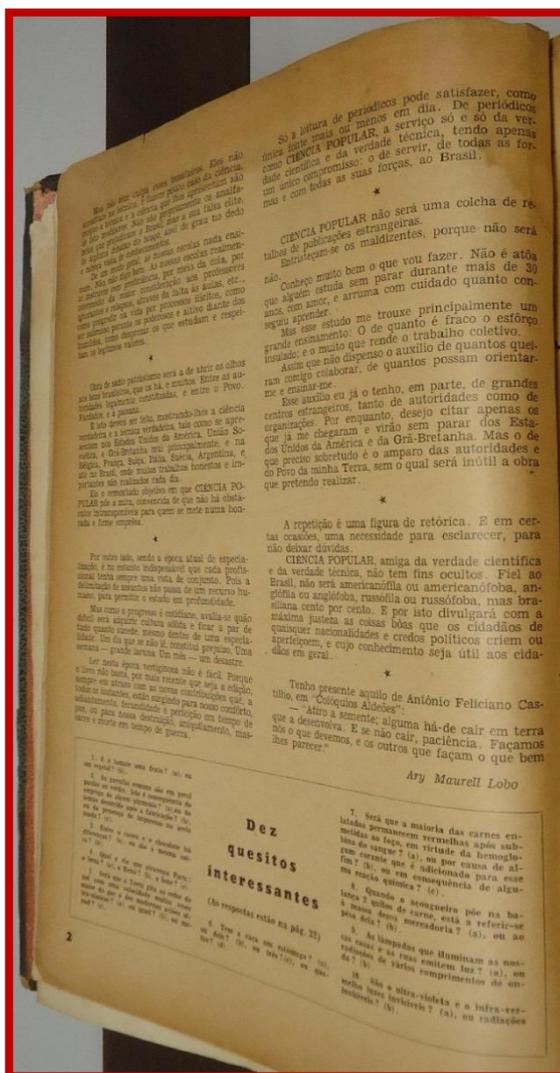
A marca está destacada em meio a esses dados e, com isso, reforça a identidade do periódico. É interessante observar a escolha da fonte para o nome da revista, que não remete à modernidade tecnológica do século XX, mas a uma tradição romântica europeia.



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Quanto ao editorial, o título está centralizado e destacado com fonte maior em caixa-alta, o que contribui para “chamar a atenção” do leitor em relação ao tema: a finalidade do periódico. O conteúdo do editorial está diagramado em duas colunas com fontes serifadas maiúsculas e minúsculas. As serifas em fontes são úteis para que a leitura de textos longos seja facilitada. Outro aspecto é a inserção de estrelas menores no editorial, que parecem ter sido aplicadas para dividirem diferentes “focos de assuntos” do conteúdo.

Figura 04: Revista *Ciência Popular* (n. 1, out. 1948, p. 2)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

O editorial de lançamento é finalizado na página 2, onde também houve aplicação de estrelas menores para divisão. Ao final, a identificação do diretor-geral, Ary Maurell Lobo, está com fonte em itálico, a fim de diferenciar em relação à formatação do conteúdo do editorial e remeter a uma assinatura pessoal.

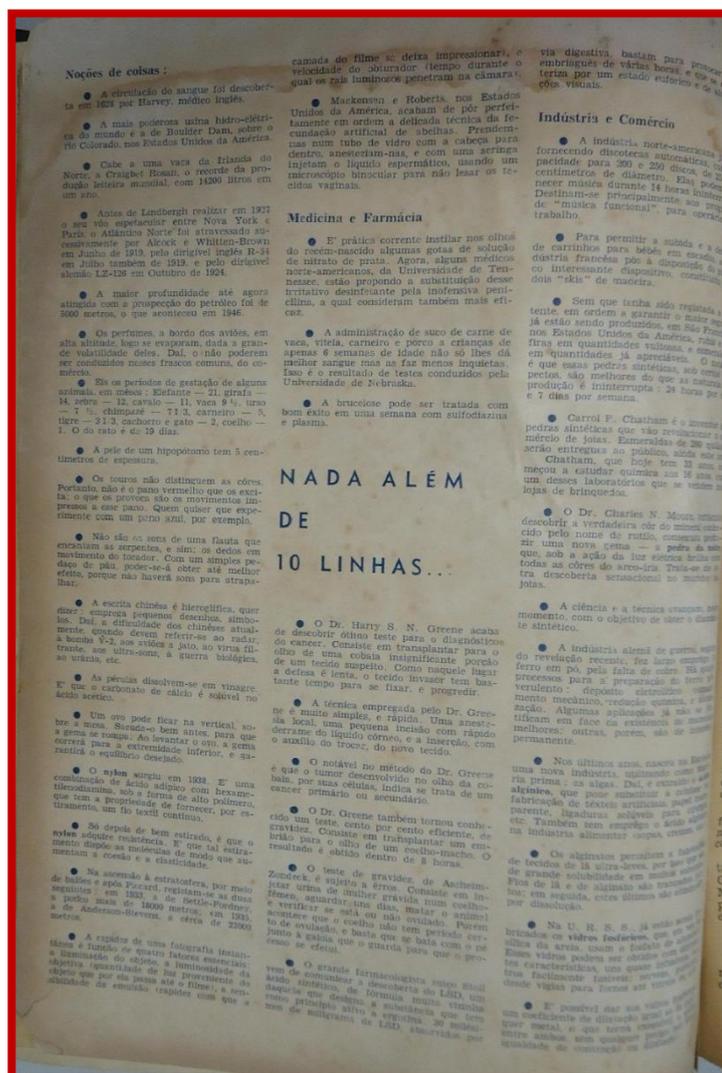
Figura 05: Revista *Ciência Popular* (n. 1, out. 1948, p. 2)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Na parte inferior da página 2, a seção de questionários “Dez quesitos interessantes” está formatada dentro de um retângulo, e o título está ampliado com fonte em negrito, de forma que estimule a atenção do leitor em relação à seção. As 10 questões, com recuo na formatação, também estão em negrito, o que reforça, para o leitor, a diferença entre as fontes do editorial e as fontes do questionário.

Figura 06: Revista *Ciência Popular* (n. 1, out. 1948, verso da capa)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

O verso da capa é exclusivo à seção de curiosidades “Nada além de 10 linhas...”. O título da seção está centralizado com fonte ampliada em caixa-alta e sugere que o leitor adquirirá conhecimentos de maneira objetiva em poucas linhas.

Com três colunas de curiosidades em tópicos, as sinalizações de cada curiosidade são indicadas por pequenos círculos destacados. Os temas estão em fonte em negrito para diferenciá-los da fonte regular dos tópicos de curiosidades.

2.3.3 Revista *Ciência Popular* (n. 13, out. 1949) - Capa

Figura 07: Revista *Ciência Popular* (n. 13, out. 1949, capa)

A segunda capa analisada nesta pesquisa relaciona-se à edição do primeiro aniversário da *Ciência Popular* (n. 13, out. 1949). A marca, a qual corresponde à identidade do periódico, também está diagramada na parte superior esquerda.

Se concordamos com Heller (2013, p. 344) que “o laranja é uma cor feminina, pois aspira ao masculino vermelho”, então, essa afirmativa talvez seja associada ao propósito do destaque da cor laranja na capa, tendo a possibilidade de estar em consonância com os valores machistas da sociedade da época da publicação.

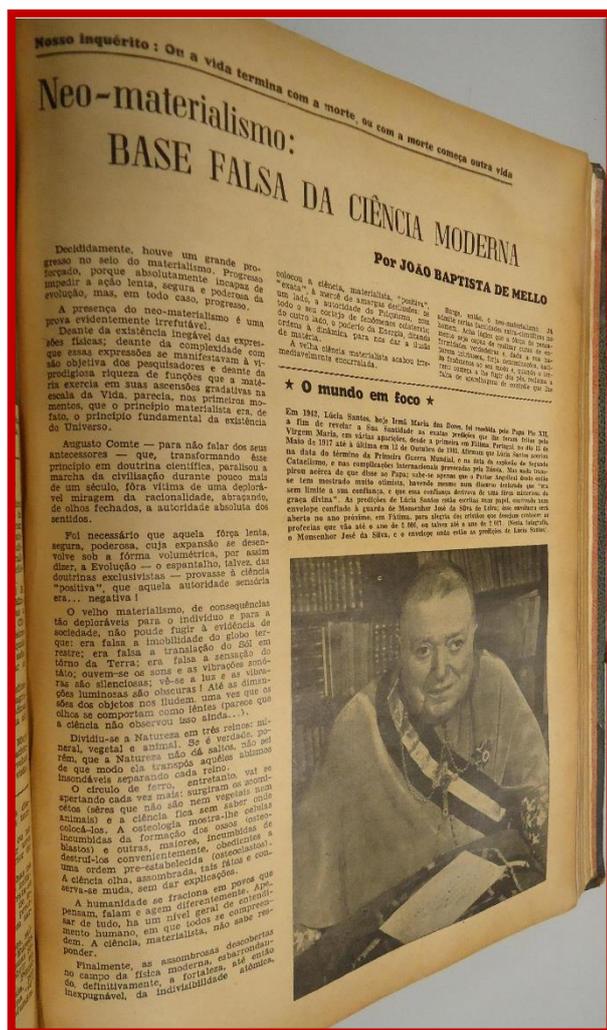


Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

As informações destacadas são: identificação do fundador, da direção-geral, do número da edição e do valor; lista dos temas em quadro posicionado na parte direita e duas fotografias com legendas, correspondentes às poses de modelos nuas de costas, o que indica uma característica da revista, que não se preocupa em ser pudica. De acordo com as legendas na parte direita da capa, as imagens retratam modelo que posa nua para artista como forma de “resolver honestamente os seus problemas econômicos. Dispondo em geral apenas de excelentes dotes físicos, [as jovens modelos] cuidam de os explorar, mas fazem-no sem desonra em face da moral moderna”. Pode-se inferir que, nesta capa de revista de divulgação científica, há destaque à arte, pois a legenda na parte inferior direita expõe que: “porque dispõem de modelos, os escultores, os pintores e os desenhistas europeus e norte-americanos podem realizar trabalhos magníficos” (*Ciência Popular*, n. 13, out. 1949, capa).

2.3.4 Revista *Ciência Popular* (n. 13, out. 1949) - Exemplos de colunas, fontes, imagens e seções

Figura 08: Revista *Ciência Popular* (n. 13, out. 1949, p. 15)



O artigo “Neo-materialismo: base falsa da ciência moderna” está diagramado em seis colunas nas páginas 15 e 16 da edição n. 13 da *Ciência Popular* (out. 1949)

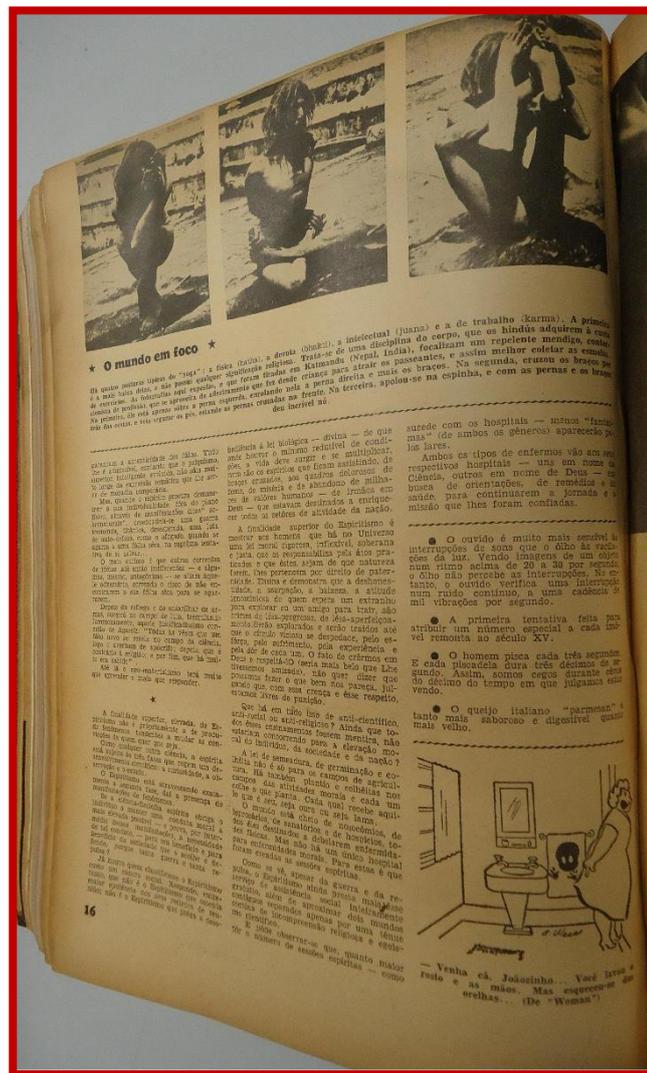
A fonte do conteúdo é menor em comparação aos outros elementos, como título do texto e nome do autor, e apresenta serifas (auxiliam quanto à leitura de textos longos).

Os dados como seção, título e autoria são realçados por meio de formatação em negrito. Além disso, a frase “base falsa da ciência moderna” é destacada em letra maiúscula, buscando contribuir para a atenção do leitor quanto à relação com os dizeres “Neo-materialismo”.

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A parte inferior direita é destacada pela fotografia em tamanho amplo, que corresponde à seção “O mundo em foco”. Não há relação com o artigo de João Baptista de Mello. Isso reforça a característica pulverizada da revista ao apresentar mais de um gênero textual em sua página em grande formato. Como veremos, o discurso dessa nota será analisado no capítulo 3.

Figura 09: Revista *Ciência Popular* (n. 13, out. 1949, p. 16)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Os exemplos apontam a distribuição de diversos elementos visuais nas duas páginas e a aproximação visual entre diferentes assuntos (página 15: seções “Nosso inquerito: ou a vida termina com a morte ou com a morte começa outra vida” e “O mundo em foco”; página 16: término da seção “Nosso inquerito: ou a vida termina com a morte ou com a morte começa outra vida”, seção “O mundo em foco”, tópicos de curiosidades e ilustração). Isso revela o aproveitamento dos espaços das duas páginas para a publicação de diversos assuntos, reforçando uma das características gráficas da revista *Ciência Popular*: a forma pulverizada referente à diagramação de textos. Como dito anteriormente, era comum o uso de textos pequenos para abordar assuntos variados, muitas vezes na mesma página, bem como a inserção de notas em meio a textos maiores. Vários assuntos poderiam ser apresentados numa outra ordem, numa outra organização/diagramação.

2.3.5 Revista *Ciência Popular* (n. 25, out. 1950, p. 23-24) - Exemplos de colunas, fontes e imagens

Figura 10: Revista *Ciência Popular* (n. 25, out. 1950, p. 23)



A página 23 da edição n. 25 da *Ciência Popular* é dedicada a um artigo escrito pelo diretor-geral Ary Maurell Lobo, diagramado em quatro colunas. Esse número de colunas é considerado maior, o que faz com que a fonte do conteúdo tenha bastante diminuição e isso pode prejudicar a capacidade de leitura.

O título, as duas fotografias com legenda em negrito nas partes superior esquerda e superior direita e a identificação do autor estão realçados, a fim de estimularem a atenção do leitor.

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A legenda correspondente à imagem na parte superior esquerda esclarece que “esta obra de uma Igreja de Roma não vale apenas pelas gemas preciosas que cobrem a imagem”. Vale também do ponto de vista artístico”. Já a legenda na parte superior direita elogia da seguinte maneira: “admirável peça em prata dourada com uma imagem de São Marco. É de uma Igreja de Roma, mas pertence também ao patrimônio artístico da Itália” (*Ciência Popular*, n. 25, out. 1950, p. 23). Assim sendo, as fotografias estão em evidência na página como obras de arte e podem ser os primeiros elementos visuais percebidos pelo leitor e estão conectadas com legendas em negrito.

Todo o título longo está em caixa-alta e essa característica pode causar desconforto na leitura. A nota introdutória, também com efeito de destaque, está centralizada com fonte em negrito acima do nome do autor do texto. Há uma linha divisória acima do conteúdo do texto que parecem dar um realce ainda maior às quatro colunas.

O texto é finalizado na pág. 24 com duas colunas na parte esquerda. Abaixo da última coluna desse texto, há uma pequena nota de outro assunto diagramada com fonte em negrito (título) e fonte regular (conteúdo).

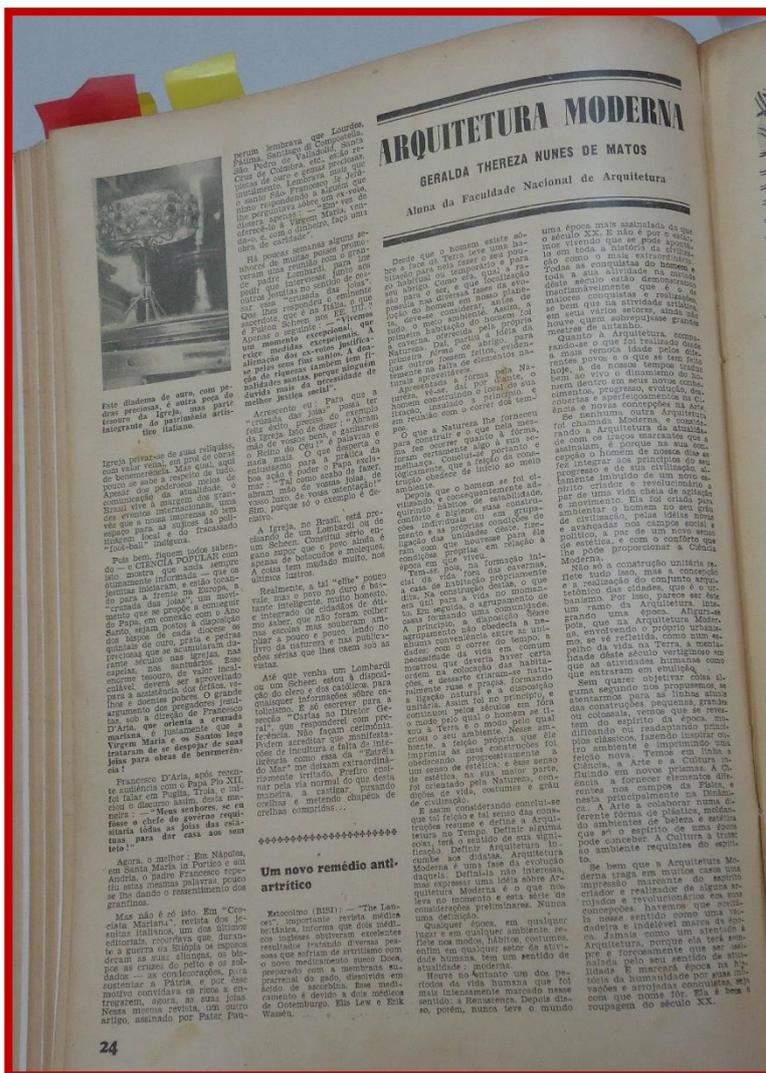
A ideia da diagramação “pulverizada” é reforçada na pág. 24, pois não há correlação entre os textos.

A segunda parte da página é dedicada à contribuição de Geralda Matos, “aluna da Faculdade Nacional de Arquitetura”, com diagramação em duas colunas. O título ampliado em caixa-alta está abaixo da identificação da autora (o nome está em caixa-alta e a instituição vinculada está em caixa-alta e caixa-baixa). A formatação do conteúdo é semelhante à do texto de Ary Lobo.

Como a página é constituída de três assuntos, há o total de quatro colunas, o que também contribui para a redução da fonte dos conteúdos, podendo, assim, tornar a leitura incômoda.

Há marcas que contribuem para a organização da página como as linhas divisórias posicionadas entre o término do texto de Ary Lobo e a pequena nota; e as duas linhas divisórias que destacam o título do texto de Geralda Matos, bem como a sua identificação.

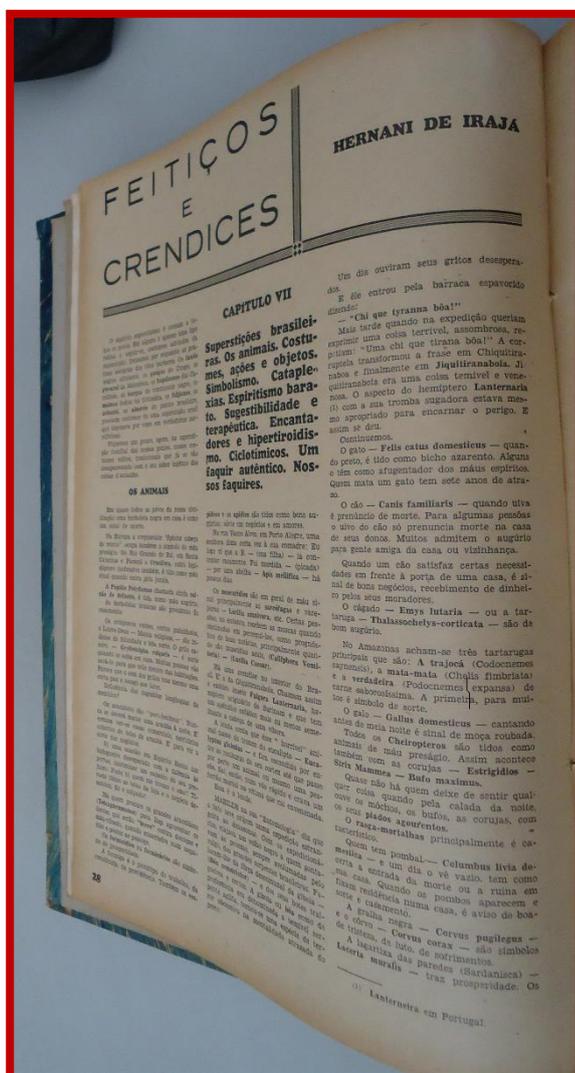
Há uma terceira fotografia na parte superior esquerda da pág. 24, que corresponde ao “patrimônio artístico italiano”. Segundo a legenda em negrito conectada com a imagem, é um “diadema de ouro, com pedras preciosas”, sendo “outra peça do tesouro da Igreja” (*Ciência Popular*, n. 25, out. 1950, p. 24)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

2.3.6 Revista *Ciência Popular* (n. 37, out. 1951, p. 28-37) - Exemplos de colunas, fontes, imagens e seções

Figura 12: Revista *Ciência Popular* (n. 37, out. 1951, p. 28)



Na edição n. 37 da revista *Ciência Popular* (out. 1951), foi publicado o sétimo capítulo da seção “Feitiços e crendices”, escrita por Hernani de Irajá. Esse capítulo está diagramado nas páginas 28 a 34.

O título e a respectiva formatação destacada podem despertar a curiosidade do leitor para a leitura do conteúdo.

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

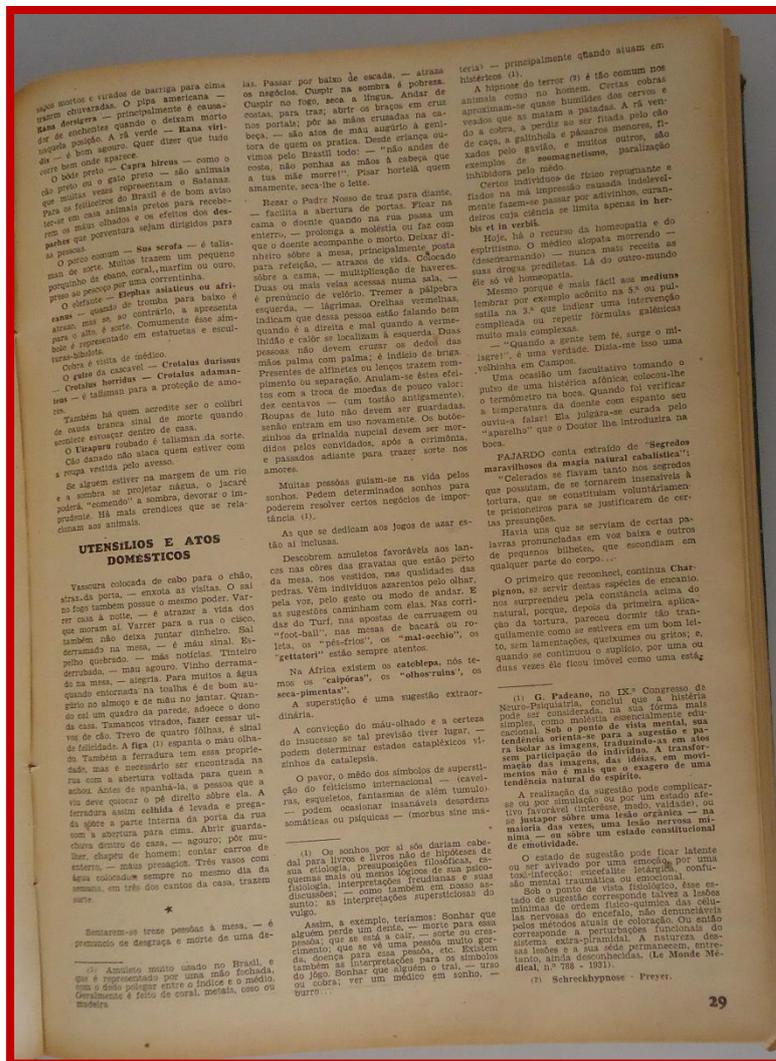
Na página 28, os seguintes elementos gráficos estimulam a atenção do leitor, devido às formatações: o título da seção está com fonte ampliada em caixa-alta na parte superior esquerda; o nome do autor, com fonte reduzida, caixa-alta e em negrito, está posicionado na parte superior direita; há linhas divisórias com maiores espessuras que separam o título da seção e o nome do autor; a indicação do capítulo está centralizada com fontes em negrito caixa-alta e caixa-baixa; e o subtítulo está em caixa-alta em negrito.

Figura 13: Revista *Ciência Popular* (n. 37, out. 1951, p. 29)

Outro subtítulo é indicado da mesma maneira na página 29.

O conteúdo do texto está formatado em caixa-alta e caixa-baixa com serifa, as quais contribuem para o conforto visual ligado à leitura de textos longos. Alguns termos são indicados no texto por meio de fonte em negrito a fim de contribuírem para a compreensão do leitor.

Cada página da seção apresenta três colunas e, entre todas as páginas ligadas ao texto de Irajá, há o total de 19 colunas.



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A ampliação da fonte do conteúdo torna confortável a leitura. Outros aspectos que contribuem para a legibilidade são inserções de estrelas menores que parecem funcionar como elementos divisores dos focos dos assuntos.

Também há pequenas notas explicativas com sinalizações por meio de parênteses nas partes inferiores das páginas 28, 29, 30 e 31.

Figura 14: Revista *Ciência Popular* (n. 37, out. 1951, p. 30)



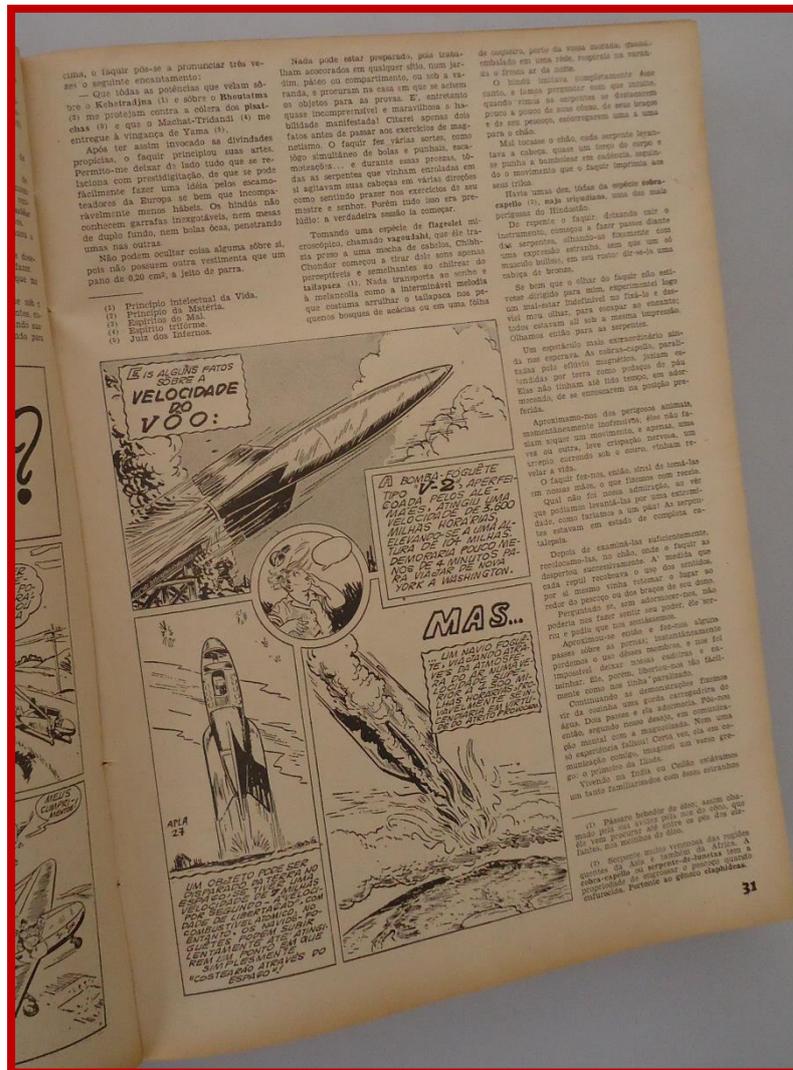
A narrativa em quadrinhos intitulada “Com que velocidade podemos voar?” está posicionada nas páginas 30 a 37, nas partes laterais, dividindo espaço dessas páginas com textos como o capítulo VII da seção “Feitiços e crendices”, de Hernani de Irajá, e o texto “Livre arbítrio, determinismo e destino”, de Heráclito Carneiro, relativo à seção “Assim pensam os ilustres espíritas”. Não há relação entre os textos, o que indica mais uma característica pulverizada do periódico.

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Há pequenas notas nas páginas finais do texto de Irajá e do texto de Carneiro, o que ressalta uma das características gráficas da revista *Ciência Popular*: aproveitamento de espaços das páginas para inserção de assuntos vários.

Os quadros são dedicados às narrativas e às ilustrações. A fonte dos quadrinhos é diferente da fonte dos textos, pois é manuscrita em caixa-alta. A história mostra conceitos científicos sofisticados, como voo, velocidade e ondas de choque, apresentados de forma agradável, de fácil compreensão e correta do ponto de vista científico, o que correspondem às ações de divulgação científica.

Figura 15: Revista *Ciência Popular* (n. 37, out. 1951, p. 31)



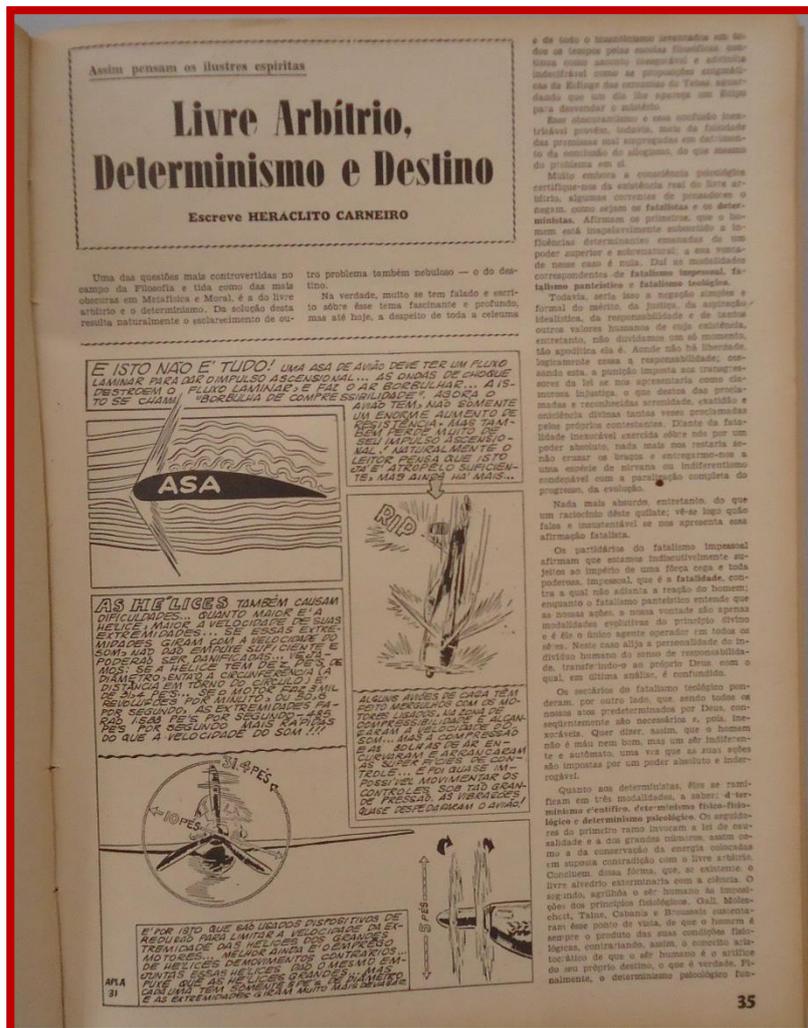
Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Como exemplo, essa página apresenta “alguns fatos sobre a velocidade do voo”. As ilustrações em quadro reforçam a linguagem acessível, pois são explicativas, como a afirmativa a seguir: “a bomba-foguete tipo V-2, aperfeiçoada pelos alemães, atingiu uma velocidade de 3.600 milhas horárias, elevando-se a uma altura de 104 milhas”. Com isso, expõe a seguinte situação para reforçar o entendimento: “demoraria pouco menos de 4 minutos para viajar de Nova York a Washington” (*Ciência Popular*, n. 37, out. 1951, p. 31).

**Figura 16: Revista *Ciência Popular*
(n. 37, out. 1951, p. 35)**

Sobre a diagramação do artigo de Carneiro: o título está realçado por meio de fonte em negrito, caixa-alta, caixa-baixa e com espessuras. O nome da seção está sublinhado e a identificação do autor está com fonte caixa-alta em negrito. Esses elementos descritos estão enquadrados na parte superior esquerda da página 35 e esse destaque apresenta ao leitor o assunto a ser discutido por Carneiro.

A fonte e a formatação do conteúdo são constituídas de três colunas por página (total de nove colunas) e letras regulares caixa-baixa e caixa-alta. Essas diagramações realizadas entre as páginas 28 e 37 guiam com eficácia o leitor quanto às mudanças de temas outros e às determinações dos espaços.

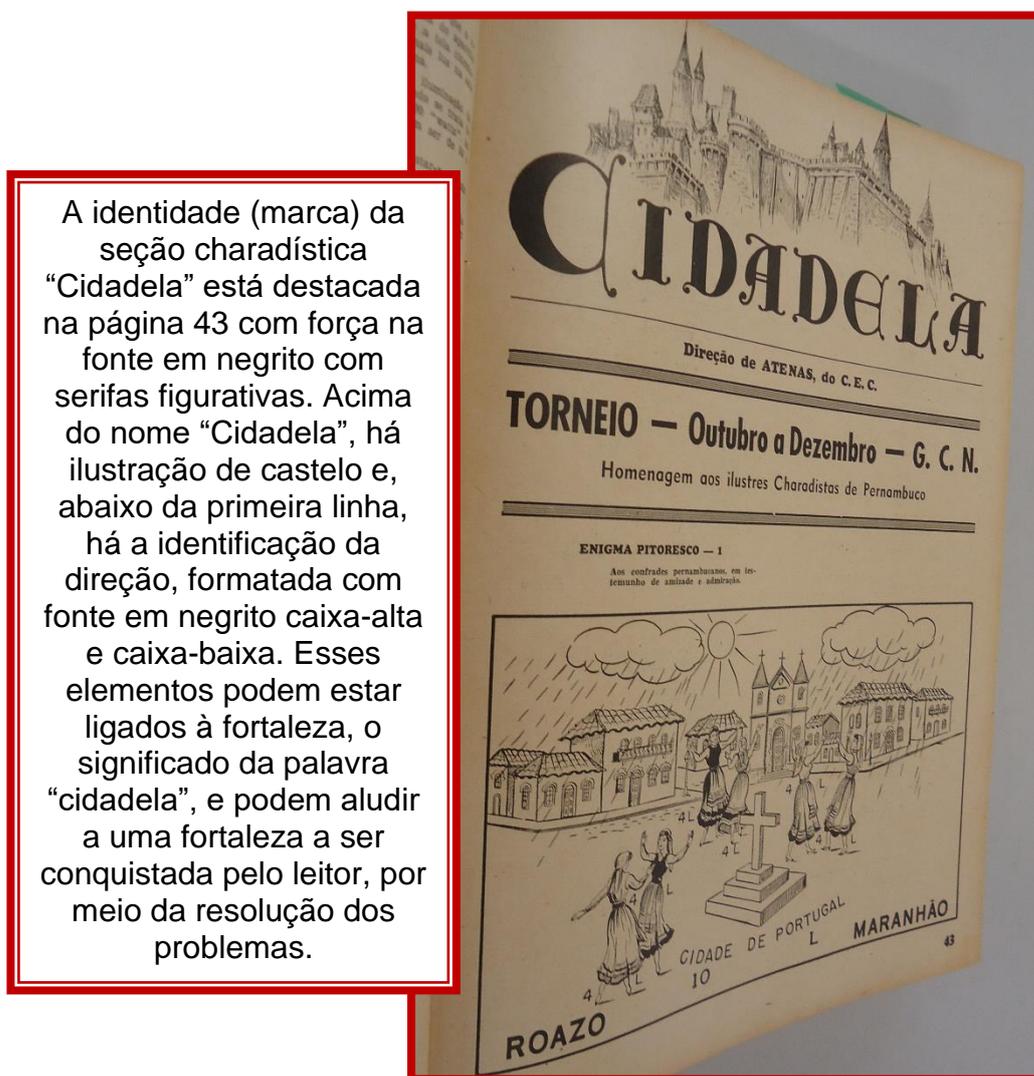


Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A continuação dos quadrinhos é o elemento gráfico mais impactante da página. As escritas “e isto não é tudo!” (primeiro quadrinho) e “as hélices” (quarto quadrinho) parecem revelar a empolgação do narrador e podem despertar ainda mais a atenção do leitor (*Ciência Popular*, n. 37, out. 1951, p. 35)

2.3.7 Revista *Ciência Popular* (n. 49, out. 1952, p. 43-50) - Exemplos de colunas, fontes, imagens e seções

Figura 17: Revista *Ciência Popular* (n. 49, out. 1952, p. 43)



A identidade (marca) da seção charadística “Cidadela” está destacada na página 43 com força na fonte em negrito com serifas figurativas. Acima do nome “Cidadela”, há ilustração de castelo e, abaixo da primeira linha, há a identificação da direção, formatada com fonte em negrito caixa-alta e caixa-baixa. Esses elementos podem estar ligados à fortaleza, o significado da palavra “cidadela”, e podem aludir a uma fortaleza a ser conquistada pelo leitor, por meio da resolução dos problemas.

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

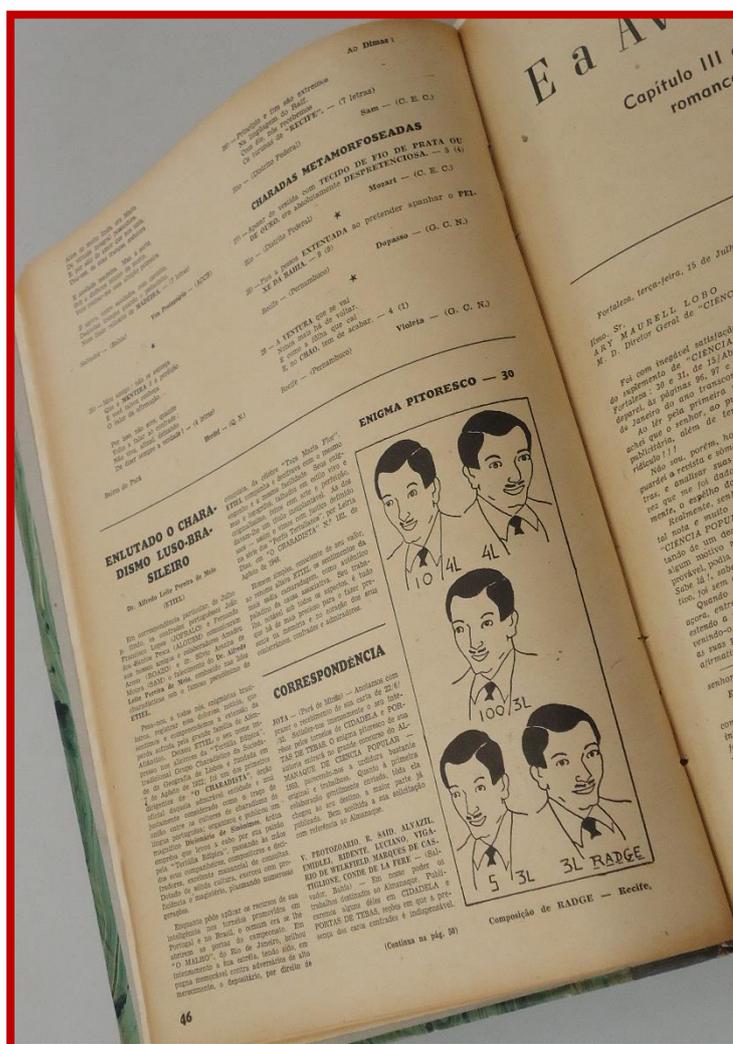
A *Ciência Popular* buscou apresentar “o charadismo como instrumento vivo de evolução e cultura. O charadismo como ciência e como arte. O charadismo que aproxima, associa e unifica. O charadismo puro e sem fronteiras” (*Ciência Popular*, n. 43, abr. 1952, p. 40).

Além do nome da seção, outros elementos destacados na página 43 são: a identificação do torneio (diagramação entre duas linhas divisórias com grandes espessuras; as fontes são caixa-alta e caixa-baixa em negrito); e o quadro ilustrativo correspondente ao “enigma pitoresco”.

Figura 19: Revista *Ciência Popular* (n. 49, out. 1952, p. 46)

Na página 46, além dos enigmas, há duas notas (“enlutado o charadismo luso-brasileiro” e “correspondência”) diagramadas com fonte em negrito, regular, caixa-baixa e caixa-alta. Com o objetivo de contribuir para a organização dos conteúdos da página 46, há linhas divisórias entre essas notas e os enigmas.

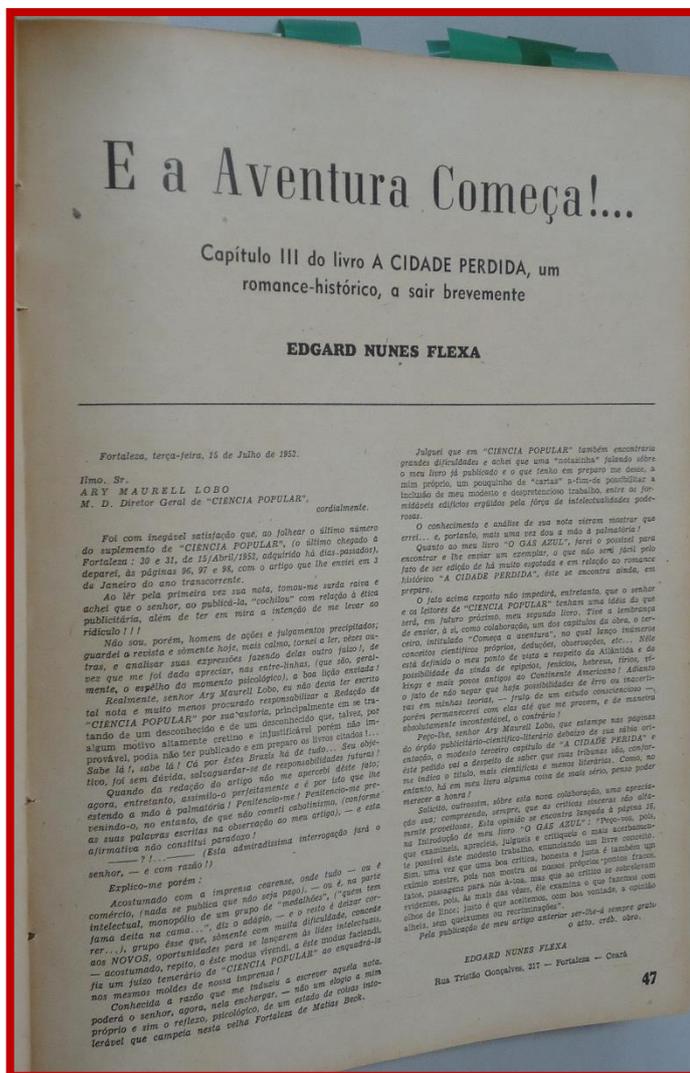
Há uma sinalização entre parênteses afirmando que a segunda nota será continuada na página 50. Por vezes, a diagramação / organização de conteúdo da *Ciência Popular* “quebrava longos textos” provocando, assim, intervalo entre páginas.



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Na parte direita da página 46, há um quadro ilustrativo correspondente ao “enigma pitoresco”. A continuação está diagramada na parte inferior direita da página 50 (figura 28), a última da edição n. 49 (out. 1952).

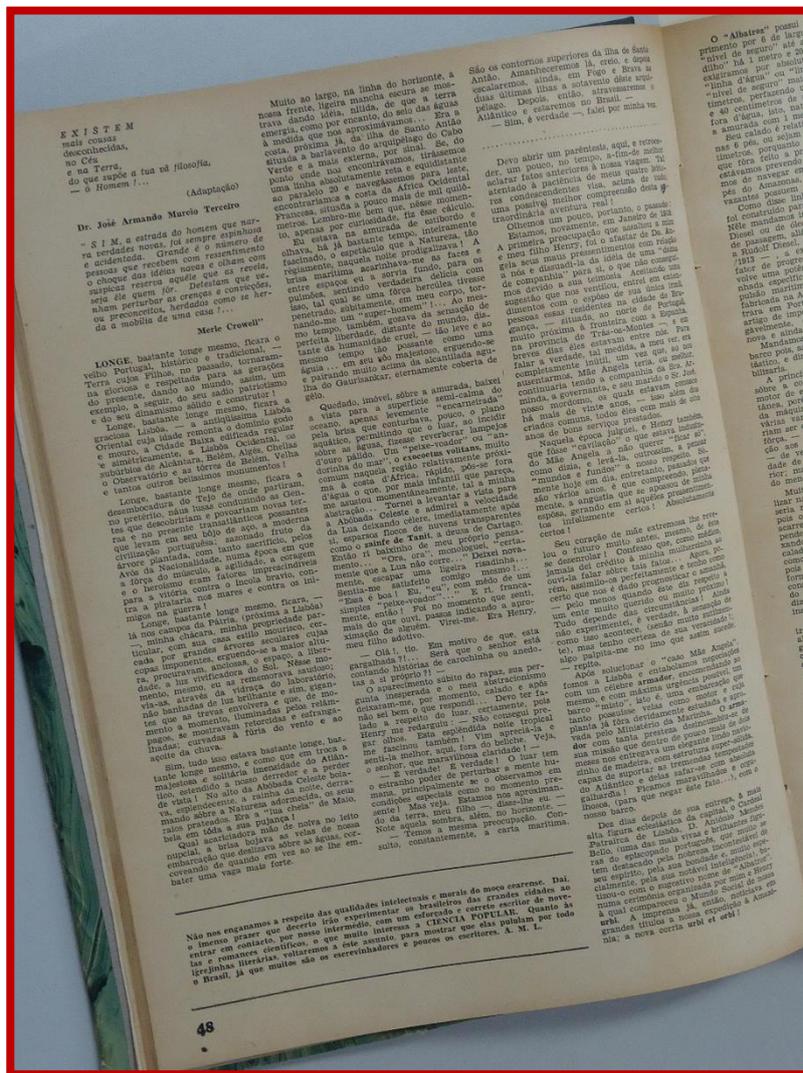
Figura 20: Revista *Ciência Popular* (n. 49, out. 1952, p. 47)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

O próximo assunto da edição n. 49 (out. 1952), “E a Aventura Começa...”, de Edgard Nunes Flexa, está diagramado nas páginas 48 a 50. Antes disso, a página 47 apresenta as identificações do capítulo e do autor realçadas em negrito e centralizadas; e a carta escrita pelo autor, com maior parte do conteúdo formatada em itálico. Entende-se que essa característica gráfica auxilia quanto à distinção da formatação do conteúdo do capítulo (obs.: menor parte da carta está formatada em fonte regular, o que corresponde à citação do livro de Flexa *O Gás Azul*).

Figura 21: Revista *Ciência Popular* (n. 49, out. 1952, p. 48)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

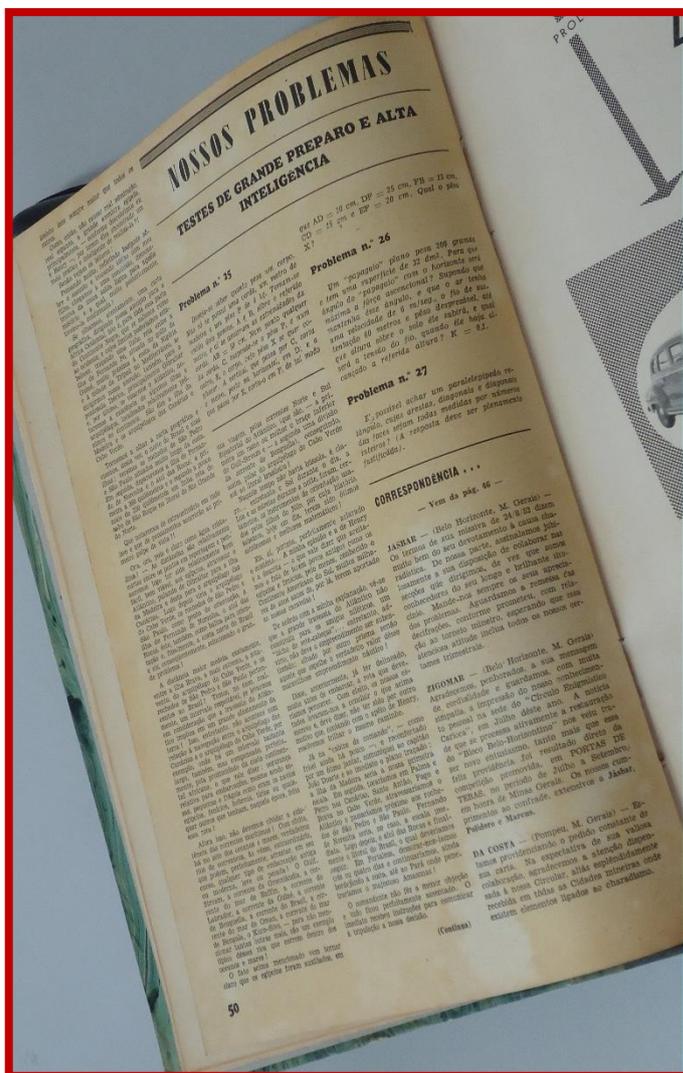
A página 48 é dedicada ao início do texto de Edgard Flexa, com diagramação de três colunas por página.

Na parte inferior esquerda da página 48, consta a nota do diretor-geral Ary Maurell Lobo, posicionada entre duas linhas divisórias, com formatação em negrito e indicação ao final das iniciais do nome de Lobo.

Há duas pequenas citações na parte superior esquerda, formatadas em itálico, e as autorias estão com fonte em negrito.

A atenção do leitor também é estimulada por meio desses elementos.

Figura 22: Revista *Ciência Popular* (n. 49, out. 1952, p. 50)



Todo o texto, diagramado com fontes regular, em negrito, caixa-baixa, caixa-alta e serifadas, possui o total de oito colunas distribuídas entre as páginas 48 e 50.

Ele é finalizado na segunda coluna da página 50 (a última do fascículo n. 49) e, ao final, há indicação entre parênteses, com fonte em negrito, afirmando que a continuação do capítulo será publicada posteriormente. Isso pode ser um incentivo para que o leitor acompanhe o capítulo por meio da aquisição da próxima edição da revista *Ciência Popular*.

Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

A parte superior direita da revista é dedicada à diagramação de três problemas com fonte em itálico. Cada indicação numérica de problema está com fonte em negrito. A formatação da identificação “nossos problemas” está com fonte em caixa-alta e ampliada com destaque em negrito. Há linhas divisórias que contribuem para o realce da indicação da diagramação ligada aos problemas, o que ressalta a preocupação com a atenção visual do leitor.

Há um discurso também nos aspectos gráficos da revista *Ciência Popular* e busquei entender a importância do *design* gráfico para o discurso de divulgação científica no periódico. Pode-se interpretar que esses elementos colaboram para a efetividade da transmissão do conteúdo aos leitores. Como exemplo, o uso de imagens, como a narrativa em quadrinhos “Com que velocidade podemos voar?” (*Ciência Popular*, n. 37, out. 1951, p. 30-37) é uma estratégia de familiarizar o público mais amplo com a ciência, devido à característica lúdica desse gênero textual. As ilustrações complementam as narrativas.

De forma geral, de acordo com os aspectos gráficos correspondentes às imagens expostas neste trabalho, a produção da *Ciência Popular* era preocupada em guiar o olho do leitor para a efetivação da leitura, por meio da disposição dos elementos gráficos, como linhas, destaques de fontes e sinais de tópicos. O formato do periódico é maior e há disposição de maior número possível de elementos numa página. Os títulos são realçados e as fontes dos conteúdos são serifadas, o que contribui para o conforto visual do leitor. Entretanto, dependendo do número de colunas, como quatro, a redução da fonte do conteúdo pode prejudicar a legibilidade. Assim, é possível constatar que, para diagramação da grande quantidade de informações em uma mesma página, os aspectos gráficos são importantes aliados para a construção do discurso da revista *Ciência Popular*. O discurso gráfico do periódico é um campo que carece de mais discussões.

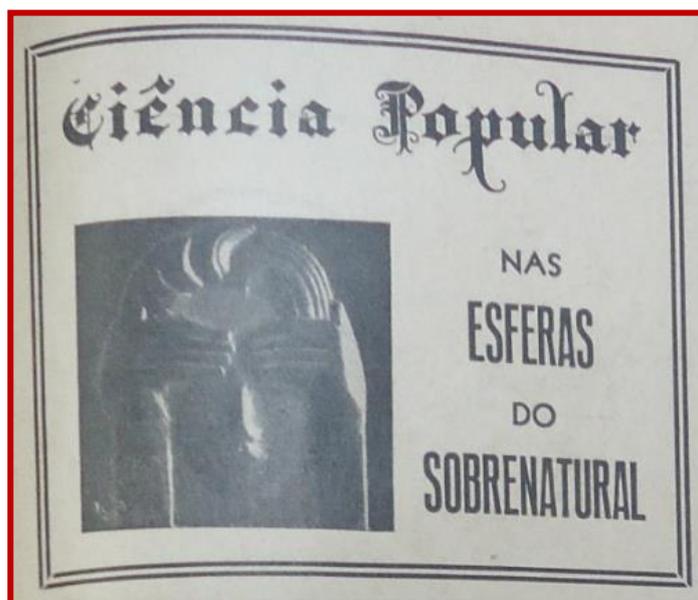
No próximo capítulo, será abordada, a partir da perspectiva de pressupostos da Semiologia de Charaudeau (2010), a relação da revista com a temática do sobrenatural como uma das frentes de ação da divulgação científica.

CAPÍTULO 3: O SOBRENATURAL COMO UMA DAS TEMÁTICAS DA REVISTA *CIÊNCIA POPULAR*

3.1 Organização dos textos coletados conforme as análises das edições n. 1 a 57

Algumas notas a seguir expõem posições do diretor-geral da revista *Ciência Popular*, Ary Maurell Lobo, acerca da temática sobrenatural. O que há em comum entre elas é o destaque da racionalidade do periódico e da maneira como as colaborações de leitores são selecionadas. Os colaboradores espíritas mencionados são elogiados pelo editor. Vale ressaltar que, como vimos na introdução desta dissertação: “a questão do Espiritismo ser ou não uma ciência e em que aspectos se aproximava de uma ‘ciência espírita’ foi uma das discussões importantes na revista (CP, 1954, n. 69, p. 2-7)” (SILVA, 2013, p. 190).

Figura 23: Revista *Ciência Popular* (n. 26, nov. 1950, p. 59)



Fonte: acervo fotográfico do pesquisador

Na nota publicada na seção “*Ciência Popular* nas esferas do sobrenatural” (*Ciência Popular*, n. 26, nov. 1950, p. 59), em consideração à “opinião alheia”, Ary Lobo confessa que perdeu um dos manuscritos de Heráclito Carneiro, colaborador espírita da revista:

Já muitas vezes tenho escrito em CIÊNCIA POPULAR sobre os fenômenos com supostas entidades fantásticas, ora no inquérito – “Será a morte o ponto final da vida, ou o início doutra vida?”, ora na reportagem – “A ciência invade os domínios do sobrenatural”. Também tenho publicado várias colaborações interessantes, mas essas de espíritas declarados, os ilustres amigos Srs. Heráclito Carneiro, João Baptista de Mello e José Monteiro Lima. [...] De repente, parei. E fi-lo, porque se extraviou aqui na Redação um artigo do Sr. Heráclito Carneiro. Quis ver se o encontrava, antes de prosseguir. Mas acontece que o tempo está passando, e nas montanhas de papéis que me cercam não aparece o tal escrito. O que me resta é confessar o que houve, para que todos vejam quanto respeito a opinião alheia. [...] Não levasse em consideração o que os outros pensam, e teria seguido avante, já que meu ponto de vista é completamente diferente do daquele bom amigo.

Na programação da revista, anuncia que continuará contornando o sobrenatural por meio de visões científicas e que publicará colaborações de leitores, conforme critérios estabelecidos na nota. Seguindo o discurso racional, Lobo afirma que busca combater casos como o charlatanismo, sendo um “sacerdote da ciência”. Ele destaca a sua concepção de ciência, no sentido de que a “observação” e a “experimentação” são essenciais, em vez de “crença”:

Sou um sacerdote da ciência, e nada mais. Para mim nem há inferno, nem corte celestial, nem anjos, nem diabos, nem almas que sobrevivam à matéria. A pouco e pouco, venho explicando todos esses fenômenos (já o fiz com a telepatia, a grafologia, a astrologia, a quiromania, a adivinhação), e mostrando como desmascarar os fantasistas, os místicos e os charlatães. [...] Agora, pretendo continuar, ampliando a invasão das esferas do sobrenatural pela ciência. E sempre dentro de minha opinião: existem realmente alguns dos fenômenos referidos, mas não são provocados por deuses ou espíritos do astral. Cada um de nós é uma máquina elétrica, com um campo de influência ao redor. [...] Feito este aviso, quero dar um outro: a colaboração dos prezados leitores continuará sendo recebida com muito carinho, e devidamente publicada, se estiver em condições, com a ressalva de que não se trata de opinião de CIÊNCIA POPULAR. Só não aceitarei qualquer escrito que se apoie nos chamados livros santos, nas tais “verdades reveladas”; aqueles e estas são artigos de fé, e nos campos da ciência a crença não conta, o que conta é a observação e a experimentação (*Ciência Popular*, n. 26, nov. 1950, p. 59).

Na edição n. 46, de julho de 1952, a redação ressalta a sua característica “ateia” e a falta de crença em “entidades fantásticas e fenômenos sobrenaturais”. No entanto, declara que permite publicações de argumentos de religiosos acerca de suas crenças, “com o auxílio da ciência”, pois é contra a “intolerância” e a favor do “debate”:

Já os prezados leitores sabem que a Direção Geral de CIÊNCIA POPULAR é cem por cento atea, não admitindo nem ao de leve a possibilidade de entidades fantásticas e fenômenos sobrenaturais. Mas também sabem que ela não impede que os religiosos - como é o caso do ilustre e estimado

espírita que assina este artigo [Heráclito Carneiro] – defendam as suas crenças, quando tentam fazê-lo com o auxílio da ciência. Porque a intolerância é própria dos ignorantes e ordinários, mui principalmente. Em seguida, porque nada melhor que o debate para o desenvolvimento da inteligência (*Ciência Popular*, n. 46, jul. 1952, p. 31).

Os textos da revista *Ciência Popular*, com temáticas relativas ao sobrenatural, foram coletados e analisados a partir da leitura das edições números 1 a 57. Devido à característica pulverizada do periódico, com multiplicidade de elementos textuais e visuais, estabeleci as seguintes categorias, objetivando organização e orientação quanto à localização dos textos:

- ✚ Seções ligadas ao sobrenatural;
- ✚ Textos ligados ao sobrenatural sem identificação de seção;
- ✚ Seções gerais / de outros temas que mencionam aspectos sobrenaturais / religiosos.

As quantificações das seções e alguns exemplos de textos serão mostrados a seguir. As listas completas estão nos Anexos 14, 15 e 16.

3.1.1 Seções ligadas ao sobrenatural

As seções da revista *Ciência Popular* relativas ao sobrenatural estão na tabela abaixo, que explicita a quantidade de vezes que uma seção apareceu nos fascículos examinados. Por vezes, determinadas seções foram publicadas mais de uma vez em um fascículo. A lista da quantificação está em ordem decrescente; em caso de empate, seguiu-se a ordem alfabética dos títulos das seções.

Tabela 01: Seções ligadas ao sobrenatural

Seção	Quantificação
Feitiços e crendices	9
Nosso inquérito: Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida	9
A ciência invade os domínios do sobrenatural	7
Assim pensam os ilustres espíritas	4
Ciência Popular nas Esferas do Sobrenatural	3
Ciência Popular nas Esferas do Sobrenatural / Assim pensa o leitor	3
Crendices & Feitiços	2
História das religiões	1
Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida	1
Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema	1
Religião	1

Fonte: Revista *Ciência Popular*, ed. 1-57

As três seções com maior incidência são “Feitiços e crendices” (9), “Nosso inquérito: Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida” (9) e “A ciência invade os domínios do sobrenatural” (7). A segunda seção supracitada também é apresentada como “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida” (1) e “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema” (1). Se considerarmos essas variantes, essa seção é a que mais vezes apareceu, totalizando 11 edições. A seguir, serão mostrados alguns exemplos de conteúdos das seções supracitadas:

a) A seção “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema” foi iniciada na edição n. 6 da revista *Ciência Popular* (março 1949, p. 16-18). Inicialmente, o diretor-geral Ary Maurell Lobo explica sua proposta:

Era nosso pensamento incluir nesta Revista, mais para a frente, estudos acerca das principais religiões e dos maiores trabalhos científicos referentes às coisas sobrenaturais. Estudos honestos, feitos sem o intuito de torcer a verdade, a fim de elucidar até onde vai a Ciência, e a partir de que ponto começa a Fé, ou melhor: para dar destaque ao fato mui significativo de a Ciência, quanto mais avança, mais perceber que se alarga o infinito de sua ignorância, e a Fé, com o progredir dos tempos, mais crescer no coração dos homens.

O contato com os nossos queridos leitores fez-nos mudar de opinião. Em vez de passar esses estudos para trás, devemos pô-los imediatamente em ordem do dia. Porque há realmente imensurável interesse em volta do grande mistério da morte (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 16).

Em seguida, foram publicadas três cartas de leitores (João Baptista de Mello; Heráclito Carneiro; autor não identificado), direcionadas a Ary Maurell Lobo, com o intuito de consolá-lo sobre o falecimento de seu filho, Arnaldo Nabuco Maurell Lobo. Anteriormente, em janeiro de 1949, o diretor-geral compartilhou esse desabafo com os leitores por meio do editorial do fascículo n. 4. Como exemplo de apoio ao editor, Heráclito Carneiro afirma que:

Eu vos concito, irmão querido, para o estudo dos acontecimentos supranormais que a natureza, tão boa e pródiga, que Deus nos faculta, cheio de amor e carinho, a fim de nos convencer desta grande realidade, deste grande acontecimento que os próprios laboratórios hão de revelar mais positivamente ao homem, neste bruxolear do século XX: a morte, como a compreendemos, não existe; o vosso Arnaldo querido não se aniquilou, porque vive ainda, com mais exuberância que quando no fardo pesado e sanioso da carne (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17).

Conforme a visão do leitor, o intuito de consolar está relacionado à crença de que Arnaldo Lobo permanece vivo, independentemente da matéria corporal. Pode-se interpretar a escolha da publicação dessa carta, como o conforto do editor quanto ao carinho do leitor, independentemente de questões religiosas. Além disso, condiz com o objetivo editorial de discutir o “grande mistério da morte”, segundo uma visão científica. Posteriormente, serão analisados os discursos desses textos ligados à abertura da seção “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema”.

b) A segunda seção com maior incidência, “Feitiços e credices”, de autoria de Hernani de Irajá, é iniciada na edição n. 33, de junho de 1951, entre as páginas 5 e 7, e os primeiros capítulos são apresentados da seguinte maneira: Capítulo I – “Origens. Crenças, credices, costumes. O mistério, a dúvida, as tendências humanas para o ‘ignotus’. Filosofias, religiões universais”; Capítulo II – “A superstição. Origens. Um pouco de história do charlatanismo. A fé e a ciência. Em busca da ‘certeza’. O antagonismo da ciência e da religião”. Esses títulos, por meio de sequências de tópicos, mostram uma relação entre a ciência, a religião e o charlatanismo. Como exemplo de conteúdo, algumas das afirmações de Irajá:

Para fugir às angústias da dúvida, o homem apela para a religião, conjunto de pavores e esperanças, mistura de trevas e clarões redentores, misto de

amarguras e consolos que o mistério eterniza (*Ciência Popular*, n. 33, jun. 1951, p. 5).

Todas as religiões, mais ou menos, colimam o mesmo fim. Em todas, cérebro que pensa evoca um deus para socorrer, para premiar as suas penas, as suas ações de mérito (*Ciência Popular*, n. 33, jun. 1951, p. 5).

A religião cristã proíbe a superstição e a credence. [...] Mas embora o neguemos, lá bem no fundo todos nós, bem no íntimo, temos o nosso nóculo de superstição (*Ciência Popular*, n. 33, jun. 1951, p. 5).

Quanto mais cérebro mais dúvida, maior incerteza. O raciocínio livre de seitas no homem superior conduz ao ecletismo, ao ceticismo. – “Pode ser!...” E assim sigamos com os outros; esforcemo-nos para crer. Os grandes mistérios ali estão como estavam há milênios (*Ciência Popular*, n. 33, jun. 1951, p. 5).

Fez-se preciso um Ente superior, dotado de poder absoluto, criador e destruidor de todas as coisas, premiando com justiça os atos meritórios e anatematizando os maus com o castigo dos seus crimes. [...] A certeza da inatingibilidade humana aos píncaros da onipotência e da onisciência influíram para que se atribuisse a um Deus ubíquo e onímodo essas qualidades inalcançáveis pelos mortais (*Ciência Popular*, n. 33, jun. 1951, p. 6).

A humanidade reza os augúrios, confia nos deuses criados por ela própria, mas antesonha mil Bastilhas para destruir e milhões de cabeças para a guilhotina da Justiça inapelável (*Ciência Popular*, n. 33, jun. 1951, p. 6).

Ao lado das límpidas fontes do Cristianismo. do Espiritismo superior. dos são princípios da Teosofia. [sic] surgiam em grande quantidade os “asseclas” de inúmeras seitas ocultas (*Ciência Popular*, n. 33, jun. 1951, p. 7).

[...] impossível se torna procurar a fonte primitiva, origem das certezas absurdas, das credices, da superstição universal (*Ciência Popular*, n. 33, jun. 1951, p. 7).

Se as religiões possuíssem a evidência deixariam de ser religiões; pois o que as caracteriza é a fé inabalável dos crentes. Acreditam sem raciocínio, apenas por influência da ideia preconcebida, atávica, inexplicada, de um deus, de um castigo, de um inferno (*Ciência Popular*, n. 33, jun. 1951, p. 7).

[...] o homem julga que um dia *tudo* se vai explicar! Consolemo-nos com as palavras de BACON e DESCARTES no século XIX: “Excetuando as verdades reveladas, - em tudo mais o homem deve tomar por guia a sua própria razão.” Então já se revelaram algumas *verdades*? Ainda bem; esperemos, pois pelas outras (*Ciência Popular*, n. 33, jun. 1951, p. 7).

Ideias ligadas às religiões, às dúvidas e às superstições são expostas na publicação inicial da seção “Feitiços e credices”, com menções aos aspectos sobrenaturais. A posição de Irajá difere da proposta pelo diretor-geral Ary Lobo na seção anterior, pois o teor das citações expostas é de descrença, de avaliação das religiões como um

subterfúgio humano diante das dificuldades da vida. O raciocínio é colocado acima da fé, ainda que isso implique num estado de incerteza. Isso revela uma escolha do próprio diretor-geral, já que ele possuía controle completo sobre o que seria publicado.

c) A seção “A ciência invade os domínios do sobrenatural” foi iniciada com o artigo “Toda a verdade acerca da grafologia” (*Ciência Popular*, n. 7, abr. 1949, p. 1; 32). Esse texto está diagramado na primeira e na última páginas da edição n. 7, de abril de 1949. Os tópicos internos ao artigo são: “De que trata a grafologia”, “Rápido histórico”, “Base científica da grafologia”, “A grafologia, apesar de o empirismo ainda predominar sobre o espírito científico, ocupa hoje em dia lugar destacado” e “A grafoterapia”. A defesa do caráter racional da grafologia é explícita, retirando-a do campo do fantástico:

A verdadeira grafologia nada tem de sobrenatural. Ainda é atualmente um método empírico, mas pode tornar-se em breve uma ciência exata. Os atuais “grafólogos”, em sua maioria, não passam de meros charlatães, mas o destino de todas as ciências no começo é o de serem vítimas de homens sem escrúpulos. No entanto, os raros grafólogos existentes no mundo já adquiriram tal soma de conhecimentos que conseguem, através da escrita, não só levantar perfeitos retratos psicológicos de candidatos às grandes organizações industriais e comerciais, senão que também fazer pré-diagnósticos de doenças (*Ciência Popular*, n. 7, abr. 1949, p. 1).

Quereis curar um preguiçoso, um maldizente, um egoísta, um vaidoso, um avarento, um colérico, um devasso? – Fazei-o copiar, muitas vezes, certos trechos convenientemente escolhidos, mas com caligrafia normal caprichada (*Ciência Popular*, n. 7, abr. 1949, p. 1).

Esses trechos estão destacados com fonte ampliada em negrito na página 1 da edição n. 7 (abr. 1949), o que leva à interpretação de que se buscava estimular a atenção do leitor em relação à temática. O tema grafologia é associado ao empirismo e ao fato de que não é sobrenatural, tendo a chance de se tornar “uma ciência exata”. Expõe dois tipos de “grafólogos”: os “charlatães” e os verdadeiros, o que contrasta o charlatanismo ao aspecto científico.

3.1.2 Textos ligados ao sobrenatural sem identificação de seção

Foram localizados 114 textos ligados ao sobrenatural, que não fazem parte de uma seção específica. Alguns exemplos são:

a) O texto “a astrologia é pura ilusão, e os modernos astrólogos não passam de trampolineiros” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3,4) argumenta que as previsões dos astrólogos são falsas:

Quem puser de lado as misérias desta vida, e meditar friamente, fazendo apenas uso do bom senso, decerto que logo verificará a inanidade das previsões astrológicas. Porque, a ser verdadeira a influência dos astros sobre a fortuna, o amor e a saúde dos homens, todos os indivíduos nascidos num mesmo instante e num mesmo País, por terem o mesmo horóscopo, haveriam de viver os mesmos destinos. O que, sem a menor sombra de dúvida, é grande absurdo, pois nem irmãos gêmeos seguem caminhos iguais (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4).

São apresentados os seguintes subtítulos dentro do texto: “Pululam os astrólogos por este mundo de Cristo”, “O que pretendem fazer os astrólogos”, “Em que se baseiam as previsões astrológicas”, “A astrologia quimérica vem dos albores da humanidade”, “A astrologia é pura ilusão, e os modernos astrólogos não passam de uns trampolineiros”, “Mas os astrólogos advinham...”. Também será realizada a análise discursiva desse artigo mais à frente, devido à publicação na edição n. 1 da revista *Ciência Popular*, abordando pela primeira vez um tema ligado ao sobrenatural.

b) No editorial publicado na edição n. 10, de julho de 1949, intitulado “Mais devagar com o andor... Os sacerdotes merecem todo o acatamento nos assuntos respeitantes à fé, mas fora dessa esfera, no que tange às ciências sociais, não de discutir com os que se dedicam a tais estudos no mesmo pé de igualdade” (p. 1-2), Ary Maurell Lobo critica a forma como representantes da Igreja Católica condenam a arte e a imprensa não ligadas à religião. Exemplos de trechos a seguir destacam fatos e críticas relativas ao meio religioso:

O Sumo Pontífice, ao receber os pregadores da Quaresma nas Igrejas de Roma, fez uso de linguagem severíssima contra os espetáculos teatrais e a imprensa. Haja vista este pequeno trecho: “Quando pensamos nas crueldades e impudores que aparecem nos jornais, revistas, telas cinematográficas e palcos, assim como na aberração inconcebível de pais que apreciam tais horrores com os filhos, a vermelhidão da vergonha e da cólera sobe-nos à face [...] Mas S. S. Pio XII não ficou nisto. Foi muito além. Sua reprovação estendeu-se às coisas mais irrepreensíveis do ponto de vista moral, mas em que “os homens vivam e morram, como se não existisse Deus”. É uma tomada de posição contra os “neutros”, ou seja por exemplo, contra os escritores e produtores de histórias, nem religiosas, nem antirreligiosas, de histórias em que não esteja presente o cristianismo (*Ciência Popular*, n. 10, jul. 1949, p. 1).

O grande Padre Francisco de Mendonça, e os não menos grandes Padres Antônio Vieira e Manuel Bernardes cansaram-se de dizer que a pregação não há de ser com palavras, e sim: com exemplos. [...] E aí está porque a ofensiva da Igreja contra a imoralidade irá fracassar. [...] Primeiro, porque não se atira contra as verdadeiras fontes. [...] Depois, porque não pode pregar com exemplos. Cada sacristia da Igreja é um balcão, em que, além do câmbio negro, há tabelas (cada vela acesa – tanto, cada metro de passadeira estendida – tanto, os candelabros faiscando de luzes – tanto, o órgão tocando e a devota cantando – tanto, o casamento depois do pôr do Sol – tanto, etc.), há tabelas que tornam vermelhas de vergonha e cólera as faces dos cristãos honestos. Ademais, não são poucos os Padres, cujas vidas não convém imitadas; os capelães militares, em sua maioria, são péssimos exemplos... [...] Formar grupos de fanáticos católicos para combater grupos de fanáticos comunistas: é absurdo. Combater coisas erradas, quando os erros proliferam no próprio meio: é hipocrisia. Combater fontes secundárias de males, deixando livres as legítimas fontes primárias: é covardia e estupidez (*Ciência Popular*, n. 10, jul. 1949, p.2).

De forma direta, Lobo defende que deve haver coerência, como ausência de falsidade, no meio católico em relação às críticas aos que não estão relacionados com a religião, ou seja, o bem e o aperfeiçoamento devem ser propagados, o que condiz com a finalidade da revista *Ciência Popular*.

É do programa de CIÊNCIA POPULAR o engrandecimento do Brasil. Um engrandecimento que só será obtido, a partir do momento em que os brasileiros conheçam toda a verdade, e saibam discernir por si mesmos o bom do mau (*Ciência Popular*, n. 10, jul. 1949, p. 2).

A Igreja, pela sua organização e pela sua força, é quem mais pode fazer em prol desse gigante adormecido. Mas só poderá fazê-lo, quando tiver mesmo tal propósito, e não, quando como qualquer potência leiga, servir-se industriosamente do tema para atingir a outros objetivos (*Ciência Popular*, n. 10, jul. 1949, p. 2).

Ary Maurell Lobo finaliza o editorial ressaltando que o intuito da revista *Ciência Popular* é “ensinar” apenas “a verdade”. O periódico de divulgação científica e tecnológica é associado a uma “cátedra”, o que é enaltecido de acordo com o propósito de exaltar o Brasil:

Do alto desta cátedra, que é CIÊNCIA POPULAR, só procuramos ensinar a verdade. Por mais dura que ela seja. Por maiores [que] sejam os interesses de indivíduos e organizações que ela fira. [...] Mas procedemos assim, no exercício de um apostolado (*Ciência Popular*, n. 10, jul. 1949, p. 2).

3.1.3 Seções gerais / de outros temas que mencionam aspectos sobrenaturais / religiosos

A tabela 02 detalha a coleta de dados relativa às seções gerais / de outros temas da revista *Ciência Popular* com menções a aspectos sobrenaturais / religiosos, ainda que não como assunto principal, distribuídas entre as edições 1 e 57. A ordem é decrescente para a quantificação das seções e alfabética para os nomes das seções em caso de empate. As três seções predominantes são “Cidadela” - seção de charadas (14), “O mundo em foco” - seção de notas fotográficas (9) e “Nada além de 10 linhas...” - seção de tópicos de curiosidades (7).

Tabela 02: Seções gerais / de outros temas que mencionam aspectos sobrenaturais / religiosos

Seção	Quantificação
Cidadela	14
O mundo em foco	9
Nada além de 10 linhas...	7
Antes de Marconi... História triste de um inventor brasileiro: Padre Landell de Moura	6
Filosofia	6
Parece mentira, mas é verdade	5
Quem disse que os cientistas não riem?	5
Coisas incríveis mas verdadeiras	4
Os nossos quesitos	4
Sabeis	4
1º Suplemento de Higiene e Segurança do Trabalho	3
Ciência Popular nos Campos da Ciência	2
Ciência Popular Viajando pelo Mundo	2
Curiosidades Brasileiras	2
Maravilhas do mundo	2
Nossos quesitos	2
Pérolas falsas	2
Portas de Tebas	2
Última hora	2
2º Suplemento Higiene e Segurança do Trabalho	1
À maneira de sermão	1
Asas sobre as Américas	1
Assim pensa o leitor	1
Calidoscópio de Ciência Popular	1
Ciência Popular Acusa!	1
Ciência Popular Indigenista	1

Ciência Popular na Astronomia	1
Coletividades humanas exóticas	1
Concurso de Problemas número 1	1
Concurso de Quebra-cabeças n.º 1	1
Crítica	1
Cruzado silábico	1
Desvendando os segredos dos prestidigitadores	1
Dez quesitos interessantes	1
É para você responder	1
História	1
Hitler	1
Homens & Obras Eugenio Gomes	1
Ministério da Educação - Instituto Nacional do Livro	1
O Auditorium de Ciência Popular	1
Seção de xadrez (direção de Gastão da Cunha)	1
Supremo tribunal da opinião pública	1
Técnica & Arte	1
Trechos seletos de Educação Sexual	1
Vida Literária	1

Fonte: Revista *Ciência Popular*

Conforme a quantificação, predomina a seção de charadas denominada “Cidadela”. A revista *Ciência Popular* buscou apresentar “o charadismo como instrumento vivo de evolução e cultura. O charadismo como ciência e como arte. O charadismo que aproxima, associa e unifica. O charadismo puro e sem fronteiras” (*Ciência Popular*, n. 43, abr. 1952, p. 40). A revista *Ciência Popular* criava um ambiente para a participação dos leitores, considerando que eles reconhecem essa linguagem. Segundo o regulamento⁶:

Para a remessa das listas de soluções dos pontos publicados em cada torneio, fica estabelecido o prazo de 120 (cento e vinte) dias, a contar da data do último número da revista. Encarecemos sejam as listas de decifrações, sempre que possível, datilografadas, a fim de nos facilitar o trabalho de conferência (*Ciência Popular*, n. 43, abr. 1952, p. 39).

⁶ O regulamento completo publicado na edição n. 43 (abr. 1952) da revista *Ciência Popular* está no Anexo 2.

A seguir, serão mostrados exemplos de charadas⁷ que mencionam aspectos religiosos:

Cidadela – Seção charadística mensal, com torneios trimestrais para veteranos, sob a direção de Atenas – (do círculo enigmístico carioca) (*Ciência Popular*, n. 43, abr. 1952, p. 39-41)

O NOSSO MUNDO

3) – O nosso mundo não é como o vosso,
O nosso mundo é muito diferente,
Tem no rosário mais que um padre-
[nosso,
E em CADA dia mais que um sol nas-
[cente.

No nosso mundo somos os pintores
Das telas mais bizarras e cubistas
E temos nas paletas novas cores
E novos tons de formas esquisitas.

Compomos sinfonias sem compassos
De sons que vão além das semifusas,
Que voam nas escalas dos espaços,
Em notas abstratas e confusas.

Bailamos novos ritmos sincopados
Que torcem corpos nus e sensuais
E rodam como as folhas nos tornados
E como os vagalhões nos temporais.

Talhamos novas formas nos granitos,
Gravamos nos metais os novos traços,
Na boca dos relevos novos ritos,
No corpo das estátuas novos braços.

Compomos os romances e novelas
Das almas incorpóreas e infinitas,
Com letras que são naus e caravelas
No cabo das tormentas e desditas.

Rezamos novo credo em nova igreja
E até o nosso Deus é diferente.
A nossa boca é pura quando beija,
E a nossa ALMA é grande quando sen-
[te.

Sempre subimos alto para o Alto.

⁷ As decifrações do Torneio Marechal, ao qual pertencem as charadas, foram publicadas na edição n. 51 (dez. 1952, p. 41): “3 - Uma pessoa”; “4 - Ralear”; “19 - MANEIRO (a letra R em maneio)”.

Nas serras onde as rochas são janelas.
Alamos como as águias que, dum salto,
Agarram pelos bicos as estrelas.
(*Ciência Popular*, n. 43, abr. 1952, p. 40)

4) – Um ESPÍRITO ATIVO não vê a
SOMBRA dos outros CAIR no seu
caminho. – 2, 1
(*Ciência Popular*, n. 43, abr. 1952, p. 40)

Para o meu prezado amigo ATENAS,
com um abraço.

19) – Numa calma paróquia da Bahia,
Onde há no povo fé e devoção,
Um velho e santo padre dirigia
Os misteres da nossa religião.

Alguém ao padre ofereceu um dia
Uma avezinha em lapidar prisão,
A qual, além do canto em melodia,
Tem hábito de vir comer à mão.

Entre o pesar de tê-la assim cativa
E o prazer de lhe ouvir a voz festiva,
Desse dilema, na laboração,

O reverendo pensa com carinho
Se deve ou não soltar o passarinho
ACOSTUMADO A VIR COMER À
[MÃO. – (7 letras)

Salvador – (Bahia)
Von Protozoário – (A.C.C.B.)
(*Ciência Popular*, n. 43, abr. 1952, p. 41)

Trechos como “padre-nosso”, “almas”, “Rezamos novo credo”, “ALMA”, “ESPÍRITO ATIVO”, “fé”, “devoção” e “santo” indicam pistas dadas com linguagem afeita ao sobrenatural. Assim sendo, alusão ao catolicismo é recorrente nessas charadas, com formatações de fonte caixa-alta e/ou caixa-baixa.

3.2 Linguagem, situação de comunicação e modos de organização do discurso

As teorias de Patrick Charaudeau relativas à Linguagem, à Situação de Comunicação e aos Modos de Organização do Discurso são a base teórica para a análise do discurso da revista *Ciência Popular*. Segundo o linguista (2010, p. 7), “a linguagem é um poder” construído e amoldado pelo homem no decorrer da “história dos povos”. Ele pensa, age e vive em sociedade, conforme a linguagem, e, para agir, é necessário que haja

pensamento que, por sua vez, está associado à linguagem. Não havendo esse poder, “ele não saberia como entrar em contato com os outros, como estabelecer vínculos psicológicos e sociais com esse outro que é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente”. Tal poder também permite “constituir comunidades de indivíduos em torno de um desejo de viver juntos” (CHARAUDEAU, 2010, p. 7).

A linguagem “é uma atividade humana que se desdobra no teatro da vida social e cuja encenação resulta de vários componentes, cada um exigindo um ‘*savoir-faire*’, o que é chamado de competência” (CHARAUDEAU, 2010, p. 7). As competências são: “situacional”, “semiollinguística” e “semântica”. Esse conjunto de competências é chamado de “competência discursiva”. As ações de linguagem são realizadas em *situação de comunicação*, com determinada finalidade e identidade de locutores e de interlocutores; a *competência semiollinguística* corresponde aos modos de organização do discurso “enunciativo”, “descritivo”, “narrativo” e “argumentativo” e aos usos das categorias de língua; já a *competência semântica* refere-se à construção de sentido, com usos de formas verbais, conhecimentos e crenças, “levando em conta os dados da situação de comunicação e os mecanismos de encenação do discurso”. Os modos de organização do discurso serão trabalhados à frente.

Os atos de linguagens são ligados ao “Contrato de Comunicação”, que orienta “julgamento” de “contratos e estratégias discursivas encenados” pelos sujeitos agentes e pelos sujeitos de fala, os protagonistas com “um estatuto sociolingueiro” (CHARAUDEAU, 2010, p. 60-61). No caso da revista *Ciência Popular*, o diretor-geral Ary Maurell Lobo recebe o estatuto de organizar o conteúdo de determinada edição e os leitores adquirem o estatuto de receptores desse conteúdo veiculado.

Charaudeau (2010, p. 24) reflete que o objetivo do ato de linguagem está vinculado ao “jogo que um dado sujeito vai estabelecer entre [configuração verbal] e seu sentido implícito”. Jogo esse que decorre da relação entre os “protagonistas” do ato de linguagem e da relação entre eles e as “circunstâncias de discurso”, as quais “intervêm na partilha do saber dos protagonistas da linguagem, no que diz respeito a suas práticas sociais, na condição de sujeitos coletivos” (2010, p. 30).

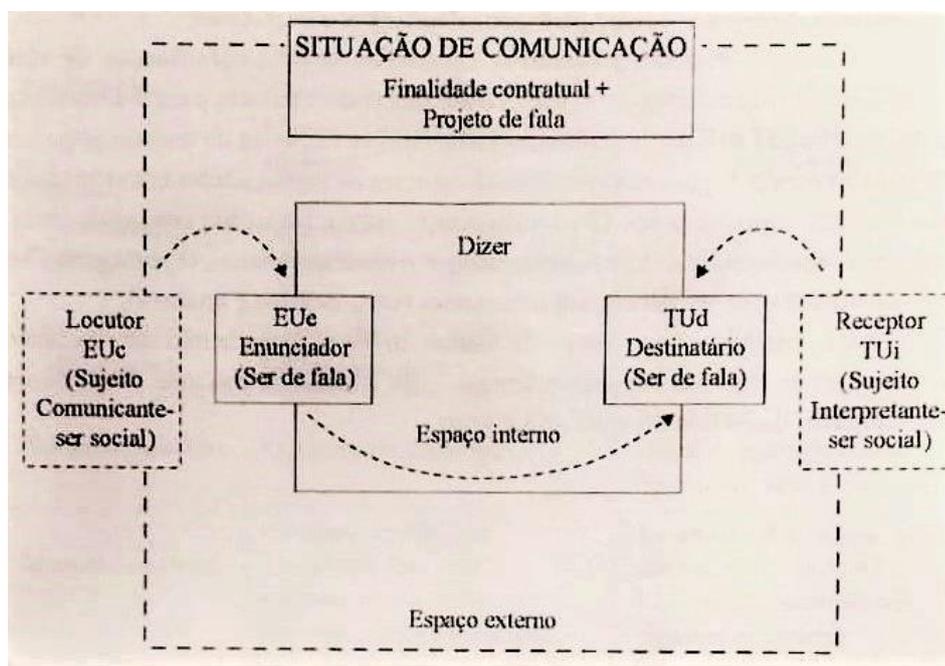
Há diferença entre “contexto linguístico” e “contexto extralinguístico”: o primeiro é o “ambiente verbal manifesto” e o segundo está relacionado ao “ambiente material pertinente para a codificação ou a decodificação da mensagem”:

[...] o ambiente material não é pertinente por si mesmo, mas é pertinente pelo fato de que os interlocutores possuem o mesmo saber sobre o mundo que os cerca, em relação aos seus propósitos languageiros. A Situação extralinguística faz parte das Circunstâncias de discurso, figura como um ambiente material transformado em palavra através dos filtros construtores de sentido, utilizados pelos atores da linguagem. Estes últimos criam a hipótese segundo a qual esse ou aquele ambiente semiotizado está inserido em um saber partilhado (CHARAUDEAU, 2010, p. 32).

Por meio da expectativa discursiva, “um saber sobre as representações linguísticas das práticas sociais dos protagonistas da linguagem” é conduzido pelos atos de linguagem (CHARAUDEAU, 2010, p. 37).

O ato de linguagem não deve ser considerado apenas uma transmissão de mensagem do Emissor ao Receptor, pois corresponde a um “encontro dialético” entre o “processo de Produção” (“criado por um EU e dirigido a um TU-destinatário”) e o “processo de Interpretação” (“criado por um TU'-interpretante, que constrói uma imagem EU' do locutor”). Charaudeau aponta o “EU” como o “o sujeito produtor do ato de linguagem”, que fabrica o “TU-destinatário” como apropriado “ao seu propósito languageiro”. Entretanto, o “TU'-interpretante” pode não condizer com essa hipótese e, com isso, haver formulação de “um outro EU” (“EU”), o “sujeito falante suposto (fabricado) pelo TU-interpretante (TU'”) (CHARAUDEAU, 2010, p. 44). Sendo assim, os processos de produção e de interpretação correspondem a “um ato interenunciativo entre quatro sujeitos (e não 2), lugar de encontro imaginário de dois universos de discurso que não são idênticos” (CHARAUDEAU, 2010, p. 45). O esquema a seguir explica graficamente esse encontro:

Figura 24: “Representação do dispositivo da encenação da linguagem”



Fonte: (CHARAUDEAU, 2010, p. 77)

De acordo com Charaudeau, “a identidade social e psicológica das pessoas que comunicam” é determinada pela situação de comunicação. “Ao comunicar, essas pessoas se atribuem também uma identidade propriamente linguageira que não tem a mesma natureza da identidade psicossocial” (2010, p. 76). O ato de linguagem é constituído de “dois circuitos de produção de saber”:

[...]- o circuito da fala configurada (espaço interno) no interior do qual se encontram seres de fala, que são instituídos como imagem de sujeito enunciador (EUE) e de sujeito destinatário (TUD), oriundos de um saber intimamente ligado às representações linguageiras das práticas sociais;
 - o circuito externo à fala configurada (espaço externo) onde se encontram os seres agentes que são instituídos como imagem de sujeito comunicante (EUC) e de sujeito interpretante (TUI), conforme um saber ligado ao conhecimento da organização do “real” (psicossocial) que sobredetermina esses sujeitos (CHARAUDEAU, 2010, p. 53).

EUE e TUD são os “protagonistas, seres de fala, internos à linguagem”; EUC e TUI são os “parceiros do ato de linguagem - seres sociais, externos à linguagem” (CHARAUDEAU, 2010, p. 81). O tratamento dos “aspectos sociológicos e psicológicos dos quais a linguagem é portadora” é realizável pelo “projeto semiolinguístico”. Segundo o proposto pela teoria, na área da linguagem, as “estratégias de poder”

correspondem ao “resultado de um jogo de ser e de parecer entre o estatuto social dos sujeitos e do circuito comunicativo (EUc / TUi) e o estatuto linguageiro dos sujeitos que a manifestação linguageira constrói (EUe / TUd)” (CHARAUDEAU, 2010, p. 62).

Há diferença entre as seguintes situações de comunicação: na “dialogal”, EUc, EUe, TUd e TUi “se encontram na mesma instância de fala”; quanto à “monologal escrita”, na qual está inscrita a revista *Ciência Popular*, EUc, EUe e TUd “se encontram na mesma instância de fala”, e TUi “se encontra numa instância de fala posterior” (CHARAUDEAU, 2010, p. 76). Dessa forma, no caso da análise a ser feita à frente, o periódico é o comunicante (EUc) que projeta o acesso ao conteúdo pelo público mais amplo (TUd). Quanto ao leitor interpretante (TUi), por exemplo, em banca de jornal, por meio da leitura da capa ou das manchetes ou títulos, aciona/projeta o enunciador (EUe) cujo conteúdo é ligado à ciência, ou seja, um EUe divulgador da ciência, que vê a ciência como uma forma de informar sobre o que está acontecendo. E com base nessa imagem, EUc vai direcionar uma das suas intencionalidades que é mostrar: “como a revista *Ciência Popular* trabalha o sobrenatural como uma das temáticas?”.

No ato de linguagem, a organização do EUc deve ser de acordo com “suas competências”, considerando “a margem de liberdade e de restrições de ordem relacional de que dispõe”. É necessário que EUc busque êxito quanto ao ato, pois “a garantia de tal sucesso estará na coincidência de interpretações que poderá ocorrer entre o sujeito interpretante (TUi) e o destinatário (TUd)” (CHARAUDEAU, 2010, p. 56). Os “contratos” e as “estratégias” são significativos para o sucesso do ato de comunicação:

A noção de contrato pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas sociais. Em decorrência disso, o sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de reconhecimento análoga à sua. Nessa perspectiva, o ato de linguagem torna-se uma proposição que o EU faz ao TU e da qual ele espera uma contrapartida de convivência. [...] A noção de estratégia repousa na hipótese de que o sujeito comunicante (EUc) concebe, organiza e encena suas intenções de forma a produzir determinados efeitos – de persuasão ou de sedução – sobre o sujeito interpretante (TUi), para levá-lo a se identificar – de modo consciente ou não – com o sujeito destinatário ideal (TUd) construído pelo EUc (CHARAUDEAU, 2010, p. 56).

O “Enunciador” (EUE) é formulado nos processos de produção e de interpretação: “o EUE é uma imagem de enunciador constituída pelo sujeito produtor da fala (EUC) e representa seu traço de intencionalidade nesse ato de Produção”; “o EUE é uma imagem de enunciador construída pelo TUI como uma hipótese (processo de intenção) de como é a intencionalidade do EUC realizada no ato de produção” (CHARAUDEAU, 2010, p. 48).

Como um ato de linguagem possui “sujeito comunicante” (EUC), “enunciador” (EUE), “destinatário” (TUD) e “sujeito interpretante” (TUI), Charaudeau recomenda que um texto seja questionado da seguinte maneira: “Quem o texto faz falar”? ou “Quais sujeitos o texto faz falar?” (2010, p. 63). Refletir essa questão é um ponto de partida para o entendimento sobre situações de comunicação e aplicação do entendimento às análises discursivas.

O “sujeito falante (o locutor, ao falar ou escrever)”, ao interagir com o “interlocutor”, atinge o centro do “dispositivo” representado como “ato de comunicação” (CHARAUDEAU, 2010, p. 67). O dispositivo de comunicação é composto da seguinte forma:

Tabela 03: Dispositivo de comunicação

Situação de comunicação	constitui o enquadre ao mesmo tempo <i>físico</i> e <i>mental</i> no qual se acham os parceiros da troca linguageira, os quais são determinados por uma <i>identidade</i> (PSICOLÓGICA E SOCIAL) e ligados por um <i>contrato de comunicação</i> .
Modos de organização do discurso	constituem os <i>princípios de organização</i> da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: <i>ENUNCIAR</i> , <i>DESCREVER</i> , <i>CONTAR</i> , <i>ARGUMENTAR</i> .
Língua	constitui o material verbal estruturado em categorias linguísticas que possuem, ao mesmo tempo e de maneira consubstancial, uma <i>forma</i> e um <i>sentido</i> .
Texto	representa o resultado material do ato de comunicação e que resulta de escolhas conscientes (ou inconscientes) feitas pelo sujeito falante dentre as <i>categorias de língua</i> e os <i>Modos de organização do discurso</i> , em função das restrições impostas pela <i>Situação</i> .

Fonte: CHARAUDEAU (2010, p. 68)

Esta pesquisa foca nos modos de organização do discurso, nos quais estão ordenadas as *categorias de língua* utilizadas pelo locutor a fim de gerar sentido, por

meio da “configuração de um *Texto*” (CHARAUDEAU, 2010, p. 75). O locutor é “mais ou menos consciente das restrições e da margem de manobra proposta pela Situação de comunicação” e considera a fala como “uma questão de estratégia”. Sendo assim, em “encenação”, pode-se questionar: “Como é que vou / devo falar (ou escrever) levando em conta o que percebo do interlocutor, o que imagino que ele percebe e espera de mim, do saber que eu e ele temos em comum, e dos papéis que eu e ele devemos desempenhar” (CHARAUDEAU, 2010, p. 75). O locutor organiza o discurso por meio da fala e/ou da escrita “em função de *sua própria identidade, da imagem que se tem de seu interlocutor e do que já foi dito*” (CHARAUDEAU, 2010, p. 76)⁸.

As categorias de língua são ordenadas conforme objetivos discursivos do ato de comunicação, e são aplicadas por métodos como os seguintes “modos de organização do discurso”: “Enunciativo”, “Descritivo”, “Narrativo” e “Argumentativo”. Tais modos apresentam “função de base”, a qual é a “finalidade discursiva do Projeto de fala do locutor”: “o que é ‘enunciar’? O que é ‘descrever’? O que é ‘contar’? e o que é ‘argumentar’?”. Os modos “Descritivo”, “Narrativo” e “Argumentativo” são organizados conforme “lógicas de construção” do “mundo referencial” e “encenação” (CHARAUDEAU, 2010, p. 74).

A tabela 04 apresenta didaticamente os quatro modos de organização do discurso propostos por Charaudeau:

⁸ O texto original está em itálico.

Tabela 04: Modos de organização do discurso

MODO DE ORGANIZAÇÃO	FUNÇÃO DE BASE	PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO
ENUNCIATIVO	Relação de influência (EU → TU) Ponto de vista do sujeito (EU → ELE) Retomada do que já foi dito (ELE)	Posição em relação ao interlocutor Posição em relação ao mundo Posição em relação a outros discursos
DESCRITIVO	Identificar e qualificar seres de maneira objetiva / subjetiva	Organização da construção descritiva (Nomear-Localizar-Qualificar) Encenação descritiva
NARRATIVO	Construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato.	Organização da lógica narrativa (actantes e processos) Encenação narrativa
ARGUMENTATIVO	Expor e provar casualidades numa visada racionalizante para influenciar o interlocutor	Organização da lógica argumentativa Encenação argumentativa

Fonte: CHARAUDEAU (2010, p. 75)

Por meio das funções de base e dos princípios de organização, o modo de organização “Enunciativo” é específico (posições quanto ao “interlocutor”, “ao mundo” e “a outros discursos”) e os demais modos, “Descritivo”, “Narrativo” e “Argumentativo”, possuem princípios similares (organização das lógicas e das encenações) e são comandados pelo modo “Enunciativo”:

O Modo Enunciativo tem uma função particular na organização do discurso. Por um lado, sua vocação essencial é a de dar conta da posição do locutor com relação ao interlocutor, a si mesmo e aos outros – o que resulta na construção de um aparelho enunciativo; por outro lado, e em nome dessa mesma vocação, esse modo intervém na encenação de cada um dos três outros modos de organização [Descritivo, Narrativo e Argumentativo]. É por isso que se pode dizer que este modo comanda os demais (CHARAUDEAU, 2010, p. 74).

Devido à intervenção e ao comando dos demais modos, conforme caracterizado pelo autor, o modo de organização do discurso nomeado como “Enunciativo” norteia a análise dos textos da revista *Ciência Popular* selecionados para esta pesquisa.

Charaudeau afirma que esse modo está concentrado nos “protagonistas, seres de fala, internos à linguagem”: o sujeito enunciador e o destinatário. A ação do sujeito falante na encenação é mostrada por essa “categoria de discurso” (2010, p. 81), que ordena as categorias da língua conforme as modalidades:

- ✚ Modalidades Alocutivas (2010, p. 86): o locutor se relaciona com o interlocutor por meio de “posição de superioridade” (“relação de força”: “interpelação”, “injunção”, “autorização”, “aviso”, “julgamento”, “sugestão” e “proposta”) e/ou de “posição de inferioridade” (“relação de pedido”: “interrogação” e “petição”);
- ✚ Modalidades Elocutivas (2010, p. 91): visão do locutor sobre o mundo. As categorias dessa organização são: modo de saber (“constatação” e “saber / ignorância”), avaliação (“opinião” e “apreciação”), motivação (“obrigação”, “possibilidade” e “querer”), engajamento (“promessa”, “aceitação / recusa”, “acordo / desacordo” e “declaração”) e decisão (“proclamação”). O interlocutor é somente “testemunha”;
- ✚ Modalidades Delocutivas (2010, p. 100): imposição do mundo (“asserção”) e forma de falar do outro (“discurso relatado”). Ou seja, corresponde ao “apagamento do ponto de vista” do locutor e do interlocutor.

A seguir, serão explicitadas algumas categorias modais, conforme procedimentos linguísticos da construção enunciativa. Essas explicações detalhadas servem como apoio para as análises das construções enunciativas dos textos da revista *Ciência Popular*, como veremos em 3.3. A tabela está dividida por linhas que separam as explicações das três modalidades (“Alocutiva”, “Elocutiva” e “Delocutiva”):

Tabela 05: Modalidades ligadas aos “procedimentos linguísticos da construção enunciativa”Proposta (Modalidade Alocutiva):

Papel do locutor:

- *estabelece* com seu enunciado uma ação a realizar.
- *oferece*: realizar ele mesmo essa ação em benefício do interlocutor; ou realizar essa ação em conjunto com o interlocutor, beneficiando os dois.
- *atribui a si* uma posição de “poder fazer”, já que é ele quem faz a oferta, mas o resultado depende da aceitação do interlocutor

Papel do interlocutor:

- *recebe* uma oferta da qual ele deve ser beneficiário ou cobeneficiário.
 - *é o beneficiário* de uma “proposta de fazer” para melhorar sua situação.
 - *acha-se em situação* de ter de *aceitar / recusar* a oferta.
- (CHARAUDEAU, 2010, p. 89, 90)

Sugestão (Modalidade Alocutiva):

Papel do locutor:

- *estabelece* com seu enunciado uma ação a realizar (ou a não realizar).
- *sabe* (ou *supõe*) que o interlocutor está numa situação desfavorável.
- *propõe* ao interlocutor executar a ação descrita como um meio de melhor a situação.
- *age como se* estivesse no lugar do interlocutor (“eu, no seu lugar”)
- *atribui a si* um estatuto de saber (mais ou menos confirmado pela experiência).

Papel do interlocutor:

- *é tido como* envolvido numa situação desfavorável.
 - *é o beneficiário* de uma “proposta de fazer” para melhorar sua situação.
 - *é dotado de liberdade* para utilizar ou não essa proposta.
- (CHARAUDEAU, 2010, p. 89)

Saber / Ignorância (Modalidade Elocutiva):

Papel do locutor:

- uma informação *é pressuposta* e o locutor diz se tem ou não conhecimento dela. Para a modalidade de “Saber”, a informação pressuposta é reconhecida em sua verdade pelo locutor: “*Eu sei que...*”.
- Para a modalidade de “Ignorância”, a informação pressuposta não pode ser reconhecida em sua verdade pelo locutor: “*Eu não sei se...*”, “*Eu ignoro se...*”.

Papel do interlocutor:

- não está implicado.
 - *é a testemunha* de um “Saber” ou de uma “Ignorância”.
- (CHARAUDEAU, 2010, p. 92)

Opinião (Modalidade Elocutiva):

Papel do locutor:

- um fato ou uma informação *é pressuposta* e a partir daí o locutor *explicita* a posição que o fato ou a informação ocupam em seu *universo de crenças*. Assim, o locutor *avalia* a verdade de seu propósito e, ao mesmo tempo, *revela* qual é o seu ponto de vista.

Papel do interlocutor:

- não está implicado.
- *é a testemunha* da “Opinião” do locutor.

A “Opinião” pode especificar-se em duas atitudes de crença:

“Convicção” – implica *dúvida* a respeito da validade do propósito, a respeito do qual, entretanto, o locutor exprime sua *certeza total*. Essa certeza é *própria* ao locutor: “*Tenho uma convicção íntima de que ele vai conseguir*”.

“Suposição” – implica *dúvida*, e o locutor exprime seu ponto de vista quanto ao grau de certeza da validade do propósito. Vai desde uma “certeza forte” (mas não total) ao “presentimento”, passando pela negação da própria crença: “*Não creio que ele ouse fazer uma coisa dessas.*”

(CHARAUDEAU, 2010, p. 92)

Discurso relatado (Modalidade Delocutiva):

Esta é uma modalidade complexa que depende da posição dos interlocutores, das maneiras de relatar um discurso já enunciado, e da descrição dos modos de enunciação de origem. (CHARAUDEAU, 2010, p. 102)

A “*posição*” dos interlocutores

[Exemplo:] Um locutor relator (L.R) se dirige a um Interlocutor (I.R) num determinado Tempo (T.R) e num determinado Espaço (E.R.) para relatar o Discurso enunciado anteriormente (D.0) por um Locutor de origem (L.0) que se dirigira a um Interlocutor (I.0) num determinado Tempo (T.0) e num determinado Espaço (E.0). (CHARAUDEAU, 2010, p. 103)

As “*maneiras de relatar*”

O Discurso de origem pode ser relatado de diferentes maneiras pelo Locutor-relator (L.R). Ele pode ser: (CHARAUDEAU, 2010, p. 104)

a) citado (A “*citação*”) (CHARAUDEAU, 2010, p. 104)

b) integrado (CHARAUDEAU, 2010, p. 104)

c) narrativizado (CHARAUDEAU, 2010, p. 105)

d) evocado (alusão) (CHARAUDEAU, 2010, p. 105)

Fonte: CHARAUDEAU (2010)

A revista *Ciência Popular* está ligada ao campo da divulgação científica. Segundo Charaudeau, “o Gênero *científico* (que varia, evidentemente, segundo a disciplina e o suporte que o veicula) é essencialmente organizado segundo um modo argumentativo, mas pode conter passagens descritivas e narrativas” (2010, p. 78). O locutor se comunica com o interlocutor e, ao argumentar, as maneiras são: “dialógica (argumentação interlocutiva), escrita ou oratória (argumentação monolocutiva)” (2010, p. 207). De acordo com Charaudeau, são necessários para uma argumentação: um “questionamento” referente à “legitimidade” de uma “proposta sobre o mundo”; construção de um “raciocínio” de um sujeito engajado quanto a esse “questionamento (convicção)”, a fim de “estabelecer uma verdade (quer seja própria ou universal, quer

se trate de uma simples *aceitabilidade* ou de uma *legitimidade*) quanto a essa *proposta*"; um sujeito como "*alvo* da argumentação" do argumentante, com chance de direcioná-lo "*a compartilhar* da mesma verdade (persuasão)", podendo o alvo "aceitar (ficar *a favor*) ou refutar (ficar *contra*) a argumentação" (2010, p. 205).

Por meio do modo de organização do discurso "Argumentativo", é realizada a produção de "explicações" para asserções sobre o mundo, referindo-se a "experiência" ou "conhecimento", "numa dupla perspectiva de *razão demonstrativa* e *razão persuasiva*" (CHARAUDEAU, 2010, p. 207):

[...]- a *razão demonstrativa* se baseia num mecanismo que busca estabelecer relações de causalidade diversas (*causalidade*: conceito tomado aqui num sentido amplo de relação entre duas ou várias asserções). Essas relações entre asserções se estabelecem através de procedimentos que constituem o que chamamos de *organização da lógica argumentativa*. Seus componentes estão ligados, ao mesmo tempo, ao sentido das asserções, aos *tipos de relações* que as unem e aos *tipos de validação* que as caracterizam.

(2010, p. 207, 208) - a *razão persuasiva* se baseia num mecanismo que busca estabelecer a *prova* com a ajuda de *argumentos* que justifiquem as propostas a respeito do mundo, e as relações de causalidade que unem as asserções umas às outras. Esse mecanismo depende muito particularmente de *procedimentos de encenação discursiva* do sujeito argumentante, razão pela qual o chamamos – paralelamente aos outros modos de organização do discurso – de *encenação argumentativa*.

Segundo Charaudeau (2010, p. 209), uma relação argumentativa é constituída de, ao menos, três formas de asserções:

- ✚ A1 ("partida", "dado" ou "premissa"): é um "dado de partida", sendo uma "fala sobre o mundo que consiste em fazer existirem seres, em atribuir-lhes *propriedades*, em descrevê-los em suas *ações* ou *feitos*". Tal "asserção de partida" é determinada a buscar reconhecer A2 ("asserção de chegada"), sob justificativa;
- ✚ A2, como "conclusão da relação argumentativa" e "legitimidade da proposta", corresponde à "relação de causalidade", de acordo com a possibilidade de se tornar a "*causa* da premissa ('A1 porque A2'), ou sua *consequência* ('A1, portanto A2')";
- ✚ Por fim, define-se a "asserção de passagem" como a "*prova*" da ligação entre A1 e A2, buscando a aceitação do interlocutor ou destinatário quanto à verdade

da proposta. Portanto, “representa um *universo de crença* sobre a maneira como os fatos se determinam mutuamente na experiência ou no conhecimento de mundo”. A “asserção de passagem” pode ser apontada como “prova”, “inferência” ou “argumento”. Exemplo de relação argumentativa:

O céu está azul (A1), você pode fechar o guarda-chuva (A2).

[Inferência]: Quando o céu está azul, não chove. Quando não chove, não há necessidade de abrir o guarda-chuva (CHARAUDEAU, 2010, p. 210).

A “relação de causalidade” é o fundamento da relação argumentativa. Além da “Implicação” e da “Explicação”, é possível haver “modos de encadeamento” como “conjunção” e “restrição”:

[Conjunção] Em “*João e Maria partiram de trem*”, tem-se uma operação de *adição*; mas em “*Parte de manhã bem cedo e não encontrarás engarrafamento na estrada*”, a conjunção serve para expressar uma relação argumentativa: *Se partires bem cedo, então não encontrarás engarrafamento na estrada.*

[Restrição] Sabe-se que essa operação se baseia numa relação de causa e consequência cuja conclusão esperada é anulada e substituída por uma asserção contrária: “Ele é inteligente [portanto poder-se-ia esperar que compreendesse], *entretanto não compreende essas coisas*” (CHARAUDEAU, 2010, p. 211).

Ao analisar os textos da revista *Ciência Popular*, serão identificados e destacados os “modos de encadeamento” nos trechos argumentativos.

3.3 Revista *Ciência Popular*: análise discursiva de temáticas ligadas ao sobrenatural

Com o objetivo de entender o efeito produzido conforme o discurso referente ao sobrenatural, este tópico realiza a leitura e análise dos textos selecionados da revista *Ciência Popular*, tendo como apoio os seguintes conceitos de Patrick Charaudeau (2010): situação de comunicação e modos de organização dos discursos “Enunciativo” (categorias modais de construção enunciativa) e “Argumentativo” (elementos de base da relação argumentativa e modos de encadeamento).

Os questionamentos deste tópico são: “quais sujeitos o texto faz falar?”, conforme recomendado por Charaudeau (2010), e “como a revista *Ciência Popular* trabalha o sobrenatural como algo pertinente à divulgação científica?”. Os textos completos estão na seção Anexos desta dissertação, com as categorias modais de construção

enunciativa especificadas em colchetes. Veremos também, a seguir, as análises das relações argumentativas (elementos de base e modos de encadeamento) e dos sujeitos dos atos de comunicação.

3.3.1 O sobrenatural como tema na revista *Ciência Popular*

Ao montar a lista “Seções ligadas ao sobrenatural”, verifiquei que é maior o número de textos da seção “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida”. Selecionei a primeira publicação dessa seção, a fim de analisar o discurso da abertura, com comentário do editorial referente às motivações da publicação de assuntos ligados à “vida após a morte” e dos três manifestos de leitores.

Como veremos, a abertura da seção e as três cartas de leitores (edição n. 6, março 1949, p. 16-18)⁹ serão analisadas como citações dentro de um texto maior, que é a justificativa dada pela revista *Ciência Popular* para legitimar a inclusão do tema “vida além da morte” na sua pauta.

Na abertura da seção, o redator - sujeito comunicante (EUc) busca se construir como sujeito enunciador (EUe), ao se posicionar quanto à abertura e à justificativa da publicação da seção. Ele espera que os leitores interpretantes (TUi) da revista *Ciência Popular* se identifiquem como leitores sujeitos destinatários (TUd), que se interessem e se engajem quanto à decisão ligada à publicação de estudos teológicos e sobrenaturais, mesmo o periódico sendo voltado para a divulgação científica. Sendo assim, reforça que a revista aborda uma diversidade de temas e precisa construir um caráter “científico” para esse tema, para justificar tal inclusão. O redator aproveitou o ensejo do anúncio da seção para publicar três cartas ligadas a manifestações de leitores.

Os argumentos de EUc com asserções em destaques (partida, passagem - modos de encadeamento e chegada) são:

⁹ Os textos integrais e as categorias modais de construção enunciativa estão nos Anexos 3, 4, 5 e 6.

a) “Foram as manifestações sem conta que nos chegaram a propósito do artigo – ‘Arnaldo, meu filho querido’, publicado em Janeiro último [Asserção de partida - A1], que nos fizeram tomar tal resolução [Asserção de chegada - A2].” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 16)¹⁰

[Asserção de passagem]: leitores se manifestaram após a leitura do artigo “Arnaldo, meu filho querido”. **Portanto**, foi decidida a realização de estudos sobre vida além da morte” **[Modo de encadeamento: consequência]**.

b) “Em vez de passar esses estudos para trás, devemos pô-los imediatamente em ordem do dia [Asserção de partida - A1]. Porque há realmente imensurável interesse em volta do grande mistério da morte [Asserção de chegada - A2].” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 16)

[Asserção de passagem]: os estudos devem ser postos em dia, **porque** há grande “interesse em volta do grande mistério da morte” **[Modo de encadeamento: causa]**.

Interpretação das categorias modais de construção enunciativa, conforme Charaudeau (2010)

O comunicante (EUc), ao projetar o enunciador (EUe), escreveu a abertura da seção com as categorias modais a seguir: proclamação, saber, apreciação favorável, opinião (convicção), proposta, aviso e julgamento. Assim sendo, como exemplos de efeitos discursivos, o comunicante:

- ✚ proclama estudo sobre vida após a morte e observações de cientistas acerca de ensinos religiosos;
- ✚ sabe posições de sujeitos que não acreditam em vida após a morte e posições de sujeitos crentes em vida após a morte:

Para o homem que supõe seja a morte o ponto final da vida, o berço e a sepultura são os dois extremos da curta mas atribulada estrada: É nascer, e seguir em frente, procedendo mais ou menos canalhamente, conforme a moral adotada, até o instante de ficar imobilizado para sempre a sete palmos de terra (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 16).

¹⁰ Os argumentos da revista *Ciência Popular* estão destacados em cor azul e as asserções de passagem estão formatadas em cor preta.

Para o homem que acredita assinala a morte o início doutra vida, já o curto caminho aquém túmulo é a preparação do longo caminho além túmulo: É entrar na barra deste mundo, e navegar avante, preparando-se com o exercício de nobres ações para, ao fazer miserável naufrágio na morte, poder ressuscitar no Céu, junto de Deus Todo-Poderoso (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 16).

A partir disso, parece ser claro o posicionamento do redator, que escreve como quem valoriza a crença na vida após a morte.

- ✚ aprecia favoravelmente o contato com leitores: julga que a decisão de antecipar a publicação surgiu conforme manifestações de leitores do editorial "Arnaldo, meu filho querido" (jan. 1949), o que é explicitamente pessoal;
- ✚ é convicto de que "há realmente imensurável interesse em volta do grande mistério da morte" (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 16);
- ✚ expõe que já era intenção da *Ciência Popular* a publicação de estudos teológicos e sobrenaturais, com honestidade, propondo verificar o limite da Ciência e o princípio da Fé;
- ✚ avisa que cartas de leitores são publicadas a critério da redação.

"Escreve o Sr. João Baptista de Mello" (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 16, 17)

O leitor João Baptista de Mello - comunicante (EUc) direcionou a carta ao diretor-geral da *Ciência Popular* - interpretante (TUi), com esperança de consolá-lo (TUd) em relação ao falecimento de Arnaldo Lobo. O diretor-geral da *Ciência Popular* - interpretante (TUi), não apenas recebeu a missiva, como também a selecionou dentre outras para publicá-la no lançamento da seção *Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema*, argumentando que manifestações como essa o fizeram constatar que deveria providenciar estudos sobre a vida após a morte, para atender ao grande interesse do público. Ele usa a voz de outro para dar legitimidade ao que a própria revista está fazendo.

O autor da missiva - comunicante (EUc) opinou com expectativa de convencê-lo (TUd) ao argumentar que a vida não pode ser encerrada. Segundo a carta, "A ciência, por si, é impotente para responder às perguntas que o espírito formula nos momentos

decisivos da vida”. Para EUc, Arnaldo está próximo de maneira a auxiliar o pai e corresponder o "carinho e a estima".

Os argumentos de EUc com asserções em destaques (partida, passagem - modos de encadeamento e chegada) são:

a) “Com toda certeza, Deus já atendeu à sua súplica **[Asserção de partida - A1]**, respondendo-lhe através das mais sinceras demonstrações de solidariedade moral e espiritual por parte de corações amigos que lhe estimam, sejam eles conhecidos ou desconhecidos [...] **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 16)

[Asserção de passagem]: Deus atendeu ao pedido, **porque** amizades prestaram solidariedade moral e espiritual **[Modo de encadeamento: causa]**.

b) “[...] respondendo-lhe através das mais sinceras demonstrações de solidariedade moral e espiritual por parte de corações amigos que lhe estimam, sejam eles conhecidos ou desconhecidos **[Asserção de partida - A1]**, cujas palavras de conforto representam uma verdadeira chuva de eflúvios balsâmicos para o seu cérebro e para o seu coração **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 16)

[Asserção de passagem]: amizades prestaram solidariedade moral e espiritual, **portanto** as “palavras de conforto representam uma verdadeira chuva de eflúvios balsâmicos” destinados ao cérebro e ao coração **[Modo de encadeamento: consequência]**.

c) “Para o senhor, que habituou o pensamento a se enrijecer nas pesquisas profundas dos profundos fenômenos científicos **[Asserção de partida - A1]**, a suavidade da filosofia é necessária como um refrigerio para as perturbações que o seu espírito experimenta numa encruzilhada como essa, absoluta e ingratamente inesperada **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 16)

[Asserção de passagem]: como o pensamento de Ary Lobo está aprofundado nos estudos dos fenômenos científicos, **logo** é necessária “a suavidade da filosofia” para o conforto do espírito **[Modo de encadeamento: consequência]**.

d) “No primeiro caso [a vida termina com a morte], estaríamos diante de uma tristíssima comédia, sobre ser absurda **[Asserção de partida - A1]**, só admissível a quem esteja rastejando ainda nos planos inferiores da racionalidade **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Asserção de passagem]: o término da vida com a morte é considerado “uma tristíssima comédia” e é aceitável apenas àqueles que estão “nos planos inferiores da racionalidade” **[Modo de encadeamento: conjunção]**.

e) “No segundo caso [vida após a morte], estamos em frente de uma profunda filosofia, da qual não podemos fugir **[Asserção de partida - A1]** sem reverenciar-lhe a capacidade de iluminar, embora tenuemente, os caminhos obscuros do Desconhecido, pelos quais o pensamento vagueia, em busca de respostas consoladoras para as suas interrogações desorientadas **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Asserção de passagem]: “não podemos fugir” da “profunda filosofia”, **porque** ilumina “os caminhos obscuros do Desconhecido”, onde o pensamento busca consolo por meio de respostas às “interrogações desorientadas” **[Modo de encadeamento: causa]**.

f) “[...] se a Terra não passa duas vezes pelo mesmo lugar, porque percorre uma trajetória espiralada aberta para o Infinito **[Asserção de partida - A1]**, a história do homem não pode ficar encerrada entre o berço e o túmulo [...] **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Asserção de passagem]: **se** a Terra “percorre uma trajetória espiralada aberta para o Infinito”, “o berço e o túmulo” não podem encerrar “a história do homem” **[Modo de encadeamento: conjunção]**.

g) “[...] a história do homem não pode ficar encerrada entre o berço e o túmulo **[Aserção de partida - A1]** – as duas únicas portas que limitam, na trajetória, também espiralada, das ascensões espirituais, um arco cuja pequenez não tem medida **[Aserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Aserção de passagem]: “o berço e o túmulo” não podem encerrar “a história do homem”, **porque** são “as duas únicas portas que limitam, na trajetória, também espiralada, das ascensões espirituais, um arco cuja pequenez não tem medida”
[Modo de encadeamento: causa].

h) “Se a história do homem prossegue além da morte **[Aserção de partida - A1]**, a sua origem está enraizada aquém do nascimento **[Aserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Aserção de passagem]: **se** a “história do homem” continua após a morte, o nascimento é posterior à origem do homem **[Modo de encadeamento: conjunção]**.

i) “Diante da perfeição do Universo e da Justiça divina, não há possibilidade de reunirem-se, sob os mesmos laços de família espiritual, seres com pesos específicos morais diferentes **[Aserção de partida - A1]**, porque o Amor também tem as suas leis, a sua trajetória e a sua direção **[Aserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Aserção de passagem]: consideração da “perfeição do Universo” e da “Justiça divina”: separação entre “seres com pesos específicos morais diferentes”, **porque** há cumprimento de “leis”, “trajetória” e “direção” do Amor **[Modo de encadeamento: causa]**.

j) “[...] houve razões poderosas para que uma entidade espiritual, respondendo aos imperiosos desígnios de sua jornada celeste – desígnios biológicos, psíquicos, morais e espirituais, - viesse desempenhar a sua missão junto ao senhor, atendendo aos mesmos desígnios com outro aspecto: filiais, individuais, sociais e intelectuais **[Aserção de partida - A1]**. São estes acontecimentos admiravelmente entrelaçados

que ligam a Terra ao Céu – o Homem a Deus! **[Asserção de chegada - A2]**” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Asserção de passagem]: ocorre relação entre aspectos espirituais e aspectos humanos, **porque** há ligação entre a Terra e o Céu **[Modo de encadeamento: causa]**.

k) “São estes acontecimentos admiravelmente entrelaçados que ligam a Terra ao Céu – o Homem a Deus! **[Asserção de partida - A1]** – para que a criatura possa contemplar e compreender, compreender e amar o Criador! **[Asserção de chegada - A2]**” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Asserção de passagem]: há ligação entre a Terra e o Céu, **para** “compreender e amar o Criador” **[Modo de encadeamento: causa]**.

l) “Para que a chama que incendeia o seu coração altruísta não se apagasse **[Asserção de partida - A1]**, era necessário que ele partisse **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Asserção de passagem]: **para** não apagar “a chama que incendeia” o “coração altruísta” de Ary Lobo, era necessária a partida de seu filho **[Modo de encadeamento: finalidade]**.

m) “Seu filho tem plena liberdade de estar mais perto do senhor **[Asserção de partida - A1]** – e os fatos que comprovam esta asserção estão se multiplicando todos os dias [...] **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Asserção de passagem]: o ente querido “tem plena liberdade de estar perto” e há comprovação de fatos em multiplicação **[Modo de encadeamento: conjunção]**.

n) “[...] os fatos que comprovam esta asserção estão se multiplicando todos os dias **[Asserção de partida - A1]** – para ajudar-lhe, para esclarecer-lhe, para retribuir-lhe o carinho e a estima, do que em qualquer outra ocasião **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Asserção de passagem]: há comprovação de fatos em multiplicação **para** esclarecimento e retribuição do carinho e da estima **[Modo de encadeamento: finalidade]**.

o) “Não descreia de Deus, crendo na ciência **[Asserção de partida - A1]**, uma vez que a ciência é uma exteriorização física da presença de Deus **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Asserção de passagem]: não deve haver descrença em Deus por causa da ciência, **porque** nela há presença divina **[Modo de encadeamento: causa]**.

p) “A função do átomo não é somente a de sustentar o Universo **[Asserção de partida - A1]**, mas também a de constituir o sistema nervoso, pelo qual Deus toma conhecimento da Criação, através dessa impoderabilíssima substância – o éter [...] **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Asserção de passagem]: além do átomo “sustentar o Universo”, constitui o sistema nervoso, **para** Deus conhecer a Criação, “através dessa impoderabilíssima substância – o éter **[Modo de encadeamento: finalidade]**”.

q) “[...] rigidez [do éter] permite a luz percorrer 300.000 quilômetros por segundo **[Asserção de partida - A1]** e cuja resistência, praticamente nula, concede plena liberdade para que os corpos executem as suas trajetórias **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Asserção de passagem]: [modo de encadeamento: conjunção].

r) “Creio que está aí, como e porque Deus está em toda parte **[Asserção de partida - A1]**. Se assim é, está definida, ‘cientificamente’, a onipresença divina **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Asserção de passagem]: se Deus é onipresente, **então** há definição científica **[Modo de encadeamento: consequência]**.

s) “O Homem é um universo em miniatura e a centelha psíquica que o anima também é onipresente [Asserção de partida - A1]: a Dor comprova isso [Asserção de chegada - A2].” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17)

[Asserção de passagem]: a centelha psíquica que “anima” o Homem como “um universo em miniatura” é onipresente e há comprovação por meio da “Dor” **[Modo de encadeamento: conjunção]**.

Interpretação das categorias modais de construção enunciativa, conforme Charaudeau (2010)

O comunicante (EUc), ao projetar o enunciador (EUe), escreveu a carta com as categorias modais a seguir: opinião (convicção), saber, apreciação favorável, opinião (suposição), constatação, concordância, querer (desejo), declaração (afirmação), discordância, julgamento, interpelação, proposta, sugestão, interrogação e discurso relatado. Assim sendo, como exemplos de efeitos discursivos, o comunicante:

✚ é convicto de, “[...] se a Terra não passa duas vezes pelo mesmo lugar, porque percorre uma trajetória espiralada aberta para o Infinito, a história do homem não pode ficar encerrada entre o berço e o túmulo.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17). EUc utiliza-se dos mais avançados conhecimentos da Astrofísica (hard Science, inquestionavelmente) para sustentar uma afirmação nada científica. A carta usa elementos do discurso científico para legitimar afirmações não científicas, o que revela a própria estratégia discursiva que o redator usa – apresentar a discussão sobre a vida após a morte como se fosse um tema científico, ou afeito ao conhecimento racional.

✚ é convicto quanto à relação da “onipresença divina” com a ciência, ao saber que:

A função do átomo não é somente a de sustentar o Universo, mas também a de constituir o sistema nervoso, pelo qual Deus toma conhecimento da Criação, através dessa impoderabilíssima substância – o éter – cuja rigidez permite a luz percorrer 300.000 quilômetros por segundo e cuja resistência, praticamente nula, concede plena liberdade para que os corpos executem as suas trajetórias (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17).

- ✚ aprecia favoravelmente as “palavras de conforto” direcionadas ao diretor-geral Ary Maurell Lobo - destinatário (TUd) (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17);
- ✚ supõe que o filho de TUd, “sem desfalecimento e sem descrença”, tenha terminado a “missão” no Planeta Terra. Interpreta-se que tal missão foi realizada antes da “vida além da morte” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17);
- ✚ constata que a Natureza está em constantes elevações. Sendo assim, não pode haver limitação;
- ✚ concorda que “se a história do homem prossegue além da morte, a sua origem está enraizada aquém do nascimento” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17);
- ✚ afirma que TUi (TUd projetado por EUc) não precisa questionar a identificação do autor da missiva direcionada com o desejo de confortar o “espírito”:

Não é necessário indagar quem escreve estas linhas. É um amigo desconhecido que, compreendendo – quase sentindo – até aonde foram as suas aspirações elevadas, os seus ideais superiores, os seus objetivos altruístas, deseja também instilar no íntimo do seu espírito atribulado, um ramallete, pequenino embora, de ideias amigas, gerado espontaneamente pelo desejo sincero de confortar (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 16).

- ✚ expõe a seguinte discordância: “não estou acenando-lhe com o fatalismo, princípio esse que não aceito absolutamente” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17);
- ✚ julga que TUi (TUd projetado por EUc) é bastante intelectual e que, ainda assim, está diante da seguinte “encruzilhada”: “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17), o que corresponde ao título da seção. Isso mostra uma clara afinidade do redator (EUc) com o conteúdo da missiva. Segundo Maurice Mouillaud (2012, p. 47), “o discurso [...] não está solto no espaço; está envolvido no que chamaria de ‘dispositivo’ que, por sua vez, não é uma simples entidade técnica, estranha ao sentido”. Além disso:

[...] o envelope não está indiferente à carta que contém; ele me prepara para escrever um correspondente (ou para interrogar-me a respeito de sua

identidade, o que permanece uma espera), para mobilizar esse ou aquele interesse (ou desinteresse), para acordar o ethos (favorável ou desfavorável) com o qual vou ler a carta. Em resumo, o dispositivo prepara para o sentido (MOUILLAUD, 2012c, p. 48).

- ✚ interpela TUi (TUd projetado por EUc) de maneira cordial ao cumprimentá-lo;
- ✚ propõe ao TUi (TUd projetado por EUc) a filosofia “para o cérebro” e a ciência “para o coração” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 16);
- ✚ apresenta a seguinte sugestão ao TUi (TUd projetado por EUc): “não descreia de Deus, crendo na ciência, uma vez que a ciência é uma exteriorização física da presença de Deus” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17). A missiva dirime possíveis conflitos entre a Ciência e a Fé;
- ✚ interroga da seguinte forma: “como pode a Natureza, então, depois de tanta luta, de tanto esforço, de tanto sacrifício na organização laboriosa das criaturas, se dar ao capricho incompreensível de reduzir tudo a nada?” Conclui-se que é uma forma de instigar TUi (TUd projetado por EUc) à reflexão;
- ✚ comenta que leu o editorial da quarta edição da *Ciência Popular* (jan. 1949, p. 1):

Tenho à minha frente a página enlutada, na qual o senhor dirige uma súplica ao Infinito, rogando a Deus um conforto substancial que dulcificasse o seu coração de pai dedicado e amoroso, dilacerado pela perda irremediável do seu querido filho (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 16).

Com esse discurso relatado, EUc proteja EUe que se mostra sensibilizado ao se deparar com a notícia do falecimento do filho de Ary Lobo. A publicação desta carta serve, também, para legitimar a escolha do editor em incluir o tema na pauta do periódico.

Escreve o Sr. Heráclito Carneiro” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17, 18):

O autor da carta Heráclito Carneiro - comunicante (EUc) dirigiu a carta esperando que o diretor-geral da *Ciência Popular* - interpretante (TUi), como destinatário (TUd), fosse amparado e persuadido conforme os argumentos ligados à existência da vida além da morte. Assim como ocorreu com a carta de João Baptista de Melo, o diretor-geral da *Ciência Popular* - interpretante (TUi), também considerou a carta de Heráclito Carneiro

para seleção e publicação junto ao início seção *Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema*, e manifestou que missivas como essa o fizeram tomar a decisão de “antecipar” os estudos de aspectos teológicos e sobrenaturais. EUC considera que Arnaldo permanece vivo e essa afirmativa é sustentada por meio do seguinte conceito científico: “nada se cria, nada se destrói, porém tudo se transforma”. Ademais, defende que o Espiritismo, como ciência, conforta “almas feridas e aflitas” (*Ciência Popular*, n. 6, mar. 1949, p. 18).

Os argumentos de EUC com asserções em destaques (partida, passagem - modos de encadeamento e chegada) são:

a) “Assim, pois, meu bom amigo e irmão, conhecendo por essa comovedora página, a nobreza de sentimentos, a dedicação impressionante, que habitam em vosso coração bem formado **[Asserção de partida - A1]**, não posso eximir-me ao desejo incontido e, muito mais que isso, ao dever imperioso que me é imposto, como cristão que procuro ser, de reavivar em vossa alma um tanto combalida ante a incompreensão do grande enigma da existência humana, do porquê da vida e do destino que nos aguarda, o fogo sagrado da fé [...] **[Asserção de chegada - A2]**”. (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17).

[Asserção de passagem]: o “coração bem formado” de Ary Lobo possui “nobreza de sentimentos”, **logo** Heraclito Carneiro manifestou a vontade de reativar o “fogo sagrado da fé” na alma do diretor-geral **[Modo de encadeamento: consequência]**.

b) “[...] não posso eximir-me ao desejo incontido e, muito mais que isso, ao dever imperioso que me é imposto, como cristão que procuro ser, de reavivar em vossa alma um tanto combalida ante a incompreensão do grande enigma da existência humana, do porquê da vida e do destino que nos aguarda, o fogo sagrado da fé **[Asserção de partida - A1]**, desse fogo que uma vez consolidado através dos argumentos de uma fé esclarecida e lógica, conduz-nos impavidamente, cheios de esperança, pela estrada infinita do progresso **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17).

[Asserção de passagem]: Heráclito Carneiro manifestou a vontade de reativar o “fogo sagrado da fé” na alma do Ary Lobo, **porque**, com “argumentos de uma fé esclarecida e lógica”, estimula direcionamento com grande esperança “pela estrada infinita do progresso” **[Modo de encadeamento: causa]**.

c) “[...] **se** sois um cientista **[Asserção de partida - A1]**, deveis, mais do que qualquer dos vossos irmãos em Deus, amparar a vossa fé nos fundamentos sólidos dos fatos, dos fenômenos, das leis, que os homens impropriamente e por pleonasma chamam de naturais **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

d) “Eu vos concito, irmão querido, para o estudo dos acontecimentos supra-normais que a natureza, tão boa e pródiga, que Deus nos faculta, cheio de amor e carinho **[Asserção de partida - A1]**, afim de nos convencer desta grande realidade, deste grande acontecimento que os próprios laboratórios hão de revelar mais positivamente ao homem, neste bruxolear do século XX [...] **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17).

[Asserção de passagem]: estimula quanto ao “estudo dos acontecimentos supra-normais”, **para**, posteriormente, Ary Lobo buscar persuadir quanto à pesquisa **[Modo de encadeamento: finalidade]**.

e) “[...] a morte, como a compreendemos, não existe **[Asserção de partida - A1]**; o vosso Arnaldo querido não se aniquilou, porque vive ainda, com mais exuberância que quando no fardo pesado e sanioso da carne **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17).

[Asserção de passagem]: a morte não existe **e** o filho de Ary Lobo permanece vivo **[Modo de encadeamento: conjunção]**.

f) “Sendo Deus infinito (que não tem princípio nem fim) **[Asserção de partida - A1]**, eu não vos posso dar uma definição de Deus [...] **[Asserção de chegada - A2]**” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: Deus é infinito. **Portanto** não pode haver definição **[Modo de encadeamento: consequência]**.

g) “[...] definir é limitar, encerrar nos conceitos angustos da geometria euclidiana **[Asserção de partida - A1]**; mas poderei emitir conceitos que servirão para definir o limite da minha compreensão, da minha consciência a esse respeito **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: definir é limitar. **Entretanto**, declara ser possível expor conceitos definindo o limite da consciência e da compreensão em relação a Deus **[Modo de encadeamento: restrição]**.

h) “Cada ser e cada coisa possui uma partícula, uma centelha desse Todo, é a particularização, a pulverização do Espírito Universal **[Asserção de partida - A1]**. **Então**, por conseqüente corolário, o nosso “eu”, a centelha que nos anima, o espírito sendo a própria Vida, não pode morrer e não morre absolutamente [...] **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

i) “[...] por conseqüente corolário, o nosso “eu”, a centelha que nos anima, o espírito sendo a própria Vida, não pode morrer e não morre absolutamente **[Asserção de partida - A1]**; **daí** vem a pluralidade das existências (palingênese), intercaladas ou intervaladas pelas reencarnações **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

j) “O espírito, como centelha, nas suas origens, tem individualidade e é inteligente **[Asserção de partida - A1]**, **mas** necessita ganhar consciência e personalidade (eis

a finalidade da vida), que o hão de polimorfizar na trajetória da espiral evolutiva [...] **[Asserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: restrição]

k) “[O espírito] necessita ganhar consciência e personalidade (eis a finalidade da vida), que o hão de polimorfizar na trajetória da espiral evolutiva **[Asserção de partida - A1]. Por isso**, dele nasce o movimento, a energia, a matéria, por natural cognatismo [...] **[Asserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

l) “[...] dele nasce o movimento, a energia, a matéria, por natural cognatismo **[Asserção de partida - A1]** e dessas formas se vale para o exercício da sua aprendizagem no mundo das provas **[Asserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: conjunção]

m) “[...] quando ele [estado de encarne para o desencarne] é ainda pouco evoluído e a matéria que reveste o seu corpo é ainda muito densa, pouco desmaterializada, de sorte a amortecer profundamente as vibrações de alto teor cíclico próprias do espírito quando desembaraçado dos tentáculos da carne, essa passagem se caracteriza por um estado de inconsciência mais ou menos longo **[Asserção de partida - A1]**, de forma a não lhe permitir compreender que o seu “eu” não foi aniquilado, mas apenas substituiu a densidade do meio em que labutou por outro (corpo fluídico, de matéria mais leve, mais sutil) **[Asserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: há caso de pouca evolução do “estado de encarne para o desencarne” e de pouca desmaterialização, **logo** é a maneira de “não lhe permitir compreender que o seu ‘eu’ não foi aniquilado, mas apenas substituiu a densidade do meio em que labutou por outro (corpo fluídico, de matéria mais leve, mais sutil)”.

[Modo de encadeamento: consequência].

n) “Quererá, pois, viver o homem, visceralmente especulativo qual se revela, nesse agnosticismo incongruente e condenável **[Asserção de partida - A1]**, arriscando a abalar a sua própria fé e a cair na descrença total **[Asserção de chegada - A2]?**” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: se o homem permanecer no “agnosticismo incongruente e condenável”, **logo** ameaça-se a “abalar a sua própria fé e a cair na descrença total”
[Modo de encadeamento: consequência].

o) “Mas isso é um perfeito crime **[Asserção de partida - A1]** e tanto maior quanto se trata de espírito culto e diligente qual o vosso **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: conjunção].

p) “Ninguém tem o dever de aceitar a priori aquilo que não estudou com carinho e sinceridade, é certo **[Asserção de partida - A1]**, **mas** cumpre-lhe por igual, não tem mesmo o direito de negar o que não conhece **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: restrição]

q) “[...] o Espiritismo, que é Ciência e não religião (no sentido comum que se dá a este termo) devera ser aceito **[Asserção de partida - A1]** **pelo** seu caráter consolador, bálsamo suavizante das almas feridas e aflitas **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

r) “Seria para mim contristador aceitar uma doutrina radicalista do nihilismo ou da imobilidade anti-científica que nada esclarece **[Asserção de partida - A1]** **mas** ainda peja as almas de profunda angústia, temor e entorpecimento **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: restrição]

s) “A verdade, todavia, é bem outra **[Asserção de partida - A1]**, pois há uma lei profunda e universal de causalidade **[Asserção de chegada - A2]**” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

t) “[...] há uma lei profunda e universal de causalidade **[Asserção de partida - A1]**, **que** nos faz compreender os aspectos estático, mecânico e dinâmico do universo **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

u) “Em memória ao vosso ente querido, que por vós espera cheio de ansiedade, em sua honra **[Asserção de partida - A1]**, **[logo]** aproximai-vos pelo estudo inteligente e profícuo e pelas investigações sensatas, desse plano, invisível tão somente pela interposição de barreiras vibratórias naturais, que afinal a Física nos ensina **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

v) “[...] ireis conhecer um outro mundo maravilhoso tão real quanto o nosso **[Asserção de partida - A1]** e ireis dar, ao mesmo tempo, infinitas possibilidades aos campos de pesquisas fenomênicos **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: conjunção]Interpretação das categorias modais de construção enunciativa, conforme Charaudeau (2010)

O comunicante (EUc), ao projetar o enunciador (EUe), construiu a carta com consolos, argumentos e sugestões, de acordo com as seguintes modalidades do modo enunciativo: saber, opinião (convicção), apreciação desfavorável, apreciação favorável, querer (desejo), discordância, declaração (afirmação), sugestão,

interrogação, interpelação, proposta e discurso relatado. Assim sendo, como exemplos de efeitos discursivos, o comunicante:

- ✚ manifesta-se da seguinte forma sobre a passagem do filho de TUi (TUd projetado por EUc):

[...] se sois um cientista, deveis, mais do que qualquer dos vossos irmãos em Deus, amparar a vossa fé nos fundamentos sólidos dos fatos, dos fenômenos, das leis, que os homens impropriamente e por pleonasma chamam de naturais [convicção]. Eu vos concito, irmão querido, para o estudo dos acontecimentos supra-normais que a natureza, tão boa e pródiga, que Deus nos faculta, cheio de amor e carinho, afim de nos convencer desta grande realidade, deste grande acontecimento que os próprios laboratórios hão de revelar mais positivamente ao homem, neste bruxolear do século XX [sugestão]: a morte, como a compreendemos, não existe; o vosso Arnaldo querido não se aniquilou, porque vive ainda, com mais exuberância que quando no fardo pesado e sanioso da carne [saber] (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17).

Ainda mais que na carta anterior, há um apelo à fé pessoal do Redator e a certeza de que ser cientista não é empecilho a ter fé.

- ✚ aprecia desfavoravelmente a notícia do falecimento de Arnaldo Lobo se posicionando de maneira empática e paterna:

Li, sensibilizado, com o coração pulsando fortemente sob o impulso do sentimento paterno, a bela página que dedicastes à memória do vosso querido Arnaldo. Como progenitor, que também sou, senti, compartilhei convosco, vivi essa mesma dor, a dor da separação que nos proporciona o desencarne de um ente querido, daquele que soube escravizar o nosso amor, que compartilhou, sempre terno e submisso, humilde e solícito, durante largos anos da nossa vida, das alegrias como das lágrimas e tristezas comuns ao lar. (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17).

- ✚ aprecia favoravelmente resultados possíveis de pesquisas científicas sobre o plano invisível à Física, sugerindo uma perspectiva pessoal e analítica e propondo auxiliar TUi (TUd projetado por EUc):

Em memória ao vosso ente querido, que por vós espera cheio de ansiedade, em sua honra, aproximai-vos pelo estudo inteligente e profícuo e pelas investigações sensatas, desse plano, invisível tão somente pela interposição de barreiras vibratórias naturais, que afinal a Física nos ensina. Se preciso for, eu vos auxiliarei nessas perquirições, dentro mesmo dos quadros atuais da Ciência; e, então, ireis conhecer um outro mundo maravilhoso tão real quanto o nosso e ireis dar, ao mesmo tempo, infinitas possibilidades aos

campos de pesquisas fenomênicos (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

- ✚ argumenta desejando aumentar a Fé de Ary Lobo;
- ✚ expõe discordância ao instigar TUi (TUd projetado por EUc) acerca da reflexão (interrogação) a seguir. Também há marcas de convicção e de discurso relatado para sustentar a afirmativa quanto ao cérebro de TUi (TUd projetado por EUc):

O vosso cérebro vacila, bem o sei, mas não é tanta a vossa culpa [convicção]. Disse o Mestre, que o vinho novo não se ajusta a odres velhos; isso é a pura verdade [discurso relatado]. Como, então, quereis, amigo, que o vosso vasto saber, sobejamente conhecido, que um espírito desperto e evoluído qual o vosso, ávido de conhecimentos e certezas, possa se amoldar, assim tão estranha e facilmente aos limites constrictos e falhos de ensinamentos fósseis, que nada explicam, mas que, antes, tudo confundem e tornam a descrença, por isso mesmo, cada vez mais cristalizada e a fé, a cada passo, mais inconsistente? [interrogação] Não! Não é isso possível [discordância] (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 17).

- ✚ afirma que “tudo tem lei, tudo vive, tudo existe; eu também já transitei por essa fase preparatória, que outra coisa não é” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18);
- ✚ interpela TUi (TUd projetado por EUc) de forma cordial ao cumprimentá-lo.

Na argumentação geral, o sentido da carta de Heráclito Carneiro tanto legitima o tema “vida além da morte” quanto afirma a compatibilidade entre fé e ciência.

“Escreve um homem do povo” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18)

O autor da carta - comunicante (EUc) escreveu a carta esperando que o diretor-geral da *Ciência Popular* - interpretante (TUi), como destinatário (TUd), a recebesse de forma que se sentisse fortalecido ao ser reconhecido como um bom cientista e consolado ao entender que Arnaldo Lobo continua vivo por meio das páginas do periódico. O autor da carta - comunicante (EUc) tratou o diretor-geral como “Coronel” e se expressou com empatia e condolências (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

Os argumentos de EUc com asserções em destaques (partida, passagem - modos de encadeamento e chegada) são:

a) “Infelizmente, toda a minha luta, titânica mesmo, foi em vão **[Asserção de partida - A1]**: pois sempre se me depararam pela frente, os obstáculos quase que intransponíveis, sempre esbarrei na inexistência do estudo facultado aos pobres, sempre fui de encontro à muralha inexpugnável do ensino mal administrado, das dificuldades e impossibilidades antepostas à frente do humilde, que à guisa de barreira, impede-o de estudar, de saber, de subir, e de aprender, para uma condição de vida melhor **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: o autor da carta considera que a sua “luta titânica” foi realizada “em vão”, **porque** os menos favorecidos na sociedade enfrentam dificuldades **[Modo de encadeamento: causa]**.

b) “[...] não podeis desistir da refrega **[Asserção de partida - A1]**, parar agora, seria admitir e reconhecer a derrota **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: se “desistir da refrega”, **então** “a derrota” seria admitida e reconhecida **[Modo de encadeamento: conjunção]**.

c) “Infelizmente – quiçá honrosamente – tereis de combater à “outrance” **[Asserção de partida - A1]**, mas sempre vence aquele que está escudado pelo devido respeito à dignidade humana **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: a “outrance” terá de ser combatida **e** o “respeito à dignidade humana” escuda o vencedor **[Modo de encadeamento: conjunção]**.

d) “[...] houve apenas uma paralisação dos órgãos que roubou ao convívio dos seus um ente querido **[Asserção de partida - A1]**, **mas** Coronel, ocorreu apenas o que

Lavoisier estudou e enunciou; o rapaz está vivo ainda em cada página da nossa revista [...] **[Asserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: restrição].

e) “[...] o rapaz está vivo ainda em cada página da nossa revista **[Asserção de partida - A1]**, e precisa continuar pulsando para todo o sempre naquelas folhas **[Asserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: conjunção]

Interpretação das categorias modais de construção enunciativa, conforme Charaudeau (2010)

O comunicante (EUc), ao projetar o enunciador (EUe), escreveu a carta com as categorias modais a seguir: opinião (convicção), apreciação desfavorável, saber, querer (desejo), apreciação favorável, opinião (suposição), interpelação, proposta, aviso e sugestão. Assim sendo, como exemplos de efeitos discursivos, o comunicante:

- ✚ manifesta-se sobre a passagem do filho de TUi (TUd projetado por EUc), tendo a convicção de que:

[...] houve apenas uma paralisação dos órgãos que roubou ao convívio dos seus um ente querido, mas Coronel, ocorreu apenas o que Lavoisier estudou e enunciou; o rapaz está vivo ainda em cada página da nossa revista , e precisa continuar pulsando para todo o sempre naquelas folhas. (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

Dessa forma, ganha ainda mais força a ideia de que o tema se justifica, como memória e homenagem - monumento, no sentido original do termo¹¹.

- ✚ aprecia desfavoravelmente ao expor a passagem do filho de TUi (TUd projetado por EUc) de forma fantasiosa: “não tenho a subida honra de vos conhecer pessoalmente, nem conheci aquele rapaz tão cedo ceifado pelo gume da foice simbólica” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18);

¹¹ Do latim *monumentum*, de *monere*: “obra construída [...] com o fito de contribuir para a perpetuação memorialística de pessoa ou acontecimento relevante na história de uma comunidade, nação etc.” (HOUAISS, 2001, p. 1957).

- ✚ deseja que a luta de TUi (TUd projetado por EUc) e de seus familiares seja abençoada por Deus;
- ✚ aprecia favoravelmente ao finalizar a carta de forma cordial: “meus respeitosos cumprimentos a vossa Senhora e filha, e um solidário e fraterno abraço do [...] (W)” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18);
- ✚ supõe a dedução do interpretante em relação ao enunciador:

Talvez, pela forma desconexa da minha redação, o que o pensamento e a mão nervosa me impelem a escrever, o Coronel queira deduzir... que eu seja... azul... vermelho... preto... etc. etc. etc (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

- ✚ interpela TUi (TUd projetado por EUc) de forma cordial ao cumprimentá-lo;
- ✚ propõe ao TUi (TUd projetado por EUc) a interação com o “papai Urbano”: “espero também, que periodicamente o Coronel vá “bater um papo” com o papai Urbano, esse moço-velho tão inteligente, que também já passou fome” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18);
- ✚ avisa da seguinte forma: “cabe-me pois, para finalizar, dizer-vos, para a frente, sempre para a frente, adotando o arcaico lema FIAT LUX, que nós, por trás da porta ali estaremos de ouvido atento” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18);
- ✚ expõe a seguinte sugestão ao buscar incentivar TUd a não se sentir derrotado: “se precisardes zurzir os fariseus, fazei-o; açoitai-os com a vergasta do Saber, com inclemência, com furor mesmo, se preciso for!” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 18).

Paradoxalmente, pode-se observar que o fato de a carta ser de um desconhecido concede ainda mais autoridade ao que a carta apresenta, pois se torna mais “científico”, uma vez que não deriva de um relacionamento afetivo com Ary Maurell Lobo ou seu filho.

3.3.2 Textos isolados com a temática sobrenatural

Para a análise discursiva dos textos isolados que tratam o sobrenatural como divulgação científica, foram selecionados os seguintes:

- ✚ “A astrologia é pura ilusão, e os modernos astrólogos não passam de trampolineiros” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3, 4): consta da lista Textos ligados ao sobrenatural sem identificação de seção e será analisado por ser posterior ao editorial de lançamento, na sequência, dentro da mesma edição (n. 1, outubro de 1948);
- ✚ “Os sonhos” (José Monteiro Lima) e “nota da redação” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30): selecionei o primeiro texto de José Monteiro Lima, ligado ao item Textos ligados ao sobrenatural sem identificação de seção. Conforme as análises das edições n. 1 - 57, identifiquei que Lima realizou diversas contribuições relativas à temática sobrenatural (6 publicações), estando atrás de Hernani de Irajá (11 publicações) e Heráclito Carneiro (10 publicações), que também têm seus textos analisados;
- ✚ “Demonologia brasileira” - “I. O saci” e “II. O negrinho do pastorejo” (Hernani de Irajá) (*Ciência Popular*, n. 53, fev. 1953, p. 9, 10): Também vinculados à lista Textos ligados ao sobrenatural sem identificação de seção. Verifiquei que estão relacionados à seção “Crendices & Feitiços”, sendo indicada em edição posterior, a partir da segunda publicação de “Demonologia brasileira” (“III. O curupira” - edição n. 55, abr. 1953);
- ✚ “O mundo em foco” - seção de nota fotográfica (*Ciência Popular*, n. 11, ago. 1949, p. 4), (*Ciência Popular*, n. 13, out. 1949, p. 9) e (*Ciência Popular*, n. 13, out. 1949, p. 15): são três notas referentes à seção “O mundo em foco” e constam da lista Seções gerais / de outros temas que mencionam aspectos sobrenaturais / religiosos. Essa seção, com diversos temas e curiosidades, é frequente nas edições iniciais da revista *Ciência Popular*.

1º) “A astrologia é pura ilusão, e os modernos astrólogos não passam de trampolineiros” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3, 4)¹².

Segundo a revista *Ciência Popular*, o papel dos astrólogos é “prever o destino dos homens e das coisas, após analisar detidamente as posições dos astros num dado

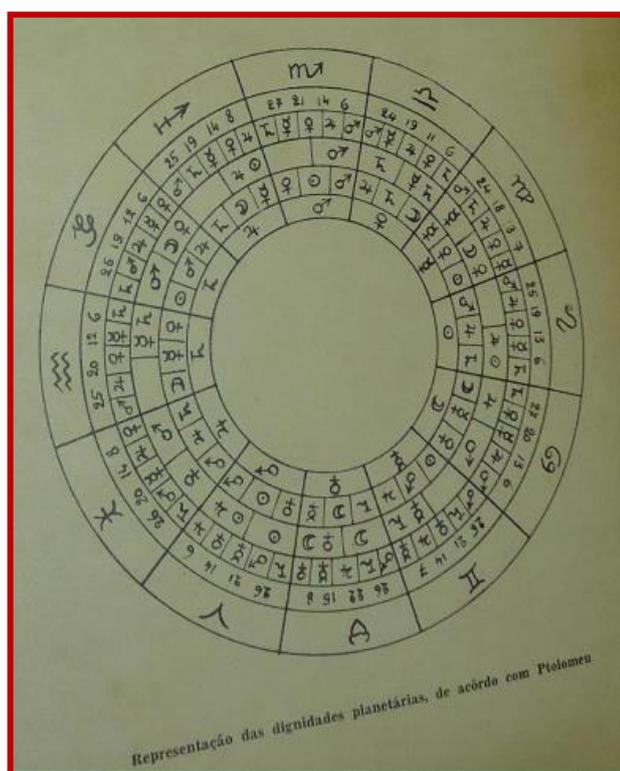
¹² O texto integral e as categorias modais de construção enunciativa estão no Anexo 7.

instante e para certo lugar da Terra” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3). Com o artigo, o periódico *Ciência Popular* - comunicante (EUc) espera que o leitor - interpretante (TUi), como destinatário (TUD), o interprete como uma forma de denunciar a má conduta de “astrólogos” que abusam da “incredulidade pública”. Portanto, esse é o foco do texto direcionado ao TUi (TUD projetado por EUc) e argumenta que há ligação com astronomia desatualizada (“primitiva”), de acordo com o conceito científico a seguir:

[...] a astrologia é vultosa patifaria. Porque se apoia numa astronomia primitiva, das priscas eras da História. De uma astronomia que supunha a Terra chata e imóvel, e todos os astros a girarem em volta dela. De uma astronomia que nada sabia acerca da processão [sic] dos equinócios. De uma astronomia que não conhecia inúmeros planetas, satélites e estrelas, que só mais tarde, após a invenção do telescópio, puderam ser percebidos (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4).

Duas imagens são apresentadas: a primeira figura corresponde a círculos, com diversos números, linhas e figuras, com a legenda “Representação das dignidades planetárias, de acordo com Ptolomeu” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3).

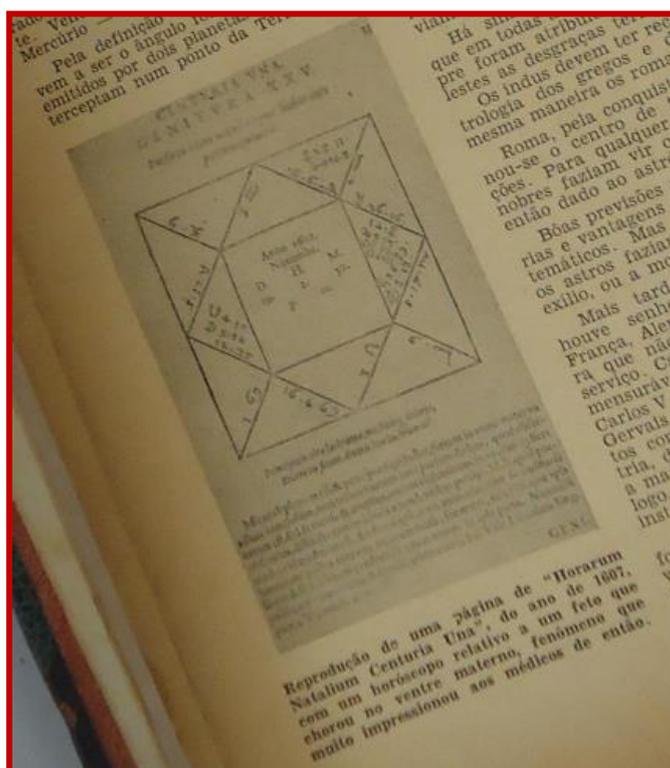
Figura 25: Revista *Ciência Popular* (n. 1, out. 1948, p. 3)



Fonte: acervo fotográfico do autor

A segunda figura, com baixa nitidez, expõe escritas e formas como quadrados, triângulos e losango, com a legenda: “Reprodução de uma página de “Horarum Natalium Centuria Una”, do ano de 1607, com um horóscopo relativo a um feto que chorou no ventre materno, fenômeno que muito impressionou aos médicos de então” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4).

Figura 26: Revista *Ciência Popular* (n. 1, out. 1948, p. 4)



Fonte: acervo fotográfico do autor

Os argumentos de EUC com asserções em destaques (partida, passagem - modos de encadeamento e chegada) são:

a) “Homens eruditos e virtuosos, no passado, praticaram a astrologia **[Asserção de partida - A1]**, mas sempre negaram a infabilidade absoluta das profecias, sobretudo nos destinos individuais [...] **[Asserção de chegada - A2]**” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: restrição]

b) “[...] sempre negaram a infabilidade absoluta das profecias, sobretudo nos destinos individuais **[Asserção de partida - A1]**, por conter a criatura humana em si uma força bem mais poderosa que a dos astros **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

c) “Desde os meados do século XVII, nunca se prestou tanta atenção à astrologia quanto agora **[Asserção de partida - A1]**. **[Portanto,]** por toda a parte, em um número sem conta de jornais e revistas, em estações rádio-difusoras e em escritórios luxuosamente montados, estão os astrólogos à disposição do grande público **[Asserção de chegada - A2]** [...]” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

d) “Por toda a parte, em um número sem conta de jornais e revistas, em estações rádio-difusoras e em escritórios luxuosamente montados, estão os astrólogos à disposição do grande público **[Asserção de partida - A1]**, para dizer acerca do futuro, ora das coletividades humanas, ora de cada indivíduo de per si **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: finalidade]

e) “Há por essa arte quimérica extraordinário interesse de milhões de criaturas **[Asserção de partida - A1]**, [...] que se atropelam dentro do triângulo Fortuna – Amor – Saúde, na suposição de que, adivinhando as coisas vindouras, poderão diminuir os riscos da vida **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3).

[Asserção de passagem]: muitas pessoas se interessam pela astrologia, **pois** há a “suposição de que, adivinhando as coisas vindouras, poderão diminuir os riscos da vida” **[Modo de encadeamento: causa]**.

f) “Uma estatística que espanta é a que se refere aos Estados Unidos da América, na atualidade **[Asserção de partida - A1]**. **[Pois, como exemplo,]** nesse País, que

incontestavelmente marcha à testa da civilização, existem ao presente nada menos de 25.000 astrólogos profissionais, alguns deles membros da austera ‘American Federation of Scientific Astrologers’ com sede em Washington **[Asserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

g) “Até que nem são muitos [astrólogos] para as diversas populações **[Asserção de partida - A1].** **[Porque,]** conforme a sabedoria de Salomão, o número de tolos é infinito... **[Asserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

h) “Pouco importa que a segunda fase [artística] se apoie em regras gerais e particulares, regras complexíssimas, de origem tradicional. Regras que os astrólogos dizem formar a verdadeira ciência astrológica **[Asserção de partida - A1].** **Porque** o indiscutível é que apesar de tudo, esses preceitos deixam larga margem à interpretação subjetiva e ao fator pessoal de cada astrólogo **[Asserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

i) “Quem puser de lado as misérias desta vida, e meditar friamente, fazendo apenas uso do bom senso **[Asserção de partida - A1]**, decerto que **logo** verificará a inanidade das predições astrológicas **[Asserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

j) “[...] **Porque**, a ser verdadeira a influência dos astros sobre a fortuna, o amor e a saúde dos homens **[Asserção de partida - A1]**, todos os indivíduos nascidos num mesmo instante e num mesmo País, por terem o mesmo horóscopo, haveriam de viver os mesmos destinos **[Asserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4).

[Asserção de passagem]: “[se for] verdadeira a influência dos astros sobre a fortuna, o amor e a saúde dos homens, **[então]** todos os indivíduos nascidos num mesmo instante e num mesmo País, por terem o mesmo horóscopo, haveriam de viver os mesmos destinos. **[Modo de encadeamento: conjunção]**”

k) “O que, sem a menor sombra de dúvida, é grande absurdo **[Asserção de partida - A1]**, **pois** nem irmãos gêmeos seguem caminhos iguais **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

l) “A semelhante luz, como são ridículas as seções que, sob o título de ‘Dia Astrológico’, aparecem em grandes jornais **[Asserção de partida - A1]**. Ridículas e malfazejas, **uma vez que** induzem ao erro milhares de tolos que nem sequer percebem [...] **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

m) “Ridículas e malfazejas, **uma vez que** induzem ao erro milhares de tolos que nem sequer percebem que **[Asserção de partida - A1]**, por falta de espaço nos periódicos, todas as pessoas nascidas entre duas datas distantes não de ter o mesmo destino **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4).

[Asserção de passagem]: as seções “Dia Astrológico” são problemáticas e leitores são levados “ao erro”, **pois**, “por falta de espaço nos periódicos, todas as pessoas nascidas entre duas datas distantes não de ter o mesmo destino”.

n) “Do ponto de vista científico **[Asserção de partida - A1]**, **então**, a astrologia é vultosa patifaria **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: conjunção]

o) “[...] a astrologia é vultosa patifaria **[Asserção de partida - A1]**. **Porque** se apoia numa astronomia primitiva, das priscas eras da História **[Asserção de chegada - A2]**.”

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

p) “Houvesse algo de verídico na astrologia, ainda assim os horóscopos seriam falsos **[Asserção de partida - A1]**, por usarem a astronomia antiga que não confere com a hodierna astronomia **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

q) “[...] por usarem a astronomia antiga que não confere com a hodierna astronomia **[Asserção de partida - A1]**. Quando dado astro é suposto por aquela numa casa do zodíaco, ele realmente está noutra **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4).

[Asserção de passagem]: o uso da “astronomia antiga” pelos horóscopos não condiz com a então atual astronomia, **porque** “quando dado astro é suposto por aquela numa casa do zodíaco, ele realmente está noutra”.

r) “Sim, os astrólogos adivinham **[Asserção de partida - A1]**. **Porque**, como salientou Voltaire, quando uns afirmam que haverá chuva copiosa, outros declaram que reinará ótimo tempo, quando uns dizem que tal indivíduo não viverá muito, outros asseguram que o mesmo terá velhice feliz **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

s) “Quando são feitas as grandes predições, os astrólogos mui industriosamente procedem de acordo com o método conhecido como de 50% - 50% de probabilidade **[Asserção de partida - A1]**. **[Porque]** fora daquelas afirmações gerais (morte de homens públicos, incêndios, choques armados, etc.) que quaisquer pessoas inteligentes e cultas podem fazer, as demais profecias são contraditórias duas a duas, isto é: uns tantos informes positivos habilmente impugnados por outros informes negativos **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

t) “É dever precípua da Polícia o combate sistêmico aos exploradores da credence popular. Mui principalmente, a luta contra aqueles que se aproveitam da linguagem científica, que sobremodo impressiona aos leigos **[Asserção de partida - A1].**”

“Eis **porque** CIÊNCIA POPULAR denuncia os astrólogos que andam por aí, com Zolar à frente **[Asserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

Interpretação das categorias modais de construção enunciativa, conforme Charaudeau (2010):

O comunicante (EUc), ao projetar o enunciador (EUe), escreveu o artigo com as categorias modais a seguir: saber, opinião (convicção), declaração (revelação), declaração (afirmação), opinião (suposição), apreciação desfavorável, discurso relatado, asserção (saber) e proposta. Assim sendo, como exemplos de efeitos discursivos, o comunicante:

- ✚ sabe que a astrologia é a “ciência dos astros” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3);
- ✚ é convicto de que a astrologia tratada no artigo, como “quimérica” ou “judiciária”, é uma “arte” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3);
- ✚ conforme o título, revela que os “modernos astrólogos” enganam (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3);
- ✚ afirma que, de acordo com a ciência, a astrologia baseia-se em astronomia desatualizada;
- ✚ supõe que haja uma grande quantidade de astrólogos no Planeta Terra;
- ✚ aprecia desfavoravelmente, com estranheza, a estatística em demasia relativa à astrologia nos Estados Unidos da América;
- ✚ cita (discurso relatado) Kepler ao definir “aspecto” como “o ângulo formado pelos raios emitidos por dois planetas e que se interceptam num ponto da Terra”. Anteriormente, o artigo aponta que “as previsões dos astrólogos se apoiam nas posições relativas dos astros, seja no instante do nascimento, seja

noutro período crítico de alguém”. EUc sabe que essas posições são os “aspectos” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4);

✚ usa a partícula “se” (sujeito não identificado e generalização) ao apontar, como exemplo: “Pode-se fazer melhor ideia da arte astrológica, apreciando o seguinte: o Sol domina os soberanos, príncipes, grandes juízes [...]” (asserção - saber) (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 4);

✚ propõe a definição de astrologia.

O texto foi publicado na primeira edição (out. 1948) e já estabelecia uma diferenciação entre ciência e pseudociência, entre conhecimento científico e tradições culturais não científicas, tratadas como superstição e ignorância.

2º Os sonhos - José Monteiro Lima | Nota da redação (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30)¹³

Como apologia à postura da revista *Ciência Popular*, o redator - comunicante (EUc) expõe a nota ao leitor - interpretante (TUi), diagramada na parte direita da página do artigo sobre sonhos, com o objetivo de esclarecê-lo (TUd) de que o intuito da questão sobre a morte é estimular leitores quanto aos aspectos científicos.

Os argumentos do redator - comunicante (EUc) com asserções em destaques (partida, passagem - modos de encadeamento e chegada) são:

a) “Mui principalmente **para** estimular entre nossos leitores o gosto pelas discussões científicas **[Asserção de partida - A1]** é que abrimos o debate em torno do mistério da morte **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: finalidade]

b) “[...] fizemos questão de salientar que não estávamos interessados em que no final ficasse em boa posição o catolicismo, ou o protestantismo, ou o espiritismo, ou

¹³ Os textos integrais e as categorias modais de construção enunciativa estão nos Anexos 8 e 9.

qualquer outra religião **[Asserção de partida - A1]**. Até pelo contrário, **[pois,]** sempre admitimos que o nosso inquérito equivalia a uma invasão do campo do sobrenatural, com o fito de destruir, com as verdades científicas conhecidas, certas falsas suposições **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

c) “Tais considerações se justificam em face deste artigo sobre o sono, em que o nosso distinto colaborador Sr. José Monteiro Lima, crente do espiritismo, mal enfrenta determinados fenômenos que não sabe explicar, ou que a própria Ciência ainda não sabe explicar **[Asserção de partida - A1]**, logo os atribui ao Espírito [...] **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

d) “[...] logo os atribui ao Espírito **[Asserção de partida - A1]**, e declara que ‘isso prova que pelo sonho podemos entrar em contato com os nossos parentes e amigos que se foram’ **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: conjunção]

e) “[...] declara que ‘isso prova que pelo sonho podemos entrar em contato com os nossos parentes e amigos que se foram’ **[Asserção de partida - A1]**. Ora, nada mais absurdo do que levar à conta de almas do outro mundo e de divindades tudo que não sabemos ou não podemos justificar **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

[Asserção de passagem]: José Monteiro Lima expõe que “pelo sonho podemos entrar em contato com os nossos parentes e amigos que se foram”. **Entretanto**, a revista *Ciência Popular* manifesta que considera irracional “levar à conta de almas do outro mundo e de divindades tudo que não sabemos ou não podemos justificar”.

[Modo de encadeamento: restrição].

Interpretação das categorias modais de construção enunciativa, conforme Charaudeau (2010):

O comunicante (EUc), ao projetar o enunciador (EUe), escreveu a nota com as categorias modais a seguir: declaração (afirmação), opinião (convicção) e aviso. Assim sendo, como exemplos de efeitos discursivos, o comunicante:

- ✚ afirma que o intuito da revista *Ciência Popular* é quebrar “certas falsas suposições” relativas ao sobrenatural, por meio de “verdades científicas” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30);
- ✚ é convicto ao criticar negativamente a visão do espírita José Monteiro Lima, que aponta a ligação entre sono e “Espírito”. Por falta de entendimento em determinada questão, não podemos responsabilizar “almas de outro mundo” e “divindades”. Sobre isso, avisa que haverá “artigo especial” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

“Os sonhos” (José Monteiro Lima)

A nota da redação antecede ao artigo “Os sonhos”, de José Monteiro Lima, o que é uma maneira de modular o discurso, de oferecer uma prévia chave de leitura, independentemente de como José Monteiro - comunicante (EUc) escreveu. O artigo também está relacionado à contribuição de leitor à revista *Ciência Popular*. No caso, José Monteiro Lima - comunicante (EUc) escreveu ao leitor - interpretante (TUi) com expectativa de convencê-lo (TUd), devido à defesa de que há relação entre sonhos e aspectos sobrenaturais, como contatos com espíritos de entes queridos.

Os argumentos de José Monteiro Lima - comunicante (EUc) com asserções em destaques (partida, passagem - modos de encadeamento e chegada) são:

a) “Há, sem dúvida, sonhos incompreensíveis que não parecem ter qualquer relação com a vida material **[Asserção de partida - A1]. [Logo,]** com efeito, as percepções

do Espírito, quando liberto, são mais sutis do que quando embotadas na matéria, no estado de vigília **[Aserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

[Aserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

b) “[...] voltando ao corpo, os sonhos, ou melhor, a lembrança do sonho é por vezes incompreensível **[Aserção de partida - A1]**. Explica-se: As percepções do Espírito durante o sonho misturam-se com fatos e impressões da vida material [...] **[Aserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

[Aserção de passagem]: ocasionalmente, a lembrança do sonho é confusa, **porque** “as percepções do Espírito durante o sonho misturam-se com fatos e impressões da vida material” **[Modo de encadeamento: causa]**

c) “As percepções do Espírito durante o sonho misturam-se com fatos e impressões da vida material **[Aserção de partida - A1]**, e daí a confusão e a inverosimilhança de certos sonhos **[Aserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

[Aserção de passagem]: [Modo de encadeamento: conjunção]

d) “Na obra “O desconhecido e os problemas psíquicos”, Flammarion conta muitos sonhos que provam a possibilidade de entrarmos em contato com os nossos parentes e amigos do mundo espiritual **[Aserção de partida - A1]**. **[Logo, como exemplo,]** [...] uma moça que, em Paris, vê em sonho sua mãe expirando na província e chamando para abraçá-la pela última vez. No dia seguinte recebe, desolada a notícia, confirmando o sonho **[Aserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

[Aserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

e) “Flammarion dá, aliás, na obra citada, numerosos sonhos desta natureza **[Asserção de partida - A1]**. **[Portanto,]** isso prova que pelo sonho podemos entrar em contato com os nossos parentes e amigos que se foram **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

f) “**Se** não fosse a necessidade de encurtar este nosso trabalho **[Asserção de partida - A1]**, **então** daríamos numerosos relatos de sonhos [...] **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: conjunção]

g) “[...] daríamos numerosos relatos de sonhos **[Asserção de partida - A1]**, **pelos quais** se prova que o Espírito pode desligar-se temporariamente do corpo físico e viajar longas distâncias [...] **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

h) “[...] o Espírito pode desligar-se temporariamente do corpo físico e viajar longas distâncias **[Asserção de partida - A1]**, continuando, **porém**, na dependência deste, tal como um balão cativo **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: restrição]

Interpretação das categorias modais de construção enunciativa, conforme Charaudeau (2010):

O comunicante (EUc), ao projetar o enunciador (EUe), escreveu o artigo com as categorias modais a seguir: discurso relatado, asserção (constatação), saber, opinião

(convicção) e proposta. Assim sendo, como exemplos de efeitos discursivos, o comunicante:

- ✚ se apoiou em discursos relatados, como referências a obras publicadas, a fim de sustentar seus argumentos. As citações a seguir correspondem às questões fisiológicas, espirituais e premonitórias:

O barão de Trenck conta que, depois de uma série de aventuras, que não cabe relatar aqui, quase chegou a morrer de fome e então, sonhava todas as noites que se regalava diante de lautas mesas cheias de iguarias. Fato semelhante observou o meu amigo José Montenegro, brilhante jornalista de um dos nossos vespertinos, que tomou parte na expedição aos BocaNegra. Em virtude da fome que passava durante as longas caminhadas, sonhava seguidamente, durante as noites, com lautos banquetes. (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

Na obra “O desconhecido e os problemas psíquicos”, Flammarion conta muitos sonhos que provam a possibilidade de entrarmos em contato com os nossos parentes e amigos do mundo espiritual. Ora, é uma moça que, em Paris, vê em sonho sua mãe expirando na província e chamando para abraçá-la pela última vez. No dia seguinte recebe, desolada a notícia, confirmando o sonho. (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30).

- ✚ usa a partícula “se” (sujeito não identificado e generalização) ao expor a seguinte constatação (asserção): “sem cair no domínio do milagre nem do sobrenatural (até porque a Natureza não comporta o milagre nem o sobrenatural), sente-se que as leis que regem tais fatos são ainda mal conhecidas, ou mesmo, desconhecidas”. Entende-se que essa asserção – constatação busca não se associar ao sobrenatural. Parece-me que EUc segue procedimento científico ao objetivar comprovar (EUe) por meio de “relatos de sonhos” (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30);
- ✚ sabe que uma má digestão, por exemplo, pode provocar pesadelo;
- ✚ é convicto de que não há dúvida quanto à possível falta de relação entre “sonhos incompreensíveis” e vida material (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30);
- ✚ conforme o título, propõe apresentar conteúdo sobre sonhos.

Retomando à nota da redação, considerando-se que o redator escolhe o que será publicado, pode-se levantar a questão a seguir: por que publicar um texto com o qual não

se concorda? Seria uma estratégia para justificar um outro texto, a respeito da relação entre ciência e fé? Também pode ser uma estratégia para estabelecer limites entre o que é considerado aceitável, em termos de divulgação científica, e o que não é - especificamente, em relação a temas ligados ao sobrenatural. Isso funciona como legitimação daquilo que a redação coloca favoravelmente, pois é chancelado como razoavelmente científico.

3º) Demonologia Brasileira - Hernani de Irajá (*Ciência Popular*, n. 53, abr. 1953, p. 9, 10)¹⁴

Hernani de Irajá - comunicante (EUc), como contribuidor da revista *Ciência Popular*, direcionou narrativas ao leitor - interpretante (TUi), esperando situá-lo (TUd) sobre “entidades malignas” brasileiras. Hernani de Irajá - comunicante (EUc) narrou, com clareza, fatos sobre os seres brasileiros Saci e Negrinho do Pastorejo: o primeiro tem más condutas, e o segundo é considerando um espírito benigno, que ajuda em necessidades.

Os argumentos de Hernani de Irajá - comunicante (EUc) com asserções em destaques (partida, passagem - modos de encadeamento e chegada) são:

a) “Como a criatura humana é, com pequenas variantes antropológicas, de cor, forma e hábitos ambientais e estéticos, - mais ou menos a mesma **[Asserção de partida - A1]**, **[logo,]** era de prever-se que os seres demoníacos de diversos rincões do planeta apresentassem características similares e, por vezes, idênticas **[Asserção de chegada - A2]**.” (*Ciência Popular*, n. 53, abr. 1953, p. 9).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

b) “[...] era de prever-se que os seres demoníacos de diversos rincões do planeta apresentassem características similares e, por vezes, idênticas **[Asserção de partida - A1]**.”

¹⁴ O texto integral e as categorias modais de construção enunciativa estão no Anexo 10.

[Portanto,] foi o que aconteceu com as nossas entidades malignas, entre as quais só de vez em vez é que se pode encontrar uma predisposta a obra em benefício de alguma pessoa, mesmo que seja esta a mais justa e correta possível **[Asserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 53, abr. 1953, p. 9).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

c) “O viandante não precisa dar de rédeas **[Asserção de partida - A1]**, pois o cavalo estaca, com as orelhas em pé, respiração alterada como se houvesse galopado uns quilômetros **[Asserção de chegada - A2].**” (*Ciência Popular*, n. 53, abr. 1953, p. 9).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: causa]

d) [...] como se pode deduzir, não há nada, a não ser a cor e altura, que possa gerar confusão entre as duas entidades sobrenaturais **[Asserção de partida - A1]**. **[Portanto,]** uma, a do Saci, mais votada às incursões ao terreno do mal, das galhofas, amigo de pregar peças e sustos aos viajantes; outra, abençoada pelos que já lhe obtiveram favores e milagres, é o espírito bom, amigo dos bons, e sempre acorrendo ao apelo dos necessitados **[Asserção de chegada - A2]**. (*Ciência Popular*, n. 53, abr. 1953, p. 10).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

e) “Ele [o negrinho do pastorejo] tem muito da bondade dos sete anões da Branca de Neve **[Asserção de partida - A1]**; **[logo,]** entra sorrateiramente nos lares, arruma as camas, lava a louça, “areia” os talheres, desentope as pias... **[Asserção de chegada - A2]**” (*Ciência Popular*, n. 53, abr. 1953, p. 10).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

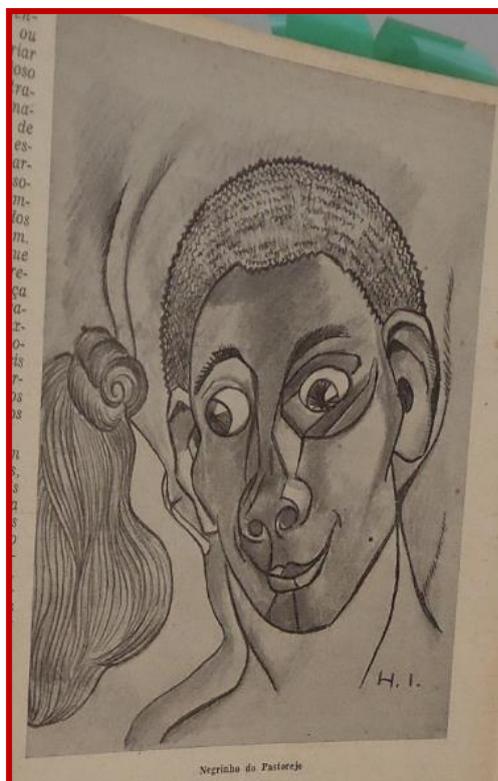
f) “[O negrinho do pastorejo] entra sorrateiramente nos lares, arruma as camas, lava a louça, “areia” os talheres, desentope as pias... **[Asserção de partida - A1]** **[Portanto,]** é como que um anjo-da-guarda, sempre pronto a auxiliar àqueles que

necessitam de seu adjutório [Asserção de chegada - A2].” (*Ciência Popular*, n. 53, abr. 1953, p. 10).

[Asserção de passagem]: [Modo de encadeamento: consequência]

A figura 32 corresponde à ilustração do Negrinho do Pastorejo, com expressão alegre.

Figura 27: Revista *Ciência Popular* (n. 53, abr. 1953, p. 9)



Fonte: acervo fotográfico do autor

Interpretação das categorias modais de construção enunciativa, conforme Charaudeau (2010):

Hernani de Irajá - comunicante (EUc), ao projetar o enunciador (EUe), se expõe de maneira mais racionalista, mais antropológica que o diretor-geral Ary Maurell Lobo. EUc escreveu o artigo com as categorias modais a seguir: saber, opinião (convicção), declaração (afirmação), opinião (suposição), discurso relatado e proposta. Assim sendo, como exemplos de efeitos discursivos, o comunicante:

- ✚ sabe que características de “seres demoníacos” de diversos lugares são “similares e, por vezes, idênticas” ao ser humano, que possui “pequenas variantes antropológicas” (*Ciência Popular*, n. 53, abr. 1953, p. 9);
- ✚ é convicto de que o Saci e o Negrinho do Pastorejo são semelhantes apenas em relação à cor e à altura;
- ✚ como exemplo de travessura do Saci, afirma que os fósforos do viajante desaparecem;
- ✚ supõe que há várias “entidades”, em oposição à afirmativa “o Negrinho do pastorejo, ou *pastoreio*, é um tanto símile ao Saci; há quem os julgue a mesma entidade” (*Ciência Popular*, n. 53, abr. 1953, p. 10);
- ✚ como exemplo de discurso relatado, narra que “nas noites de lua cheia o Bom Negrinho repousa à beira das lagoas encantadas lá para Lagoa Vermelha e Tupaceretã, como asseveram os guascas de boa pinta e palavra segura” (*Ciência Popular*, n. 53, abr. 1953, p. 10);
- ✚ propõe escrita sobre o Curupira em continuidade à “Demonologia Brasileira” a ser publicada em edição posterior da revista *Ciência Popular*.

Sobre a posição antropológica, “científica”, de Irajá, a crença nas criaturas Saci e Negrinho do Pastorejo não é defendida, mas são estudadas como manifestações da cultura brasileira e da propensão à credice e às superstições.

4º) Seção “O mundo em foco”¹⁵

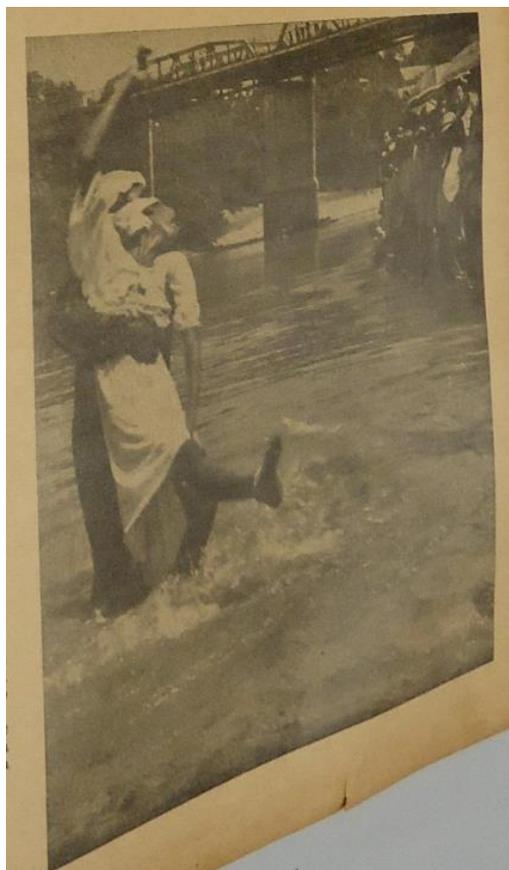
Ciência Popular, n. 11, ago. 1949, p. 4 (figura 28: acervo fotográfico do autor)



O periódico *Ciência Popular* - comunicante (EUc), em sua nota ao leitor - destinatário (TUd), projeta um enunciador (EUe) que alude à integração da “guerra das religiões” à “guerra fria” entre os Estados Unidos e a União Soviética. A nota informativa está ligada apenas à categoria saber, sendo uma modalidade de construção enunciativa. O periódico *Ciência Popular* - comunicante (EUc), ao projetar o enunciador (EUe), noticiou a chegada do estadunidense Athenagoras I, descrito como uma “Santidade” (o título da função que ele exerce, assim como o Papa), ao aeródromo de Istambul, a fim de “destruir o poder de Alexis, Patriarca de Moscou”. A fotografia expõe que o religioso segura um material que pode ser o “Programa de Truman” (*Ciência Popular*, n. 11, ago. 1949, p. 4). A nota é um exemplo da *Ciência Popular* mais atenta à religião do que ao sobrenatural, reforçando, assim, o seu caráter universal.

¹⁵ O textos integrais e as categorias modais de construção enunciativa estão nos Anexos 11, 12 e 13.

Ciência Popular, n. 13, out. 1949, p. 9 (figura 29: acervo fotográfico do autor)



Por meio da nota fotográfica, o periódico *Ciência Popular* - comunicante (EUc) apresentou ao leitor - interpretante (TUi) um registro documental relativo ao “batismo de negros no rio Tombigbee” (*Ciência Popular*, n. 13, out. 1949, p. 9), a fim de situá-lo (TUd) sobre visões paranormais. EUc, ao projetar EUE, escreveu o texto com as categorias modais a seguir: saber, apreciação favorável e declaração (afirmação). O periódico *Ciência Popular* - comunicante (EUc) narra detalhes dessa cerimônia, como o chamamento dos batizados a Deus. Como exemplos de efeitos discursivos, o comunicante:

- ✚ sabe que, em relação ao batismo, “o sacerdote, vestido de preto, mete-se dentro d’água, e logo inicia a sua prédica; em seguida, começa a cerimônia, que consiste em submergir cada negro, ou negra, até os ombros” (*Ciência Popular*, n. 13, out. 1949, p. 9);

- ✚ aprecia favoravelmente a foto como um “documento excelente” religioso, que expõe “o clássico batismo de negros no rio Tombigbee, Mississippi” (*Ciência Popular*, n. 13, out. 1949, p. 9);
- ✚ afirma que “práticas religiosas”, como o batismo abordado pela nota, podem provocar “fenômenos paranormais” (*Ciência Popular*, n. 13, out. 1949, p. 9). Conforme a visão antropológica e a relação entre imagem e texto, esse batismo é mostrado como uma prática que favorece práticas e posturas não científicas.

Ciência Popular, n. 13, out. 1949, p. 15 (figura 30: acervo fotográfico do autor)



Ciência Popular - comunicante (EUc) apresentou a notícia com uma fotografia ilustrativa, já vista nesta dissertação (p. 55), sobre predições feitas pela Virgem Maria à Irmã Maria das Dores, com o objetivo de que o leitor - interpretante (TUi) tenha conhecimento (TUd) desse fato sobrenatural. EUc, ao projetar EUe, escreveu o texto com as categorias modais a seguir: asserção (saber), discurso relatado e saber. *Ciência Popular* - comunicante (EUc) narra, como exemplo, que a Irmã acertou a data final da Primeira Guerra Mundial e que o Papa Pio XII a pediu que as “exatas predições” fossem reveladas

(*Ciência Popular*, n. 13, out. 1949, p. 15). Também destaca o registro fotográfico de que o envelope com as predições escritas pela Irmã Maria das Dores está aos cuidados de Monsenhor José da Silva de Leira, a fim de que essa escrita seja revelada em Fátima. Assim sendo, como exemplos de efeitos discursivos, o comunicante:

- ✚ usa a partícula “se” (generalização) [asserção - saber]: expõe que “sabe-se” que o Papa Pio XII “se tem mostrado muito otimista, havendo mesmo num discurso declarado [discurso relatado] que ‘era sem limite a sua confiança, e que essa confiança derivava de uma força misteriosa da graça divina” (*Ciência Popular*, n. 13, out. 1949, p. 15).;
- ✚ sabe que a fotografia, de grande formato, corresponde ao Monsenhor José da Silva de Leira com a guarda do envelope. Um sentido de leitura é construído pela força da fotografia - com o monsenhor uniformizado.



Os textos analisados neste capítulo revelam a relação entre linguagem e situações psicológicas dos sujeitos envolvidos nas respectivas situações de comunicação da revista *Ciência Popular*. A inserção da temática sobrenatural mostra que não há fronteira, nesse periódico, no que diz respeito à diversidade de assuntos. A revista busca seguir a ciência ao expor um assunto sobrenatural e se posiciona de forma que não defende uma religião específica. Sob a autoridade da redação, é aberta à publicação do discurso do outro e as cartas analisadas neste capítulo são exemplos disso. O periódico também expõe linguagem denunciativa como atos aplicados por charlatães, conforme expôs o artigo sobre astrologia publicado na primeira edição (out. 1948).

Conceitos de Charaudeau (2010) como identificação de sujeitos (EUc, TUd, TUi e EUe), categorias modais de construção enunciativa e análise de trechos argumentativos (partida, passagem - modo de encadeamento e chegada) nos ajudam a detectar pistas linguageiras, sociais e psicológicas ao analisar um texto. A próxima seção desta dissertação, as considerações finais, reforçará os caminhos desta pesquisa ao refletir acerca da divulgação científica e da revista *Ciência Popular*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A divulgação científica é ligada a estratégias de democratização do conhecimento, tendo a visão de que a ciência não é restrita às instituições de pesquisa e aos cientistas. Portanto, esse campo busca estimular o público mais amplo quanto à importância do desenvolvimento científico e tecnológico, bem como às vocações nas carreiras das pesquisas e das inovações. Algumas atividades envolvem publicações de jornais e de revistas, transmissão de rádio e eventos institucionais como a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), sendo iniciada em 1948. Esse ano coincide com o período inicial do nosso objeto de estudo: a revista *Ciência Popular* (1948 - 1960), publicada no período pós-Segunda Guerra Mundial, quando a ciência começava a ser mais visada no Brasil.

A *Ciência Popular* foi um periódico brasileiro de divulgação científica e tecnológica publicado entre 1948 e 1960, não idealizado em instituição de ensino e pesquisa, com contribuições de agências internacionais e caracterizado como universal. Isso quer dizer que os leitores brasileiros podiam ter acesso às informações de qualquer parte do mundo. O diretor-geral, Ary Maurell Lobo, escreveu o editorial de lançamento (n. 1, out. 1948) expondo que o Brasil se encontrava em atraso, em comparação a lugares como os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha e a União Soviética (o “Big Three”). Considerava que, como as novidades eram constantes, uma revista contribuiria quanto ao acompanhamento de notícias periodicamente. Dessa forma, observa-se que, para o diretor-geral, Ary Maurell Lobo, a *Ciência Popular* era mais que uma revista mensal: tratava-se de contribuição ao desenvolvimento da nação.

Sobre as características gráficas e as suas implicações para o discurso editorial do periódico, sendo uma das questões deste trabalho: diversas áreas do conhecimento eram divulgadas, como medicina, química, física e engenharia, e a revista caracterizava-se como pulverizada, devido à maneira como eram distribuídos os elementos gráficos, para acomodar a grande quantidade de conteúdos. Por exemplo, o grande formato permitia a diagramação de vários assuntos, havendo mais de um gênero textual em uma página, como notas, artigo e tópicos de curiosidades. Além dos elementos textuais, as imagens também eram valorizadas, pois motivavam a produção do grande formato para a

publicação de figuras maiores. Os tipos eram diversificados quanto ao tamanho e à forma, como negrito, regular, com serifas e sem serifas. A *Ciência Popular* considerava os aspectos gráficos como parte do discurso editorial ao fixar, juntar, distribuir e abarcar os conteúdos de uma edição. Os elementos verbais e não verbais estão imbricados, colaborando não só para a construção do sentido, mas também para o engajamento do leitor.

Como estudo de caso, alguns textos com a temática sobrenatural foram selecionados para análise discursiva, com base na teoria de Patrick Charaudeau (2010), que nos ajuda a compreender que a linguagem não é restrita ao dicionário e à gramática. A linguagem integra as situações sociais e psicológicas de um indivíduo e de um grupo. Há quatro sujeitos na situação de comunicação: comunicante (EUc), destinatário (TUd), interpretante (TUi) e enunciador (EUe). Como exemplo e analogia, pressupõe-se que a revista *Ciência Popular* é o comunicante (EUc) com o objetivo de direcionar o envelope (edição com o conteúdo diagramado) aos leitores interpretantes (TUi), com a expectativa de que, como leitores destinatários (TUd), percebam os objetivos da edição de divulgação científica e tecnológica (EUe) ao abrirem o envelope (manuseio da revista). Esses conceitos serviram como base para a análise discursiva dos textos com a temática sobrenatural ao detectar os sentimentos dos sujeitos envolvidos nas situações de comunicação, tendo como apoio as modalidades da construção enunciativa e as análises dos trechos argumentativos (as asserções de partida, as asserções de passagem - modos de encadeamento e as asserções de chegada). Inclusive, o modo de encadeamento “causa” é o mais frequente, o que associa a argumentação à justificativa, ou seja, a asserção de chegada sendo o motivo da asserção de partida.

O diretor-geral da *Ciência Popular*, Ary Maurell Lobo, via a ciência como uma direção importante para o progresso, e a revista, como um meio de comunicação, foi uma forma de propagar essa noção aos brasileiros. Esse comportamento referente à comunicação com o público em geral é “alocutivo”, uma das categorias relativas ao “modo de organização do discurso enunciativo”, mostrado por Patrick Charaudeau (2010). Segundo o linguista, a linguagem está vinculada à encenação, ao contexto no qual está inserida a comunicação entre o locutor e o interlocutor e às respectivas

identidades. No caso da revista *Ciência Popular*, o contexto é a divulgação científica e tecnológica em formato de revista mensal, com o intuito de informar leitores brasileiros acerca de diversas temáticas. Podemos relacionar a escrita de editoriais pelo diretor-geral Ary Maurell Lobo ao comportamento “elocutivo”, devido ao seu ponto de vista sobre o mundo, como a escrita do editorial de lançamento (n. 1, out. 1948), no qual expõe suas impressões referentes ao Brasil e os objetivos da revista *Ciência Popular*. As publicações de agências internacionais e de demais contribuintes podem ser ligadas ao “delocutivo”, pois é dedicado um espaço na *Ciência Popular* ao discurso do outro, como é o caso das cartas dos leitores que se manifestaram quanto à partida de Arnaldo Lobo, filho de Ary Lobo. Essas afirmativas correspondem ao discurso do periódico. Isso responde a uma das questões deste trabalho ligada ao entendimento do discurso da revista *Ciência Popular*. A relação entre análise do discurso e divulgação científica é um tema que carece de mais estudos.

No que remete à estrutura da *Ciência Popular*, ao analisar a distribuição do conteúdo, determinei três itens de acordo com a localização da temática sobrenatural: Seções ligadas ao sobrenatural, Textos ligados ao sobrenatural sem identificação de seção e Seções gerais / de outros temas que mencionam aspectos sobrenaturais / religiosos. Isso reforça a característica pulverizada da revista. Havia diversas seções ligadas ao sobrenatural e os recorrentes são: “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida”, “Feitiços e crendices” e “A ciência invade os domínios do sobrenatural”.

De acordo com as análises da construção e da abordagem do sobrenatural como tema de divulgação científica, outra questão desta pesquisa, a revista *Ciência Popular* é aberta ao discurso do outro no que diz respeito às temáticas religiosas e sobrenaturais, mas regula esse discurso, chancelando-o (as três cartas incorporadas ao editorial) ou desautorizando-o (o prefácio ao texto sobre sonhos). O periódico busca seguir o viés científico e revela que não idolatra uma religião em detrimento de outra. Também há abordagem de denúncia, como vimos em “A astrologia é pura ilusão, e os modernos astrólogos não passam de trampolineiros” (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 3, 4).

Expõe que a “linguagem científica” é usada por desonestos para impressionar leigos interessados na astrologia e argumenta sobre falsidades em previsões.

Uma das características da *Ciência Popular* é a forte ligação com os leitores. Isso fez com que o editor antecipasse o estudo sobre “vida além da morte” na sexta edição (março 1949). Antecipação no sentido de que a temática já faria parte da programação para edições futuras. Entretanto, devido às respostas dos leitores ao editorial “Arnaldo, meu filho querido”, da quarta edição (jan. 1949), na qual o diretor-geral Ary Maurell Lobo desabafou o falecimento de seu filho e desejo do aumento da fé em Deus, ele constatou o alto interesse dos leitores em relação à vida após a morte. Na sexta edição, Ary Lobo anunciou a publicação da seção “Ou a vida termina com a morte ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema”, com três cartas de leitores, a fim de legitimarem a abordagem da temática. Os autores das missivas argumentam que o filho de Ary Lobo permaneceria vivo independentemente da ausência da matéria corporal. Um dos argumentos encontrados para a defesa do tema "vida após a morte" numa revista de divulgação científica diz respeito ao conforto do espírito por meio da "suavidade da filosofia", devido à dedicação de Lobo aos estudos dos fenômenos científicos. Consta da carta de João Baptista de Mello.

O periódico conseguiu construir um discurso que legitimava a inclusão dos temas sobrenaturais, com presença recorrente, conforme estudos das edições n. 1 - 57 (out. 1948 - jun. 1953). Seja em seções ou não, eram selecionadas e publicadas contribuições de religiosos, como os espíritas Heráclito Carneiro e José Monteiro Lima. Além disso, posto que a redação da *Ciência Popular* se mostrava contrária a crenças, era possível encontrar relatos, narrativas e imagens ligados aos aspectos sobrenaturais, sem críticas negativas, como na seção de fotografias com legendas “O mundo em foco”.

Espera-se que este estudo contribua para reflexões acerca da história e da importância da divulgação científica no Brasil. A revista *Ciência Popular* era universal e diversificada, o que permitiu que os leitores destinatários e interpretantes tivessem acesso a um mundo discursivo e gráfico tão abrangente quanto a própria ciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes documentais

Ciência Popular. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil (1948-1950). Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais - Belo Horizonte, MG.

Ciência Popular. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil (1950-1953). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - Belo Horizonte, MG.

Obras de referência

Acervo Estadão. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/>> Acesso em 08 de maio 2021.

ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro: princípios da técnica de editoração*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008. 2. ed.

BARATA, Germana; CALDAS, Graça. Informação científica para todos. In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI, Vanderlan da Silva; FERREIRA, José Roberto (org). *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. São Paulo: SBPC, 2019. Disponível em: <<http://portal.sbpcnet.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Livro-SBPC-70-anos.pdf>> Acesso em 31 de ago. 2020.

BARBOSA, Luana Macieira. *Do pesquisador ao cidadão: o jornalismo científico como processo de recontextualização*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2017. Disponível em: <<https://sig.cefetmg.br/sigaa/verArquivo?idArquivo=2005798&key=cb69c37e348782c0c700f8535da5ce58>> Acesso em 31 de ago. 2020.

BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e Viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

BUENO, Wilson da Costa. *Jornalismo científico: conceitos e funções*. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v.37, n.09, p. 1420-1427, 1985. Disponível em: <<https://biopibid.ccb.ufsc.br/files/2013/12/Jornalismo-cient%C3%ADfico-conceito-e-fun%C3%A7%C3%A3o.pdf>> Acesso em 17 de mar. 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Coordenação da equipe de tradução: Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2010. 2ª ed.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2001. 2ª ed.

ESTEVES, Bernardo. *Domingo é dia de ciência*. História de um suplemento dos anos pós-guerra. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2006.

FERREIRA, José Roberto. É SBPC, mas poderia ser também SCPB - Sociedade Científica para o Progresso do Brasil. In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI, Vanderlan da Silva; FERREIRA, José Roberto (org). *Ciência para o Brasil: 70 anos da*

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). São Paulo: SBPC, 2019. Disponível em: <<http://portal.sbpcnet.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Livro-SBPC-70-anos.pdf>> Acesso em 31 de ago. 2020.

FIORAVANTI, Carlos. Nasce a SBPC, cresce a ciência brasileira. In: NADER, Helena Bonciani; BOLZANI, Vanderlan da Silva; FERREIRA, José Roberto (org). *Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)*. São Paulo: SBPC, 2019. Disponível em: <<http://portal.sbpcnet.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Livro-SBPC-70-anos.pdf>> Acesso em 31 de ago. 2020.

GOODWIN Jr., James William. *Cidades de Papel: Imprensa, Progresso e Tradição*. Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914). Belo Horizonte, Fino Traço Editora, 2015.

HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio A. P. (org.). *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Access Editora, 2001.

HELLER, Eva. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. Tradução Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/43501770/Livro_A_psicologia_das_cores_Eva_Heller> Acesso em 05 de abr. 2021.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais & ensino*. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Fapesp, 2008.

MATOS, William Ferreira. *Perfis editoriais de revistas de divulgação científica: uma comparação entre Ciência Popular (1948-1960) e Minas Faz Ciência (1999-2018)*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2018.

MINÉ, Elza. *Páginas flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX*. Cotia, Ateliê Editorial, 2000.

MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro; BRITO, Fátima (Org.). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Forum de Ciência e Cultura, 2002. Disponível em: <<http://www.redpop.org/wp-content/uploads/2015/06/Ci%C3%Aancia-e-P%C3%BAblico-caminhos-da-divulga%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfica-no-Brasil.pdf>> Acesso em 31 de ago. 2020.

MOUILLAUD, Maurice. Aos leitores brasileiros. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 3ª ed. Tradução de Sérgio Grossi Porto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012a. p. 41-42.

MOUILLAUD, Maurice. Preliminares. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 3ª ed. Tradução de Sérgio Grossi Porto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012b. p. 43-46.

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 3ª ed. Tradução de Sérgio Grossi Porto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012c. p. 47-53.

MOUILLAUD, Maurice. Posturas do leitor. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 3ª ed. Tradução de Sérgio Grossi Porto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012d. p. 161-178.

Observatório da Imprensa. Abril compra segunda maior distribuidora do país. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/abril_compra_segunda_maior_distribuidora_do_pais/> Acesso em 08 de maio 2021.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2013. 11ª ed.

PORTO, Sérgio Dayrell. Prefácio da terceira edição. In: MOUILLAUD, Maurice. PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Tradução de Sérgio Grossi Porto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. 3ª ed. p. 23-38.

REIS, José. 1. Divulgação da ciência, *Ciência e Cultura* (1954). In: MASSARANI, Luisa; DIAS, Eliane Monteiro de Santana (org.). *José Reis: reflexões sobre a divulgação científica*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2018a. p. 15-20. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/livro/ebook_reflexoes_divulgacao_cientifica_press.pdf> Acesso em 31 de ago. 2020.

REIS, José. 2. Divulgação científica, *Anhembi* (1962). In: MASSARANI, Luisa; DIAS, Eliane Monteiro de Santana (org.). *José Reis: reflexões sobre a divulgação científica*. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2018b. p. 21-38. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/livro/ebook_reflexoes_divulgacao_cientifica_press.pdf> Acesso em 31 de ago. 2020.

ROQUE, Tatiana. O negacionismo no poder. Como fazer frente ao ceticismo que atinge a ciência e a política. Revista Piauí. Edição 161, Fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-negacionismo-no-poder/>>. Acesso em 31 de ago. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis*. Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Catarina Capella. *Ciência atraente e recreativa: revistas populares de divulgação científica, Argentina e Brasil (1928-1960)*. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2013. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=155174> Acesso em 01 de nov. 2020.

SILVA, Catarina Capella. *O mundo científico ao alcance de todos: a revista Ciência Popular e a divulgação científica no Brasil (1948-1960)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VGRO-82TFSQ>> Acesso em 01 de nov. 2020.

SILVA, Rafael Souza. *Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa*. São Paulo: Summus, 1985.

TARGINO, Maria das Graças. *Divulgação científica e discurso*. São Caetano do Sul: Comunicação & Inovação, v. 8, n. 15, p. 19-28, jul-dez. 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/34909324/Divulga%C3%A7%C3%A3o_cient%C3%ADfica_e_discurso_v.8_n.15_2007_email_work_card=thumbnail> Acesso em 31 de ago. 2020.

VIEIRA, Cássio Leite. *Pequeno manual de divulgação científica: dicas para cientistas e divulgadores de ciência*. Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje, 2006. 3. ed.

C E F E T C E F E T

C E F E E F E T

C E F F E T

C E E T

C T

C T

C E E T

C E F F E T

C E F E E F E T

C E F E T C E F E T



ANEXOS

Anexo 1: Razão de ser e programa desta revista (*Ciência Popular*, n. 1, out. 1948, p. 1, 2)

Na realidade, não há um mundo velho, profundamente carcomido, a desmoronar, e um mundo novo, pleno de vigor, a erguer-se. O que na realidade existe é o mundo de sempre, sujeito a leis eternas, em constante e ininterrupto evolucionamento, com fases de equilíbrio e períodos de desequilíbrio ou crises (às vezes, graves crises como a que ao presente ocorre), quando então algo, ou quase tudo, ou tudo, se convulsiona em busca da harmonia perdida por força da concomitância e sucessão de certos acontecimentos.

A humanidade caminha continuamente para a frente, com as suas grandezas e as suas misérias. Obrigada a sofrer os efeitos de causas que, de seu turno, são resultâncias doutras razões, e assim sempre.

Mas nesse prosseguir, rumo à eternidade, uns conglomerados humanos mais poderosos e mais felizes que outros. E isso até nas ocasiões de grandes perigos gerais.

*

O momento contemporâneo é deveras aflitivo. Porque estão a sobrevir sérias perturbações, que, por natural desenvolvimento de fatos correlatos, atingiram todas o seu clímax a um só tempo. E que, por atuarem todas na mesma direção, se somam, fornecendo a maior resultante possível. Uma aterradora resultante, por sinal.

Movimentam-se agitadas as massas humanas. E procuram formar ao redor de ideologias, que exprimem ora grandes reivindicações de supostos direitos imprescritíveis, ora exagerados nacionalismos, ora terríveis ambições predatórias, ora pérfidos instintos raciais. E nesse afã, atropelam-se, confundem-se, cada uma mais convencida de que é fiel intérprete da verdade.

De todo desajustado, o mundo oscila rápida e fortemente. E não há quem não veja bem claro que não tarda o cataclismo, que produzirá desgraças sem conta, mas ao final restabelecerá a estabilidade.

Também o edifício imponente que vai ruir, estala, e inclina-se, e desconjunta-se, e depois abate. Com um estrondo formidando, e grossa nuvem de pó. Mas eis que já se acumulam no chão os materiais sem perigo de novos desabamentos, e não há mais ruídos, e o ar está limpo.

*

Os homens de hoje podem queixar-se de que a rutura do equilíbrio anterior é, na mór parte, fruto da ciência e da técnica.

Da ciência que avançou em profundidade e largura, conseguindo descobrir inúmeros segredos que a natureza guardava avaramente.

Da técnica, cúmplice da ciência, que realizou e aperfeiçoou instrumentos e aparelhagens que dão ao “rei da Criação”, ou melhor: ao “bicho da Terra tão pequeno” o completo domínio da energia em suas várias formas, e lhe permitem prosseguir em pesquisas e indagações.

*

Por contingências fatais, com relação à ciência e à técnica, há, no atual momento da História, apenas três grandes coletividades: os Estados Unidos da América, a União Soviética e a Grã-Bretanha.

Os demais Povos, sem exceção, para falar linguagem clara, nada valem. O que lhes cabe, no quadro em cena no grande palco do mundo, é o simples papel de meros comparsas, devendo representar com a maior boa vontade as pontas distribuídas conforme as zonas de influência em que se achem. Pouco importa que possuam uns quantos sábios eminentíssimos, e alguns artistas de valor incomensurável, e diversos profissionais capazes de realizações maravilhosas. Pouco importa que no passado hajam contribuído com extraordinário relevo assim no campo da cultura como na esfera espiritual, e se orgulhem de feitos memoráveis na guerra e na paz. O que importa é que nesta hora histórica a somação de todos os seus recursos, sem esquecer um só, dá um montante ridículo, pequeníssimo, quando comparado ao de cada um dos “Big Three”.

Por isso mesmo o que cumpre a esses Povos todos, para diminuir a diferença que os separa dos Três Grandes, para atravessar a crise que se desencadeia, para poder começar a reconstrução logo após a tormenta, o que lhes cumpre é prestar agora, agora mesmo, a maior atenção à ciência e à técnica.

*

No Brasil, a situação é verdadeiramente difícil. Porque se faz mister vencer de início o Partido Nacional do Ignorantismo, que não acredita na técnica e faz pouco caso da ciência.

São sem conta os brasileiros que têm subido, desconhecendo tudo. E que julgam que nessa falta de saber está a chave do feliz êxito, já que não se prendem a determinadas soluções. Progrediram, improvisando. E improvisando, pensam alcançar os objetivos. Nem se lembram de que procedem nas providências que determinam como os jogadores que atiram na roleta, aqui e ali, as suas fichas, na esperança de acertar, embora quase sempre errem.

Mas não têm culpa esses brasileiros. Eles não acreditam na técnica, e fazem pouco caso da ciência, porque a técnica e a ciência que lhes apresentam são de fato medíocres. Não são propriamente os analfabetos que prejudicam o Brasil, mas a sua falsa elite, de diploma debaixo do braço, anel de grau no dedo e cabeça vazia de conhecimentos.

De um modo geral, as nossas escolas nada ensinam. Não, não digo bem. As nossas escolas realmente instruem com proficiência, por meio da cola, por intermédio da maior consideração aos professores ignorantes e relapsos, através da falta às aulas, etc., como progredir na vida por processos ilícitos, como ser submisso perante os poderosos e altivo diante dos humildes, como desprezar os que estudam e respeitam os legítimos valores.

*

Obra de sadio patriotismo será a de abrir os olhos aos bons brasileiros, que os há, e muitos. Entre as autoridades legalmente constituídas, e entre o Povo. Fardados, e à paisana.

E isto deverá ser feito, mostrando-lhes a ciência verdadeira e a técnica verdadeira, tais como se apresentam nos Estados Unidos da América, União Soviética, e Grã-Bretanha mui principalmente, e na Bélgica, França, Suíça, Itália, Suécia, Argentina, e até no Brasil, onde muitos trabalhos honestos e importantes são realizados cada dia.

Eis o remontado objetivo em que CIÊNCIA POPULAR põe a mira, convencida de que não há obstáculos intransponíveis para quem se mete numa honrada e firme empresa.

*

Por outro lado, sendo a época atual de especialização, é no entanto indispensável que cada profissional tenha sempre uma vista de conjunto. Pois a delimitação de assuntos não passa de um recurso humano, para permitir o estudo em profundidade.

Mas como o progresso é cotidiano, avalia-se quão difícil será adquirir cultura sólida e ficar a par de tudo quanto sucede, mesmo dentro de uma especialidade. Um dia que não se lê, constitui prejuízo. Uma semana – grande lacuna. Um mês – um desastre.

Ler nesta época vertiginosa não é fácil. Porque o livro não basta, por mais recente que seja a edição, sempre em atraso com as novas contribuições que, a todos os instantes, estão surgindo para nosso conforto, adiantamento, fecundidade e perfeição em tempo de paz, ou para nossa destruição, aniquilamento, massacre e morte em tempo de guerra.

Só a leitura de periódicos pode satisfazer, como única fonte mais ou menos em dia. De periódicos como CIÊNCIA POPULAR, a serviço só e só da verdade científica e da verdade técnica, tendo apenas um único compromisso: o de servir, de todas as formas e com todas as suas forças, ao Brasil.

*

CIÊNCIA POPULAR não será uma colcha de retalhos de publicações estrangeiras.

Entristeçam-se os maldizentes, porque não será não.

Conheço muito bem o que vou fazer. Não é à toa que alguém estuda sem parar durante mais de 30 anos, com amor, e arruma com cuidado quanto conseguiu aprender.

Mas esse estudo me trouxe principalmente um grande ensinamento: O de quanto é fraco o esforço insulado; e o muito que rende o trabalho coletivo.

Assim que não dispense o auxílio de quantos queiram comigo colaborar, de quantos possam orientar-me e ensinar-me.

Esse auxílio eu já o tenho, em parte, de grandes centros estrangeiros, tanto de autoridades como de organizações. Por enquanto, desejo citar apenas os que já me chegaram e virão sem parar dos Estados Unidos da América e da Grã-Bretanha. Mas o de que preciso sobretudo é o amparo das autoridades e do Povo da minha Terra, sem o qual será inútil a obra que pretendo realizar.

*

A repetição é uma figura de retórica. E em certas ocasiões, uma necessidade para esclarecer, para não deixar dúvidas.

CIÊNCIA POPULAR, amiga da verdade científica e da verdade técnica, não tem fins ocultos. Fiel ao Brasil, não será americanófila ou americanófoba, anglófila ou anglófoba, russófila ou russófoba, mas brasileira cento por cento. E por isto divulgará com a máxima justeza as coisas

boas que os cidadãos de quaisquer nacionalidades e credos políticos criem ou aperfeiçoem, e cujo conhecimento seja útil aos cidadãos em geral.

Tenho presente aquilo de Antônio Feliciano Castilho, em “Colóquios Aldeões”:

- “Atiro a semente; alguma há-de cair em terra que a desenvolva. E se não cair, paciência. Façamos nós o que devemos, e os outros que façam o que bem lhes parecer.”

Ary Maurell Lobo

Anexo 2: Regulamento - Cidadela (*Ciência Popular*, n. 43, abr. 1952, p. 39)

Para os charadistas novatos, a seção adequada é “PORTAS DE TEBAS”, que vem a lume em todas as nossas edições do dia 15, em pequeno formato.

ESPÉCIES ADMITIDAS – Charadas sintéticas, metamorfoseadas, intercaladas, encadeadas, em terno, em quadro, haplológicas, protéticas, epentéticas, paragógicas, aferéticas, sincopadas, apocopadas; enigmas; logogrifos; enigmas aforísticos, tipográficos, figurados e pitorescos.

DICIONÁRIOS ADOTADOS – Peq. Dic. Brasileiro da Língua Portuguesa (9.^a edição), de H. Lima e G. Barroso; Simões da Fonseca (edição menor); Jaime de Seguíer; Silva Bastos; Lelo Popular; Dic. dos Sinônimos da Língua Portuguesa, de Eitel; Monossilábicos, de Casanovas e Japiassú; Chompré; Vocabulário Antropônimo, de Lidaci; Provérbios, de Lamenza e dr. Lavrud.

COLABORAÇÃO – Todos os leitores de CIÊNCIA POPULAR poderão tomar parte ativa nos nossos torneios, colaborando e decifrando, com a simples condição de nos enviarem as indicações seguintes: nome por extenso, pseudônimo (não obrigatório) e endereço. A elaboração de trabalhos para esta seção implica o manuseio e leitura cuidadosa de um ou mais dos dicionários e livros auxiliares adotados. Não serão aceitas composições em que entrem chaves ou conceitos de verificação indireta, notadamente radicais estranhos ao vernáculo. Quanto ao expediente das remissões, aconselhamos seja guardada a necessária coerência da aceção vocabular, bem como recomendamos a leitura das explicações contidas, sobre o mesmo assunto, na página XII do Prefácio da 9.^a edição do Peq. Dic. Brasileiro da Língua Portuguesa.

CORRESPONDÊNCIA – Toda matéria referente a esta seção deverá ser dirigida para ATENAS – Redação de CIÊNCIA POPULAR – Rua Alcindo Guanabara, 17/21 – LOJA EXPOSIÇÃO – CINELÂNDIA – DISTRITO FEDERAL.

TORNEIOS – Serão realizados torneios trimestrais. De acordo com o nosso critério de classificação e apuração, os colaboradores e decifradores terão direito a diplomas de mérito e medalhas artísticas.

PRAZO – Para a remessa das listas de soluções dos pontos publicados em cada torneio, fica estabelecido o prazo de 120 (cento e vinte) dias, a contar da data do último número da revista. Encarecemos sejam as listas de decifrações, sempre que possível, datilografadas, afim de nos facilitar o trabalho de conferência.

NOMENCLATURA CHARADÍSTICA – CIDAELA reconhece e passa a adotar oficialmente a nomenclatura recém-aprovada no Brasil, nas bases do projeto de unificação elaborado pela comissão de diretores de seções charadísticas do Rio de Janeiro, da qual fizemos parte, em reuniões sucessivas, na sede do Círculo Enigmístico Carioca. Ao nosso companheiro Heitor

Lúcio de Oliveira e Silva (LUTÉRCIO), orientador de CHARADISMO e CRUZADISMO, órgão oficial daquela entidade, coube o mérito de haver sido o condutor do movimento em prol da unidade da nossa nomenclatura.

ENIGMAS CHARADÍSTICOS – Em face das características de amplitude e complexidade, reeditamos, com ligeiras modificações, o decálogo nogordiano: 1.º - os enigmas continuarão trazendo, à direita do último verso, o número de letras da palavra correspondente ao conceito; 2.º - não serão permitidos conceitos com nomes próprios, de animais, aves, plantas, peixes, instrumentos, acidentes geográficos, etc., podendo, entretanto, na urdidura, ser aproveitada uma parcial extraída das seções antes mencionadas; 3.º - todos os conceitos, quando não sinônimos, deverão sempre traduzir a definição exata do dicionário de onde tenham sido tirados, em toda a sua extensão, vedando-se o emprego de aspas para fazer subentender o complemento da própria definição; 4.º - quando o vocábulo indicativo da decifração, mesmo dentro das regras precitadas, for usado em acepção diferente (substantivo em função de verbo, verbo em função de adjetivo e outros casos frequentes), deverá vir acompanhado de aspas; 5.º - ficam abolidas as urdiduras “por despistamento”, isto é, aquelas em que existam propositadamente falsos e abusivos artifícios de técnica, estranhos à penetração do conceito, induzindo o decifrador a perder o rumo do seu objetivo; 6.º - conseqüentemente, toda e qualquer urdidura deve repousar em bases certas, no plano da verdade, o que em nada afeta os recursos individuais de imaginação e subtileza; 7.º - partindo do simples para o composto, dos elementos para o todo, uma das características fundamentais do enigma é a síntese; 8.º - não serão aceitas, pela razão anterior, as composições originais destituídas de nexos entre os seus princípios constituintes; 9.º - os conceitos vazados no sistema das remissões obedecerão ao sentido estrito da correspondência vocabular; 10.º - aconselhável seria uma tendência em massa para o aproveitamento da vasta sinonímia de nossa língua, donde resultaria mais beleza e perfeição nos enigmas charadísticos.

Os Anexos 3 a 14 trazem a análise completa dos textos lidos, conforme proposta de Charaudeau.

Anexo 3: Abertura da sessão “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema” (*Ciência Popular*, n. 6, março 1949, p. 16) [Proposta - Modalidade Alocutiva]

A partir do próximo número, em edições sucessivas, CIÊNCIA POPULAR fará amplo estudo em torno do magno assunto, que é o da vida além da morte [Proclamação - Modalidade Elocutiva]. A par do que ensinam todas as religiões a seus crentes, serão debatidas uma a uma as observações coletadas até agora pelos cientistas dos mais variados matizes [Proclamação - Modalidade Elocutiva].

Foram as manifestações sem conta que nos chegaram a propósito do artigo – “Arnaldo, meu filho querido”, publicado em Janeiro último, que nos fizeram tomar tal resolução [Julgamento - Modalidade Alocutiva]. Abriremos vasto debate no curso do referido estudo, trazendo a lume, parcial ou integralmente, a nosso critério, quaisquer cartas de leitores, uma vez que contenham matéria de alto interesse, e sejam vasadas em linguagem concisa, sadia e elegante [Aviso - Modalidade Alocutiva].

Para o homem que supõe seja a morte o ponto final da vida, o berço e a sepultura são os dois extremos da curta mas atribulada estrada: É nascer, e seguir em frente, procedendo mais ou menos canalhamente, conforme a moral adotada, até o instante de ficar imobilizado para sempre a sete palmos de terra [Saber - Modalidade Elocutiva].

Para o homem que acredita assinala a morte o início doutra vida, já o curto caminho aquém túmulo é a preparação do longo caminho além túmulo: É entrar na barra deste mundo, e navegar avante, preparando-se com o exercício de nobres ações para, ao fazer

miserável naufrágio na morte, poder ressuscitar no Céu, junto de Deus Todo-Poderoso [Saber - Modalidade Elocutiva].

Era nosso pensamento incluir nesta Revista, mais para a frente, estudos acerca das principais religiões e dos maiores trabalhos científicos referentes às coisas sobrenaturais [Proposta - Modalidade Alocutiva]. Estudos honestos, feitos sem o intuito de torcer a verdade, a fim de elucidar até onde vai a Ciência, e a partir de que ponto começa a Fé, ou melhor: para dar destaque ao fato mui significativo de a Ciência, quanto mais avança, mais perceber que se alarga o infinito de sua ignorância, e a Fé, com o progredir dos tempos, mais crescer no coração dos homens [Proposta - Modalidade Alocutiva].

O contato com os nossos queridos leitores fez-nos mudar de opinião [Apreciação favorável - Modalidade Elocutiva]. Em vez de passar esses estudos para trás, devemos pô-los imediatamente em ordem do dia [Proclamação - Modalidade Elocutiva]. Porque há realmente imensurável interesse em volta do grande mistério da morte [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva].

Nesta edição, apenas anunciamos a nossa deliberação, e servimo-nos da oportunidade para publicar três das cartas que nos fizeram tomar a peito a útil empresa [Proclamação - Modalidade Elocutiva].

Anexo 4: Continuação da sessão “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema” (Ciência Popular, n. 6, março 1949, p. 16, 17) - “Escreve o Sr. João Baptista de Mello:” [Saber - Modalidade Elocutiva]

Ilmo. Sm. Ary Maurell Lobo
Rua Marquês do Paraná – 10 – Flamengo
Nesta.
Rio, 29 de janeiro de 1949 [Interpelação - Modalidade Alocutiva]

Cordiais cumprimentos. [Interpelação - Modalidade Alocutiva]
Tenho à minha frente a página enlutada, na qual o senhor dirige uma súplica ao Infinito, rogando a Deus um conforto substancial que dulcificasse o seu coração de pai dedicado e amoroso, dilacerado pela perda irremediável do seu querido filho [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva].

Com toda certeza, Deus já atendeu à sua súplica, respondendo-lhe através das mais sinceras demonstrações de solidariedade moral e espiritual por parte de corações amigos que lhe estimam, sejam eles conhecidos ou desconhecidos, cujas palavras de conforto representam uma verdadeira chuva de eflúvios balsâmicos para o seu cérebro e para o seu coração [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva].

Não é necessário indagar quem escreve estas linhas [Declaração / Afirmação - Modalidade Elocutiva]. É um amigo desconhecido que, compreendendo – quase sentindo – até aonde foram as suas aspirações elevadas, os seus ideais superiores, os seus objetivos altruístas, deseja também instilar no íntimo do seu espírito atribulado, um ramalhete, pequenino embora, de ideias amigas, gerado espontaneamente pelo desejo sincero de confortar [Querer / Desejo - Modalidade Elocutiva].

Para o senhor, que habituou o pensamento a se enrijecer nas pesquisas profundas dos profundos fenômenos científicos, a suavidade da filosofia é necessária como um refrigerio para as perturbações que o seu espírito experimenta numa encruzilhada como essa, absoluta e ingratamente inesperada [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]. A ciência, por si, é

impotente para responder às perguntas que o espírito formula nos momentos decisivos da vida, muito embora caiba ao senhor, que a abraçou com carinho, com fervor, com estremo sacerdócio e com a mais alta dose de renúncia a tudo quanto pudesse se opor à marcha dignificante de sua inteligência, nos planos sacrosantos dos esclarecimento, da Luz, do Saber, muito embora caiba ao senhor, disse eu, o direito de exigir que ela lhe responda àquelas interrogações **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**.

Fazendo uma transposição bemfazeja para o seu espírito, agora inconsolável pela ausência irremediável de um ente querido, ofereço-lhe, pois a filosofia e a ciência, aquela para o cérebro e esta para o coração, quero dizer, a Arte para o raciocínio e a Ciência para o sentimento **[Proposta - Modalidade Alocutiva]**.

O senhor, que sondou os últimos recessos universais que é dado ao homem investigar – desde as sociedades celestes até os últimos elementos das expressões atômicas; o senhor, que, no dizer de Sophus Ruge, “alargou os horizontes intelectuais pelo alargamento dos horizontes físicos,” dando-lhes, assim, uma capacidade superior de abranger a visão panorâmica de todas as coisas e de todos os seres; o senhor, que teve o coração incendiado de entusiasmo altruístico, depois que seus olhos admiraram as belezas incomparáveis da Vida em todas as suas modalidades; o senhor, que admirou, embevecido, o rutilar tranquilo das estrelas longínquas e absorveu, meditativo, o misterioso perfume das flores; que analisou, com frieza, as vibrações da matéria e observou, com desconfiança científica, a manifestação de fenômenos sutis do seu próprio íntimo, surgidos às vezes, repentinamente, como que em busca de outros fenômenos afins – irmãos – no mundo exterior; o senhor, afinal, que, através de todo esse cortejo de esclarecimentos, de pesquisas, de experiências, atingiu esse estado superior de espírito atilado, certamente chegou a esta encruzilhada não menos austera! **[Julgamento - Modalidade Alocutiva]**

Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida **[Julgamento - Modalidade Alocutiva]**.

No primeiro caso, estariamos diante de uma tristíssima comédia, sobre ser absurda, só admissível a quem esteja rastejando ainda nos planos inferiores da racionalidade **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. Se é verdade que “os fatos explicam-se pelos antecedentes e justificam-se pelos consequentes”, no dizer de Cantu, então está determinado o valor, nulo, de semelhante conceito **[Constatação - Modalidade Elocutiva]**. Quando, pela meditação tranquila e profunda, afastamos as cortinas sutis com que a Natureza esconde o dinamismo incessante e perpétuo da Vida, observamos que esta caminha sempre para frente e para cima, sujeitas às leis imutáveis do Universo que a trabalham a ferro e fogo, conduzindo-a a estágios cada vez mais elevados, numa férrea decisão de levá-la a um grau de perfeição que o pensamento humano não concebe **[Constatação - Modalidade Elocutiva]**. Como pode a Natureza, então, depois de tanta luta, de tanto esforço, de tanto sacrifício na organização laboriosa das criaturas, se dar ao capricho incompreensível de reduzir tudo a nada **[Interrogação (Pedido para dizer) - Modalidade Alocutiva]**? O próprio espírito, em seu foro íntimo, se recusa, terminantemente, a aceitar semelhante consequência **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

No segundo caso, estamos em frente de uma profunda filosofia, da qual não podemos fugir sem reverenciar-lhe a capacidade de iluminar, embora tenuemente, os caminhos obscuros do Desconhecido, pelos quais o pensamento vagueia, em busca de respostas consoladoras para as suas interrogações desorientadas **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. E as respostas não se fazem esperar: só, no critério humano, a Biologia se preocupa mais com a espécie, do que com o indivíduo, no critério divino, a Vida se preocupa mais com o espírito do que com a matéria; se a Terra não passa duas vezes pelo mesmo lugar, porque percorre uma trajetória espiralada aberta para o Infinito, a história do homem não pode ficar encerrada entre o berço e o túmulo – as duas únicas portas que limitam, na trajetória, também espiralada, das ascensões espirituais, um arco cuja pequenez não tem medida **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**.

O senhor deve estar percebendo os horizontes que se delineiam desta ordem de pensamentos **[Opinião / Suposição - Modalidade Elocutiva]**. Se a história do homem prossegue além da morte, a sua origem está enraizada aquém do nascimento **[Concordância - Modalidade Elocutiva]**. Não estou acenando-lhe com o fatalismo, princípio esse que não aceito absolutamente **[Discordância - Modalidade Elocutiva]**. Diante da perfeição do Universo e da Justiça divina, não há possibilidade de reunirem-se, sob os mesmos laços de família espiritual, seres com pesos específicos morais diferentes, porque o Amor também tem as suas leis, a sua trajetória e a sua direção **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Há uma simbiósis mais profunda e sublime no Universo, que as “ciências exatas” desconhecem, porque não se dão ao trabalho de contemplar as estrelas **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. Nestas condições, houve razões poderosas para que uma entidade espiritual, respondendo aos imperiosos desígnios de sua jornada celeste – desígnios biológicos, psíquicos, morais e espirituais, - viesse desempenhar a sua missão junto ao senhor, atendendo aos mesmos desígnios com outro aspecto: filiais, individuais, sociais e intelectuais **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. São estes acontecimentos admiravelmente entrelaçados que ligam a Terra ao Céu – o Homem a Deus! – para que a criatura possa contemplar e compreender, compreender e amar o Criador **[Saber - Modalidade Elocutiva]**!

Para que a chama que incendeia o seu coração altruísta não se apagasse, era necessário que ele partisse **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Até há pouco, as suas aspirações eram apenas aspirações **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Agora, transfiguraram-se num ideal que se immortaliza, cuja origem está no coração de um ente querido e cujas vibrações de amizade atravessam o Universo, sensibilizando outros ideais afins, até chegarem aos pés de Deus como uma oração de luz! **[Saber - Modalidade Elocutiva]**

Seu filho tem plena liberdade de estar mais perto do senhor – e os fatos que comprovam esta asserção estão se multiplicando todos os dias – para ajudar-lhe, para esclarecer-lhe, para retribuir-lhe o carinho e a estima, do que em qualquer outra ocasião **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. Creio que isto é um pouco mais consolador do que admitir-se a morte como uma separação definitiva dos entes que nos são caros, como ensinam certas correntes religiosas **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**.

Não descreia de Deus, crendo na ciência, uma vez que a ciência é uma exteriorização física da presença de Deus **[Sugestão - Modalidade Elocutiva]**. A função do átomo não é somente a de sustentar o Universo, mas também a de constituir o sistema nervoso, pelo qual Deus toma conhecimento da Criação, através dessa impoderabilíssima substância – o éter – cuja rigidez permite a luz percorrer 300.000 quilômetros por segundo e cuja resistência, praticamente nula, concede plena liberdade para que os corpos executem as suas trajetórias **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Creio que está aí, como e porque Deus está em toda parte **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. Se assim é, está definida, “cientificamente”, a onipresença divina **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. O Homem é um universo em miniatura e a centelha psíquica que o anima também é onipresente: a Dor comprova isso **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. A imagem é um tanto antropomórfica, bem sei **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Mas, a linguagem humana é extremamente pobre de roupagens para as ideias que o espírito elabora **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**.

Eis aí, senhor Ary Maurell Lobo, as palavras de conforto que eu desejava lhe oferecer **[Apreciação favorável - Modalidade Elocutiva]**. São palavras profundamente sinceras, dirigidas de espírito para espírito – e agora posso declará-lo – de irmão para irmão **[Apreciação favorável - Modalidade Elocutiva]**.

Para o relógio da Eternidade, a separação daquele que fora seu filho é uma questão de segundos (quanta relatividade nos calendários planetários! Um ano terrestre é um pouco menos que um centésimo do ano netuniano!...) **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Ele, seu filho, cumprira a sua missão, quero crer que sem desfalecimento e sem descrença **[Opinião / Suposição - Modalidade Elocutiva]**. Não competia a ele continuar a sua obra, e sim, ao senhor, continuar a dele **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**.

A inteligência lúcida, preclara, atilada que o senhor possui, perceberá claramente, a grandiosidade sublime dessa transposição de deveres **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**!

Do leitor, amigo e irmão,

João Baptista de Mello **[Apreciação favorável - Modalidade Elocutiva]**

Anexo 5: Continuação da sessão “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema” (Ciência Popular, n. 6, março 1949, p. 17, 18) - “Escreve o Sr. Heraclito Carneiro:” **[Saber - Modalidade Elocutiva]**

Rio, 29 de Janeiro de 1949.

São Paulo, 16 de Fevereiro de 1949.

Amigo o Sr. Ary Maurell Lobo

Cordiais saudações **[Interpelação - Modalidade Alocutiva]**

Li, sensibilizado, com o coração pulsando fortemente sob o impulso do sentimento paterno, a bela página que dedicastes à memória do vosso querido Arnaldo **[Apreciação desfavorável - Modalidade Elocutiva]**. Como progenitor, que também sou, senti, compartilhei convosco, vivi essa mesma dor, a dor da separação que nos proporciona o desencarne de um ente querido, daquele que soube escravizar o nosso amor, que compartilhou, sempre terno e submisso, humilde e solícito, durante largos anos da nossa vida, das alegrias como das lágrimas e tristezas comuns ao lar **[Apreciação desfavorável - Modalidade Elocutiva]**. Não importa a crença desta ou daquela religião, porque a verdadeira doutrina, aquela que inegavelmente une ou deve unir o coração dos homens, é a do amor **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. Foi ela e não outra, que empolgou Jesus, mesmo em seus últimos momentos de dor, no madeiro infamante: seus lábios trêmulos e arroxeados, olhos úmidos de pranto, o coração dilacerado pela angústia ante a monstruosa ingratidão da humanidade endurecida, ignorante e má, ainda preferiram esta última e sublime advertência: amai-vos uns aos outros! **[Saber - Modalidade Elocutiva]**

Assim, pois, meu bom amigo e irmão, conhecendo por essa comovedora página, a nobreza de sentimentos, a dedicação impressionante, que habitam em vosso coração bem formado, não posso eximir-me ao desejo incontido e, muito mais que isso, ao dever imperioso que me é imposto, como cristão que procuro ser, de reavivar em vossa alma um tanto combatida ante a incompreensão do grande enigma da existência humana, do porquê da vida e do destino que nos aguarda, o fogo sagrado da fé, desse fogo que uma vez consolidado através dos argumentos de uma fé esclarecida e lógica, conduz-nos impavidamente, cheios de esperança, pela estrada infinita do progresso **[Querer / Desejo - Modalidade Elocutiva]**. O vosso cérebro vacila, bem o sei, mas não é tanta a vossa culpa **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. Disse o Mestre, que o vinho novo não se ajusta a odres velhos; isso é a pura verdade **[Discurso relatado - Modalidade Elocutiva]**. Como, então, quereis, amigo, que o vosso vasto saber, sobejamente conhecido, que um espírito desperto e evoluído qual o vosso, ávido de conhecimentos e certezas, possa se amoldar, assim tão estranha e facilmente aos limites constrictos e falhos de ensinamentos fósseis, que nada explicam, mas que, antes, tudo confundem e tornam a descrença, por isso mesmo, cada vez mais cristalizada e a fé, a cada passo, mais inconsistente

[Interrogação (Pedido para dizer) - Modalidade Alocutiva]? Não! Não é isso possível **[Discordância - Modalidade Alocutiva]**. Já descrestes, porventura, da evolução de todas as coisas **[Interrogação (Pedido para dizer) - Modalidade Alocutiva]**? Pois bem, se sois um cientista, deveis, mais do que qualquer dos vossos irmãos em Deus, amparar a vossa fé nos fundamentos sólidos dos fatos, dos fenômenos, das leis, que os homens impropriamente e por pleonasma chamam de naturais **[Opinião / Convicção - Modalidade Alocutiva]**. Eu vos concito, irmão querido, para o estudo dos acontecimentos supra-normais que a natureza, tão boa e pródiga, que Deus nos faculta, cheio de amor e carinho, a fim de nos convencer desta grande realidade, deste grande acontecimento que os próprios laboratórios hão de revelar mais positivamente ao homem, neste bruxolear do século XX: a morte, como a compreendemos, não existe; o vosso Arnaldo querido não se aniquilou, porque vive ainda, com mais exuberância que quando no fardo pesado e sanioso da carne **[Sugestão - Modalidade Alocutiva]** **[Saber - Modalidade Alocutiva]**.

Atentai para o conceito profundo e sábio que a vossa própria Ciência há prodigalizado no cérebro dos pesquisadores da verdade: nada se cria, nada se destrói, porém tudo se transforma **[Sugestão - Modalidade Alocutiva]** **[Saber - Modalidade Alocutiva]**. Lembrai-vos, caro irmão, de que a Física universal não está amesquinhada nos rudimentares ensinamentos da Física terrena; o progresso é infinito e, logo, o homem jamais conhecerá as suas lindes **[Sugestão - Modalidade Alocutiva]** **[Saber - Modalidade Alocutiva]**.

Sendo Deus infinito (que não tem princípio nem fim), eu não vos posso dar uma definição de Deus; definir é limitar, encerrar nos conceitos angustos da geometria euclidiana; mas poderei emitir conceitos que servirão para definir o limite da minha compreensão, da minha consciência a esse respeito **[Opinião / Convicção - Modalidade Alocutiva]**. Então, direi, que Deus é a Vida, Deus é a Lei, Deus é a Verdade, Deus é o Espírito; e tudo isso se resume na sua manifestação compreensível ao homem, no seu estado atual de consciência, consciência ainda superficial, bi-dimensória, da razão **[Saber - Modalidade Alocutiva]**. Cada ser e cada coisa possui uma partícula, uma centelha desse Todo, é a particularização, a pulverização do Espírito Universal **[Saber - Modalidade Alocutiva]**. Então, por conseqüente corolário, o nosso “eu”, a centelha que nos anima, o espírito sendo a própria Vida, não pode morrer e não morre absolutamente; daí vem a pluralidade das existências (palingênese), intercaladas ou intervaladas pelas reencarnações **[Saber - Modalidade Alocutiva]**. O espírito, como centelha, nas suas origens, tem individualidade e é inteligente, mas necessita ganhar consciência e personalidade (eis a finalidade da vida), que o hão de polimorfizar na trajetória da espiral evolutiva **[Saber - Modalidade Alocutiva]**. Por isso, dele nasce o movimento, a energia, a matéria, por natural cognatismo e dessas formas se vale para o exercício da sua aprendizagem no mundo das provas **[Saber - Modalidade Alocutiva]**. E, então, no que se resume o fenômeno da morte **[Interrogação (Pedido para dizer) - Modalidade Alocutiva]**? É a transição que faz a espírito do seu estado de carne para o desencarne; quando ele é ainda pouco evoluído e a matéria que reveste o seu corpo é ainda muito densa, pouco desmaterializada, de sorte a amortecer profundamente as vibrações de alto teor cíclico próprias do espírito quando desembaraçado dos tentáculos da carne, essa passagem se caracteriza por um estado de inconsciência mais ou menos longo, de forma a não lhe permitir compreender que o seu “eu” não foi aniquilado, mas apenas substituiu a densidade do meio em que labutou por outro (corpo fluídico, de matéria mais leve, mais sutil) **[Saber - Modalidade Alocutiva]**. Consumado esse fenômeno naturalíssimo, o espírito se revela suspicaz, desconfiado do que lhe sucedeu; paulatinamente, porém, de acordo com os fatores que concorreram nesse transe (e eles são múltiplos), a consciência volta, ao fim de certo tempo também variável **[Saber - Modalidade Alocutiva]**.

Quererá, pois, viver o homem, visceralmente especulativo qual se revela, nesse agnosticismo incongruente e condenável, arriscando a abalar a sua própria fé e a cair na descrença total **[Interrogação (Pedido para dizer) - Modalidade Alocutiva]**? Mas isso é um perfeito crime e tanto maior quanto se trata de espírito culto e diligente qual o vosso **[Opinião / Convicção - Modalidade Alocutiva]**. Ninguém tem o dever de aceitar a *priori* aquilo que não estudou com carinho e sinceridade, é certo, mas cumpre-lhe por igual, não tem mesmo o direito de negar o que não conhece **[Opinião / Convicção - Modalidade Alocutiva]**. Quando mais não seja, o

Espiritismo, que é Ciência e não religião (no sentido comum que se dá a este termo) devera ser aceito pelo seu caráter consolador, bálsamo suavizante das almas feridas e aflitas **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. Seria para mim contristador aceitar uma doutrina radicalista do nihilismo ou da imobilidade anti-científica que nada esclarece mas ainda peja as almas de profunda angústia, temor e entorpecimento **[Apreciação desfavorável - Modalidade Elocutiva]**. A verdade, todavia, é bem outra, pois há uma lei profunda e universal de causalidade, que nos faz compreender os aspectos estático, mecânico e dinâmico do universo **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Como cientista e homem da lógica, que sois, pois, eu vos concito a que estudeis esses fatos importantíssimos para toda humanidade; abandoneis definitivamente os caminhos falhos e oprimidos do materialismo obcecante, quando mais não seja, ao menos pelo chamamento que nos faz a nova era que desponta, a era da energia, enquanto agonizam os alicerces que pareciam sólidos e inamovíveis à Ciência positiva – matéria **[Sugestão - Modalidade Alocutiva]**. Em memória ao vosso ente querido, que por vós espera cheio de ansiedade, em sua honra, aproximai-vos pelo estudo inteligente e profícuo e pelas investigações sensatas, desse plano, invisível tão somente pela interposição de barreiras vibratórias naturais, que afinal a Física nos ensina **[Sugestão - Modalidade Alocutiva]**. Se preciso for, eu vos auxiliarei nessas perquirições, dentro mesmo dos quadros atuais da Ciência; e, então, ireis conhecer um outro mundo maravilhoso tão real quanto o nosso e ireis dar, ao mesmo tempo, infinitas possibilidades aos campos de pesquisas fenomênicos **[Proposta - Modalidade Alocutiva]** **[Apreciação favorável - Modalidade Elocutiva]**. Tudo tem lei, tudo vive, tudo existe; eu também já transitei por essa fase preparatória, que outra coisa não é **[Declaração / Afirmação - Modalidade Elocutiva]**.

Com minhas saudações cristãs,

Heraclito Carneiro **[Apreciação favorável - Modalidade Elocutiva]**

Anexo 6: Continuação da sessão “Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema” (Ciência Popular, n. 6, março 1949, p. 18) - “Escreve um homem do povo:” **[Saber - Modalidade Elocutiva]**

Rio de Janeiro, 8 de Janeiro de 1949

Exmo. Sr. Coronel

Ary M. Lobo

PRESENTE

Cordiais saudações **[Interpelação - Modalidade Alocutiva]**

Não tendo a subida honra de conhecer-vos pessoalmente, cabe-me, com a vossa devida vênia, e como preâmbulo desta missiva, - vazada puramente nos sacrossantos sentimentos de fraternidade humana, - augurar do mais fundo do meu ser, que DEUS abençoe à vossa luta, de vossa Exma. senhora e filha **[Querer / Desejo - Modalidade Elocutiva]**.

Sou um rapaz pobre, e muito lutei para estudar, para formar-me, para aprender – tenho apenas 33 anos – mas sinto-me como o ancião que tem de cãs a cabeça coberta, e o peso dos desalentos e vicissitudes a pesar-lhe sobre os ombros **[Apreciação desfavorável - Modalidade Elocutiva]**.

Infelizmente, toda a minha luta, titânica mesmo, foi em vão **[Apreciação desfavorável -**

Modalidade Elocutiva: pois sempre se me depararam pela frente, os obstáculos quase que intransponíveis, sempre esbarrei na inexistência do estudo facultado aos pobres, sempre fui de encontro à muralha inexpugnável do ensino mal administrado, das dificuldades e impossibilidades antepostas à frente do humilde, que à guisa de barreira, impede-o de estudar, de saber, de subir, e de aprender, para uma condição de vida melhor **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Tal e qual o seixo que se revolve no leito espumoso do rio em caudal batendo nos cachopos das margens (que é a ineficaz e inócua política adotada e praticada pelos nossos homens públicos) para não se classificá-la com termos pejorativos, mais precisos e adequados; escoriei-me todo, dilacerei-me, fiquei com os meus sentidos embotados, e o que em mim havia de “moto-sensorial”, presumo que foi destruído também, nesta estafante luta pela existência – desde os tenros 12 anos – como tão bem caracterizou Darwin com os seu “Struggle for Life”. Portanto, como um vil derrotado, mas com a experiência do desalento que me vai n’alma eu vos digo **[Apreciação desfavorável - Modalidade Elocutiva]**:

- Coronel Ary, vossa tarefa é de incomensurável magnitude! **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**

Em virtude disto, não podeis desistir da refrega, parar agora, seria admitir e reconhecer a derrota; é preciso cada vez mais, que caminheis para a frente, levando os pobres pela mão, seguindo à risca o preceito do humilde operário que foi Christo! **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**

Se precisardes zurzir os fariseus, fazei-o; açoitai-os com a vergasta do Saber, com inclemência, com furor mesmo, se preciso for! **[Sugestão - Modalidade Alocutiva]**

Infelizmente – quicá honrosamente – tereis de combater à “outrance”, mas sempre vence aquele que está escudado pelo devido respeito à dignidade humana **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**.

Talvez, pela forma desconexa da minha redação, o que o pensamento e a mão nervosa me impelem a escrever, o Coronel queira deduzir... que eu seja... azul... vermelho... preto... etc. etc. etc **[Opinião / Suposição - Modalidade Elocutiva]**.

Sou apenas verde e amarelo, nasci em berço tosco, a renda alvitente e bela, a mim nunca foi aconchegada; mas onde nasci, onde nascem todos os humildes, ali não é vedado distinguir, sentir e julgar o que de caótico se avizinha, ali não é proibido amar com todas as veras do coração o seu semelhante, mas ali também se odeia, com intensidade, num crescendo formidando, até espoucarem sem peias todos os sentimentos represados! **[Saber - Modalidade Elocutiva]**

Tenho um filhinho de 3 anos de idade e uma filhinha de 2; ela, mimosa boneca, será uma digna esposa Brasileira; e peço a Deus todo poderoso, que nunca permita que eu sinta o acicate – perdoe o sentimento egoístico – de dor profunda, o resaibo de amargor que vos alanceou e a vossa Senhora. **[Querer / Desejo - Modalidade Elocutiva]**

Não tenho a subida honra de vos conhecer pessoalmente, nem conheci aquele rapaz tão cedo ceifado pelo gume da foice simbólica **[Apreciação desfavorável - Modalidade Elocutiva]**.

Mas deveis reconhecer como homem de grande saber, - e pelo que a tudo sobrepuja, - a vossa dor paterna, que houve apenas uma paralisação dos órgãos que roubou ao convívio dos seus um ente querido, mas Coronel, ocorreu apenas o que Lavoisier estudou e enunciou; o rapaz está vivo ainda em cada página da nossa revista, e precisa continuar pulsando para todo o sempre naquelas folhas **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**.

Assim penso... e salvo melhor opinião, julgo que o Coronel assim deve pensar também [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva].

Espero também, que periodicamente o Coronel vá “bater um papo” com o papai Urbano, esse moço-velho tão inteligente, que também já passou fome [Proposta - Modalidade Alocutiva].

Cabe-me pois, para finalizar, dizer-vos, para a frente, sempre para a frente, adotando o arcaico lema FIAT LUX, que nós, por trás da porta ali estaremos de ouvido atento [Aviso - Modalidade Alocutiva].

Meus respeitosos cumprimentos a vossa Senhora e filha, e um solidário e fraterno abraço do

(W) [Apreciação favorável - Modalidade Elocutiva]

Anexo 7: “A astrologia é pura ilusão, e os modernos astrólogos não passam de trampolineiros” (Ciência Popular, n. 1, out. 1948, p. 3, 4) [Declaração / Revelação - Modalidade Elocutiva]

Um caso de polícia as adivinhações astrológicas [Declaração / Revelação - Modalidade Elocutiva]

Homens eruditos e virtuosos, no passado, praticaram a astrologia, mas sempre negaram a infabilidade absoluta das profecias, sobretudo nos destinos individuais, por conter a criatura humana em si uma força bem mais poderosa que a dos astros [Declaração / Revelação - Modalidade Elocutiva].

Pululam os astrólogos por este mundo de Cristo [Saber - Modalidade Elocutiva]

Desde os meados do século XVII, nunca se prestou tanta atenção à astrologia quanto agora [Saber - Modalidade Elocutiva]. Por toda a parte, em um número sem conta de jornais e revistas, em estações rádio-difusoras e em escritórios luxuosamente montados, estão os astrólogos à disposição do grande público, para dizer acerca do futuro, ora das coletividades humanas, ora de cada indivíduo de per si [Saber - Modalidade Elocutiva]. Há por essa arte quimérica extraordinário interesse de milhões de criaturas, umas querendo informar-se a respeito das boas oportunidades para realizar negócios ou fazer viagens, outras desejando saber se serão felizes no amor, se lhes convirá ter filhos, ou pretendendo conhecer as vocações e as possibilidades dos entes queridos, e ainda outros fazendo empenho para descobrir as causas de seus padecimentos físicos e morais, ou tentando conhecer as dores que terão de curtir e o termo da passagem pela Terra [Saber - Modalidade Elocutiva]. Milhões de criaturas, que se atropelam dentro do triângulo Fortuna – Amor – Saúde, na suposição de que, adivinhando as coisas vindouras, poderão diminuir os riscos da vida [Saber - Modalidade Elocutiva].

Uma estatística que espanta é a que se refere aos Estados Unidos da América, na atualidade [Apreciação desfavorável - Modalidade Elocutiva]. Nesse País, que incontestavelmente marcha à testa da civilização, existem ao presente nada menos de 25.000 astrólogos profissionais, alguns deles membros da austera “American Federation of Scientific Astrologers” com sede em Washington [Saber - Modalidade Elocutiva]. Há 12 periódicos exclusivamente dedicados à astrologia, com uma circulação mensal de mais de 1.000.000 de exemplares [Saber - Modalidade Elocutiva]. Mais de 200 jornais oferecem o horóscopo de cada dia a uma média de 25.000.000 de leitores [Saber - Modalidade Elocutiva]. Anualmente, sai o “Moon Sign Book”, ao preço de 1 dólar (20 cruzeiros) por exemplar [Saber - Modalidade Elocutiva]. Os horóscopos

mimeografados, remetidos por via postal, são pagos a razão de 2 a 5 dólares (40 a 100 cruzeiros) e as consultas particulares a 50 dólares (1.000 cruzeiros) no mínimo **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Os financistas de Wall Street e as "estrelas" de Hollywood são ótimos fregueses **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Alguém poderá dizer, com mordacidade: - Não admira que haja tantos astrólogos nos quatro quadrantes da Terra **[Opinião / Suposição - Modalidade Elocutiva]**. Até que nem são muitos para as diversas populações **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. Conforme a sabedoria de Salomão, o número de tolos é infinito... **[Saber - Modalidade Elocutiva]**

O que é a astrologia [Proposta - Modalidade Alocutiva]

Pela significação do vocábulo, *astrologia* é a ciência dos astros **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Mas a astrologia de que aqui se trata, a *astrologia quimérica* ou *astrologia judiciária*, em vez de ciência, é uma arte, apesar da opinião em contrário dos astrólogos **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. Uma arte que se baseia no princípio de que todos os fatos terrenos, ou de coletividades ou de indivíduos de per si, são influenciados, ou melhor: são determinados pelos astros **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Cada astro influi insuladamente, e de acordo com a sua posição na abóbada celeste **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Combinam-se as diversas influências, e há uma influência resultante que determina os fatos e respectivas circunstâncias, ou com maior clareza: que impõe o destino dos homens e das coisas **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

O que pretendem fazer os astrólogos [Proposta - Modalidade Alocutiva]

À luz do que se disse acerca do que é a astrologia, pode-se definir o papel dos astrólogos destarte: Prever o destino dos homens e das coisas, após analisar detidamente as posições dos astros num dado instante e para certo lugar da Terra **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Comporta, portanto, o processo astrológico duas fases bem distintas: Uma, científica, objetiva; outra, artística, subjetiva **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Aquela, a determinação das exatas posições dos astros num instante fixado e para certo lugar, com o auxílio da astronomia, pelo cálculo das coordenadas geográficas **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Esta, a interpretação das várias influências componentes, para obter a influência astrológica resultante **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Pouco importa que a segunda fase se apoie em regras gerais e particulares, regras complexíssimas, de origem tradicional **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Regras que os astrólogos dizem formar a verdadeira ciência astrológica **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Porque o indiscutível é que apesar de tudo, esses preceitos deixam larga margem à interpretação subjetiva e ao fator pessoal de cada astrólogo **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Em que se baseiam as predições astrológicas [Proposta - Modalidade Alocutiva]

Já foi dito que as previsões dos astrólogos se apoiam nas posições relativas dos astros, seja no instante do nascimento, seja noutro período crítico de alguém **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Tais posições são chamadas *aspectos* **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

A fim de facilitar a determinação dos aspectos, toda a extensão do céu é dividida em doze partes iguais, pelo horizonte, pelo meridiano e por quatro outras circunferências que passam pelo norte e sul do horizonte **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Esses espaços iguais são as casas e as linhas que as delimitam as circunferências de posição **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. As circunferências de posição são supostas fixas e imóveis, de sorte que um corpo celeste, por efeito da rotação diurna, percorre em 24 horas cada uma das doze casas celestes **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Dá-se o nome de horóscopo ao começo da primeira casa, que é a da vida [Saber - Modalidade Elocutiva]. A segunda casa é das riquezas [Saber - Modalidade Elocutiva]. A terceira – dos irmãos [Saber - Modalidade Elocutiva]. A quarta – dos laços de parentesco [Saber - Modalidade Elocutiva]. A quinta – dos filhos [Saber - Modalidade Elocutiva]. A sexta – da Saúde [Saber - Modalidade Elocutiva]. A sétima – do casamento [Saber - Modalidade Elocutiva]. A oitava – da morte [Saber - Modalidade Elocutiva]. A nona – da religião [Saber - Modalidade Elocutiva]. A décima – das dignidades [Saber - Modalidade Elocutiva]. A décima primeira – das amizades [Saber - Modalidade Elocutiva]. E a décima segunda – das inimizades [Saber - Modalidade Elocutiva].

No tangente à potência, há grande diferença entre as casas [Saber - Modalidade Elocutiva]. A primeira é a mais poderosa, depois a décima [Saber - Modalidade Elocutiva]. Ademais, cada casa está sob o signo de um astro particular, que nela exerce maior influência que os outros [Saber - Modalidade Elocutiva].

O Sol é benfazejo e favorável [Saber - Modalidade Elocutiva]. Saturno – triste, moroso e frio [Saber - Modalidade Elocutiva]. A Lua – úmida e melancólica [Saber - Modalidade Elocutiva]. Júpiter – temperado e benigno [Saber - Modalidade Elocutiva]. Marte – seco e ardente [Saber - Modalidade Elocutiva]. Vênus – fecunda e benevolente [Saber - Modalidade Elocutiva]. Mercúrio – inconstante e variável [Saber - Modalidade Elocutiva].

Pela definição de Kepler, o aspecto vem a ser o ângulo formado pelos raios emitidos por dois planetas e que se interceptam num ponto da Terra [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]. Quando esse ângulo é de 0°, tem-se a conjunção; em sendo de 180°, a oposição; valendo 120° - o trino; medindo 90° - o quartil; e correspondendo a 60° - o sextil [Saber - Modalidade Elocutiva]. A conjunção é um aspecto indiferente; o quartil e a oposição – malignos e malfazejos; o trino e o sextil – benignos e propícios [Saber - Modalidade Elocutiva].

Pode-se fazer melhor ideia da arte astrológica, apreciando o seguinte: o Sol domina os soberanos, príncipes, grandes juizes [Asserção / Saber - Modalidade Delocutiva]. Mercúrio domina os filósofos, astrólogos, cartomantes, geômetras, físicos, poetas, historiadores, autores, inventores, enfim todos os cientistas e artistas [Saber - Modalidade Elocutiva]. Vênus domina os que cuidam de modas, mobiliários e decorações, cabeleireiros, perfumistas, joalheiros, músicos, parteiras, farmacêuticos, criados domésticos, e também os amores, casamentos e conversações [Saber - Modalidade Elocutiva]. A Lua domina os que trabalham durante a noite, e também os pequenos negociantes, usurários, açougueiros, ladrões [Saber - Modalidade Elocutiva]. Marte domina os guerreiros, médicos, cirurgiões, químicos, barbeiros, cozinheiros, padeiros, confeitores, serralheiros, enfim todos que usam o ferro ou o fogo [Saber - Modalidade Elocutiva]. Júpiter domina os verdadeiros sábios, a elite dos grandes filósofos, os magistrados eminentes, os banqueiros, os agricultores, os armadores, os artesãos [Saber - Modalidade Elocutiva]. Saturno domina os velhos, os padres, enfim todos os que vivem à margem da sociedade, mais moralmente do que fisicamente [Saber - Modalidade Elocutiva].

A astrologia quimérica vem dos albores da humanidade [Saber - Modalidade Elocutiva]

Cultivaram-na os povos mais antigos, e até o século XVII seu prestígio foi imenso [Saber - Modalidade Elocutiva]. Segundo Baily, constituiu a doença que por mais longo tempo atacou a razão humana [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva].

A astrologia nasceu da astrolatria, religião predominante dos impérios de Ninive e Babilônia [Saber - Modalidade Elocutiva]. Assim que os assírios dividiam o zodíaco em doze casas, nas quais o Sol entrava sucessivamente durante o ano [Saber - Modalidade Elocutiva]. E os astros, uns eram machos, outros fêmeas [Saber - Modalidade Elocutiva].

Os egípcios disputavam com muito empenho a honra de criadores da astrologia, alegando que os caldeus lhes haviam roubado a ideia [Saber - Modalidade Elocutiva].

Há sinais evidentes na História de que em todas as dinastias chinesas sempre foram atribuídas às desordens celestes as desgraças terrenas **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Os indus devem ter recebido a sua astrologia dos gregos e dos árabes **[Opinião / Suposição - Modalidade Elocutiva]**. Da mesma maneira os romanos **[Opinião / Suposição - Modalidade Elocutiva]**.

Roma, pela conquista do mundo, tornou-se o centro de todas as superstições **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Para qualquer coisa, as famílias nobres faziam vir o matemático, nome então dado ao astrólogo **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Boas previsões representavam honrarias e vantagens materiais para os matemáticos **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Mas coitados deles quando os astros faziam qualquer falsidade: o exílio, ou a morte **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Mais tarde, na Europa cristã, não houve senhor importante na Itália, França, Alemanha, Espanha e Inglaterra que não possuísse astrólogos a seu serviço **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Catarina de Medicis tinha incomensurável confiança em Nostradamus **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Carlos V acreditava piamente em Mestre Gervais **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Luiz XI tanto recorria aos santos como aos astrólogos **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Ana da Austria, durante as dores do parto, chegou a manter no cômodo vizinho um astrólogo, para tirar o horóscopo no exato instante do nascimento do príncipe **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

A pouco e pouco, é que a astrologia foi decaindo de importância **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Apesar da vultosa autoridade de alguns sábios que a praticavam, como Tycho-Brahe e Kepler **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

A astrologia é pura ilusão, e os modernos astrólogos não passam de uns trampoloneiros [Declaração / Revelação - Modalidade Elocutiva]

Quem puser de lado as misérias desta vida, e meditar friamente, fazendo apenas uso do bom senso, decerto que logo verificará a inanidade das predições astrológicas **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. Porque, a ser verdadeira a influência dos astros sobre a fortuna, o amor e a saúde dos homens, todos os indivíduos nascidos num mesmo instante e num mesmo País, por terem o mesmo horóscopo, haveriam de viver os mesmos destinos **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. O que, sem a menor sombra de dúvida, é grande absurdo, pois nem irmãos gêmeos seguem caminhos iguais **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**.

A semelhante luz, como são ridículas as seções que, sob o título de "Dia Astrológico", aparecem em grandes jornais **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. Ridículas e malfazejas, uma vez que induzem ao erro milhares de tolos que nem sequer percebem que, por falta de espaço nos periódicos, todas as pessoas nascidas entre duas datas distantes hão de ter o mesmo destino **[Declaração / Revelação - Modalidade Elocutiva]**.

Do ponto de vista científico, então, a astrologia é vultosa patifaria **[Declaração / Afirmação - Modalidade Elocutiva]**. Porque se apoia numa astronomia primitiva, das priscas eras da História **[Declaração / Afirmação - Modalidade Elocutiva]**. De uma astronomia que supunha a Terra chata e imóvel, e todos os astros a girarem em volta dela **[Declaração / Afirmação - Modalidade Elocutiva]**. De uma astronomia que nada sabia acerca da processão [sic] dos equinócios **[Declaração / Afirmação - Modalidade Elocutiva]**. De uma astronomia que não conhecia inúmeros planetas, satélites e estrelas, que só mais tarde, após a invenção do telescópio, puderam ser percebidos **[Declaração / Afirmação - Modalidade Elocutiva]**.

Houvesse algo de verídico na astrologia, ainda assim os horóscopos seriam falsos, por usarem a astronomia antiga que não confere com a hodierna astronomia **[Opinião / Convicção -**

Modalidade Elocutiva]. Quando dado astro é suposto por aquela numa casa do zodíaco, ele realmente está noutra **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Acresce que os astrólogos, embora falem muito em Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno e Sol, em geral nada entendem de astronomia **[Declaração / Revelação - Modalidade Elocutiva]**. A astronomia é ciência muito séria, que pede cultura especializada, e não está ao alcance dos maraus **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**.

Mas os astrólogos adivinham... [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]

Sim, os astrólogos adivinham **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. Porque, como salientou Voltaire, quando uns afirmam que haverá chuva copiosa, outros declaram que reinará ótimo tempo, quando uns dizem que tal indivíduo não viverá muito, outros asseguram que o mesmo terá velhice feliz **[Discurso relatado – Modalidade Delocutiva]**.

São tantos os prognósticos, e tão contraditórios, que em qualquer caso uns estarão certos e outros errados **[Declaração / Revelação - Modalidade Elocutiva]**.

Quando são feitas as grandes predições, os astrólogos mui industriosamente procedem de acordo com o método conhecido como de 50% - 50% de probabilidade **[Declaração / Revelação - Modalidade Elocutiva]**. Fora daquelas afirmações gerais (morte de homens públicos, incêndios, choques armados, etc.) que quaisquer pessoas inteligentes e cultas podem fazer, as demais profecias são contraditórias duas a duas, isto é: uns tantos informes positivos habilmente impugnados por outros informes negativos **[Declaração / Revelação - Modalidade Elocutiva]**.

[É dever precípua da Polícia o combate sistêmico aos exploradores da credence popular **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. Mui principalmente, a luta contra aqueles que se aproveitam da linguagem científica, que sobremodo impressiona aos leigos **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**.

Eis por que CIÊNCIA POPULAR denuncia os astrólogos que andam por aí, com Zolar à frente **[Declaração / Revelação - Modalidade Elocutiva]**. A entrevista publicada em “A Noite”, edição de 24 de Setembro último, contém matéria mais do que suficiente para um processo policial. **[Declaração / Revelação - Modalidade Elocutiva]**

Anexo 8: Os sonhos - José Monteiro Lima (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30) **[Proposta - Modalidade Alocutiva]** - “Nota da redação”

NOTA DA REDAÇÃO – Mui principalmente para estimular entre nossos leitores o gosto pelas discussões científicas é que abrimos o debate em torno do mistério da morte **[Declaração / Afirmação - Modalidade Elocutiva]**. Mas fizemos questão de salientar que não estávamos interessados em que no final ficasse em boa posição o catolicismo, ou o protestantismo, ou o espiritismo, ou qualquer outra religião **[Declaração / Afirmação - Modalidade Elocutiva]**. Até pelo contrário, sempre admitimos que o nosso inquérito equivalia a uma invasão do campo do sobrenatural, com o fito de destruir, com as verdades científicas conhecidas, certas falsas suposições **[Declaração / Afirmação - Modalidade Elocutiva]**. Assim é que, incluída a presente edição, já deixamos perfeitamente esclarecidos os seguintes assuntos: palmíria (quiromancia), grafologia, telepatia e hipnotismo **[Declaração / Afirmação - Modalidade Elocutiva]**. Tais considerações se justificam em face deste artigo sobre o sono, em que o nosso distinto colaborador Sr. José Monteiro Lima, crente do espiritismo, mal enfrenta determinados fenômenos que não sabe explicar, ou que a própria Ciência ainda não sabe explicar, logo os atribui ao Espírito, e declara que “isso prova que pelo sonho podemos entrar em contato com os nossos parentes e amigos que se foram” **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. Ora, nada mais absurdo do que levar à conta de almas do outro mundo e de divindades tudo que

não sabemos ou não podemos justificar [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]. Em artigo especial, brevemente, iremos debater este assunto [Aviso - Modalidade Alocutiva].

Anexo 9: Os sonhos - José Monteiro Lima (*Ciência Popular*, n. 19, abr. 1950, p. 30) [Proposta - Modalidade Alocutiva]

Normalmente, o fenômeno que antecede o sonho é o sono, que o mundo conhece por experiência própria [Saber - Modalidade Elocutiva]. É uma necessidade fisiológica comum a todos os indivíduos [Saber - Modalidade Elocutiva]. O sono se produz quase sempre quando o corpo, vencido pela fadiga, exige repouso e, então, as pálpebras se fecham, as ideias baralham e o indivíduo perde a consciência de tudo que o rodeia, ficando apenas em atividade a respiração e a nutrição [Saber - Modalidade Elocutiva]. É precisamente nesse estado que entram em função as atividades do Espírito, dando lugar ao sonho [Saber - Modalidade Elocutiva].

Há, sem dúvida, sonhos incompreensíveis que não parecem ter qualquer relação com a vida material [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]. Com efeito, as percepções do Espírito, quando liberto, são mais sutis do que quando embotadas na matéria, no estado de vigília; no entanto, voltando ao corpo, os sonhos, ou melhor, a lembrança do sonho é por vezes incompreensível [Saber - Modalidade Elocutiva]. Explica-se: As percepções do Espírito durante o sonho misturam-se com fatos e impressões da vida material, e daí a confusão e a inverosimilhança de certos sonhos [Saber - Modalidade Elocutiva].

Em muitos casos uma digestão difícil, um embaraço na respiração, etc., podem dar lugar a sonhos mais ou menos desagradáveis, ou mesmo, pesadelos [Saber - Modalidade Elocutiva]. Durante o sono, causas estranhas ao corpo físico, tais como uma pancada ou um barulho qualquer, bastam para provocar um sonho movimentado, representando um acontecimento, no qual a pancada é o ponto culminante [Saber - Modalidade Elocutiva]. São sonhos de origem puramente fisiológica [Saber - Modalidade Elocutiva]. Aliás, pelo que se tem observado, as necessidades fisiológicas e materiais dão origem a certos sonhos [Saber - Modalidade Elocutiva].

O barão de Trenck conta que, depois de uma série de aventuras, que não cabe relatar aqui, quase chegou a morrer de fome e então, sonhava todas as noites que se regalava diante de lutas mesas cheias de iguarias [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]. Fato semelhante observou o meu amigo José Montenegro, brilhante jornalista de um dos nossos vespertinos, que tomou parte na expedição aos Boca-Negra [Saber - Modalidade Elocutiva]. Em virtude da fome que passava durante as longas caminhadas, sonhava seguidamente, durante as noites, com lutos banquetes [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva].

No entanto, outros há que não podem ser explicados por este modo [Saber - Modalidade Elocutiva]. São os de origem espiritual [Saber - Modalidade Elocutiva]. São faculdades de certo modo desconhecidas, que entram em ação quando o Espírito se liberta, ainda que por momentos, dos liames da carne [Saber - Modalidade Elocutiva]. Nesse estado, a sua percepção é mais vasta, podendo perceber fatos e acontecimentos que se desenrolam a grandes distâncias [Saber - Modalidade Elocutiva].

São faculdades anímicas que se desdobram e alcançam o que, em condições normais de vigília, não é possível [Saber - Modalidade Elocutiva].

Condillac conta que, na época que redigia o seu curso de estudos, se via obrigado pelo cansaço a adormecer, deixando o trabalho incompleto [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]. Mas sucedeu certa vez encontrar acabado em seu Espírito o trabalho iniciado [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]. Voltaire narra também que numa noite compôs em sonho um canto completo da "Henriade", diversamente do que havia escrito antes [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva].

Conta Flammarion que, quando estudava inglês, se esforçava pelo emprego correto dos verbos seguidos de preposição **[Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]**. Sonhara então que, falando inglês com alguém, se expressara do seguinte modo: “I called for you yesterday. – Vós vos exprimis mal, respondeu o visitante; devíeis dizer: “I called on you yesterday” **[Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]**. No dia seguinte, tomando uma gramática, Flammarion verificou com espanto que o visitante imaginário tinha razão **[Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]**.

Há um sonho célebre, o de Tartini **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Esse célebre compositor adormecera, depois de tentar inutilmente acabar uma sonata **[Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]**. Sonhou, que lhe aparecera o diabo, e lhe propôs acabá-la em troca da sua alma **[Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]**. O compositor mesmo em sonho hesitou, mas forçado pela aparição, acabou por aceitar a proposta, e o diabo, tomando o violino, executou distinta e maravilhosamente a sua almejada sonata **[Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]**. Tartini acorda, corre até a mesa e escreve de cor o trecho que em sonho acabara de ouvir. (Max Simon, “Monde de rêves”) **[Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]**.

São sonhos que se não podem explicar por meios materiais **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. Como e por que se produzem essas imagens? **[Proposta - Modalidade Alocutiva]** Por que o Espírito cria certos detalhes desconcertantes como no sonho de Tartini? **[Proposta - Modalidade Alocutiva]**

Os sonhos premonitórios são ainda mais complexos e incompreensíveis **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. A vasta literatura religiosa de todos os tempos está cheia de sonhos proféticos por meio dos quais sacerdotes e profetas recebiam avisos do mundo espiritual **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Seria ingenuidade acreditar em todos os sonhos: contudo, é forçoso dizer que muitos sonhos proféticos se realizaram com admirável precisão **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. São ainda as faculdades desconhecidas do Espírito que teremos de atribuir os sonhos proféticos **[Saber - Modalidade Elocutiva]**. Frouxos os liames da matéria, o Espírito investiga o passado e o futuro **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

Cícero não acreditava em sonho: no entanto, ele próprio relata no seu tratado “De Divinatione” alguns sonhos proféticos **[Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]**. Conta ele que Simonides encontrara certa vez um cadáver de um homem numa estrada e, então, prestara-lhe as últimas homenagens, enterrando-o **[Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]**. À noite, sonhou que o fantasma do desconhecido lhe aparecia, para dizer que não embarcasse no navio que ia para Dalos, porque iria a pique **[Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]**. Impressionado com o sonho, Simonides, embora tivesse comprado passagem, não embarcou **[Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]**. Dias depois, soube que o navio naufragara, morrendo toda a tripulação e os passageiros **[Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]**.

As possibilidades do Espírito são incalculáveis **[Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]**. A sua percepção é mais penetrante em determinados momentos do sono, podendo assim receber avisos e instruções sobre futuros acontecimentos **[Saber - Modalidade Elocutiva]**.

O presidente Lincoln, dos Estados Unidos, sonhara certa vez que, entrando na Casa Branca, encontrara numa das salas um catafalco **[Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]**. Aproximou-se da sentinela e perguntou quem havia morrido. – “Foi o presidente, assassinado por um fanático”, respondeu o soldado **[Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]**. De fato, três meses depois, o presidente Lincoln fora assassinado e a cena do seu sonho se reproduzira tal como ele tinha visto e contado (“No Invisível”, L. Denis) **[Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]**.

O que há de mais extraordinário nos sonhos premonitórios é que não se trata aí de ver o que se passa a grandes distâncias, mas do que ainda não existe [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva].

Na obra “O desconhecido e os problemas psíquicos”, Flammarion conta muitos sonhos que provam a possibilidade de entrarmos em contato com os nossos parentes e amigos do mundo espiritual [Saber - Modalidade Elocutiva]. Ora, é uma moça que, em Paris, vê em sonho sua mãe expirando na província e chamando para abraçá-la pela última vez [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]. No dia seguinte recebe, desolada a notícia, confirmando o sonho [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]. Outro, é a esposa de um oficial que sonhara com o pai que estava bom de saúde, que, chegando ao pé do leito, lhe diz: “Vêde, acabo de morrer” [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]. As primeiras notícias vieram confirmar o sonho, coincidindo a hora da aparição com a hora do falecimento [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]. Mais adiante, outro sonha que um dos seus amigos fora assassinado naquela noite, e no dia seguinte recebe a triste notícia, confirmando o sonho [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva].

Flammarion dá, aliás, na obra citada, numerosos sonhos desta natureza [Saber - Modalidade Elocutiva]. Isso prova que pelo sonho podemos entrar em contato com os nossos parentes e amigos que se foram [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva].

Contudo, é importante notar que tal aproximação normalmente só se dá entre Espíritos afins, ligados por algum interesse comum [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva].

Se não fosse a necessidade de encurtar este nosso trabalho, daríamos numerosos relatos de sonhos, pelos quais se prova que o Espírito pode desligar-se temporariamente do corpo físico e viajar longas distâncias, continuando, porém, na dependência deste, tal como um balão cativo [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva].

Sem cair no domínio do milagre nem do sobrenatural (até porque a Natureza não comporta o milagre nem o sobrenatural), sente-se que as leis que regem tais fatos são ainda mal conhecidas, ou mesmo, desconhecidas [Aserção / Constatação - Modalidade Delocutiva].

Anexo 10: Demonologia Brasileira - Hernani de Irajá (*Ciência Popular*, n. 53, abr. 1953, p. 9, 10) [Proposta - Modalidade Alocutiva]

Dadas as condições raciais que o formaram, dadas as imensas extensões territoriais que o acolhem ou hostilizam, o brasileiro deveria criar e ter o grande mundo misterioso que construiu, de entidades estranhamente diabólicas, espíritos malignos, seres destinados a encher de espanto e terror quer os desvãos escuros dos lúgubres casarões, os jardins abandonados de flores e de sonhos, quer as matas sombrias e impenetráveis, os campos acoxilhados ou as longas estradas do sem-fim [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva].

É o entrelaçado das crenças que ou lutam ou se associam nos terrenos da fé e do temor, da esperança de um paraíso relativamente aprazível e o receio de um inferno excessivamente escaldante e desgovernado por diabos de infundáveis hierarquias e requintados na infernalíssima tarefa de infligir aos merecedores os mais espantosos martírios [Saber - Modalidade Elocutiva].

Como a criatura humana é, com pequenas variantes antropológicas, de cor, forma e hábitos ambientais e estéticos, - mais ou menos a mesma, era de prever-se que os seres demoníacos de diversos rincões do planeta apresentassem características similares e, por vezes, idênticas [Saber - Modalidade Elocutiva].

Foi o que aconteceu com as nossas entidades malignas, entre as quais só de vez em vez é que se pode encontrar uma predisposta a obra em benefício de alguma pessoa, mesmo que seja esta a mais justa e correta possível [Saber - Modalidade Elocutiva].

Daí a grande extensão dessa mitologia brasileira [sic] que se denomina em língua nacional apenas isso: Poranduba [Saber - Modalidade Elocutiva].

Vejamos o que dizem os nossos amigos dos sertões brasileiros e que sempre estão em contato com os filiados diretamente ao Senhor das Trevas [Proposta - Modalidade Alocutiva].

1.º O SACI [Proposta - Modalidade Alocutiva]

O Saci é uma das entidades mais simpáticas da poranduba nacional [Saber - Modalidade Elocutiva]. Criado sob o signo caprino, ele é ao mesmo tempo divertido e maldoso [Saber - Modalidade Elocutiva]. Por vezes aparece inopinadamente num socavão marginal de estrada, assustando o viajor desprevenido ou previamente preparado para um encontro dessa natureza [Saber - Modalidade Elocutiva].

É pequeno, preto, ágil, saltitante, quase sempre apresenta-se com um só olho e, por vezes, está com um cachimbo curto na boca, mas de fogo apagado [Saber - Modalidade Elocutiva].

- Moço, me dê o seu fogo! [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]

O viandante não precisa dar de rédeas, pois o cavalo estaca, com as orelhas em pé, respiração alterada como se houvesse galopado uns quilômetros [Saber - Modalidade Elocutiva].

- Pois não!... com prazer... [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]

Mas parece que por artes diabólicas do próprio Saci, os fósforos não são encontrados em bolso algum [Declaração / Afirmação - Modalidade Elocutiva]! O homem “avexa-se”, torna-se trêmulo e nervoso, revira as algibeiras, tira o que lá está guardado, lenço, carteiras, cigarreira, tudo, e a tal caixa de fósforos não há jeito de surgir [Saber - Modalidade Elocutiva]. É o negrinho, com o olho aceso que nem brasa, firme, sem um gesto, sem mais nenhuma palavra, esperando, esperando [Saber - Modalidade Elocutiva]. Afinal o cavaleiro suspira procurando guardar o que externara do paletó e das calças:

- É... o Sr. vai desculpar, mas viu que não tenho fogo... acho que perdi aí pelo caminho; só ficou a cigarreira e... [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]

- Bem, já que não pode ser, eu aceito mesmo um cigarro! [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]

- Pois não [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]! Mas aí é que a coisa se agrava [Saber - Modalidade Elocutiva]. Quando é aberta a carteira de cigarros, verifica-se que está “pura”! [Saber - Modalidade Elocutiva]

E a infernal entidade fincada num pé só, bem ali do lado da cavalgadura que está cada vez mais inquieta [Saber - Modalidade Elocutiva]. Outra verificação nos bolsos, e nada, nem fósforos, nem cigarreira, nem carteira de cigarros [Saber - Modalidade Elocutiva]. Quando vai sair outra desculpa, ouve-se um silvo agudo distante e, logo depois, uma gargalhada [Saber - Modalidade Elocutiva]. O saci já estava longe [Saber - Modalidade Elocutiva]. Fizera aquilo para assustar e divertir-se [Saber - Modalidade Elocutiva].

Por vezes surge com um barretinho vermelho à cabeça [Saber - Modalidade Elocutiva]. Dizem-no amantético de caçadas e para isso costuma montar um cavalo preto do qual trança de tal modo as crinas que no dia seguinte, quando o dono se apercebe do fato, é obrigado a cortá-las, tal a impossibilidade de desfazer os nós do Saci [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva].

2.º O NEGRINHO DO PASTOREJO [Proposta - Modalidade Alocutiva]

O Negrinho do pastorejo, ou *pastoreio*, é um tanto símile ao Saci; há quem os julgue a mesma entidade [Saber - Modalidade Elocutiva]. Mas parece-me que são diversas [Opinião / Suposição - Modalidade Elocutiva]. Senão vejamos [Proposta - Modalidade Alocutiva].

O Negrinho é um ser benfazejo, que é sempre invocado em momentos difíceis e aperturas diversas [Saber - Modalidade Elocutiva]. Dizem-no o espírito de um pobre e maltratado pretinho guardador de tropa, e que pelo desaparecimento de um cavalo foi supliciado pelos patrões que finalizaram os maltratos, colocando-o amarrado, sobre um formigueiro de insetos carnívoros [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]. Mas a Virgem Santíssima, sua Madrinhã, dali tirou-o, sem que fosse atacado, levando-o para o Céu [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva].

Logo, como se pode deduzir, não há nada, a não ser a cor e altura, que possa gerar confusão entre as duas entidades sobrenaturais [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva]. Uma, a do Saci, mais votada às incursões ao terreno do mal, das galhofas, amigo de pregar peças e sustos aos viajantes; outra, abençoada pelos que já lhe obtiveram favores e milagres, é o espírito bom, amigo dos bons, e sempre acorrendo ao apelo dos necessitados [Saber - Modalidade Elocutiva]. Desce espontaneamente à noite, vem achar os cavalos perdidos e muitas vezes nem é preciso acenderem-lhe velas, como é costume no Rio Grande do Sul [Saber - Modalidade Elocutiva].

Nas noites de lua cheia o Bom Negrinho repousa à beira das lagoas encantadas lá para Lagoa Vermelha e Tupaceretã, como asseveram os guascas de boa pinta e palavra segura [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva].

Mas não é somente o achador de cavalos e gado extraviado, ele é como os Silfos e Elfos benquistos que esvoaçam gentis, prestimosos e belos, nos jardins silentes da Europa de Andersen e Grimm, Dickens e Hoffmann [Saber - Modalidade Elocutiva].

Ele tem muito da bondade dos sete anões da Branca de Neve; entra sorrateiramente nos lares, arruma as camas, lava a louça, “areia” os talheres, desentope as pias... [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva] É como que um anjo-da-guarda, sempre pronto a auxiliar àqueles que necessitam de seu adjutório [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva].

Não deveria mesmo existir essa dúvida entre os estudiosos do nosso “folklore” [Opinião / Convicção - Modalidade Elocutiva].

Apenas é permitida uma certa intromissão, ações intercorrentes nas falanges dos espíritos bons e dos demônios, se bem que saibamos que, em origem, todos provieram das mesmas regiões celestes [Saber - Modalidade Elocutiva].

Daimon, palavra grega, significa deus, gênio ou espírito sobrenatural [Saber - Modalidade Elocutiva].

Na rebelião dos anjos houve a cisão e os rebelados constituíram-se nas legiões infernais de Lucifer [Saber - Modalidade Elocutiva].

O Saci brasileiro costuma viver de São Paulo para cima [Saber - Modalidade Elocutiva]. O Negrinho ocorre nos três estados sulinos [Saber - Modalidade Elocutiva].

A seguir “O CURUPIRA” [Proposta - Modalidade Alocutiva]

Anexo 11: O mundo em foco (*Ciência Popular*, n. 11, ago. 1949, p. 4)

Na guerra fria entre os EE. UU. e a U.R.S.S., também há a guerra das religiões [Saber - Modalidade Elocutiva]. Assim, no dia 26 de Janeiro último, o avião pessoal do Presidente Truman depositou no aeródromo de Istambul, Turquia, um novo patriarca de Constantinopla, “made in U.S.A.” [Saber - Modalidade Elocutiva] Sua Santidade Athenagoras I, turco de nascimento, mas cidadão norte-americano, tendo consigo o “Programa de Truman”, vai procurar destruir o poder de Alexis, Patriarca de Moscou [Saber - Modalidade Elocutiva].

Anexo 12: O mundo em foco (*Ciência Popular*, n. 13, out. 1949, p. 9)

Quando em nossa edição de Agosto, desenvolvemos a explicação dos fenômenos paranormais pelo neo-materialismo científico, tivemos oportunidade de dizer que os momentos das práticas religiosas, e das sessões espíritas, etc., eram propícios ao desencadeamento de alguns deles (visões, alucinações, etc.) [Declaração / Afirmação - Modalidade Elocutiva]. Esta fotografia é um documento excelente, e foi tirada, agora, durante o clássico batismo de negros no rio Tombigbee, Mississippi [Apreciação favorável - Modalidade Elocutiva]. O sacerdote, vestido de preto, mete-se dentro d’água, e logo inicia a sua prédica; em seguida, começa a cerimônia, que consiste em submergir cada negro, ou negra, até os ombros [Saber - Modalidade Elocutiva]. Mas realmente a cerimônia só tem início depois de cada banho, quando o que acaba de ser batizado (quase sempre, vestido com uma túnica branca) entra a delirar, numa exaltação cada vez mais frenética [Saber - Modalidade Elocutiva]. É uma exaltação que dura de 5 a 10 minutos, com invocações a Deus [Saber - Modalidade Elocutiva]. Não há um que não jure (até as crianças) não tenha tido visões (o sacrifício de Cristo no calvário, por exemplo), ou sentido transfixiar-lhe as mãos, os pés, as costas [Saber - Modalidade Elocutiva]. De longe, vêm negros assistir a essas práticas, e permanecem silenciosos na margem do rio, sob guarda-sóis pretos [Saber - Modalidade Elocutiva]. Acabam todos na Igreja, a rezar [Saber - Modalidade Elocutiva].

Anexo 13: O mundo em foco (*Ciência Popular*, n. 13, out. 1949, p. 15)

Em 1942, Lúcia Santos, hoje Irmã Maria das Dores, foi recebida pelo Papa Pio XII, a fim de revelar a Sua Santidade as exatas predições que lhe foram feitas pela Virgem Maria, em várias aparições, desde a primeira em Fátima, Portugal, no dia 13 de Maio de 1917 até à última em 13 de Outubro de 1941 [Saber - Modalidade Elocutiva]. Afirmam que Lúcia Santos acertou na data do término da Primeira Guerra Mundial, e na data da explosão do Segundo Cataclismo, e nas complicações internacionais provocadas pela Rússia [Saber - Modalidade Elocutiva]. Mas nada transpirou acerca do que disse ao Papa; sabe-se apenas que o Pastor Angelical desde então se tem mostrado muito otimista, havendo mesmo num discurso declarado que “era sem limite a sua confiança, e que essa confiança derivava de uma força misteriosa da graça divina” [Saber - Modalidade Elocutiva] [Asserção / Saber - Modalidade Delocutiva] [Discurso relatado - Modalidade Delocutiva]. As predições de Lúcia Santos estão escritas num papel, encerrado num envelope confiado à guarda de Monsenhor José da Silva de Leira; esse invólucro será aberto no ano próximo, em Fátima, para alegria dos cristãos que desejam conhecer as profecias que vão até o ano de 2000, ou talvez até o ano de 2017 [Saber - Modalidade Elocutiva]. (Nesta fotografia, o Monsenhor José da Silva, e o envelope onde estão as predições de Lúcia Santos) [Saber - Modalidade Elocutiva].

Os anexos 14 a 16 trazem as listas de artigos em que o sobrenatural é abordado no texto.

Anexo 14: Seções ligadas ao sobrenatural - Revista *Ciência Popular*

Edição	Mês/ano	Páginas	Seção	Título	Autor
7	04/1949	1; 32	<i>A ciência invade os domínios do sobrenatural</i>	Toda a verdade acerca da grafologia	Sem identificação
7	04/1949	12-15	<i>A ciência invade os domínios do sobrenatural</i>	Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida: eis o grande dilema	Sem identificação
7	04/1949	21; 29	<i>A ciência invade os domínios do sobrenatural</i>	Toda a verdade acerca da quironomia e da quiromancia	Sem identificação
8	05/1949	11-12	<i>A ciência invade os domínios do sobrenatural</i>	Toda a verdade acerca da astrologia	Sem identificação
9	06/1949	01-03	<i>A ciência invade os domínios do sobrenatural</i>	Toda a verdade acerca dos fenômenos do domínio da paragnósia (clarividência, leitura do pensamento, telepatia e visões)	Sem identificação
17	02/1950	07-09	<i>A ciência invade os domínios do sobrenatural</i>	Há ou não a telepatia espontânea?	Ary Maurell Lobo
18	03/1950	21-24	<i>A ciência invade os domínios do sobrenatural</i>	Hipnotismo	Ary Maurell Lobo
34	07/1951	39-40	<i>Assim pensam os ilustres espíritas</i>	Ideoplastia	Heráclito Carneiro
36	09/1951	07-08	<i>Assim pensam os ilustres espíritas</i>	Subconsciente, Consciente e Superconsciente	Heráclito Carneiro
37	10/1951	35-37	<i>Assim pensam os ilustres espíritas</i>	Livre Arbítrio, Determinismo e Destino.	Heráclito Carneiro
41	02/1952	29-31	<i>Assim pensam os ilustres espíritas</i>	Morte, condição de uma nova vida.	Heráclito Carneiro
27	12/1950	27	<i>Ciência Popular nas Esferas do Sobrenatural</i>	Escola de "Fakirs" - Há homens que se deixam enterrar vivos, por fanatismo, e outros que pisam brasas, após metódica preparação.	Robert Price
27	12/1950	27	<i>Ciência Popular nas Esferas do Sobrenatural</i>	Não há título [tópicos opinativos]	Marcel Boll

28	01/1951	30-31	<i>Ciência Popular nas Esferas do Sobrenatural</i>	Visita ao templo do espiritismo, onde são venerados o Presidente Lincoln, a Rainha Vitória, o Presidente Sadi Carnot, o Físico Lodge, e os Escritores Victor Hugo e Conan Doyle, e onde as mesas e os tamboretos se movimentam sozinhos e os espíritos falam!	Christian Jayle
26	11/1950	59	<i>Ciência Popular nas Esferas do Sobrenatural / Assim pensa o leitor</i>	O espiritismo como ciência	Octavio Leite
26	11/1950	59	<i>Ciência Popular nas Esferas do Sobrenatural / Assim pensa o leitor</i>	Uma explicação necessária	Ary Maurell Lobo
27	12/1950	28	<i>Ciência Popular nas Esferas do Sobrenatural / Assim pensa o leitor</i>	A Alma é Imortal	José Monteiro Lima
33	06/1951	05-07	<i>Feitiços e crendices</i>	Capítulo I - Introdução. Origens. Crenças, credices, costumes. O mistério, a dúvida, as tendências humanas para "ignotus". Filosofias, religiões universais.	Hernani de Irajá
33	06/1951	7	<i>Feitiços e crendices</i>	Capítulo II - A superstição. Origens. Um pouco de história do charlatanismo. A fé e a ciência. Em busca da "certeza". O antagonismo da ciência e da religião.	Hernani de Irajá
33	06/1951	Quarta capa	<i>Feitiços e crendices</i>	[Ilustração] ("Esta capa representa uma cena de magia negra: Os crentes vão ao cemitério, e desenterram uma criança, dando início às suas práticas sacrílegas. Procuram assim mais fácil comunicação com os orixás").	Israel Cysneiros

34	07/1951	21-24	<i>Feitiços e crendices</i>	<p>Capítulo III - Auto sugestões na credence. Sugestões coletivas e banditismo. Contaminações. A fé nos galenos desconhecidos. Aproveitadores. O prestígio das nacionalidades distantes. Etiologia brasileira e terreno para a valorização dos <i>mãos-santas</i> e curandeiros. Batuques, -candomblés, feitiços, coisas-feitas, despachos. Incursão nos mundos invisíveis. Babalaôs. Efifás. Ojós. Olobós. Assiquis. Seitas perigosas.</p>	Hernani de Irajá
35	08/1951	19-22	<i>Feitiços e crendices</i>	<p>Capítulo IV - No mundo das correntes invisíveis. Hipnotismo. Telepatias. Exemplos. O mau-olhado. Os seres elementais da teosofia. Os caiporás, os séca-pimenta; presciência catastrófica e punitiva. Os amuletos e fetiches. Breves, oris e irocós. A psicologia dos babalaôs. Pragas. Mandingueiros. Benzedores de cobreiro; rezadores de bicheira; curadores de cobras.</p>	Hernani de Irajá
35	08/1951	22-24	<i>Feitiços e crendices</i>	<p>Capítulo V - Mediunidade e hipnotismo. A força R. Estênica. Uma ilustração. Magnetizadores. Irradiação nervosa? Desdobramentos. Sonhos premonitórios e a liberdade relativa.</p>	Hernani de Irajá

36	09/1951	17-20		Capítulo VI - A religião e a relatividade. Precusores. A fantasia que se realiza. Dentro dos céus... Os antigos. Psicologia coletiva. O professor Mozart e a santa de Coqueiros. Os negros, os índios, as mestiçagens e o hipno-histerismo. Pagés, paricás, machis, coitis e caraibas. Demonolatria.	Hernani de Irajá
			<i>Feitiços e crendices</i>		
37	10/1951	28-34		Capítulo VII - Superstições brasileiras. Os animais. Costumes, ações e objetos. Simbolismo. Cataplexias. Espiritismo barato. Sugestibilidade e terapêutica. Encantadores e hipertiroidismo. Ciclotímicos. Um faquir autêntico. Nossos faquires.	Hernani de Irajá
			<i>Feitiços e crendices</i>		
38	11/1951	28-34		Capítulo VIII - Final - Feitiços de amor. Simpatias de casamento. As cartas. As sortes. "Evolução" dos feiticeiros. lauôs. Echú tiriri. Assombrações. Namoros e beberragens. Feiticismo sexual. Lendas nacionais.	Hernani de Irajá
			<i>Feitiços e crendices</i>		
55	04/1953	33-34		Demonologia brasileira III. O curupira	Hernani de Irajá
			<i>Crendices & Feitiços</i>		
57	06/1953	33-34		Demonologia brasileira IV. A caiçara	Hernani de Irajá
			<i>Crendices & Feitiços</i>		
57	06/1953	41-46		O Brahmanismo e os Upanishad	J. B. Dubieux
			<i>História das religiões</i>		
6	03/1949	16-18	<i>Ou a vida termina com a morte, ou com a morte</i>	[Editorial e cartas] Escreve o Sr. João Baptista de Mello;	João Baptista de Mello; Heráclito

			<i>começa outra vida: eis o grande dilema</i>	Escreve o Sr. Heráclito Carneiro; Escreve um homem do povo	Carneiro; sem identificação
9	06/1949	15-17	<i>Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida</i>	Abrindo o debate	João Baptista de Mello
10	07/1949	18-19	<i>Nosso inquérito: Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida</i>	A vida universal e a evolução anímica	Heráclito Carneiro
10	07/1949	27-28	<i>Nosso inquérito: Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida</i>	A propósito da Metapsíquica	José Monteiro Lima
11	08/1949	01-03	<i>Nosso inquérito: Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida</i>	A ciência moderna, através do neo-materialismo, nega a influência de "almas do outro mundo" (quer dizer: de "corpos astrais", de "espíritos") nos fenômenos de curas milagrosas, calipedia, hipertrofia, hiperplasia, estigmatizações, odor de santidade, telequinésia, levitação, ubiquidade, materializações, etc., nem tão pouco aceita os fantasmas, assíduos frequentadores das sessões espíritas	Sem identificação
13	10/1949	09-10	<i>Nosso inquérito: Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida</i>	Os animais têm alma	José Monteiro Lima
13	10/1949	15-16	<i>Nosso inquérito: Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida</i>	Neo-materialismo: base falsa da ciência moderna	João Baptista de Mello
14	11/1949	06-08	<i>Nosso inquérito: Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida</i>	[Carta e artigo] Que vem a ser a Vida?... Que vem a ser a Morte?	Armando Paracampo

16	01/1950	09-10	<i>Nosso inquérito: Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida</i>	Da reencarnação depende a ideia de Deus-bondade	José Monteiro Lima
12	09/1949	23-25	<i>Nosso inquérito: Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida</i>	A materialização da energia	Heráclito Carneiro
15	12/1949	17-18	<i>Nosso inquérito: Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida</i>	Da Química Inorgânica à Química Orgânica	Heráclito Carneiro
54	03/1953	18-19	<i>Religião</i>	O que é o yoga?	Yogi Lakshmanasandra S. Rao

Anexo 15: Textos ligados ao sobrenatural sem identificação de seção - Revista *Ciência Popular*

Edição	Mês/ano	Páginas	Título	Autor
1	10/1948	03-04	A astrologia é pura ilusão, e os modernos astrólogos não passam de trampoloneiros	Sem identificação
1	10/1948	19	É mais fácil que um camelo passe pelo fundo de uma agulha...	Sem identificação
1	10/1948	20	Os encantadores de serpentes	Sem identificação
3	12/1948	8	Não há título [tópico de curiosidade]	Sem identificação
3	12/1948	8	O chefe Fou tem 600 mulheres, mas não brigará se lhe deixarem apenas... 100	Sem identificação
3	12/1948	16	Não há título [tópico de curiosidade]	Sem identificação
3	12/1948	29	Não há título [tópicos de curiosidade]	Sem identificação
3	12/1948	33	Não há título [tópicos de curiosidade]	Sem identificação
4	01/1949	1	Arnaldo, meu filho querido	Ary Maurell Lobo
4	01/1949	Verso da capa	Não há título ("A todos os nossos leitores apresentamos os mais sinceros votos de constante e ininterrupto progredir, a par de muitas e muitas felicidades, em 1949. Que Deus guarde a cada um, e inspire a todos os mais nobres sentimentos, de que tanto carece a Humanidade sofredora de hoje.")	Sem identificação
6	03/1949	14-15	Para o bem da Humanidade: Cristianismo, ou Comunismo?	Sem identificação
7	04/1949	Verso da capa	Mais calma, Senhores Religiosos e Políticos!	Sem identificação
7	04/1949	16	Não há título [tópicos de curiosidades]	Sem identificação
8	05/1949	22-23	A verdadeira ciência	Heráclito Carneiro
8	05/1949	26-27	A astrologia é pura ilusão e os modernos astrólogos não passam de trampoloneiros	João Baptista de Mello
8	05/1949	Verso da quarta capa	Ou a vida termina com a morte, ou com a morte começa outra vida [carta]	Roberto Rezende; Redação
8	05/1949	4	Não há título [tópicos de curiosidades]	Sem identificação
8	05/1949	23	Não há [curiosidade]	Sem identificação
9	06/1949	8-9	Pode-se prever uma reforma da Igreja?	Sem identificação
9	06/1949	10	Desfazendo os "grandes poderes" dos faquires	Sem identificação
9	06/1949	20	Comunistas e sacerdotes tentam seduzir os intelectuais	Sem identificação
9	06/1949	47	Não há [curiosidades]	Sem identificação

10	07/1949	1-2	Mais devagar com o andor... Os sacerdotes merecem todo o acatamento nos assuntos respeitantes à fé, mas fora dessa esfera, no que tange às ciências sociais, hão de discutir com os que se dedicam a tais estudos no mesmo pé de igualdade.	Ary Maurell Lobo
10	07/1949	Verso da capa	Terá sido achada a arca de Noé?	Sem identificação
10	07/1949	3	Esta história de ateu...	Sem identificação
10	07/1949	17	Os astrólogos, esses escroques...	Sem identificação
10	07/1949	20-21	O extraordinário poder [...] (Lourdes, a cidade dos milagres)	Sem identificação
10	07/1949	Verso da capa	Terá sido achada a arca de Noé?	Sem identificação
11	08/1949	35	[Ilustração] ("-Meu pai ensinou-me a fazer o lobo mau, a feiticeira... Mas eu me aperfeiçoei... (De 'True Magazine')")	Corka
11	08/1949	3	[Anedota] Não há título ("Numa roda, o tema era a vida além túmulo. Discutiam todos acerca do inferno e do paraíso, salvo um cidadão que se mantinha calado. Afinal, perguntaram-lhe: - Será que você não tem uma opinião acerca dessas graves questões? - Opinião, realmente não a tenho. O que tenho é uma preferência. Admito que o paraíso seja bom, por causa do clima. Mas desejo o inferno, porque estou certo de que só aí encontrarei os meus amigos...")	Sem identificação
11	08/1949	17	Um sinistro entorpecente, cujo uso ainda não está de todo proibido nos EE.UU., só porque é usado em ritos religiosos primitivos	Sem identificação
11	08/1949	26	[Anedota] Não há título ("Um padre, durante um sermão acerca dos horrores do inferno: - Vós todos, meus irmãos, conheceis o ferro em fusão, quando sai do alto forno. Pois bem, no inferno, é isso que se serve em vez de creme gelado...")	Sem identificação
11	08/1949	35-36	Não me contes o teu sonho, porque logo ficarei sabendo o que tu és...	Sem identificação
12	09/1949	8	Tópico de curiosidade	Sem identificação
12	09/1949	13	O Santo Ofício põe no index as publicações que considera imorais ou heréticas, após um processo secretíssimo e assaz prudente, mas o certo é que dos católicos que realmente leem poucos são os que se privam delas.	Sem identificação
12	09/1949	28	O "visagismo" não é mais do que o nudismo integral da alma	Sem identificação
13	10/1949	14	Tópico de curiosidade	Sem identificação
13	10/1949	18	Não há título [anedota]	Sem identificação
14	11/1949	20	A reforma do calendário e a igreja	Sem identificação
15	12/1949	Versão da capa	As autoridades eclesiásticas devem coibir o abuso	Sem identificação

16	01/1950	Verso da capa	Jesus Cristo teria morrido na cruz?	Sem identificação
16	01/1950	15	Não há título [tópico de curiosidade]	Sem identificação
16	01/1950	15	Dai de beber a quem tem sede	Sem identificação
16	01/1950	17	O método Ogino-Knaus é meio não fraudulento de evitar filhos? No caso afirmativo, quem deve resolver acerca do seu emprego: o sacerdote?, ou o médico?, ou o próprio casal?	Sem identificação
17	02/1950	19	[Carta] Jesus Cristo morreu pregado na cruz?	Rui do Brasil Moreira da Silva
17	02/1950	Verso da capa	Não há título [anedota]	Sem identificação
17	02/1950	17	O método Ogino-Knaus é meio não fraudulento de evitar filhos? No caso afirmativo, quem deve resolver acerca do seu emprego: o sacerdote?, ou o médico?, ou o próprio casal?	Sem identificação
18	03/1950	20	Primícias de Ano Santo	Cícero dos Santos
19	04/1950	30	Os sonhos	José Monteiro Lima
21	06/1950	17-29	Toda a luxuosidade do vigário de Cristo - Síntese de Ary Maurell Lobo	Ary Maurell Lobo
21	06/1950	30	[Citações] Ensinando o catolicismo aos "católicos"	Ary Maurell Lobo (1); Padre Godofredo Schrader (1); Padre G. Delcuve (1); Padre Riquet (4)
21	06/1950	43-44	Yoga - uma filosofia da felicidade	Sem identificação
22	07/1950	Capa	[Ilustração] O mistério dos discos voadores	Israel Cysneiros
22	07/1950	35-38; 48	Várias hipóteses sobre os misteriosos discos voadores	Ary Maurell Lobo
23	08/1950	21-22	As vantagens de uma qualidade frívola não valem os riscos de a obter e assegurar	Ary Maurell Lobo
23	08/1950	23-25; 40	Breve história da Terra	Ary Maurell Lobo
23	08/1950	26-28;40	Não devem os macacos velhos acreditar nas conversas frouxas das medusas...	Ary Maurell Lobo
24	09/1950	Capa	[Ilustração] Macumba - ritual da Umbanda	Israel Cysneiros
24	09/1950	17-29	Quem está de ronda é Ogum, velando os filhos da fé... Saravá Ogum!	Ary Maurell Lobo
24	09/1950	41-44	As origens da Pintura Européia	Andréa Szabados Jósa

25	10/1950	23-24	Os padres jesuítas, apoiados na pobreza de Cristo e dos Santos, - o inverso justamente da soberba ostentação do Papa, - saíram a combater por uma grande ideia: a cruzada contra os tesouros improdutivos	Ary Maurell Lobo
31	04/1951	12-13	Os mistérios do Tibet	Sim Regor
31	04/1951	15	O que é o sono?... E os sonhos	Max Hallys
31	04/1951	14-15	Orgulhoso de sua independência, o beduíno leva uma vida de nômade	Sem identificação
31	04/1951	26-30	Sensacional! A objetiva do pessoal do serviço de proteção aos índios surpreende a tribo dos umutina durante uma cerimônia para afugentar os espíritos maus!	Sem identificação
33	06/1951	18; 50	Magnetismo animal	José Monteiro Lima
33	06/1951	17	A capela dos Browning	Sem identificação
34	07/1951	51	A lâmpada de Aladino	Sem identificação
36	09/1951	36	O regime de castas no Antigo Egito	Ary Maurell Lobo
36	09/1951	45	Comunismo cristão	Ary Maurell Lobo
36	09/1951	6	Catolicismo + cobras	Sem identificação
36	09/1951	23	Não há título [anedota sobre horóscopo]	Sem identificação
36	09/1951	37-38	O Estranho culto das cobras	Sem identificação
37	10/1951	04-05	Sadismo, através da Religião	Sem identificação
37	10/1951	8	Uma expedição arqueológica sueca prosseguirá nas investigações do templo de Júpiter	Sem identificação
38	11/1951	19	Comunicado do D.D.F.M. de Sorocaba	Pe. Lucio Floro Graziosi
38	11/1951	6	[Quadrinho] "Em todo mundo, gastam-se milhões de cruzeiros, anualmente, em adivinhações, amuletos, budas, talismãs, ferraduras, pós mágicos, moedas milagrosas e velas encantadas. O 'rei dos pés de coelho', de Nova York, vende um milhão anualmente. Outro comerciante já vendeu 30 milhões de trevos de quatro folhas."	Sem identificação
39	12/1951	34-35	Batismo em massa	Sem identificação
40	01/1952	27-33	O caso da múmia que fazia sinais [Quadrinhos]	Sem identificação
41	02/1952	38-39	Como os médiuns ludibriam	Sem identificação
42	03/1952	11	Novas tendências em arquitetura de igrejas	Sem identificação
44	05/1952	9	Não há título (curta narrativa sobre censura ao Rei apaixonado por caça)	Miguel Martins
44	05/1952	21	Beijo da MORTE!	Sem identificação

44	05/1952	29-34	Dicionário da Quiromancia	Sem identificação
44	05/1952	Verso da quarta capa	O culto do amor	Sem identificação
45	06/1952	Verso da capa	Não há título [Anedota sobre conversa entre padre e três crianças]	Sem identificação
45	06/1952	24	Não há título [Tópico de curiosidade]	Sem identificação
45	06/1952	Quarta capa	Os "discos voadores"	Sem identificação
46	07/1952	08-10	[Carta e resposta da revista] "A presença de seres estranhos a este mundo, a bordo de incríveis máquinas voantes, está ganhando consistência científica"	M. Serpa Pinto; Ary Maurell Lobo
46	07/1952	31-32	Novos rumos para a ciência	Heráclito Carneiro
46	07/1952	Capa e verso da capa	"NOSSA CAPA: admirável fotografia de uma jovem da Índia, logo após uma cerimônia religiosa no Ganges"	Sem identificação
47	08/1952	06-07	Vejam em que consiste - o cinto de castidade	Sem identificação
47	08/1952	12	Não há título [Quadrinho]	Sem identificação
47	08/1952	42	Uma notável exposição de arte mexicana em Estocolmo	Sem identificação
49	10/1952	6	Não há título [Quadrinho]	Sem identificação
50	11/1952	Quarta capa	Não há título (curta narrativa sobre padre principiante em confessionário)	Conselheiro X
50	11/1952	15	Questão nº 7 "Certo cidadão, a pouco e pouco, foi tornando-se famoso na arte de contar o passado e prever o futuro. Os jornais de grande tiragem concorreram para esse prestígio, abrindo seções sob sua responsabilidade – de vidência, astrologia, quiromancia, numerologia, etc. Chegou até a ser conhecido como o 'homem com pacto com o Diabo', tantos os seus poderes 'sobrenaturais' (na opinião do grande público, já se vê)".	Sem identificação
50	11/1952	19	São uns grandes pândegos os radiestesistas!	Sem identificação
50	11/1952	20-23	Que são os Espíritos: pobres loucos, grandes maganões, ou reles salafras?	Sem identificação
50	11/1952	32-33	Por incrível que pareça ainda há quem procure a arca de Noé!	Sem identificação
51	12/1952	09-11	Teria tido Houdini poderes sobrenaturais?	L. Mackay Phelps
51	12/1952	23-28	Noções sobre o Budismo	J. B. Dubieux
51	12/1952	Capa	Buda [Ilustração e nota]	Sem identificação
51	12/1952	22	Não há título [Tópico de curiosidade]	Sem identificação

51	12/1952	36	Não há título [Tópico de curiosidade]	Sem identificação
52	01/1953	1	Arriscam a vida, na esperança de ótima colheita!	Sem identificação
52	01/1953	6	Homem, monstro ou mito	Sem identificação
53	02/1953	09-10	Demonologia brasileira I. O saci II. O negrinho do pastorejo	Hernani de Irajá
53	02/1953	24-26	Cristianismo e Tenrikyô	J. B. Dubieux
53	02/1953	3	Um crime perfeito / O assassino do velho mágico Bretão?	Sem identificação
53	02/1953	12-14	Os negros africanos declaram guerra aos brancos	Sem identificação
55	04/1953	38	Não há título [Tópico de curiosidade]	Sem identificação
55	04/1953	48	Não há título [Anedota]	Sem identificação
57	06/1953	40	Não há título [Quadrinho]	Sem identificação

**Anexo 16: Seções gerais / de outros temas que mencionam aspectos sobrenaturais / religiosos
- Revista *Ciência Popular***

Edição	Mês/ano	Páginas	Seção	Título	Autor
13	10/1949	23-30	<i>1º Suplemento de Higiene e Segurança do Trabalho</i>	Organização do serviço de higiene e segurança do trabalho numa empresa	Sem identificação
13	10/1949	47	<i>1º Suplemento de Higiene e Segurança do Trabalho</i>	A substituição do salariado pelo contrato de sociedade	Sem identificação
13	10/1949	51	<i>1º Suplemento de Higiene e Segurança do Trabalho</i>	Teorias sociais dos salários	Sem identificação
14	11/1949	25-26	<i>2º Suplemento Higiene e Segurança do Trabalho</i>	Como curar a tuberculose pulmonar	Dr. Ary Miranda
25	10/1950	03-06	<i>À maneira de sermão</i>	As cinco pedras da funda de Davi	Ary Maurell Lobo
9	06/1949	23	<i>Antes de Marconi... História triste de um inventor brasileiro: Padre Landell de Moura</i>	Antes de Marconi... História triste de um inventor brasileiro: Padre Landell de Moura por Ernani Fornari	Sem identificação
10	07/1949	5-8	<i>Antes de Marconi... História triste de um inventor brasileiro: Padre Landell de Moura</i>	Antes de Marconi... História triste de um inventor brasileiro: Padre Landell de Moura	Ernani Fornari
11	08/1949	27-32	<i>Antes de Marconi... História triste de um inventor brasileiro: Padre Landell de Moura</i>	Antes de Marconi... História triste de um inventor brasileiro: Padre Landell de Moura	Ernani Fornari
12	09/1949	11-13	<i>Antes de Marconi... História triste de um inventor brasileiro: Padre Landell de Moura</i>	Antes de Marconi... História triste de um inventor brasileiro: Padre Landell de Moura	Ernani Fornari
13	10/1949	2-3	<i>Antes de Marconi... História triste de um inventor brasileiro: Padre Landell de Moura</i>	Antes de Marconi... História triste de um inventor brasileiro: Padre Landell de Moura	Ernani Fornari
14	11/1949	15-17	<i>Antes de Marconi... História triste de um inventor brasileiro: Padre Landell de Moura</i>	Antes de Marconi... História triste de um inventor brasileiro: Padre LANDELL DE MOURA	Ernani Fornari
11	08/1949	12-13	<i>Asas sobre as Américas</i>	Asas sobre as Américas	Robert Armstrong
29	02/1951	38	<i>Assim pensa o leitor</i>	Gênese da primeira célula	Heráclito Carneiro

47	08/1952	35-36	<i>Calidoscópio de Ciência Popular</i>	Um trabalho erudito sobre a lenda arturiana e o Graal	André Delacour
43	04/1952	39-41	<i>Cidadela</i>	[Seção charadística] Cidadela	Direção de Atenas
44	05/1952	48-50	<i>Cidadela</i>	[Seção charadística] Cidadela	Direção de Atenas
45	06/1952	47-50	<i>Cidadela</i>	[Seção charadística] Cidadela	Direção de Atenas
46	07/1952	45-50	<i>Cidadela</i>	[Seção charadística] Cidadela	Direção de Atenas
47	08/1952	43-47	<i>Cidadela</i>	[Seção charadística] Cidadela	Direção de Atenas
48	09/1952	46-50	<i>Cidadela</i>	[Seção charadística] Cidadela	Direção de Atenas
49	10/1952	43-46	<i>Cidadela</i>	[Seção charadística] Cidadela	Direção de Atenas
50	11/1952	46-49	<i>Cidadela</i>	[Seção charadística] Cidadela	Direção de Atenas
51	12/1952	38-42	<i>Cidadela</i>	[Seção charadística] Cidadela	Direção de Atenas
53	02/1953	28-32	<i>Cidadela</i>	[Seção charadística] Cidadela	Direção de Atenas
54	03/1953	29-31	<i>Cidadela</i>	[Seção charadística] Cidadela	Direção de Atenas
55	04/1953	53-57	<i>Cidadela</i>	[Seção charadística] Cidadela	Direção de Atenas
56	05/1953	52-55	<i>Cidadela</i>	[Seção charadística] Cidadela	Direção de Atenas
57	06/1953	56-58	<i>Cidadela</i>	[Seção charadística] Cidadela	Direção de Atenas
27	12/1950	50	<i>Ciência Popular Acusa!</i>	Mandando um falso coroinha àquela parte, quer dizer: às favas	Ary Maurell Lobo
21	06/1950	31-33	<i>Ciência Popular Indigenista</i>	O problema indígena do Brasil	L. B. Horta Barbosa
27	12/1950	29	<i>Ciência Popular na Astronomia</i>	Não há título [curiosidades sobre Astronomia e Astrologia]	Sem identificação

27	12/1950	21	<i>Ciência Popular nos Campos da Ciência</i>	Ciência em geral (Eminentes cientistas norte-americanos levantam-se contra Velikovsky por haver formulado uma falsa teoria com o fito de correlacionar os fenômenos astronômicos e outros a coisas que se acham escritas na Bíblia).	Sem identificação
27	12/1950	21-22	<i>Ciência Popular nos Campos da Ciência</i>	Astronomia (Ainda a propósito das discrepâncias entre os fatos científicos e a absurda teoria do Dr. Velikovsky).	Sem identificação
27	12/1950	7	<i>Ciência Popular Viajando pelo Mundo</i>	É assim o Natal na Suécia	Sem identificação
27	12/1950	7; 64	<i>Ciência Popular Viajando pelo Mundo</i>	O Natal entre os esquimós	Sem identificação
45	06/1952	Verso da quarta capa	<i>Coisas incríveis mas verdadeiras</i>	[Seção de curiosidades] Coisas incríveis mas verdadeiras	Sem identificação
46	07/1952	Verso da quarta capa	<i>Coisas incríveis mas verdadeiras</i>	[Seção de curiosidades] Coisas incríveis mas verdadeiras	Sem identificação
47	08/1952	3	<i>Coisas incríveis mas verdadeiras</i>	[Seção de curiosidades] Coisas incríveis mas verdadeiras	Sem identificação
48	09/1952	Quarta capa	<i>Coisas incríveis mas verdadeiras</i>	[Seção de curiosidades] Coisas incríveis mas verdadeiras	Sem identificação
1	10/1948	13	<i>Coletividades humanas exóticas</i>	Era uma vez um velho muito rico que governava um estado chamado Haiderabad...	Sem identificação
16	01/1950	15	<i>Concurso de Problemas número 1</i>	Prêmio único: Cr\$ 1.000,00	Sem identificação
16	01/1950	4	<i>Concurso de Quebra-cabeças n.º 1</i>	Concurso de Quebra-cabeças n.º 1	Sem identificação
54	03/1953	01-03	<i>Crítica</i>	As Fronteiras da técnica... com a embromação	Ary Maurell Lobo

7	04/1949	11	<i>Cruzado silábico</i>	[Seção de cruzadas] Não há título	Sem identificação
23	08/1950	39	<i>Curiosidades Brasileiras</i>	Crendices populares	Sem identificação; Padre Carlos Borromeu
35	08/1951	04-05	<i>Curiosidades brasileiras</i>	Negras baianas	Lúcio de Castro Soares
1	10/1948	12	<i>Desvendando os segredos dos prestidigitadores</i>	Não há título (tema: bastidores da prova de "materialização de um espírito")	Sem identificação
5	02/1949	4	<i>Dez quesitos interessantes</i>	[Seção de questionários] Não há título	Sem identificação
45	06/1952	7	<i>É para você responder</i>	[Seção de questionários] É para você responder	Sem identificação
54	03/1953	4	<i>Filosofia</i>	Humanismo e ciência	Antônio José Saraiva
54	03/1953	16-17	<i>Filosofia</i>	Exemplo de Leonardo	Delfim Santos
54	03/1953	23-24	<i>Filosofia</i>	Leonardo da Vinci, Mestre da Experiência e Criador da Investigação Científica	Jaime Brasil
55	04/1953	49-50	<i>Filosofia</i>	As ideias de Pitágoras	Nuno Gaivão
56	05/1953	21-26	<i>Filosofia</i>	Física e Filosofia	Padre Avelino Branco
57	06/1953	23-32	<i>Filosofia</i>	Os objetivos da Ciência e da Filosofia	J. Arthur Thomson
57	06/1953	55	<i>História</i>	[Tópicos de curiosidades] O Egito Antigo	Sem identificação
32	05/1951	05-07	<i>Hitler</i>	2ª monografia: Hitler, tal como o conheci na intimidade	Von Hasselback
12	09/1949	14-16	<i>Homens & Obras Eugenio Gomes</i>	Bernard Shaw	Eugenio Gomes
43	04/1952	8	<i>Maravilhas do mundo</i>	Mosteiro budista do Monte Minobu	Sem identificação
44	05/1952	14	<i>Maravilhas do mundo</i>	O Panteão	Sem identificação
12	09/1949	35-36	<i>Ministério da Educação - Instituto Nacional do Livro</i>	Prefácio ao "Dicionário	Augusto Magne; S. J.

				medieval e clássico"	
3	12/1948	Verso da capa	<i>Nada além de 10 linhas...</i>	Não há título (tópicos de curiosidades)	Sem identificação
9	06/1949	29	<i>Nada além de 10 linhas...</i>	...na esfera política	Sem identificação
12	09/1949	19	<i>Nada além de 10 linhas...</i>	A ciência descobriu por que somos ou não canhotos	Sem identificação
12	09/1949	29	<i>Nada além de 10 linhas...</i>	Será necessário usar os pés, para bem pensar?	Sem identificação
14	11/1949	10	<i>Nada além de 10 linhas...</i>	Mas afinal quem se responsabiliza por essa obra imperfeitíssima que é o homem?	Sem identificação
16	01/1950	7	<i>Nada além de 10 linhas...</i>	No Tibet é assim... em matéria de casamento	Sem identificação
16	01/1950	17	<i>Nada além de 10 linhas...</i>	No Tibet é assim... com os mortos	Sem identificação
7	04/1949	28	<i>Nossos quesitos</i>	Não há título (Seção de questionários)	Sem identificação
8	05/1949	4	<i>Nossos quesitos</i>	Não há título (Seção de questionários)	Sem identificação
36	09/1951	25	<i>O Auditorium de Ciência Popular</i>	O Auditorium de Ciência Popular	Sem identificação
11	08/1949	4	<i>O mundo em foco</i>	Tema da nota: "Na guerra fria entre os EE.UU. e a U.R.S.S., também há a guerra das religiões."	Sem identificação
13	10/1949	9	<i>O mundo em foco</i>	Não há (tema da nota fotográfica: fenômeno paranormal em batismo: visões em rio)	Sem identificação
13	10/1949	15	<i>O mundo em foco</i>	Não há (tema da nota fotográfica: predições)	Sem identificação
13	10/1949	16	<i>O mundo em foco</i>	Não há título (tema: yoga)	Sem identificação
13	10/1949	20	<i>O mundo em foco</i>	Não há (tema da nota fotográfica: habilidade de percepção de olhos vendados)	Sem identificação
14	11/1949	17	<i>O mundo em foco</i>	Não há título ("o dançarino Ivan Saranoff acaba de	Sem identificação

				trazer ao palco norte-americano um antigo ritual budista. É o que na China se conhece como o 'ritual da iniciação', baseado no conflito entre o espírito e a matéria no homem.")	
16	01/1950	36	<i>O mundo em foco</i>	Não há (tema da nota fotográfica: lágrimas de estatueta de Sant'Ana)	Sem identificação
36	09/1951	10	<i>O mundo em foco</i>	Não há (tema: dança religiosa)	Sem identificação
42	03/1952	42	<i>O mundo em foco</i>	Não há título (tema: coleção de Bíblias)	Sem identificação
10	07/1949	4	<i>Os nossos quesitos</i>	Não há título (seção de questionários)	Sem identificação
11	08/1949	4	<i>Os nossos quesitos</i>	Não há (seção de questionários)	Sem identificação
12	09/1949	4	<i>Os nossos quesitos</i>	Os nossos quesitos	Sem identificação
13	10/1949	4	<i>Os nossos quesitos</i>	Os nossos quesitos	Sem identificação
6	03/1949	Verso da quarta capa	<i>Parece mentira, mas é verdade</i>	Não há título (curiosidades)	Sem identificação
7	04/1949	5	<i>Parece mentira, mas é verdade</i>	Não há título (seção de curiosidades)	Sem identificação
7	04/1949	9	<i>Parece mentira, mas é verdade</i>	Não há título (seção de curiosidades)	Sem identificação
12	09/1949	10	<i>Parece mentira, mas é verdade</i>	Parece mentira, mas é verdade (seção de curiosidades)	Sem identificação
17	02/1950	25	<i>Parece mentira, mas é verdade</i>	Parece mentira, mas é verdade (seção de curiosidades)	Sem identificação
47	08/1952	08-11	<i>Pérolas falsas</i>	Pérolas falsas [contestação de citações por Ary Maurell Lobo]	Citação de Costa Rego; citação de Irmãos Lassalistas; citação de Austregésilo de Athayde; citação de

					Vianna Júnior; citação de Alberto Deodato; citação de Monsenhor Mello Lula; Ary Maurell Lobo
48	09/1952	03-04	<i>Pérolas falsas</i>	Pérolas falsas [contestação de citações por Ary Maurell Lobo]	Citação de Carlos Lacerda; citação de Elsie Lessa; Ary Maurell Lobo
51	12/1952	04-08	<i>Portas de Tebas</i>	[Seção charadística] Portas de Tebas	Direção de Atenas
52	01/1953	31-35	<i>Portas de Tebas</i>	[Seção charadística] Portas de Tebas	Direção de Atenas
45	06/1952	46	<i>Quem disse que os cientistas não riem?</i>	[Seção de anedotas] Quem disse que os cientistas não riem?	Sem identificação
49	10/1952	4	<i>Quem disse que os cientistas não riem?</i>	[Seção de anedotas] Quem disse que os cientistas não riem?	Sem identificação
51	12/1952	29	<i>Quem disse que os cientistas não riem?</i>	[Seção de anedotas] Quem disse que os cientistas não riem?	Sem identificação
52	01/1953	36	<i>Quem disse que os cientistas não riem?</i>	[Seção de anedotas] Quem disse que os cientistas não riem?	Sem identificação
55	04/1953	23-24	<i>Quem disse que os cientistas não riem?</i>	[Anedotas e ilustrações] Quem disse que os cientistas não riem?	Sem identificação
29	02/1951	16	<i>Sabeis</i>	Nota: "SENSACIONAL, a tortura a que esses homens incultos se submetem, para agradar a 'deuses' que são pura criação de	Ary Maurell Lobo

				ignorantes, loucos e espertalhões! As gerações futuras sentirão vergonha de nossa pusilanimidade diante do realismo da vida."	
29	02/1951	16	<i>Sabeis</i>	<p>Nota: "SENSACIONAL, o fanatismo religioso desses pobres indígenas, que inventam mil maneiras de sofrer, em louvor de uns 'deuses' muito esquisitos, que passam o tempo todo a arrastar os homens para o pecado, a fim de que tenham o que fazer, castigando-os! A civilização, com apoio na ciência, não deve permitir que nos dias de hoje a ignorância, a loucura e a charlatanice se sirvam de entidades fantásticas para fazer das suas"</p>	Ary Maurell Lobo
29	02/1951	17	<i>Sabeis</i>	<p>Nota: "SENSACIONAL, esta superstição chinesa de que será possível alcançar a felicidade apenas com atirar uma pedra por sobre a estátua de um elefante!"</p>	Ary Maurell Lobo
29	02/1951	42	<i>Sabeis</i>	<p>Nota: "SENSACIONAL, este operário, que está chegando para o trabalho, não é um operário, mas um padre da Igreja Católica! Na França, presentemente, o</p>	Ary Maurell Lobo

				clero está usando esse processo de infiltração no meio operário; dessarte, pode recolher ótimas informações, inclusive acerca das tendências de cada trabalhador."	
23	08/1950	44	<i>Seção de xadrez (direção de Gastão da Cunha)</i>	Ser tesoureiro de Deus, nem sempre convém...	Sem identificação
25	10/1950	Verso da quarta capa	<i>Supremo tribunal da opinião pública</i>	Supremo tribunal da opinião pública	Ary Maurell Lobo
57	06/1953	09-14	<i>Técnica & Arte</i>	A Técnica e a Arte da Gravura em Madeira	Armando Vieira Santos
33	06/1951	43-46	<i>Trechos seletos de Educação Sexual</i>	História da prostituição	Jaime Brasil
7	04/1949	Quarta capa	<i>Última hora</i>	[Análise grafológica] O drama do Cardeal Mindszenty	Sem identificação
21	06/1950	48	<i>Última hora</i>	"Simpatias", "benzimentos" e "garrafadas"	José Norberto Macedo
11	08/1949	37-38	<i>Vida Literária</i>	Recentes pesquisas folclóricas	Augusto Meyer